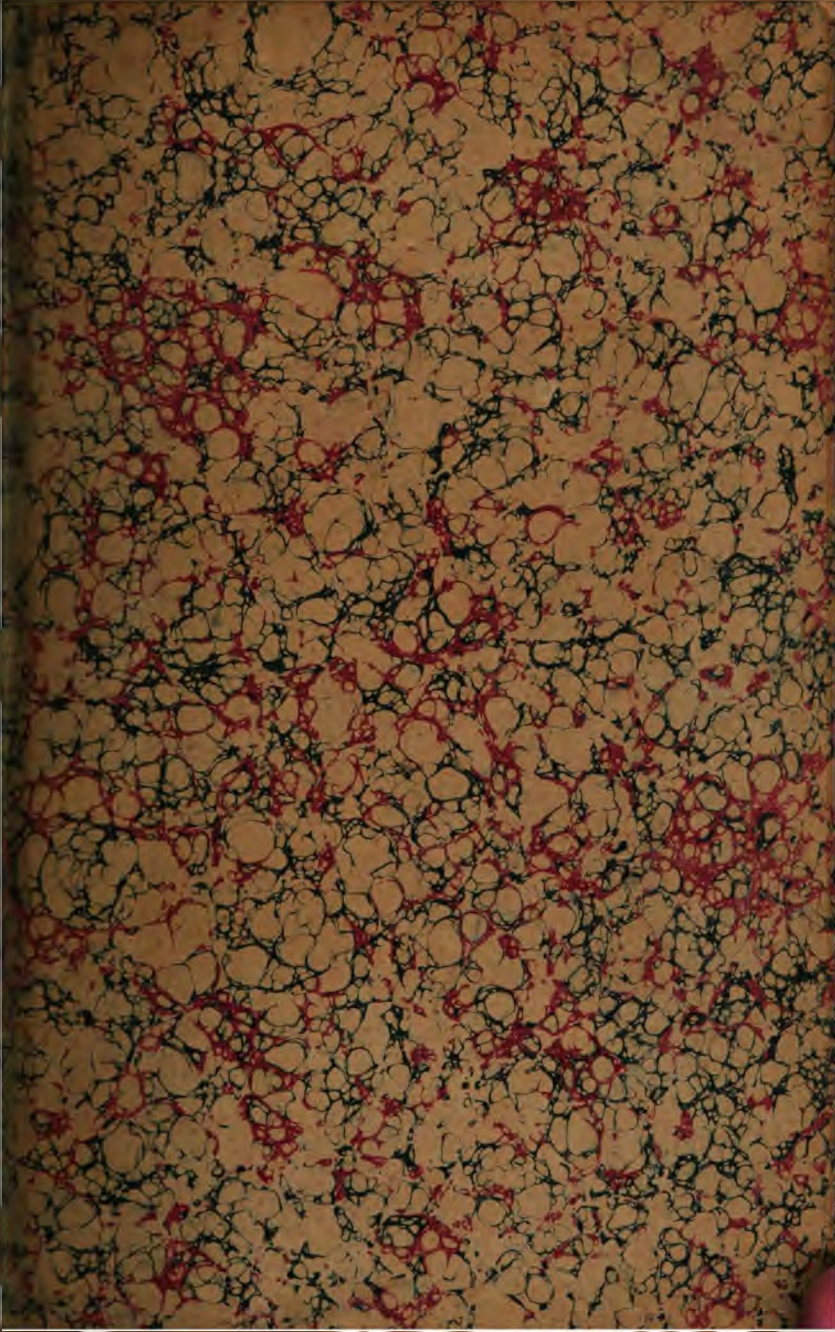


VM SÓ ROSTO

J.D.C.

VM SÓ FÉ

5-72





Joaquim e Manuel Lima

2.000

ENSAIOS CRITICOS

7.40

ENSAIOS CRITICOS

POR

M. PINHEIRO CHAGAS.

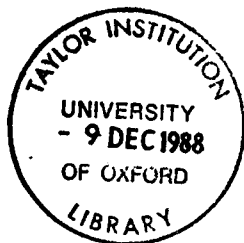


PORTO

EM CASA DE VIUVA MORÉ — EDITORA

PRAÇA DE D. PEDRO

1866



PORTO: 1866.—Typographia Commercial,
rua de Bellumonte n.º 19.

DUAS PALAVRAS D'INTRODUÇÃO

REUNEM-SE hoje em volume algumas das tentativas de critica litteraria, a que me abalancei durante o primeiro anno do meu noviciado jornalístico. O favor publico bafejou-as mais do que ellas mereciam; foi de certo esse benevolo acolhimento motivado por uns certos assomos de franqueza que se revelavam n'estes ensaios, e que mostravam, da parte de quem os escrevia, lealdade e sinceridade no expender as suas opiniões.

Entendi sempre que a missão da critica era elevadissima, e que na esphera serena, a que ella se deve erguer, não podem penetrar as mesquinhas paixões, as invejas, os odios e as rivalidades. N'es-

ses esboços d'apreciações, que vão agora correr o seu fadario debaixo de fórma de livro, procurei sempre estar despreoccupado e desprevenido a favor ou contra. Nem sempre me levaram a bem a timida censura que eu ousava arriscar ao lado do elogio. Entrava na vida litteraria com a inexperiencia e a ingenuidade d'um Luciano de Rubempré. Julgava que essa advertencia modesta, que eu me aventurava a fazer, lisongearia os escriptores, porque robustecia e confirmava a sinceridade do louvor. Enganava-me. As intelligencias privilegiadas são tão accessiveis á ebriedade, produzida pelo incenso grosseiro, como os mais acanhados espiritos. Perante a vaidade todos somos iguaes

A final caí em mim, e percebi o ridiculo d'estas campanhas de D. Quixote litterario. Apesar d'isso parece-me que me não emendo. Ha pessoas tão impenitentes !

É possivel que louve com desacerto, e que censure erradamente. Mas é certo que louvo e censuro, conforme a consciencia me vai dictando. Não sei proceder d'outra fórma.

Este merecimento é o unico dos artigos que se vão ler.

M. PINHEIRO CHAGAS.

ENSAIOS CRITICOS



CAMILLO CASTELLO-BRANCO

SERIA inexplicavel a prodigiosa fecundidade d'este romancista, e ao mesmo tempo a sua inexcedivel popularidade, se a sua profunda erudição, o conhecimento que tem das galas da nossa linguagem, e a calorosa eloquencia, que jorra em borbotões do seu espirito ardente, não explicassem a justiça prestada pelo publico a meritos que raras vezes applaude, e a abundancia dos romances creados por uma phantasia que se não compraz em variar enredos, nem em inventar peripecias absurdas. O colorido sempre appropriado mas sempre vivo dos seus quadros, o graciosissimo chiste das suas observações, e sobre tudo a animação do seu estylo, o vigor da sua narração fazem appetecidos de todos os seus livros, em que o estudo da sociedade não prejudica as qualida-

des litterarias, e que nunca se tornam enfadonhos descrevendo o jogo das paixões, caricaturando os ridiculos, flagellando, com a mais acerba ironia, o crime triumphante, o vicio respeitado.

Em progresso incessante, Camillo Castello-Branco, se no principio da sua carreira sacrificou sobre os altares da moda, ou se deixou desviar pelas tentações do genero «Balzac» pouco em harmonia com a sua indole essencialmente poetica, com a sua fervida imaginação, com as suas predilecções litterarias, voltou a tempo ao bom caminho, e na segunda phase da sua existencia d'escriptor resgatou plenamente os crimes de lesa-bom-gosto, de que estavam reus alguns dos seus primeiros romances. Maior delicadeza de sentimentos, mais naturalidade na linguagem, maior viveza e suavidade no estylo taes foram os resultados da sua transformação. Andou Camillo Castello-Branco tentando differentes caminhos, sem acertar verdadeiramente com a viçosa estrada, para onde o impellia a sua brilhante intelligencia. Se o seu talento o erguia ás vezes ás alturas do «Onde está a felicidade?» fazia-o outras vezes baquear nos tremedaes dos «Mysterios de Lisboa.» Hoje Camillo caminha desassombrado pela via triumphal, obtendo successos apoz successos, conquistados não lisongeando o gosto muitas vezes equivoco do publico, mas brindando a nossa litteratura com obras primas, de que ella se ufana, e que mostra com orgulho ás nações estrangeiras.

Foi n'esta segunda phase que eu o vim encontrar, quando principiei a escrever critica litteraria.

Prestei por conseguinte a devida homenagem a um vulto, que vi ir-se agigantando de momento a momento, e cujo esplendido diadema não cessara de se accrescentar com florões cada vez mais primorosos.



A Filha do doutor negro — Amor de salvação — No Bom Jesus do Monte — Vinte horas de liteira — Agulha em palheiro.

I

A Filha do doutor negro foi o romance com que Camillo Castello-Branco mimoseou este mez o publico. Foi um verdadeiro mimo, porque poucas vezes o talento do grande escriptor se mostrou tão esplendido e vigoroso como n'esta ultima producção.

Tem sido e será ainda por muito tempo assumpto de eternas discussões o saber se o romance deve analysar as pustulas do corpo social, mostral-as em toda a sua hediondez, analysar friamente a vida, ser o observador implacavel e descompassivo das misérias da existencia, apresentar-nos tal, como elle é, o quadro da sociedade despido de todos os prestigios da pintura; ser como o explicador, que nos theatros, em cujo palco se desenrola um panorama diante dos

expectadores, vae indicando, com a sua voz monotonica e sem inflexões, as paizagens que vão apparecendo; ou se deve pôr antes em jogo as paixões do coração humano, deixar o estudo das feridas nojentas da sociedade a quem pôde remedial-as, pintar e não photographar, apresentar as cópias idealisadas e não os modêlos prosaicos, contar com o fogo de um actor, e não recitar com a monotonia do ponto, ser em fim da eschola idealista, e não da eschola realista.

Confesso que todas as minhas predilecções pertencem áquella e não a esta eschola, que prefiro o livro cuja leitura me extasia, me enleva, e me commove, ao livro cujas paginas só me podem inspirar asco, tédio e scepticismo. Bem sei que me objectam que o romance deve ser a pintura da sociedade real, e não a de uma sociedade ficticia, que nada se lucra com a leitura de um livro onde não aprendâmos a conhecer os homens, e onde pelo contrario sejamos levados a encaral-os por um prisma enganador. Tudo isso será verdade, mas ah! n'este seculo, em que vae sendo cada vez mais pronunciada a tendencia materialista, onde se poderão refugiar as nobres aspirações da humanidade, se o sanctuario da litteratura tambem for profanado, se lhe arrancarem de lá a estatua do ideal para a arrastarem pelos treme-daes da sociedade, se obrigarem tambem a dar fructo as pobres florinhas d'esse jardim defeso, como se lhes não bastasse o aroma com que se tem deliciado os seculos, os effluvios do bom, do bello, e do

justo, que tem contribuido mais para a regeneração social do que esses fructos amargos produzidos pelas flores, enxertadas em arvores uteis, do pomar da escola de Balzac ?

Qual é o fim da escola realista? Iniciar os moços nos mysterios da existencia, precavel-os contra os perigos da sociedade, ensinar-lhes a conhecer o mal por baixo da camada brilhante que o esconde ? A natureza não deixa raptar artificialmente os seus direitos, e mil Balzacs não hão de impedir que a experiencia seja a unica e verdadeira mestra da vida. E sabem, por fim de contas, o que essa litteratura faz? Fôrma uma geração, como a geração juvenil que por ahí campeia, geração materialista, sem fogo, sem illusões, e sem experiencia, homens de vinte annos com a devassidão torpe, com o egoismo, com a secura de coração dos velhos, para quem as cãs não são diadema venerando mas coroa de orgia, geração que não encontra espinhos na vida, porque não quer colher nem uma flor só, geração de Rastignacs e de Rubemprés aperfeiçoados pelo estudo dos seus modélos.

Mas supponhamos que não é esse o fim da escola realista, e os mesmos que fazem parte d'ella zombam da influencia exercida pela litteratura sobre os costumes, e asseveram que ninguem se emenda dos seus vicios ou dos seus defeitos em attenção a um romance e a uma peça de theatro. N'esse caso qual é ? Flagellar o crime e o ridiculo, atalos ao pelourinho, e expôl-os á irrisão da posteridade? Falta-lhes para isso a nobre indignação, a ira sagra-

da! O escalpello de Balzac está muito longe de ser o latego de Juvenal, e o pelourinho da Comedia Humana é um pygmeu ao pé da colossal columna, a que Aristophanes atou a sociedade grega. Estes observadores do coração humano fariam melhor, se deixassem fallar o seu. Estes frios analysadores, que não vêem no vicio senão um assumpto, no espectáculo da sociedade corrupta um modelo que pacientemente copiam, são capazes de apparecerem no valle de Josaphat com um apparatus photographico, para tirarem uma cópia fria e descorada do *Juizo final*, cópia que Miguel Angelo contemplará com um sorriso de escarneo.

Mas então não será esse o seu fim, e terá unicamente o de retratar a sociedade, de apresentar um traslado fiel da epocha em que vivemos, sem nenhuma outra intenção? Ainda n'esse caso não acho que os *realistas* preencham esse fim; tem um systema de observação muito mesquinho, vêem muito ao pé, procedem pela analyse e não pela synthese, fazem laboriosamente o quadro, reunindo figura a figura, d'onde resulta ficar uma tela verdadeira nas particularidades, falsa no todo, sem proporções, sem perspectiva, sem claro-escuro. Tal não póde ser o systema da arte, tal não foi o systema de Molière. Resulta d'ahi que Molière apresentou um quadro luminoso, magnifico do seu tempo, em que a vista abrangge de relance as glorias e os ridiculos, as virtudes e os vicios do seculo de Luiz XIV, Alceste e Tartufo. Balzac não fez mais do que apresentar uma collecção de typos, nada genericos, um grupo de variedades

de uma especie, e, nem que visse dois mil annos, poderia, pelo systema que adoptava, completar a lista de fórma que o futuro podesse perceber finalmente quaes eram as differentes faces do seculo em que vivemos. Canalis pôde resumir em si a litteratura? Goriot pôde-se considerar como o typo generico da paternidade no seculo XIX? Gobseck e Grandet bastam por si sós para a descripção do usurario actual?

Seja como fôr, e sem querer protrahir mais esta longa digressão, parece-me que a eschola realista, sejam quaes forem as suas intenções philosophicas, não produz em litteratura senão as *Fannys* e as *Madames Bovarys*, que, permittam-me que o diga, não se pôde dizer rigorosamente que tenham o merito do *Paulo e Virginia* de Bernardin de Saint Pierre, e da *Atala* de Châteaubriand.

Camillo Castello-Branco escreveu nas duas escholas. Em ambas deu provas do seu vasto e flexivel talento, mas, parece-me, foi sempre mais feliz nos romances em que viveu a vida dos seus personagens, em que chorou, amou, soffreu com elles, do que nos outros em que se limitou a fazel-os apparecer em scena, como *marionettes* a quem faz mover o baraço occulto do director.

Amor de perdição, Estrellas propicias, Romance de um homem rico, Amor de salvação, Filha do doutor negro, são, em quanto a mim, as suas obras primas. É possivel que a minha predilecção pelo genero me obrigue a ser parcial. Forcejei porque assim não fosse, mas, se o não consegui, paciencia.

A Filha do doutor negro é incontestavelmente um bellissimo romance, bem delineado, bem conduzido, admiravelmente escripto. Os dialogos estão perfeitamente travados, e são em geral de um vigor, de uma elevação de pensamentos, de uma poesia muito notaveis. Abro ao acaso, e leio o seguinte.

Duas palavras de explicação preliminar.

A heroína do romance, Albertina, filha de um advogado mulato, de grande intelligencia e de grande reputação, amou estremosamente um escrevente de seu pae, com quem este a não deixa casar, cedendo aos assomos de vaidade naturaes a todos os grandes democratas, que querem o nivelamento social tendo por base o plano em que estão collocados, e que bradam pelo derrubar dos andares superiores, protestando furiosos quando lhes chega a sua vez de descerem ao nivel das logeas terreas. Albertina, desesperada, fugiu com o escrevente, para casar com elle. Perseguiu-os o velho, incitado por uma ira que degenera em verdadeiro frenesi. A causa d'essa perseguição era, mais do que a vaidade offendida, o amor paternal, amor cioso como nenhum, tanto mais quanto se vê obrigado a comprimir os zelos implacaveis que o acompanham.

Querem que lhes diga o que penso? Parece-me que a eschola idealista consegue, sem ter a isso pretensões, ser mais verdadeira do que a eschola realista. A intuição vale mais do que a observação. Excommunguem-me embora os pontifices da critica;

comprehendo o doutor negro, não comprehendendo *le père Goriot*.

Imaginam facilmente quanto não soffreria o pobre advogado com os mesmos golpes, que feriam, vibrados por elle, sua filha estremecida. Antonio da Silveira, um amigo da familia, alma generosa, coração nobre, vem procural-o e encontra-o prostrado no leito da dôr, mas sempre implacavel, sempre inaccessible á misericordia. É então que elle lhe diz estas admiraveis palavras :

«Sr. doutor Alpedrinha, da borda do abysmo, onde a mão da sua soberba o quer despenhar, levante os olhos para cima e veja Deus. V. S.^a lançou de si com desprezo uma taboa salvadora, quando as ondas amarissimas da vida se cavaram em redor da sua alma desvigorizada pela irrelição. A piedade era o salvamento. A conformidade era o triumpho. A caridade era o anjo bom que o chamava a perdoar e a abençoar a união de sua filha. V. S.^a consultou os mestres do orgulho, folheou o seu Voltai-re, e não encontrou lá o dictame do perdão da injuria, nem a bandeira da misericordia com que devêra cobrir a pureza de sua filha, manchada pela difamação. A soberba está aqui sentada á cabeceira d'esta cama, com um braço enroscado na sua garganta. Se do outro lado estivesse uma cruz, a victoria da honra seria certa. Não vejo um signal do christão enfermo em volta d'este leito, é forçoso que as más paixões o dilacerem. Alli fóra encontrei uma senhora chorando. Chora porque perdeu a filha. Chora porque vae perder seu marido. Chora porque ha

de sobreviver ao esteio que se lhe quebra para entender a mão á caridade publica. Valia bem a pena que V. S.^a obrigasse o pae d'aquella desgraçada mulher a ceder-lh'a para um fim de vida tão despresado!.. Ha de o senhor doutor acabar ahi com este peso de remorso sobre o peito!

«Francisco Simões sentou-se arrebatadamente na cama e bradou:

— «Cale-se! cale-se que me abafa!.. Deixe-me morrer que eu não tenho já espirito que se levante a Deus!

— «Pois Deus baixará até ao seu espirito! — redarguiu Antonio da Silveira — Experimente, meu amigo. Chame a divina fê em seu soccorro. Veja se póde apagar com lagrimas esse brazido que lhe requeima as entranhas. Peça ao Senhor a felicidade de sua filha. Perdôe-lhe a ella, perdôe ao homem que lh'a roubou.»

Que alteza de pensamentos! Que elevação de estilo! Que nobre singeleza de linguagem!

E conservam-se sempre n'essa altura as trezentas paginas d'esse admiravel romance.

II

«*Amor de salvação*, diz, no prologo do seu novo e bellissimo romance, Camillo Castello-Branco, «em muitos casos obscuros é o amor que excrucia e «deshonra. Então é que o senso intimo amostra ao «coração a sua ignominia e miseria. A consciencia «regenera-se e o coração rehabilitado avigora-se para «o amor impolluto e honroso. Assim é que as enseadas serenas estão para além das vagas montuosas, que lá cospem o naufrago aferrado á sua tabua. «Sem o impulso da tormenta o naufrago pereceria «no mar alto. Foi a tempestade que o salvou.»

Periodo ousado é este e com os seus laivos de paradoxal. Não creio que o viajante, que se arroja cheio de esperança e de alegria ao oceano procelloso da vida, tenha uma grande predilecção por este desembarque, onde lhe serve de escaler uma tabua. Salvou-o a tempestade, mas estou que o naufrago dispensaria de bom grado este Joaquim Lopes carancudo. A tormenta impelliria para a enseada o passageiro do navio, que as ondas desfizeram; mas não foi culpa sua se não despedaçou de encontro aos rochedos da praia o corpo do mesquinho, a quem embalou no seio espumante das ondas. Não o salvou a tempestade, salvou-se apesar da tempestade. Não o salvou a procella, salvou-o a suave enseada, que, em vez de apontar austera e torva ao peito desfallecido do miserrimo as suas fragas ameaçadoras, lhe abriu carinhosa os braços e espraizou compassiva o

seu doirado areal para receber mollemente o naufrago quebrantado por tão horrenda luta.

A tempestade sem a enseada cevaria as iras na sua victima, e não lhe fôra de certo meio de salvação. O vendaval faria fluctuar o infeliz viajante de vaga em vaga, até que se rasgasse para o tragar a immensa voragem do oceano. A enseada sem a tempestade recebê-lo-ia igualmente, senão como consoladora pelo menos como amiga, senão para lhe dar o repouso apoz a luta, pelo menos para lhe conceder a suave tranquillidade da ventura. Não teria o viajante as honras do naufragio, mas tinha o prazer da bonança. Não commetteria a loucura de se enamorar das vagas, e a doce voz das sereias não o teria chamado por entre os rugidos da procella, ou pelo menos não se teria elle deixado seduzir pelo seu mavioso e perfido cantar, mas ter-se-ia enlevado, em quanto o vendaval bramia nas enxarcias do navio, na contemplação da luz serena do pharol scintillante por entre a cerração, teria aspirado com ardor para a enseada, que lhe sorria ao longe, e que a final o acolheria não polluido pelos beijos das ondas, mas puro, immaculado, com a fronte limpida, e com o olhar desanuviado das agonias da tormenta.

O amor, que Camillo Castello Branco descreve, não me parece ser amor de salvação, do mesmo modo que a nuvem não é a aragem que a desvia, do mesmo modo que o veneno não é o reagente que o neutralisa. O sol, desassombrado do manto nebuloso que o envolvia, não agradece ás nuvens o favor, que lhe fizeram de se accumular para concederem á bri-

sa a honra de as repellir. O homem, que escapou das consequências de um envenenamento, não abençoava o arsenico, que lhe fez o obsequio de o impellir até á beira da sepultura, dando occasião ao contraveneno de o suster, quando já ia a despenhar-se.

Eu comprehendendo a idéa de Camillo Castello Branco. O amor é de salvação como o pôde ser o naufragio, quando tira a vontade ao naufrago de volver ao oceano, cujo perigo conhece, quando dá um saboroso encanto ás alegrias da terra, quando faz apreciar as doçuras da tranquillidade domestica. Mas emfim quem salva não é o peccado, é o arrependimento. Se eu receber uma punhalada n'uma estrada infestada de bandidos, é provavel que me não torne a aventurar n'esse caminho; comtudo desejo que me não obriguem a chamar salvador a quem me obsequiou com tão desagradavel correccão, e, se elle vier ter comigo pedir-me um signal do meu reconhecimento, vae parar ao Limoeiro infallivelmente. A punhalada foi util, mas eu preferia não a ter recebido. Reconheço que foi uma punhalada de merecimento, mas lá de salvação... não consinto. *J'y tiens.*

Aquelle periodo do prologo escrevel-o-ia Affonso de Teive, quando, nos primeiros arrobamentos dos seus castos amores com Mafalda, volvesse os olhos ao passado, e contemplasse com tédio, mas ainda não a sangue frio, o panorama da sua vergonhosa paixão. Escrevel-o-ia para mostrar á mulher, que o julgasse talvez a revolver-se ainda no charco para onde ella o atirára, que esse charco fôra a Estyge de onde sahira invulneravel. Escrevel-o-hia para

lhe mostrar que o seu amor tivera na sua existencia uma influencia diversa da que ella esperava. Escrevel-o-ia como agradecimento ironico ao mal que ella lhe fizera, e que elle soubera transformar em bem; mas, ao escrevel-o, escondel-o-ia de certo de Mafalda, para que esta não visse com tristeza que era o amor do demonio, e não o amor do anjo, o que elle considerava amor de salvação.

Mas que admiravel romance é este ! Que perolas d'estylo não espalhou por ali a plenas mãos o prodigioso genio do grande romancista !

O *Amor de salvação* é um d'estes livros primorosos, que a historia litteraria das nações archiva cuidadosamente. No crystallino espelho de um suavissimo estilo revê-se ali, vaidosa das suas galas e da sua louçania, a opulenta linguagem portugueza. A phrase artisticamente cinzelada acode sempre com uma admiravel exactidão a reproduzir a idéa. O periodo deixa-se modelar com tanto primor, e com tanta docilidade por Camillo Castello-Branco, como a cera obedece rapida aos dedos ligeiros do mais habil artista. Não se trahe ali a menor hesitação, não se trahe o mais leve esforço. O subllime estatuario concebeu a idéa, depois o cinzel correu ligeiramente a esculpir as feições, a ondear as roupagens, e, quando a final se levantaram os véos, a maravilhosa estatua appareceu, diante dos olhos do publico estupefacto, sem uma incorrecção, sem um defeito, sem um descuido.

Que eloquente narrador ! As molas de que Camillo se serve n'este livro, não são por tal fórma dif-

ferentes das molas habituaes dos seus romances que a novidade do entrecho baste para prender a attenção; mas ha uma tal frescura de fórma, uma tal juventude d'estylo (se assim me posso exprimir), que o leitor, preso por indizivel encanto, deixa deslizar as paginas e as horas, sem se poder desprender da atrahente leitura. Ha tão fina ironia em alguns trechos, tão delicado sentimento n'outros, é sempre tão agradável a narração !

Transportando-nos do mundo real para o mundo ideal do romancista, sentamo-nos com elle á mesa do trabalho, e sentimos gemer nas harpas do pinheiral o vento melancholico do inverno ! Como elle, deixamos descair a fronte em languida tristeza, e sentimos inundarem-nos o peito as ondas da amargura. O anjo da saudade vem poisar ao nosso lado sem o presentirmos, e projectar no nosso rosto a sombra das suas negras azas. Como elle, vemos de repente passar no céu, um instante desnublado, essas andorinhas da nossa primavera, que vimos fugir para não mais voltarem, e que se chamam affectos, paixões, crenças, delirios da juventude.

Depois seguimol-o a acompanhar o heroe do romance, deliciamo-nos com as aventuras engraçadas do principio do livro, e, quando começa a tempestade, começa tambem a commoção. Passeamos com Affonso de Teive nas umbrosas alamedas da quinta do conde de Pombeiro, escutamos o gemer das aguas, e deixamos descahir o livro, para nos perdermos em suave e triste scismar ao lermos este delicioso periodo :

«Por ali as horas lhe corriam placidas, contentes nunca, bem que a tristeza d'entre arvoredos, ao murmuroso cahir de agua em sonora bacia, seja uma particular tristeza; que, lembrada depois, dá rebates de saudade, saudade como a sentimos, de alegrias para sempre idas com a sazão das breves e donosas verduras da vida.»

Como tudo aquillo está contado ! Que typo tão bello, tão nobre o da mãe de Affonso de Teive ! Que delicado o de Mafalda ! Que vigoroso desenho o do typo de Theodora ! E, repito, não ha um instante só em que a narração afrouxe ! Nem uma vez só se percebe a luta com a inspiração rebelde !

Camillo Castello-Branco sempre entrou para mim no numero dos escriptores, por cujo portentoso genio eu professo a maior veneração; mas, desde que elle limpou os seus romances d'um monturo de barões toicinhentos, que por lá existiam, comecei a acatal-o como um dos meus predilectos !

O *Amor de salvação* colloquei-o desde já ao lado do *Romance d'um homem rico*, dois diamantes da esplendida coroa do romancista.

É porque eu admiro todos os romances de Camillo, mas estes commovem-me. Os outros leio-os com o espirito, estes leio-os com o coração. E não ha, parece-me, romances melhores do que aquelles que a gente procura nas horas de tristeza, aquelles a quem escolhemos para confidentes das nossas maguas, aquelles por onde afinamos a harpa eólia, que nos vibra no peito, quando lhe desfere as cordas o vendaval das paixões ou a meiga brisa das saudades.

Os outros livros fazem parte da bibliotheca, estes fazem parte da familia. Os outros são uns volumes brochados, estes são uns amigos fieis. Os outros lêem-se, com estes conversa-se. As paginas, mudas nos outros, n'estes têm alma, voz, pensamento; alma irmã da nossa, voz que nos consola, pensamento que nos refrigera.

No *Amor de salvação*, Camillo não estudou os homens; fez bem, que não merecem a pena: estudou o homem. Esse, sim. A descripção das luctas do anjo mau e do anjo bom no espirito de Affonso de Teive, do poder irresistivel de tentação, da vertigem que se apodera dos que se debruçam sobre o precipicio do mal d'onde os chame um vulto tentader de fatal mulher (vertigem contra a qual não vale o arbusto mais florido, por mais que se desate em aromas suaves) do lento corroer do remorso, a cujo espinho se acrescenta o do desengano; essa descripção é verdadeiramente magistral. Aquelle romance não se escreveu, sentiu-se. Aquelle retrato não é uma photographia; é o vestigio indelevel estampado, com o sangue do crucificado no Golgotha das paixões, na toalha que lhe enxuga o rosto.

Comtudo parece que ha n'esses amores de perdição ou de salvação, como lhes quizerem chamar, uma voluptuosidade amarga, uma poesia fatal, que não consente, a quem os descreve, conservar por muito tempo o amor suave, que lhes serve de contraste, nas espheras ideaes. O escriptor, por mais sincero que se julgue na apothese que faz da felicidade tranquilla, não pôde deixar de a fazer um

pouco burguezia. O Affonso de Teive, ao entrar no porto bonançoso, não se pôde eximir de calçar uns tamancos e de pôr uns oculos. Camillo Castello-Branco faz muitos cumprimentos á felicidade conjugal, mas sempre com um sorriso de involuntario escarneo.

Realmente, para o fazer socio de merito da academia dos Eleuterios Romões, não valia a pena casar Affonso de Teive com um anjo; a primeira cozinheira bochechuda, que encontrasse, servia para o mesmo fim.

Noto que Camillo Castello-Branco, sempre que descreve uma mulher virtuosa, gosta de a fazer cozinheira. Creio que alli anda questão de gula. Camillo não admite virtudes domesticas, sem conhecimentos culinarios. Em eu vendo nos romances do grande escriptor senhora, que não saiba fazer caldo de couves, pronuncio-a adultera sem remissão. Uma boa esposa, sem saber fazer guisados, é inadmissivel.

Assim os pobres heroes dos romances de Camillo, em se rehabilitando, engordam immediatamente. Já sabemos que, no valle de Josaphat, os gordos serão os escolhidos. O inferno ha de ser povoado de uma tal collecção de magrizellas, que até Satanaz se ha de envergonhar.

Quem escapa do suicidio vem a morrer de indigestão.

É a sorte que espera o pobre Affonso de Teive, se ainda vive.

Mas que talento se revela no *Amor de salvação!* Lendo este livro, succedeu-me o que me succedeu, por exemplo, lendo o *Amaury*, de Alexandre Dumas.

Tive vergonha de rabiscar ás vezes um ou outro conto. Estes livros são o desespero dos escriptores. Quem não póde chegar áquella altura deve quebrar a penna.

III

Porque inspiram em geral as florestas uma suave tristeza? Porque se aninha o anjo da melancolia nos seus recessos umbrosos? Que mysterioso condão possuem arvoredos de dulcificar a saudade? Que celeste orvalho se pendura da ramagem entrelaçada, e se deixa cair gota a gota cerrando não, mas suavizando as ulceras do coração? Que philtro magico se encontra entre carvalhos e cedros, onde se purifica o sentimento, onde a paixão, essa flor cujas raizes se prendem á terra, e cujo aroma vôa aos céos, toda se desfaz em mysticos perfumes, em enlevos de alma, em divinas aspirações?

Eu quero-me com as arvores, ou com o mar. Vagueando nas alamedas dos castanheiros, sentado nas fragas, onde se quebra a onda, tenho sempre sentido como que um anjo de Deus, que vem pousar de manso a meu lado, trazer-me pensamentos do céu e arrobar-me a alma em extasis ineffaveis, que não me acodem quando os chamo no meio das mais esplendidas paizagens.

A brisa, que agita a copa das arvores frondosas, a aragem, que se refrigera com as humidas

exhalações do oceano, têm-me feito reclinar a frente no seu regaço de tristezas, e têm murmurado ao meu ouvido palavras consoladoras, impregnadas não nas irritantes consolações da terra, mas n'esse allivio ineffavel do céu, que faz com que nos brotem as lagrimas dos olhos, e que as deixa depois deslisarem lentamente pelas faces! Prantos de infinda doçura, pelos quaes eu trocaria todas as alegrias do mundo, prantos ás vezes sem motivo, e que outras vezes jorram da urna mysteriosa, que trazemos occulta no coração, furtando-a á curiosidade banal, e que se chama a urna das saudades!

Saudades! não sabe o que é esse doce e amargo sentimento quem nunca viu a aragem acamar as frondes do immenso arvoredor, nem a solidão do oceano, sem fim, na sua magestosa, na sua sublime monotonia. Não sabe o que são saudades quem nunca escutou os concertos, que a viração fórma nos pinheiraes, e as melodias que desfere o vento do mar nas ondas, que vão de serra em serra de agua perder-se no horisonte.

Eu tambem o não sabia! Como que presentira esse *gosto amargo de infelizes* no meio dos alcantilados verdores de Cintra, mas quando eu, creança ainda, procurava a solidão das alamedas da Penha Verde, a fim de comprehender melhor o sentimento que do coração dos poetas trasbordava para os seus livros, não podia perceber as vozes mysteriosas, que partiam de cada ramo agitado, de cada folha despreendida, de cada arvore baloiçada. Sentia a necessidade vaga de me afastar do mundo, de me soltar

dos laços do presente, e de conversar em espirito com as gerações extinctas. Evocava a grandiosa imagem de D. João de Castro, pensava nas grandezas d'outr'ora d'esta nação aviltada, reconstruía na imaginação a scena da leitura dos *Luziadas*, e como que me parecia sentir por traz de mim o passo vivo, alegre e desembaraçado do moço D. Sebastião, o pisar leve e astucioso do jesuita Luiz da Camara, e entrever lá no fundo da alameda o vulto magestoso e venerando do cantor das nossas glorias, de Camões !

Nada mais ! Os phantasmas, que se me entremostravam, a não serem estes phantasmas epicos, eram vultos indecisos e incantadores, que começavam a despontar no horisonte do futuro, illuminados pelo roseo fulgor dos sonhos dos quinze annos ! Á beira da estrada, que pisava alegremente, não se erguia ainda nem um só tumulto, eram tudo palacios incantados, castellos de fadas, jardins de Armida, d'essa gentil Armida, fascinadora personalisação de tudo quanto nos infeitica n'este mundo, de tudo quanto nos prende com floreas grinaldas, tudo... tudo que é uma coisa só «Amor.»

A saudade, senti-a depois, quando voou para o Empyreo o anjo protector da minha infancia ! A verdadeira saudade ! A que se não allivia, nem se procura alliviar, a que se transforma em culto, a que se não symbolisa n'essa rôxa flor que dura uma estação, mas sim na flor, que se entretece em grinaldas sobre os tumulos, e que se chama perpetua.

Levaram-me á provincia do Minho os acasos da existencia !

Atravessei pela primeira vez o oceano. Debruçado na amurada do navio, vi as ondas estalarem no costado do barco, e soltarem um queixume; ouvi o rugir do leão. Acordei alta noite e senti o continuo marulhar das ondas; subi ao tombadilho e vi o mar immenso desenrolar-se no seio das trevas. E em quanto os meus companheiros de viagem se enfiavam da demora d'ella, eu ficava horas e horas enlevado a escutar esse cantico eterno, esse hymno intraduzivel, e comprehendia-o, adivinhava-o, e sentia os olhos turvos de lagrimas, porque o bramido das ondas, o susurrar do vento tudo me dizia «saudade.»

Lia essa magica palavra escripta em letras de espuma na superficie immensa do mar, lia-a em letras de fogo gravada no firmamento azul, e em presença d'aquella dupla magestade do céu que faiscava mundos, do mar que palpitava ondas, enlevou-me a tristeza indefinivel da abobada estrellada, e o melancolico lamento d'esse velho leão acorrentado, que se chama oceano.

E o anjo da saudade poisono junto de mim.

Outra vez subira eu á velha torre de menagem do castello de Guimarães. Por baixo de mim não via senão arvoredo. O sol sumira-se quasi de todo por traz das montanhas do occidente, doirando ainda apenas uma ou outra folha d'essa immensa abobada verdejante. Levantára-se um vento frio, que me zunia aos ouvidos. As arvores curvavam-se ao sopro da aragem, e erguiam-se depois d'ella passar, para de novo se curvarem. Creiam que não me acudiu

ao espirito nem a imagem de D. Tareja, nem a de Fernão Peres de Trastamara, nem a de Affonso Henriques, nem a de Egas Moniz. Nem sequer me indignou o sarapintado pau de bandeira com que desfiguravam a magestade do velho monumento. Não via senão aquelle immenso arvoredado, não escutava senão o gemer do vento, não pensava senão nos ausentes, de que me separavam leguas, nos mortos de que me separava o tumulo.

E senti palpitarem de novo em torno de mim as azas sombrias do anjo da saudade.

Não vi o *Bom Jesus do Monte*, mas adivinhei-o. Presenti o que seria a floresta sagrada e famosa do Minho, contemplando os obscuros arvoredos de Guimarães.

O livro, que Camillo Castello-Branco acaba de publicar, produziu em mim uma suave impressão. Tambem elle vae procurar saudades ás florestas, tambem elle gosta de contemplar, por entre as arvores, os tumulos que orlam a estrada da sua vida.

A floresta do Bom Jesus viu-o passar creança, adolescente, juvenil, e finalmente homem de idade madura. Ouviu as confidencias dos seus primeiros sonhos, sentiu correr as suas primeiras lagrimas. De cada vez que o romancista se ia acoitar no verdejante asylo, já tinha mais uma tristeza que lhe narrar, mais uma coroa funebre que pendurar em nova cruz erguida em novo tumulo.

E a floresta, sempre viçosa, acolhia serenamente o homem, cuja fronte se ia pendendo a mais e a mais; e, ufana da sua eterna primavera, via desbo-

tarem-se as flores da existencia do piedoso romeiro!

Foram estas successivas confidencias que Camillo Castello-Branco reuniu no admiravel livro, que se intitula *No Bom Jesus do Monte*, livro impregnado n'uma suave melancolia, livro do coração e para o coração, e a que Camillo Castello-Branco poderia dar o nome de *Livro das saudades*.

O sentimento fino, delicado, commovente é a sua feição principal. Camillo Castello-Branco parece que não escreveu para o publico, mas sim para o umbroso arvoredor seu confidente e consolador. E estou certo que elle antes queria saber que as carvalheiras e os castanheiros de Braga ouviam a brisa ler-lhes as paginas soltas d'esse volume, do que saber que os elegantes de Lisboa ou do Porto liam distrahidamente o livro entre uma toirada e uma ceia.

As narrações, de que elle consta, são feitas com a mais tocante singeleza. Ha uma principalmente, cuja simples leitura nos commove tanto, como nos commoveu a todos o *Ultimo acto*, quando a Solter, aproveitando os derradeiros e esplendidos clarões do seu talento artistico, e da sua existencia, dava um sublime relevo ao papel da heroína d'esse drama intimo.

Esse conto está inscripto no livro com a data 1854.

É a historia do casamento e da morte de um amigo do auctor, José Augusto Pinto de Magalhães com uma senhora ingleza, Fanny Owen, typo celeste, vulto de um anjo, que andou algum tempo exilado n'esta triste mansão da terra.

É pungente aquella narração, e escripta de modo, que dos olhos mais indifferentes ás desgraças alheias brotam necessariamente lagrimas.

Em todo o livro se nota esse ar de tristeza, aqui ou ali desanuviado por uma ou outra expansão da veia satyrica do auctor. E que dulcissimo estylo! que suave melodia de phrase! que thesouro de linguagem, e principalmente... que thesouro de coração!

Tenho já notado nos outros livros, ultimamente publicados por Camillo Castello-Branco, o suave perfume que está rescendendo o estylo d'este romancista, estylo que foi sempre notavel, mas nunca tão feiticeiro como actualmente. Como se ha de isto explicar? A vida de Camillo Castello-Branco está seguramente longe do occaso, e comtudo o seu estylo adquiriu a magestosa serenidade, a maviosa ternura, a dulcissima tristeza do crepusculo! Tambem já está longe da aurora, e, quando parecia que devia ter passado para Camillo Castello-Branco a idade dos sonhos, é que elle se torna um *rêveur*, um entusiasta, um adorador do bom, do bello e do ideal.

Esse tão suave encanto, essa feiticeira magia brilham tanto n'este ultimo livro, como no *Amor de salvação*, como na *Filha do doutor negro*. Mas este livro ainda é mais sentido, e por isso mesmo que não é romance, e que o auctor mostra francamente aos leitores o sacrario do seu coração, e os faz subirem com elle a corrente da sua vida, por isso mesmo ainda mais interessa, e maior sympathia adquire.

Sympathia é o termo proprio. Este livro é principalmente sympathico.

Pelo menos para mim, que tantas vezes n'elle encontrei o echo dos meus proprios pensamentos, o espelho das minhas sensações.

Em muitas paginas do *No Bom Jesus do Monte* revela Camillo Castello-Branco a predilecção apaixonada, que lhe inspirou a *Chave do Enigma do Amor e Melancolia* de Castilho. Igual predilecção me haviam inspirado essas admiraveis paginas do nosso primoroso poeta. Mas eu agora levo uma vantagem a Camillo Castello-Branco, porque posso associar á bella producção do traductor de Ovidio muitos trechos do novo livro de Camillo.

IV

O leitor, que, sumido nos macios abysmos da sua cadeira estofada, defronte da meza onde campeia a chavena em que rescende o suavissimo aroma do perfumado licor de Moka, rodeado pela tepida atmosphera, que lhe proporcionam as brazas do fogão, embevecido n'esse extasi egoista, sempre suscitado pelos regalos e commodidades em que se compraz a nossa fragil natureza humana, abre indolentemente um volume de romances, e se dispõe antes a devanear ao som da frivola narrativa, do que a prestar uma séria attenção ás aventuras imaginarias dos heroes e das heroínas, que estão escondidos n'esses castellos incantados dos periodos, d'onde hão-de surgir, evocados pelo magico talisman da leitura, não

sabe, não suspeita, não adivinhá a *somma* de contrariedades, de dissabores, que este voluminho representa, e o denodo, que foi necessario ao auctor para collocar esse livro diante dos olhos do publico.

Desde o momento, em que se começa a operar na mente de um escriptor a germinação de um volume, começa logo tambem o doloroso martyrio. É necessario ir procurar aos areiaes do mundo o diamante, que ha de ser encontrado, polido, engastado, antes que vá fulgurar na bibliotheca do comprador. Descrever as luctas, os riscos, as fadigas que acompanham a exploração, o tedio, os desesperos, as insomnias inseparaveis do trabalho do polidor, os incommodos, os enfados que se soffrem para o engastar, seria obra para volumes. Não o tentarei de certo, e apenas citarei de relance os exemplos mais frisantes d'esse denodo, a que prestei homenagem.

Que me dizem por exemplo de Plinio, o naturalista, morrendo intrepidamente, victima do desejo que tinha de legar á posteridade mais um romance scientifico? Que me dizem do fallecimento heroico d'esse grande homem, cuja ambição unica era vêr de perto uma erupção do Vesuvio, para ter a certeza de que nem uma palavra só que escrevesse a esse respeito fosse verdadeira? Que me dizem de Fernão Mendes Pinto sujeitando-se a ser engolido pelas ondas rugidoras, empalado pelos chinás, espatifado pelos malaioes, a fim de escrever o mesmo que podia escrever perfeitamente sem passar de Cascaes? Que me dizem de Alexandre Dumas viajando no Egypto, arrostando os ardores do sol africano, as vagas de

areia levantadas pelo *khamsim*, os dentes ferozes dos crocodilos, as angustias da sêde, as zombeteiras torturas da miragem, tudo isto depois de já ter deixado em Pariz o livro descriptivo da sua peregrinação, tudo isto para que a sua consciencia lhe não podesse lançar em rosto um dia a occasional fidelidade de um episodio? Que me dizem finalmente de Camillo Castello-Branco supportando vinte horas de liteira, para ouvir as historias, que deviam compor esse formoso volume, com que o nosso prodigioso romancista brindou primeiro os leitores do *Commercio do Porto*, e depois todo o publico portuguez?

Comtudo, entre esses heroes que citei, e cujas façanhas ainda não teem sido bem apreciadas pelos leitores de romances, compete incontestavelmente a Camillo Castello-Branco a primazia. O titulo d'este ultimo livro é a condecoração da Torre e Espada posta ao peito do grande escriptor, vale tanto ou mais do que a Legião de Honra pregada pelo grande Napoleão na farda, rota pelas balas do inimigo, de um valente de Wagram ou de Marengo.

Vinte horas de liteira ! Nicolau Tolentino já andára mettido n'uma sege inquisitorial, mas não supportara senão a tortura necessaria para um soneto ! Alexandre Dumas deu com os ossos n'um fiacre parisiense, mas escapou-se, apenas conquistou uma novellita ! Camillo Castello-Branco moeu as costellas n'uma liteira, a razão de um volume de duzentas e oitenta e uma paginas !

E, comtudo, esse volume é scintillante de chiste, deslumbrante de estylo, primoroso na lingua-

gem, fluentissimo na narração, completamente desconstrangido na ligação dos pequenos contos, que ornarn os seus episodios!

Os solitarios da Thebaida, os monges primitivos, quando alguma tentação humana os salteava, quando se lhes emperrava a porta doirada dos seus extasis, quando a ineffavel pomba do seu espirito religioso hesitava em se desprender do ninho terreno, e em bater as azas para as regiões ethereas da contemplação, iam-se a umas disciplinas, e fustigavam, fustigavam o corpo, até que a alma cumprisse de novo o seu dever, e, farta de estar mettida em casa tão pouco resguardada do vendaval da pancadaria, soltasse outra vez o vôo, e procurasse o céu das meditações asceticas, sem voltar, por uma vez só, os olhos saudosos para este lamaçal terreno, em que reinam o vicio, a corrupção e as disciplinas.

Que era efficaz o remedio, demonstra-o o grande numero de santos, que não teriam, de certo, caminhado com passo tão firme no trilho da bemaventurança, se o latego misericordioso não viesse muitas vezes impedir o corpo de embargar a salvação da alma.

Lendo o novo livro de Camillo Castello-Branco, suspeitei que o mesmo systema, empregado para despertar o espirito prestes a adormecer no leito das alegrias mundanas, seria tambem efficaz para acordar a intelligencia que se preparava para se recostar n'um leito de fartos louros, e de immensos volumes.

Um corpo, moido por uma boa dóse de chicotadas, que remedio tinha senão deixar a alma, sua

*

inseparavel companheira, viajar á vontade nos agros caminhos que conduzem ao céu? Um corpo, despedaçado por vinte horas de liteira, tambem está absolutamente incapaz de se oppor a que a intelligencia võe para as regiões da phantasia, lavre e fecunde a seu talante os campos da imaginação, e colha mais um primoroso romance, que venha juntar-se á lista, que vai augmentando cada dia, das obras primas com que Camillo Castello-Branco enriquece a nossa litteratura.

Q / O titulo do livro assusta e interessa a um tempo. *Vinte horas de liteira!* Sôa tão lugubrememente como o *Ultimo dia de um condenado*, do chronista de João Valjean! Deve ser uma historia sinistra, uma narração em que os membros desconjuntados, os solavancos atrozes, as indisposições de estomago, os vomitos, as pontadas, se devem entre-meiar, confundir ao som estridulo das cincoenta campainhas d'essa locomotiva dos nossos antepassados! E, depois de uma narrativa capaz de arripiar um bo-lieiro ou um inquisidor, depois do minucioso contar de todas as torturas da estrada, é natural que no ultimo capitulo corra o sangue, derramado por duas duzias de sanguesugas.

Pois bem! não é nada d'isso, e ahi é que está o heroismo! O author só no fim do romance desabafa em meia pagina! Este procedimento evangelico inundou-me o rosto de lagrimas.

Que immensa gratidão não devem os leitores a Camillo Castello Branco! N'esse admiravel livro, que se intitula as *Memorias do carcere*, esqueceu as an-

gustias da sua alma, e escreveu uma serie de historietas, que nos incantaram, que nos prenderam a attenção, que nos infeitiçaram, e que hão-de infeitiçar e incantar a posteridade. Nas *Vinte horas de liteira* esqueceu-se tambem das torturas do corpo, e foi-se entretendo a formar esse colar de perolas, que sahiram todas da boca d'aquelle Antonio Joaquim, que, apesar dos seus quarenta annos, do seu cobrejão, e das suas botas de agua, se ficou por esta forma assimilhando á princeza gentil que tinha as fadas por madrinhas.

Os leitores, que ainda não compraram as *Vinte horas de liteira*, quando virem o periodo precedente, abrem pasmados os olhos, e talvez a boca tambem, com a secreta esperanza de que lhes caiham perolas, porque o nome de Antonio Joaquim, o cobrejão, as botas de agua e os quarenta annos não se lhes affiguram distinctivos indicadores de um privilegiado das fadas.

Eu me explico, affirmando desde já que tenho sincera pena de lhes arrancar essa doce illusão.

Imaginem os leitores que o nosso romancista voltava para o Porto, montado n'uma diaphana alimaria, triste mas resignado, quando se lhe deparou a celebrada liteira, que foi para elle o que é no oceano, enfurecido, uma taboa escalavrada para o nadador exausto, e quasi a pique de sossobrar.

É n'este ponto que nos apparece em scena o Antonio Joaquim, invejado pelos meus leitores, por causa de uma inoffensiva metaphora d'este seu criado.

Antonio Joaquim é o possuidor da cubiçada li-

teira. Os dous viajantes estabelecem-se dentro do anachronico vehiculo, em frente um do outro; fecha-se a liteira, e sobe o panno.

O que se ha-de fazer durante vinte horas de liteira? Conversar, não é assim? Exactamente; a conversação começa viva, animada, pittoresca, cheia de graça e de naturalidade: depois, tambem naturalissimamente, despretenciosamente, sem o menor esforço, Antonio Joaquim, ora para reforçar uma theoria expendida, ora a proposito de um sitio que se divisa, de um encontro que se tem, de um panorama que se desenrola; agora porque o seu companheiro de viagem repara n'um anel que elle leva no dedo, o que desperta o appetite de se conhecer a historia do anel, depois porque o intima peremptoriamente a que lhe narre um conto com certas condições, intimação a que o bom do Antonio Joaquim obedece sem hesitar, narrador tão inexgotavel em historietas, como o seu companheiro em volumes, vão-se accumulando os capitulos, e sempre sem que o leitor suspeite que tudo aquillo tem apenas por causa o fazer-se um livro; tão natural, tão fluente é a narrativa, tão bem ligados estão entre si os episodios d'esse volume.

É esse o grande incanto, é esse o indisivel attractivo do romance de Camillo Castello-Branco. Estar feito sem parecer que o auctor dá por isso. Chegamos a suspeitar que Camillo escreveu por costume, por habito, mas que a sua intenção foi *faire l'école buissonnière*, escapar-se do publico, palestrar despreoccupadamente com o seu collega de torturas,

e abandonar o pensamento de que o seu officio é entreter os outros em vez de se entreter a si.

Para livros d'estes foi que madame de Sévigné escreveu aquella expressiva phrase : *« Ils se laissent lire. »*

São graciosos, são mimosos, são encantadores os romancinhos que formam esse volume, e, comtudo, parece-me que se se seguissem uns aos outros em ordem de batalha, com o seu titulo na frente, separados pela pagina em branco, enfileirados por generos, tendo o seu indice no fim, agradariam muito menos do que n'esse apparente desalinho, ligados por uma simples reflexão, que, formando o epilogo do conto antecedente, suscita a idéa e serve de prologo do seguinte.

Assim narrados n'aquella conversação familiar, episodios da palestra, não parecendo aspirar por fórma alguma ao titulo de romance, tomam um sabor tão natural, aligeiram-se tanto, borboleteiam tão graciosamente nas azas da divagação, que o leitor esquece-se de que tem na frente um livro, suppõe-se terceira pessoa no cavaco, e está quasi pedindo áquelles dois ratões que lhe dêem licença para contar tambem uma historia, que succedeu a um seu visinho.

Do estylo, da linguagem d'este volume, o que hei-de dizer depois de ter annuciado que é escripto por Camillo Castello-Branco? Este nome adquiriu uma tal authoridade, que, em se pronunciando, dispensa qualquer outra observação.

Comtudo as joias espalhadas com profusão n'es-

te bello livro, as flores que viçam em cada periodo, teem o grande merito de fulgurarem, de vecejarem tão despretenciosamente, como o diamante pôde resplender, modesta e despreoccupadamente escondido n'um areial de Tejuco, ou como a rosa silvestre ostenta descuidosa nos mattos a sua admiravel formosura !

Esse desfolhar de romances ás brizas da conversação, esse esvoaçar da palestra por todos os assumptos imaginaveis, esse desabrolhar luxuriante e perfeitamente espontaneo de estylo agora alegre, logo triste, mais adiante serenamente melancolico, depois francamente jovial, mas sempre pomposo sem affectação, epigrammatico sem brutalidade, — e apresentemo-nos em dizer que n'este ponto tem melhorado immensamente o nosso grande escriptor, cujos epigrammas d'artes não eram settas despedidas pelo arco, mas penedos vibrados pela catapulta, que iam esmagar os desgraçados a quem eram dirigidos — essa linguagem tão portugueza, e que tambem se tem desprendido a meu vêr de certas fezes archaicas, que a desfiguravam outr'ora; essa linguagem, que hoje se pôde apresentar como modelo a todos os que desejarem conhecer a fundo o idioma patrio, e se quizerem convencer de que a nossa formosa lingua é tão opulenta que todos os generos podem fazer n'ella ampla messe : tanto a grave epopéa como o poema elegante, tanto a farça com pilhas de sal, como o proverbio scintillante de *espírito*, tanto a magestosa chronica, como o familiar romance; essa linguagem na qual (bem o demonstra o livro) pôde a

conversação chistosa esvoaçar com azas verdadeiramente portuguezas, folhetinjar sem pedir phraseologia emprestada ao idioma de Julio Janin; a harmonia dos periodos, que dá á prosa um certo rythmo musical, que não enfastia, mas como que convida a leitura em voz alta; todas estas brilhantes qualidades que aformoseiam as *Vinte horas de liteira*, fazem com que eu exija para este livro um logar de honra em todas as bibliothecas na prateleira onde estiverem collocadas as *Viagens na minha terra*, e com que ao mesmo tempo abra uma subscrição para se erigir uma estatua áquelle magano do Antonio Joaquim !

V

Curvavam-se os antigos romanos perante a eloquencia, como perante a manifestação mais sublimé da intelligencia humana. Fascinar as multidões, deslumbrar o Fôro, arrastar os espiritos com o prestigio da phrase sonora, do periodo vehemente, da imagem pittoresca, era o desejo unico dos que sentiam lavrar-lhes lá por dentro o fogo, que incende a imaginação e illumina o entendimento com mais fulgidos clarões do que os que ardem de ordinario na mente da humanidade. Este dom especial de transmittirmos aos outros a commoção que nos possue, de lhes inocularmos no animo as idéas de que somos adeptos, de os subjugarmos, de os commovermos, de

lhes excitarmos as paixões, de lhes dirigirmos o entusiasmo, é de certo o mais formoso privilegio do genio, a mais bella prerogativa dos grandes vultos. Por isso os romanos admiravam, de preferencia aos que eram profundos em qualquer assumpto, os que o sabiam expôr de um modo attractante, e, suspensos dos labios dos Ciceros, enlevados na doçura dos versos virgilianos, infetichados pela animada narrativa dos Titos Livios, não prestavam nem homenagem nem admiração áquelles, que, embora tivessem merecimento, não possuíam essa faculdade, para assim dizermos, electrica de acordarem, com o choque do seu estylo magico, as centelhas de entusiasmo no animo do povo-rei.

Nas bellas-lettras e nas bellas-artes é a eloquencia o primeiro dos merecimentos... Não se espantem da palavra *bellas-artes*, que fica no periodo antecedente. O que é a pintura, a verdadeira pintura, senão a eloquencia das côres? O que é a musica, a musica sublime que nos arrebatá, senão a eloquencia dos sons? Que importam a correcção do desenho, a firmeza do traço, se a tela fria e immovel não respira e não infunde a paixão, que animou o pincel do artista? Se as figuras palpitantes não traduzem em cada linha o amor, a angustia, ou a inspiração, se o espectador não derrama as lagrimas que se deslizam dos olhos d'esses personagens mudos, se não escuta as palavras que lhes parecem sahir dos labios entre-abertos, o que vale a tela, e o que vale o pintor? Se cada uma das Virgens de Raphael não fosse um poema de angelica doçura, se a Jocunda

de Vinci não exhalasse do quadro, onde os seculos a admiram, meigos effluvios de voluptuosidade, se Velasques não espalhasse nas suas telas a feroz eloquencia do ascetismo, quem fallaria hoje em Velasques, em Vinci, ou em Raphael?

Se o Laocoonte do esculptor grego ainda agora espanta o mundo, se a Psyche de Canova faz scismarem todos os que a contemplam nas ineffaveis graças da innocencia, e nos doces mysterios do amor, é porque o marmore tambem é eloquente, é porque o cinzel tambem lavra poemas, é porque a férvida imaginação do artista hellenico e do artista italiano deu vida á massa inerte, voz ao marmore, intelligencia ao escopro, é porque o admirador, prestando o ouvido, escutou os queixumes de Laocoonte, os namorados suspiros da amante de Eros, é porque a paixão do esculptor realisou a fabula de Pygmalião, e disse á estatua: «Desce do pedestal, vive, anda, fallal»

E a estatua viveu, moveu-se, fallou, animada na sua inercia, eloquente na sua mudez.

A eloquencia, ou o estylo, como hoje se denomina, não é simplesmente um ornato dos differentes generos litterarios, não é um enfeite vão, proprio para incantar os frivolos, não é a ôca sonoridade, boa para deleite dos ouvidos; é a paixão, é a labareda do fogo sagrado que illumina e abraza, é o signal que distingue as obras dos *artistas* das dos *artífices*, o genio do *savoir-faire*, é o passaporte que abre de par em par as portas doiradas da immortalidade.

A eloquencia é filha do coração. Só é eloquente quem se abraza nos affectos que tenta exprimir,

quem se inflamma no enthusiasmo que inspira. A verdadeira eloquencia mata quem a possui. Esse immenso clarão, que dá relevo a todas as idéas, que as incute no animo dos ouvintes ou dos leitores, queima quem o expande.

Nunca viram um incendio nocturno? Nunca viram brotar o fulgor, a principio tenue, depois immenso, de um edificio que as chammas devoram? A luz, primeiro livida, avermelha-se a pouco e pouco, a lingua de fogo cresce, ondeia, silva, agita-se nos ares. A impressão do espectador vai recrescendo de minuto a minuto. Das sombras convisinhas sahem lenta e magestosamente os edificios da cidade, indistinctos, depois mais claros, depois plenamente illuminados, a final cingidos da tunica escarlate com que o incendio os rodeia. Aqui tinge-se o marmore de reflexos sanguineos, jorram torrentes de oiro das vidraças d'além, flores purpureas se enlaçam no acantho dos capiteis corinthios, esbrazeam-se as estatuas, enrubecem-se os entablamentos, poisam andorinhas de fogo á beira das cornijas, tudo toma um aspecto magnifico e horrido, fogem as sombras nocturnas, esplendida e terrivel aurora illumina o firmamento, desmaiam as estrellas, perdem o seu mysterio as alamedas dos jardins, rubidos sylphos doidejam á flor das aguas socegadas dos tanques, e o fogo continúa irrompendo, abrazando, rugindo. Quem contempla o assombroso espectaculo solta um grito de admiração e pavor! E depois quando o edificio, o facho immenso, está exausto de clares, quando todo se desentranhou em chammas,

prostra-se, baqueia. O sol esplendido... é cinza, é nada !

O genio verdadeiramente eloquente é o edificio que se abraza para illuminar. Os jorros de luz, que brotam do seu estylo diamantino, dão relevo a todos os affectos, vida a todas as paixões, incanto a todos os objectos; enthusiasmam e assustam. E quantas vezes esse vulcão de eloquencia não se desfaz na cinza do sepulchro !

Quantos impios não sentiram fundir-se-lhes o bronze do scepticismo ao fogo que transluzia das eloquentes paginas do livro de Chateaubriand ? Quantos absolutistas não saudavam a liberdade, quando ouviam o cantico que lhe entoava o genio da tribuna pela voz de José Estevão ? É porque não ha coração, não ha espirito que resista a estes enlevos ! É porque contra estas sereias é impossivel a defeza ! Este sentimento innato do bello, que vive em todos os peitos, accorda mais cedo ou mais tarde, e é cumplice da seductora magia ! As lyras de Orpheu e de Amphião realisam sempre os mesmos prodigios, logo que a eloquencia se encarrega de lhes desferir as cordas. Embora os homens politicos finjam desdeñar estes inuteis poetas, as revoluções não se fazem sem apparecerem os Mirabeau, não estacam sem diante d'ellas surgirem os nobres vultos dos Lamar-tine. A fria razão convence da utilidade das transformações meia duzia de homens de gabinete, frios calculadores; mas a massa, mas o povo, mas a humanidade não cede senão quando ouve na voz dos inspirados o ecco da palavra de Deus. Para sahirem

os rios do seu alveo, é preciso que do cimo das montanhas desabem com estrepito as clamorosas torrentes. Só os vulcões arrojam lavas. Só a procella agita as ondas. E a eloquencia é a procella, o vulcão, a torrente, é tudo o que ha sublime no mundo, é tudo em que se sente um reflexo da omnipotencia de Jehovah !

Para impor a legislação ao povo hebreu, não bastou que Moysés apparecesse com as taboas da lei e demonstrasse a utilidade dos seus preceitos, foi preciso tambem que os relampagos do Oreb lhe cingissem com a aurea corôa a fronte luminosa. Todos os que aspiram a transformar um povo teem de subir ao Sinai da inspiração, teem de proclamar a sua doutrina entre os relampagos da eloquencia.

Como não será ella indispensavel na litteratura, cujo unico fim é fallar directamente ao coração dos povos, se até o espirito não cede senão á sua magica influencia ? O que é uma obra litteraria despida d'estylo ? Que successo legitimo póde obter ? Que missão póde cumprir ? Não é, repito, não é só nos recamos da linguagem, na pompa do fraseado que o estylo consiste ; é no sentimento, é na paixão, é no fogo, é no relevo ! No romance, se a eloquencia da linguagem nos não predispozer a favor do personagem, cujos affectos, cuja vida o romancista nos pinta, podem elles excitar a nossa curiosidade, nunca o nosso interesse !

Embora se compliquem as peripecias, embora se analyse com perspicacia o panorama da sociedade, nada se consegue se não houver lagrimas na phrase,

se a linguagem se não incendiar no fogo da paixão, se o estylo se não elevar á altura do pathetico! O que nos importariam os soffrimentos de Atala, se Chateaubriand nos não contasse com tão doce magia os infortunios da pobre selvagem? Que interesse nos suscitaria a vida da *Joanninha dos olhos verdes*, se Garrett não fosse o seu chronista? Orvalhariamos de lagrimas as paginas de *Paulo e Virginia*, se o genio eloquente de Bernardin de St. Pierre não dêsse um immenso realce á historia d'aquelles singelos amores?

Não lêmos nós no noticiário dos jornaes tantos casos, que são verdadeiros romances, interessantes, lastimosos, e (ninguem o negará) photographias fieis da sociedade? E com tudo concedemos-lhe ligeira attenção, e á noite não nos lembramos do que lêmos pela manhã!

Appareça Camillo Castello-Branco, tome este assumpto, que nos passou quasi despercebido, illumine-o com a feiticeira luz do seu admiravel estylo, e a local, transformada em livro, provocará as nossas lagrimas, não largará a cabeceira do nosso leito, ficará impressa para sempre na nossa memoria!

É Camillo Castello-Branco uma das provas mais notaveis do poder da eloquencia.

Os enredos dos seus romances pouco differem uns dos outros, mas por tal fórma os sabe narrar, tal é o vigor sempre rejuvenescido com que traça os seus quadros, que devoramos os seus livros á medida que elles vão apparecendo, com interesse sempre crescente, com enthusiasmo sempre maior.

É ainda um amor contrariado pela vontade pa-

ternal o assumpto da *Agulha em palheiro*. Mas como o interesse suscitado pelas mais complicadas peripecias é pequeno, junto do que excita a narração d'esta singela aventura! As *Madonas* de Raphael não são as variações d'um mesmo assumpto, e não são apesar d'isso doze joias preciosas, cada uma d'ellas de inestimavel valia?

É porque a eloquencia com que o pintor d'Urbino nos traduz as differentes expressões do rosto angelical da Virgem Santa é immensa, é inexcedivel. A eloquencia de Camillo Castello-Branco não tem entre nós rival no genero que escolheu, e a *Agulha em palheiro* é um dos seus mais eloquentes romances.

Parece impossivel que titulo tão prosaico esconda tamanhos thesouros de poesia! Pois esconde! E a meu vér o titulo tem um tão grande alcance, alcance em que não pensou o proprio auctor, que me parece que todos os seus livros deviam ter titulo identico. Effectivamente com as tendencias da eschola que entre nós campeia, moldando-se pelo *realismo* francez, e copiando linguagem e estylo (?) dos modernos escriptores da patria de Balzac, as formosas e vernaculas paginas de Camillo Castello-Branco estão sendo agulhas no palheiro da nossa litteratura.

ARNALDO GAMA

No campo vastissimo do romance escolheu este escriptor o genero do romance historico, para onde o impellem incontestavelmente a sua vocação, e a indole dos trabalhos, a que de preferencia se entrega. Enthusiasta dos estudos historicos, Arnaldo Gama revolve o pó das bibliothecas, e compraz-se em fazer surgir as gerações extinctas do seu tumulo, taes quaes ellas existiam no mundo, quando a morte as surprehendeu. D'uma consciencia litteraria escrupulosissima, Arnaldo Gama não dá á luz um romance, sem se ter compenetrado perfeitamente do espirito, da legislação, dos costumes, da indole das eras, que pretende retratar. Confessemos comtudo que esta preocupação o absorve exclusivamente, e que julga tudo o mais d'uma frivolidade incompativel com a

elevação do fim a que aspira, fim
já disse, senão a reproducção per
do passado. Lendo-se os ultimos
Gama (como podem imaginar,
ptor no estado de desenvolvim
talento chegou) parece que se
mens d'outros tempos, animados
que os dominavam, debaixo da
mos preconceitos, fallando a mes
vestidos do mesmo trajar. Panora
não será facil encontral-os.

Em compensação este notave
cura bastante o que diz respeito
a minima importancia ao que pôd
se e agitar o animo dos leitores.
guagem, agradavel a sua narrati
enthusiasmo, o calor do estylo;
poesia, mas o poeta é quasi sem
analysador historico, e o prazer
resultado das suas investigações
tantes vezes a correcção da frase,
qualidade, que consiste em arred
em prender a attenção, e em con
a harmoniosa musica das palavras.

Isto, se prejudica um tanto
conceito dos compradores, só ao ue leve macula a
belleza d'esses monumentos, que Arnaldo Gama eri-
gio, taes como o *Segredo do Abbade*, e principalmen-
te a *Ultima Dona de S. Nicolau*, romances sobre que
versam os dois juizos que se seguem.

**O segredo do Abade — A ultima Dona
de S. Nicolau.**

I

A acção do primeiro romance passa-se no tempo da guerra peninsular; mina mais fertil e mais explorada não a ha decerto. Apressemos-nos comtudo em acrescentar que o romance historico, cuja patria, para assim dizer, devêra ser Portugal, tem abandonado não só esta mas todas as outras minas, que se lhe deparam no vasto campo das nossas chronicas nacionaes.

A patria do romance historico devêra ter sido Portugal! Esta é a verdade, ou pelo menos é esta a minha arraigada convicção.

Poucas nações teem tido, como a portugueza, uma existencia tão aventureira! Poucas teem na sua historia tantos episodios dramaticos! Para o romance legendario temos na idade media inexhaurivel thesouro de assumptos. A poesia popular povoou de tradições ridentes ou sombrias, os velhos alcaçares moiriscos, e as arruinadas torres gothicas do Minho e da Beira. Não é mais fertil o Rheno em lendas e contos; e sobre as aguas cristallinas das fontes portuguezas debruçam-se tantas fadas gentis penteando as negras madeixas, como *Willis* dançam aos raios da lua nas clareiras das florestas allemãs.

Para o romance maritimo nenhuma nação nos

disputa de certo a primazia. Marryat e Cooper dariam graças a Deus se elle os tivesse feito nascer em Portugal.

Cooper, se fosse portuguez, não só escreveria obras primas superiores ao *Piloto*, mas escrevel-as-hia também decerto superiores ao *Ultimo dos Mohicanos*. Nathaniel Bempo seria ainda um typo mais perfeito no meio das *bandeiras* dos heroicos Paulistas, do que servindo de guia aos batalhões friamente disciplinados do exercito inglez. O esplendido pincel, que reproduziu tão magistralmente o admiravel scenario das florestas virgens da America do Norte, com mais prazer descreveria a opulenta vegetação brasileira, e a região bemfadada, que o sol acaricia, fazendo brotar o diamante nas entranhas da terra, a flôr á superficie, e nos ares o colibri.

E sem fallarmos na India e nas guerras da independencia contra os hespanhoes, atravessando rapidamente esse campo tão fertil, no meio do qual campeia o vulto magestoso do marquez de Pombal, cheguemos ao principio d'este seculo, contemplemos essa geração, que foi apenas a dos nossos avós, mas que se nos figura uma geração de gigantes, tal foi a grandeza épica dos feitos que então se praticaram.

O vendaval revolucionario, que ao desprender-se arrasou os muros da Bastilha, correu pela Europa inteira, erguendo as ondas revoltas do immenso mar das nações. A tempestade das idéas, consubstanciada depois n'um homem extraordinario, Napoleão, o genio da procella, concitou os povos, e não houve um só, por mais adormecido que estivesse,

a quem não despertasse a aza ardente da tormenta. A Europa transformou-se em vortice espumante, e as vagas populares, empinando-se furiosas ao açoite do latego republicano, e do gladio imperial, brami-ram furiosas durante vinte e cinco annos, correram de baldão em baldão até irem rebentar nos rochedos de Santa Helena, e alastrarem-se a final prostra das pelo cansaço, mas ainda ameaçadoras. Durante vinte e cinco annos a Europa espraizou-se por fóra do leito, que lhe cavára o antigo regimen, e, quando os monarchas quizeram fazer voltar para dentro dos limites costumados o caudaloso Nilo que trasbordára, responderam por toda a parte ás suas pretenções anachronicas as revoluções liberaes, a insurreição popular.

Em Hespanha e Portugal foi que se sentiu principalmente a consequencia benefica do medonho cataclysmo. Na peninsula o povo viu-se entregue a si mesmo. Conheceu a sua propria força. A independencia nacional foi elle quem a defendeu. Carlos iv em vergonhoso e voluntario captiveiro, João vi em vergonhoso e voluntario exilio assignaram indirectamente a abdicação do poder absoluto. O povo hespanhol, e o povo portuguez, ambos escravos nas suas terras, viram-se de repente encarregados de as defender contra o estrangeiro. Cumpriram nobremente o encargo. Firmaram com o seu sangue a carta de alforria. E quando os monarchas, desassombrados alfim do pavor que Napoleão lhes inspirava, tentaram rasgal-a, respondeu-lhes o grito de liberdade, que partiu de Cadiz e do Porto. Foi necessario, ó

vergonha ! que os mesmos soldados que, hasteando a bandeira tricolor, tinham encerrado o rei de Hespanha em Compiègne, e obrigado a fugir de Lisboa o rei de Portugal, viessem, hasteando a bandeira branca, e disfarçando mal o sorriso de escarneo, sustentar o throno de Fernando vii, e o throno de D. João vi. Oh ! como os hespanhoes deviam amar o seu monarcha, que lhes pagava Saragoça com Trocadero !

Em epochas assim fervem os assumptos de romance historico. Um povo, cujas paixões estão concitadas em supremo gráo, um povo heroico, exaggerado, brutal na defesa da sua nacionalidade, é digno do estudo do romancista. Em cada peleja obscura, em cada emboscada ha um episodio dramatico. Em epochas assim, em epochas tempestuosas, o campo da historia está alastrado de heroes e de bandidos, de vultos excepcionaes ou no bem ou no mal, que lhe cospem as ondas agitadas. A hypocrisia, que pinta com tinta uniforme todas as faces em tempos normaes, foge espavorida do estridor das armas. Todos se revelam como realmente são. Fartar, fartar, romancistas !

Nos outros paizes a guerra era entre os exercitos; o povo acolhia indifferente os soldados dos dois campos; aboletava-os com rosto igualmente sereno. Em Portugal e Hespanha não. O exercito era o povo. Todos entravam na contenda. O sentimento do odio ao estrangeiro lavrava nas entranhas do mais boçal aldeão.

Parece-me que o snr. Arnaldo Gama bosquejou perfeitamente o character d'essa epocha. O seu roman-

ce seria um quadro perfeito, se de vez em quando côres banalmente melodramaticas o não desfigurassem. A galeria dos seus personagens é magnifica, e estes são tão perfeitamente do seu tempo, que o typo de fr. Lopo, o frade infallivelmente melodramatico dos romances historicos portuguezes destôa, de um modo verdadeiramente desagradavel.

Porphyrio Caetano, Matheus Simão, D. Gonçalo, Duarte Pinheiro são typos bem traçados. Vivem, agitam-se na tela.

D. Leonor e Thereza são duas figuras primorosas. O orgulho satanico da fidalga contrasta de um modo magistral com a timidez angelica da esposa de Duarte Pinheiro. A scena em que o romancista as põe frente a frente, bastaria para dar ao snr. Arnaldo Gama foros de escriptor muito notavel, de um dos mais notaveis da nossa terra no genero romance.

O snr. Arnaldo Gama tem a habilidade de interessar o leitor, habilidade rarissima n'este paiz, em que os romancistas despresam completamente o entrecho, e sacrificam, ao prazer de fazer estylo, o prazer que os leitores sentiriam em ouvir contar uma historia interessante. O romancista deve ser primeiro que tudo narrador, e narrador que entretenha. O enredo não é simplesmente um pretexto para apresentar um typo bem desenhado, ou para mostrar os recursos do estylista. Este desprezo, que os romancistas nacionaes, em geral, affectam pela combinação dos lances, justifica a preferencia que o publico

dá ás traducções dos romances estrangeiros. Se estes entreteem-n'o !

O snr. Arnaldo Gama possui o condão de narrador ! Pena é, como já disse, que, tendo aliás originalidade, se não exima das molas melodramaticas, tão gastas e tão dignas de nem se terem chegado a gastar. Ah ! porque é que o auctor dos bellos capitulos que se intitulam *O viajante*, *Scenas imprevistas*, *O morgado de Cerzedello*, *A mulher que amava Duarte*, *Dies iræ*, *O ciume da mulher soberba* escreveu tambem esses dois capitulos *Revelações de Fr. Lopo*, e o *Antro de Lobis-homem* ? porque foi que o escriptor, que soube traçar typos e lances tão deliciosos, traçou ao mesmo tempo esses typos de doidos, que andam a monte, e essa familia de mulheres seduzidas, e filhas encobertas ?

Comtudo taes defeitos não passam de ser o senão da mulher formosa.

A linguagem é quasi sempre fluente, o estylo suave e agradável, matisado muitas vezes de imagens lindissimas.

O snr. Arnaldo é, repito, um fluente narrador. Não tem decerto a vigorosa correcção de Camillo Castello-Branco, mas tem em compensação uma sin-geleza agradável. Parece comtudo ás vezes que o snr. Arnaldo Gama aspira a não ser singelo, introduzindo nos seus bonitos periodos termos de máo gosto, que não dizem com o seu estylo natural. A palavra, que lhe occorre espontaneamente para exprimir uma idéa, é sempre boa; não succede o mesmo ás palavras que se vê que procura de proposito. Es-

tas ultimas são por exemplo *acachoar*, *pinguissimo*, superlativo pouco gracioso, que o leitor dispensaria decerto.

Não mencionaria estas pequenas coisas, tratando d'obra de tamanho vulto como é o *Segredo do Abbade*, se não fossem symptomas da tendencia, que mostram em geral os escriptores do norte para uma affectação, que não prova vernaculidade nem classicismo; porque os bons classicos e os verdadeiros escriptores vernaculos são primeiro que tudo singelos e desaffectedados.

Esta tendencia, ainda assim, é quasi imperceptivel em Arnaldo Gama.

Terminarei rectificando um ligeiro lapso historico, que, n'uma das boas notas do seu bello livro, escapou ao romancista portuense.

O snr. Arnaldo Gama dá na nota iv a Marquez d'Alorna, e condessa d'Oyenhausen, a célebre poetisa, como esposa do general marquez d'Alorna. Não é assim.

Como se vê na biographia, que precede as obras poeticas d'Alcippe, D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre era esposa de Carlos Augusto, conde d'Oyenhausen, filha de D. João d'Almeida Portugal, 2.º marquez d'Alorna, e 4.º conde d'Assumar, e irmã de D. Pedro d'Almeida Portugal, 3.º marquez d'Alorna, e 5.º conde d'Assumar, a quem succedeu nos seus titulos, por elle ter morrido sem deixar successão. A esposa do marquez era D. Henriqueta da Cunha, filha dos condes de S. Vicente. É provavel que fosse esta senhora, e não a futura marquez,

ainda então apenas condessa d'Oyenhausen, a condemnada pelos tribunaes portuguezes.

Lapso pequeno, que o snr. Arnaldo Gama na 2.^a edição do seu livro (porque a deve e ha de ter) rectificará, depois de se ter assegurado que me não enganei.

II

A missão do romancista historico, quando este possue engenho capaz de a perceber e cumprir, é talvez mais grandiosa, mais sublime do que a do proprio historiador. Ambos estudam o passado, ambos arrancam os espectros das gerações extinctas do seu tumulto secular, mas o historiador estende o cadaver na meza anatomica, explora-lhe com o escalpello os mysterios do organismo, e investiga e explica o modo como o fluido vital fazia jogar essas molas, que a morte despedaçou, e cujos segredos o tempo obliterára. O romancista tem de se entregar ás mesmas pesquisas, mas não se contenta depois em explicar friamente os arcanos, que surprehendeu; galvanisa o cadaver, restitue-lhe o movimento, põe-lhe em jogo os musculos, veste-o com as roupas appropriadas, e o leitor, espantado e enlevado, vê passar por diante de si não o esqueleto hirto e gélido, mas o corpo animado com o calor da vida, com o fogo das paixões, que o animára, que o abrasára outr'ora.

É muito mais difficil escrever um perfeito ro-

mance historico, do que uma historia perfeita. O estudo consciencioso da epocha é indispensavel tanto ao historiador, como ao romancista, mas o primeiro cumpriu a sua missão, expondo claramente os resultados que colheu, e comprehendendo e fazendo comprehendere o caracter generico de uma determinada era. O segundo, além d'isto, vê-se obrigado a analysar a influencia da organização social do passado nas paixões, nos costumes, na vida domestica de cada um dos individuos d'essa geração, que o historiador estudou em globo, e que o romancista tem de estudar nas suas mais insignificantes fracções.

O publico, lendo com avidez os primorosos romances, em que o genio admiravel de Walter Scott reproduzia com vivissimo colorido os animados quadros do viver anterior da sua patria, seduziu os escriptores litterarios a seguirem as pisadas do bardo caledonio, e a procurarem no passado os meios de excitarem a curiosidade e o interesse. A idade média com as suas vivas e ingenuas crenças, com o desenfreamento das suas paixões, com o seu caracter essencialmente aventureiro; a indole especial dos montanhezes da Escocia, a poesia rude e singela dos seus costumes; a epopéa tão fertil em episodios das desgraças dos Stuarts, tudo isto narrado pelo feiticeiro estylo do poeta de Abbotsford, era tanto do gosto dos leitores, prestava-se tanto ás peripecias interessantes, e ás descripções attrahentes, que o publico devorou os saborosos manjares, com que o presenteava Scott, e onde o substancial tão facilmente se escondia nos refolhos do agradável.

Os triumphos do romancista escocez deslumbra-ram a phalange litteraria. Todos quizeram colher identicos louros, ser coroados no mesmo Capitolio, poucos se sujeitaram a supportar as fadigas e a affrontar o tédio, com que se preparam as victorias, de que são recompensa estas ovações. Explorando cuidadosamente as minas da historia, encontrava Walter Scott o oiro bom, que deslumbra o publico. Mas que trabalho insano! E d'esse trabalho quaes eram os resultados? Capitulos, que a maioria dos leitores saltava para ir procurar o fio da narrativa curiosa.

O que excitava o interesse, o que promovia o successo não era a verdade dos retratos, não era a resurreição perfeita da epoca, era a apparição d'esses vultos extraordinarios, para que seriam mesquinhas as telas da actualidade, era a narração d'essas poeticas aventuras, a que não podem assistir os membros da geração prosaica, que vive n'este seculo das conveniencias. Genio extraordinario, que o mercantilismo reduziu a proporções menos collossaes do que as que poderia ter, Alexandre Dumas arrojou-se afôitadamente pela senda do romancista da Escocia, e tomando por thema de infinitas variações a indole das differentes épocas, que elle não estudava mas adivinhava, bordou na tela da historia ficções a qual mais engenhosa, embellezadas com quantos labores e matizes lhe proporcionava a sua opulenta phantasia, e o seu engenho verdadeiramente descommunal. Esta feiticeira degeneração do romance historico foi acolhida com dobrado ênthusiasmo pelo publico. O successo incrivel da longa epopéa dos *Mosqueteiros*,

e das interminaveis *Memorias d'um medico* justificaram o arrojo do escriptor; as innumerables bellezas litterarias d'estes livros, a felicidade com que esse talento privilegiado apanhava de relance, e esboçava em dois traços as feições characteristics d'uma epoca, desculpam um pouco aos olhos dos bons apreciadores os desvarios do escriptor prodigioso.

Depois o romance historico foi continuando a resvalar pela perigosa ladeira, para onde o impellira Dumas. Que importava isso aos romancistas, se o genero, quanto mais se despenhava, maior sulco de oiro ia deixando após si? O que importava a degeneração aos leitores, se as peripecias se iam tornando cada vez mais impossiveis, e por conseguinte mais curiosas? As *phantasiadas* mas *phantasiosas* narrações de Dumas succediam as lucubrações abstrusas de espiritos enfermos. Hoje a imaginação assusta-se ao contemplar o caminho percorrido pelo romance historico, a immensa distancia que separa Ponson du Terrail de Walter Scott, os *Cavalleiros da noite de Quintino Durward*!

O romance historico nunca deveria ser frivola armadilha á curiosidade dos leitores! É mais séria, é mais elevada a sua missão! É mais séria, é mais elevada a missão da litteratura em geral! Romance, em que apenas se farte a curiosidade, póde ser um bom negocio, nunca um bom livro. Romance historico, em que o escriptor procure apenas ensejo para inventar peripecias monstruosas, e apresentar heroes de vinte braços, será também um bom negocio, mas além de ser um máo livro, é uma acção má, é en-

venenar as fontes puras da historia, é desinstruir os leitores, é derrubar com o seu desastrado alvião o edificio do passado, que outros se empenham com porfiado trabalho em fazer surgir magestoso do pó dos seculos, e da escuridão das chronicas.

O livro de que tratamos é um magnifico protesto contra a degeneração do romance historico. Talvez me objectem que se vai de extremo a extremo, e que o snr. Arnaldo Gama é demasiadamente parco em fazer o indispensavel sacrificio nos altares da frivolidade. Responderei que, se a *Ultima Dona de S. Nicolau* não é d'estes romances, com que se enlevam habitualmente a maioria dos leitores, é em compensação o mais completo e bem acabado quadro, que se póde imaginar do viver portuense no seculo decimoquinto. Feliz defeito, que se transforma em origem de tão brilhante qualidade !

É a *Ultima Dona de S. Nicolau* um d'estes romances, que valem tanto pelo lado da investigação historica, como os mais bem acabados livros, cujo intuito fosse unicamente esse, e que juntam a tão notavel merecimento o de serem admiraveis telas, de onde parecem resaltar os personagens, que o pintor desenhou e coloriu com felicissimo pincel. Sente-se n'aquellas formosas paginas o trabalho conscienciosissimo, mas despidido de todo o pedantismo. Aquelle edificio foi construido cuidadosamente, mas o architecto fez desaparecer rapidamente os andaimes, de fórma que o leitor abrange de relance a magestosa perspectiva, e póde julgar até que nada ha mais facil do que levantar estas moles, ou que ellas

surgem do chão n'uma noite, como os palacios dos contos orientaes. Para os estudiosos, para os que desejam assistir a estes trabalhos, collocou o auctor no fim do volume eruditissimas notas, onde se podem seguir passo a passo as suas laboriosas investigações.

Não esqueceu ao snr. Arnaldo Gama um só dos vultos que, reunidos em galeria, podiam dar perfeita idéa dos portuenses do seculo xv. N'este quadro magnifico apparecem todas as figuras principaes, e todas desenhadas com um primor, e copiadas com uma tal perfeição que, honrando a consciencia do investigador, não desluzem tambem o merecimento do artista. As instituições da cidade apparecem, ornando o fundo do quadro, e completando por esta fórma a perfeita reproducção do viver e crêr d'aquella época. O episodio historico, que serve de pretexto á evocação dos homens e dos costumes d'esse tempo, vem narrado com vivas côres, e é posto em scena com perfeição dramatica. Vê-se que a phantasia do snr. Arnaldo Gama sabe desprender das sêccas e ingenuas narrações officiaes dos escrivães de 1474 o animado panorama, que elles photographaram toscamente, mas vê-se tambem que o romancista portuense não consente que se lhe desvaire a imaginação a ponto de desfigurar os factos verdadeiros, e de os diluir em peripecias muito de arrastar os leitores, e de despenhar a historia por esses precipicios virentes e floridos, por onde a levam os romancistas da escola de Dumas.

Estou pois intimamente convencido de que a *Ultima Dona de S. Nicolau* é um livro, com que o

Porto se deve ufanar, e que basta por si só para illustrar o nome do snr. Arnaldo Gama.

Mas se este escriptor tem um verdadeiro talento dramatico, se sabe animar a narrativa, e dar interesse á peripecia, porque acolhi eu sem reparos a objecção, que suppuz se faria a esta obra de ser mais estudo historico do que romance?

Porque me parece que essas mesmas brilhantes qualidades, que tornam o livro inestimavel como quadro completo d'uma epoca, o prejudicam como narrativa romantica. Porque a acção affrouxa forçosamente com os innumeraveis episodios, trazidos na intenção de apresentar ao leitor as differentes faces da vida portuense n'essa idade. Porque os mais perfeitos capitulos da *Ultima Dona de S. Nicolau* não se prendem estreitamente com a acção principal. Porque Walter Scott teria feito quatro romances com os apontamentos reunidos pelo snr. Arnaldo Gama para um só. Porque o enredo é apenas um laço que liga uns aos outros os differentes episodios, um pretexto para formarem grupo os personagens d'esse seculo. Porque o romancista subjuga demasiadamente a parte dramatica á parte narrativa. Porque emfim não era possivel fazer-se n'um só romance um quadro tão perfeito, tão completo d'uma epoca, sem o interesse perder com a demasiada extensão de tela.

Só um pequeno cyclo, o das tentativas da restauração dos Stuarts, deu a Walter Scott assumpto para uns poucos de romances, que se completam uns aos outros, e que dão ao leitor uma idéa perfeita da Escocia n'esse tempo, sem que as differentes narra-

tivas percam o interesse, que as torna queridas da maioria dos leitores.

Isto, em quanto a mim, em nada diminue o notabilissimo merecimento do livro do snr. Arnaldo Gama. O talentoso escriptor tinha a escolher entre dois caminhos, o de fazer um quadro historico, onde a vista abrangesse de relance as minimas particularidades da vida de uma geração, e o de fazer uma narrativa abundantissima em peripecias, em que entrasse a expulsão de Ruy Pereira, como a execução de Porteous na *Prisão de Edimburgo* de Walter Scott, tantas vezes citado n'este folhetim. Escolheu o snr. Arnaldo Gama o primeiro. Aspirou a um fim determinado, e conseguiu-o. Que mais póde a critica exigir? Que mais póde fazer, depois de ter citado levemente algumas incorrecções de fórma, e a abundancia talvez desnecessaria dos archaismos, se não admirar a perfeição do quadro, e assegurar ao snr. Arnaldo Gama que o seu livro está destinado a ter, não uma voga passageira, mas um successo duradouro?

Nada mais, e, fazendo isso, cumpriu o seu dever.



THEOPHILUS BRAGA

Surgiu ha pouco tempo no horisonte litterario do nosso paiz este escriptor, cuja estreia altamente promettedora foi saudada com enthusiasmo pelo publico e pela imprensa. Queira Deus que elle não desfolhe ao sopro da aragem propicia, que lhe sorri, a flôr do seu talento ainda em botão, e que não dissipe loucamente em prematuras prodigalidades a sua opulencia intellectual. A brisa da primavera, que vai colher, affagando-as, na ramaria do laranjal as candidas flores que o adornam, assassina os fructos saborosos em que ellas depois viriam a transformar-se. Feliz a arvore prudente que se furta ás caricias da tepida viração dos floreos mezes, porque ha-de na estação fructifera fazer a alegria do colono.

Vivissima imaginação, e uma erudição precoce taes são os notaveis dotes do juvenil auctor da *Visão dos Tempos* e das *Tempestades sonoras*. Irreflexão e impaciencia de produzir eis os defeitos, que estão actualmente ameaçando o futuro litterario d'um poeta, que tão brilhantemente se estreiou com os dois livros acima citados. Nos romances, que tem publicado nos jornaes, e em differentes artigos de critica litteraria e de phylosophia da historia, estão-se revelando as tendencias d'aquelle talento fogoso para se arrojar n'um vôo a eminencias, onde a vertigem se apodera do seu espirito, e lhe mostra panoramas nebulosos, que expõe com uma falta de lucidez, que em vão procura disfarçar com os esplendores d'um estylo, em que se revela todo o vigor da sua imaginação, mas tambem toda a inexperiencia de quem não sabe ainda revestir as idéas das roupagens que lhes são proprias.

Este irreflectido arrojo, esta audacia de navegante, que se aventura sem bussola em mares onde grandes tormentas salteiam os mais experimentados pilotos, fazem com que o leitor ande muitas vezes á toa pelas multiplicadas e diversissimas paragens, aonde o guia este desordenado engenho. Já era para notar esse defeito nos dois livros, aliás primorosos, que deram a Theophilo Braga a merecida reputação de que hoje gosa. Facil desculpa obtinha essa incerteza de talento balbuciante no rumo que ha-de seguir, deslumbrado pelos esplendores, que de todos os pontos o attrahem. É tempo de acabar com essa hesitação. Escolha o caminho, oriente-se pela estrella

*

sua predilecta, e marche serena e intrepidamente, porque a sua elevadissima intelligencia facilmente o ajudará a derrubar todos os obstaculos, que se lhe opposerem, mas tenha a final uma individualidade, e permitta-nos que o comprehendâmos, que possâmos estudar as suas idéas, de que nos dá apenas multiplicados mas rapidissimos lampejos. Fusilem embora incessantemente os relampagos, não basta a sua pallida luz para dissipar as trevas da noite; mas surja o sol e fugirão as sombras.

Basta de esbocetos. Já conhecemos as prodigiosas qualidades de tão vigoroso pincel. Venha o quadro justificar o horoscopo feliz.

Cumpri o meu dever, saudando entusiasticamente as brilhantissimas estreias de Theophilo Braga; cumpro-o tambem agora advertindo-o dos perniciosos symptomas, que nos estão revelando as funestas hesitações do seu talento.

Janeiro de 1865.

Visão dos tempos — Tempestades seguras.**I**

O nosso paiz é fértil em talentos, e principalmente em talentos poeticos. O puro sol do nosso firmamento, se é para com o torrão de Portugal prodigo de fecundantes caricias, se a sua benefica influencia faz pullular amplas messes do seio da terra, tambem incendeia com igual carinho as nossas imaginações meridionaes, e concede com prodigalidade o fogo sagrado aos filhos d'este cantinho da Europa, tão seu predilecto. Um escriptor classico diria que somos os validos de Apollo, e que lhe merecemos os desvelos, quer elle percorra o Olympo no seu carro chammejante, quer se ostente magestoso, entre os coros das nove irmãs, nos verdejantes cumes do Parnaso.

Será este valimento devido á devoção ardente, com que os nossos antepassados, que a natureza collocára junto do seu tumulo, foram em romaria guerreira procural-o, para o saudarem, ás regiões onde elle tinha o roseo berço? Não o sei, e, sem me extraviar mais por este labyrintho mythologico em que me metti, concluirei dizendo que a verdade é que os talentos poeticos abundam, e abundam muito em Portugal.

Ha muito tempo, porém, que se não revelava um talento caracteristico, uma individualidade vigorosa, que, desviando-se da senda por onde caminhava a compacta legião dos nossos poetas, seguindo es-

crupulosamente as pisadas dos mestres, abrisse uma vereda nova, e imprimisse o cunho da originalidade nas producções do seu genio. Eram valorosos os soldados d'esta cruzada, mas agrupavam-se em torno de pendões conhecidos, e arvorados pelas mãos gloriosas dos mestres da renascença litteraria. Combatiam com impeto, com valor, com successo, mas sem desfitarem os olhos do estandarte que tremulava victorioso, e cujas pregas illuminava o deslumbrante esplendor do sol da gloria.

Um joven poeta açoriano, cuja brilhantissima estreia saúdo agora, encetou a sua carreira com um arrojio que o seu admiravel talento justificava, e logo, no seu primeiro livro, mostrou as mais elevadas aspirações, aspirações de um genio que se não compraz nas sendas já trilhadas, e que procura espaço, ainda não sulcado, onde possa desprender á vontade o seu vôo, que já se denuncia tão energico e vigoroso.

O poeta chama-se Theophilo Braga, o livro intitula-se a *Visão dos tempos*.

A idéa, que presidiu á concepção da *Visão dos tempos*, é uma idéa tão audaz, que é já grande gloria para o poeta tentar a sua realisação, ainda que a não podesse levar ao cabo. Isso era impossivel. Parece-me que não cabe nas forças de um poeta só.

Reproduzir na tela de um poema as differentes scenas do quadro cambiante da historia da humanidade, mas reproduzil-as como observador e não como actor, descrevendo-as, e não fazendo-as reviver em si proprio, pintando a sua differente physionomia, e não caracterisando-se a si mesmo com as fei-

ções de cada uma das épocas, debruçando-se elle, poeta do século XIX, sobre o abysmo das idades, e mostrando-nos quaes eram as paixões, os sentimentos d'esses phantasmas que tumultuavam, revoluteando em turbilhão, no fundo do precipicio vertiginoso, e não pondo sobre o rosto, como successivas mascarar, os semblantes das figuras que nos mostra, tal foi a idéa, já immensamente arrojada, de Victor Hugo, quando traçou a epopéa colossal, a que deu o nome de *Lenda dos seculos*. Elle mesmo confessou comtudo que a obra ficára incompleta, e que esses dois admiraveis volumes não eram senão o peristyllo do edificio que elle ha de findar um dia !

Mas a idéa do sr. Theophilo Braga foi mil vezes mais ousada. Admittindo que a poesia tem tido tres phases principaes, a poesia grega, a poesia hebraica, e a poesia christã, o poeta açoriano quiz-nos fazer sentir, quiz-nos fazer palpar cada uma d'estas tres grandiosas manifestações. Quiz fazer vibrar successivamente as cordas da lyra de Anacreonte, as da harpa de Jeremias, e as do alaúde de Lamartine. Quiz sentar-se, coroadado de rosas, no banquete pagão; quiz, escondido por de traz dos hombros dos juizes trémulos de voluptuosidade, contemplar a lasciva attitude, as fôrmas provocadoras, a esplendida formosura da impudica Phryne; quiz ouvir, debaixo dos pampanos de Chio, as sublimes canções do velho cantor da *Iliada*; quiz provar o leite e o mel da hospitalidade antiga, e, esquecido da actualidade, entoar tambem um cantico em louvor dos deuses do Olympo. E, logo depois, apenas tivesse vibrado a ul-

tima nota do hymno mythologico, quiz revestir a tunica do propheta, empunhar a harpa das tristezas, debruçar-se sobre os rios de Babylonia, ou sentar-se, ao lado do Evangelista, no rochedo escaldado de Pathmos. E, sem repousar na sua peregrinação poetica, quiz percorrer triste e solitario as ruinas dos mosteiros, aspirar a sublime melancolia do claustro abandonado; quiz evocar na imaginação as sombras dos ascetas, conhecer o mysterio dos seus extasis, a poesia das suas vigílias, e perguntar á brisa que geme na solidão dos corredores lageados, o segredo das visões de Savonarola, e dos arroubamentos de The-reza de Jesus! Quiz ser um, e ser tres. Quiz ser o lascivo cantor da Grecia, o austero propheta hebraico, o meigo poeta christão! Idéa mais arrojada não a ha de certo, talento mais talhado para a realisar seria difficil encontral-o entre nós.

Está claro que o não conseguiu completamente, mas conseguiu-o em parte, e, dizendo isto, faço o elogio do poeta. Na *Bacchante* principalmente, a primeira das tres partes, de que o livro consta, foi felicissimo o snr. Theophilo Braga. É perfeitamente um poeta grego, e será difficil impregnar-se melhor no tom d'aquella litteratura, conhecê-la tanto a fundo, e possuir-se tão perfeitamente do assumpto que tratou.

Amphinomo, o gentil cantor, que, nas meigas horas da noite, desferia na prôa da nave grega as doces canções, cuja melodia tinha por suave acompanhamento o marulhar das leves ondasinhas azues do mar Egeu, é um typo devêras hellenico, é

uma d'aquellas graciosas physionomias de adolescente, de formosas e correctas feições, de longos cabellos annellados, que tantas vezes nos apparecem nas pequeninas odes de Anacreonte. Euryalo, o antiste, é uma nobre figura do ancião d'aquellas eras, tendo não sei que longes de semelhança com a veneravel figura do pae da Cymodoce dos *Martyres*, tão perfeitamente desenhada pelo immortal Chateaubriand.

Em todo aquelle delicioso poemeto respira-se o ar puro da graciôsa Héllade, da Héllade gentil, que o poeta evoca no principio com um enthusiasmo que bem prova que as predilecções do escriptor pertencem todas a essa terra bem fadada, a essa deusa tão formosa que surge, como elle proprio o diz, risonha e deslumbrante,

Do azul da vaga ionia.

Os episodios accumulam-se na *Bacchante*, e Theophilo Braga, tratando assumptos conhecidos, não teme competir com os maiores mestres da antiguidade. Assumptos mythologicos, que nas *Metamorphoses* de Ovidio estão tratados com a proficiencia, com a delicadeza, com o gosto do cantor sulmonense, trata-os de novo Theophilo Braga com um arrojo, a que não succede a quêda vergonhosa que se devêra esperar. O episodio de Semele, por exemplo, lê-se com gosto na *Bacchante*, mesmo depois de se admirarem os inimitaveis versos que Ovidio consagra a este assumpto.

As outras duas partes da *Visão dos tempos de-*

nominam-se uma — *Harpa de Israel*, a outra — *Rosa mystica*. O poeta não desmaia de certo n'estas ultimas paginas do seu livro, mas o ousado emprehendedor de uma tarefa sobre-humana vê-se obrigado a arrojá-la a carga de cima dos seus hombros, e a confessar-se finalmente vencido. A *Harpa de Israel* tem assumptos biblicos, mas assumptos biblicos tratados por um poeta moderno. Antes assim, porque o lyrisimo das poesias, que a compõem, lucrou muito com a liberdade de movimentos do poeta, e de certo, se Theophilo Braga se restringisse á imitação dos modêlos hebraicos, não encontraria o segredo da delicadissima idéa da poesia, a que deu o titulo de *Stella matutina*. Na poesia *Ave Stella*, escripta no estylo imaginoso do Apocalypse, sente-se, comtudo, o sopro da inspiração moderna, e são idéas de um poeta da actualidade as que se envolvem no manto riquissimo da phantasia hebraica.

Já vêem, pois, os meus leitores que Theophilo Braga é um vulto muito notavel, destinado a occupar um lugar eminente entre os nossos escriptores, e, o que é talvez melhor ainda, um lugar á parte. Ha de lhe comtudo custar a conquistar a popularidade, porque, como muito bem disse um escriptor que no *Seculo xix*, jornal de Penafiel, analysou a *Visão dos tempos*, falta-lhe publico. Portugal não é grande bastante para que cada poeta tenha um publico especial. É necessario agradar a um só, cujo gosto e instrucção não estão incontestavelmente á altura do genio de Theophilo Braga. Se a litteratura portugueza occupasse um lugar determinado e fixo

na litteratura europêa, se as lucubrações dos nossos genios podessem ser apreciadas pelos estrangeiros, Theophilo Braga seria de certo, em o seu talento se aperfeiçoando mais, um dos que chamariam a attenção do publico illustrado da Europa.

II

Que esplendida, que opulenta primavera não é a de Theophilo Braga! Que delirio de seiva não ferve dentro d'aquella arvore de benção, que se desata a um tempo em fructo e em flor, fructo de carnuda polpa, flor de colorida petala! Que exuberancia de vida, e de imaginação, e d'erudição! Que desabrolhar de poesia! Que esplendor de aurora!

Como aquellas magnificas florestas da America do Sul, em que regurgita a seiva fecundada pelo sol, trasebordando, e brotando em ramaria intrincada, em vergonteas que se entrelaçam n'uma verdadeira loucura de vegetação, assim no espirito juvenil do snr. Theophilo Braga se atropella uma grande copia de idéas adquiridas, que, fecundadas pelo sol da imaginação do poeta, dão em resultado esses livros admiraveis, taes como a *Visão dos tempos*, e as *Tempestades sonoras*, em que o poeta, arrastado por esse feliz defeito da opulencia — a prodigalidade, arroja a flux pérolas e pérolas, que poderiam e deveriam formar talvez corôas mais artisticamente entrançadas.

Ali ha um vulcão de poesia em constante actividade; irrompem a cada passo d'aquelle espirito torrentes de lava, que elle não poderia represar talvez, ainda que o quizesse. Possue-se d'elle não sei que louco frenesi de inspiração, os dedos correm impacientes todas as cordas da lyra da humanidade; hoje é poeta grego, ámanhã biblico, depois christão, no outro dia romano, e a final indiatico. Novo doutor Fausto, viaja pelo mundo no manto de Mephistopheles. Theophilo Braga escreve para si, não escreve para o publico; tanto melhor para o publico se o ouve em certos assumptos, tanto peor se o ouve n'outros.

Theophilo Braga tem um não sei que de sibylla; falla emquanto a inspiração o tem prezo nas suas garras de fogo, cala-se quando a inspiração affrouxa. Isso vê-se principalmente nos seus artigos em prosa. Todos elles são antes fragmentos do que verdadeiramente artigos. Theophilo Braga está pensando, de repente e, por acaso, pensa em voz alta. Esse trecho, que elle pensou em voz alta, é o artigo que apparece continuado depois no seu espirito. D'essa continuação não tem conhecimento o publico. Isto em prosa é de certo um defeito, em verso desculpa-se mais. O vago, dentro de certos limites, não faz mal á poesia; como que a envolve n'um mysterio augusto.

O poema da *Bacchante* é formado como que de jorros de poesia hellenica; mas, permittam-me a classica metaphora, esses jorros são pura agua da Castalia.

No novo livro que publicou, e que se intitula *Tempestades sonoras*, segunda parte da *Visão dos tempos*, encontra-se já um pouco mais o artista. As *Ceias de Nero* formam, mesmo consideradas debaixo d'esse aspecto, um bellissimo poema.

As Ceias de Nero! Ah! temos nós a pérola do livro! Que profusão de lyrismo! Como o poeta se compenetrrou bem do espirito da epoca! como estudou Petronio, o cortezão devasso e satyrico, esse elegante Rabelais de uma epoca, em que o ridiculo é côr de sangue, e em que o latego, que o fustiga, toma por isso não sei que lugubre reflexo!

Parece-me que o snr. Theophilo Braga de nenhum genero de poesia se impregnou tão bem como da poesia grega. Já a *Bacchante* o demonstrára! Veio confirmal-o o poemeto das *Ceias de Nero!* A poesia romana não é senão um reflexo da poesia grega, e Petronio, ao rasgar as veias, entôa um verdadeiro cantico d'Anacreonte.

As Ceias de Nero! que admiravel, e que bem aproveitado assumpto! Que soberbo contraste o dos dois festins, o festim eucharistico do Ágape christão, o festim dissoluto do palacio dos Cesares!

Sim é esse, devia de ser esse um dos banquetes, que inspiraram a Petronio o sublime e pungente quadro do Festim de Trimalcião. Devia de ser essa a agonia de Roma. Entre o vinho espumoso, as mulheres pallidas de lascivia, as rosas desfolhadas, os manjares requintados, sente Nero o cançasso, a fadiga! Imperador! o mundo todo o sente! o mundo pagão, adorador de um culto, que perdeu já a

mystica poesia do primitivo symbolismo, e que passou a ser apenas a glorificação dos deleites materiaes, recosta-se junto dos altares dos seus deuses, sente na alma um vazio horrendo; a lingua, que lhe servio outr'ora para traduzir, imperfeitamente sim, a aspiração do seu espirito para Deus, perdeu toda a significação. O vago reflexo de ideal, que lhe doirava as crenças, sumiu-se, e os idolos vãos, a que sacrifica, prégam todos, com o exemplo, a satisfação infrene dos appetites materiaes. Mas a natureza humana protesta, de vez em quando, contra a bestialisação forçada a que a querem reduzir; uns procuram, como tu, inventar novos prazeres, novas orgias, cujos clamores abafem a voz do coração. Outros prestam o ouvido aos sectarios da nova crença, e vão augmentar as fileiras d'aquelles, que dão á humanidade os thesouros do seu espirito, e que entregam com indifferença ás feras esse corpo vil, que tu, imperador, adoras em ti, e que n'elles não é mais do que o ninho ephemero em terra estrangeira da alma, essa andorinha que espera anciosa a primavera do céu.

Nero, imagem e flagello da Roma pagã, recosta-se cheio de tédio á mesa do banquete. Nada mais póde inventar para erguer esse pezo enorme de aborrecimento que o esmaga! Nada mais? engano-me. Uns frouxos clarões começam a allumiar a um tempo os quatro cantos da cidade, depois vão estendendo a pouco e pouco os seus braços de fogo; afinal, soltando um rugido, apertam a si os edificios ingentes da cidade eterna, e envolvem o Forum n'um man-

to de chammas. E Nero, que vê, sorrindo-se, o mar-
more das torres e das estatuas tingir-se de reflexos
escarlates, brada : «Faço-te de novo rainha, ó Roma.
Eis a tua purpura.»

Sigámos n'este ponto a magnifica descripção do
snr. Theophilo Braga :

Pelas sombras

*De procellosa noite luz brilhante
A vista absorta cega. As labaredas
Já, famintas, no ar, rubras, fluctuam;
Era o incendio de Roma! A chamma indomita
Lambe por toda a parte, o estrago vóa,
Baqueam altas fabricas, por terra
Ruem torres enormes. O alarido
Da consternada plebe se mistura
Ao crepitar do fogo que a circunda!
As chammas vão do Caelio ao Palatino,
Como farpadas linguas de serpentes.
A flamma brilha d'entre o espesso fumo,
E coruscante lavra, e se derrama,
Madeixa loira e solta sobre o corpo
Da Meretriz das gentes. Brada insano
No ergastulo profundo o escravo; as grades
Vergam-lhe sob os dedos na ancia extrema!
No tumulto se esmagam, se atropellam.
Os monumentos inclytos desabam,
Cobrindo a multidão que tripudia.*

N'este poemeto ha uma vehemencia de lyrismo,
um tão perfeito tom da era, que nos espantam. Des-

de o aposento de Celia até á arena do Circo, Theophilo Braga nem um instante só sente affrouxar-lhe a imaginação.

Não desmentiria talvez Ovidio a descripção do aposento da dama romana, e da sua voluptuosa *toilette*. Intercalaria ufano Chateaubriand nos seus *Martyres* o canto, que se intitula as *Horas do Ágape*, e Eudoro não desdenharia contar a Cymodoce, depois dos seus combates contra os armoricanos, os combates do heróe de Theophilo Braga contra os lusitanos do monte Herminio. É esse effectivamente um dos mais bellos episodios do poemeto :

*Ao outro dia, á luz do sol que nasce,
Cahindo a jorros do alcantil dos montes,
Achei por terra as legiões romanas
Sobre as cruentas fragas. No destroço
Fiquei tambem, perdido, extenuado.
Senti a raiva, o opprobrio da ruina!
Ao vir da noite negra, a todo o custo
Ergui-me ás roucas vozes dos abutres,
Pairando sobre as cryptas escavadas
Dos fraguados do Herminio.*

Comtudo n'esta mesma descripção encontrarei, parece-me, um anachronismo. Póde-se suppor, que Licinio, o cavalleiro romano do tempo de Nero, diga :

*Era a ondina do nevoeiro
Era a fada que scisma divagando?
Supponho que não.*

O *Festim de Trimalcião* produz no leitor o effeito do episodio do *Satyricon* de Petronio, que dá o nome ao canto de Theophilo Braga, misturado com a impressão voluptuosa de alguma das elegias delirantes dos *Amores* d'Ovidio. É aquella verdadeiramente a Roma agonisante. Como Petronio, o devasso historiador da devassidão, tambem Rôma tem as veias rasgadas, e esmorece no seio da volupia, empunhando a taça de falerno.

Deixando-se arrastar pela sua erudição, continúa o snr. Theophilo Braga a evocar todas as litteraturas. Mostra conhecê-las a fundo, mas, por Deus, o snr. Theophilo Braga é pagão devéras, tão pagão como o seu homonymo Theophilo Gautier. É um adorador da fôrma! um discipulo de Ovidio e de Anacreonte! É pagão convicto e relapso! O mysticismo israelita, o ascetismo indiano não lhe agradam muito. *Sémida* e a *Pérola de Ophir* são duas glorias para o artista, mas a idéa religiosa, tudo em Israel, tudo tambem na India, apenas se entre-mostra n'essa pastoral e n'esse drama. Maghavan não é nem parente do rei de *Vicrama e Ourvasi*, e em vão procuro a idéa pantheistica nas scenas do drama indiatico. Theophilo Braga, no seu prologo, mostra perceber perfeitamente a poesia do Ganges, a íntima ligação da natureza com todos os actos da vida, esse pantheismo tão differente do pantheismo grego, que, em vez de personalisar os objectos inanimados, como o fazia a poesia hellenica, os conserva taes quaes são, e nem por isso deixa de lhes dar voz e alma. Essa tendencia, que, notavel coincidência! encontramos de

novô na poesia moderna, e que se torna até muito sensível nas *Contemplações* de Victor Hugo, revela-se esplendidamente no episodio do nascimento do Ganges no grande poema do *Ramayana*.

Mas, se Theophilo Braga concebeu bem essa idéa, foi mais infeliz na execução. Maghavan pensa antes nas delicias do amor carnal do que nas ethereas *rêveries* do amor indiano. Vamadheva, typo que, pela ingenuidade, se approxima sim da Sacuntala do drama indico, esquece-se depressa, pensando no seu esposo, da natureza sua irmã. Não ha, na *Pérola de Ophir*, coisa que se assemelhe áquellas palavras de Sacuntala :

«Ó meu pai ! deixai-me fallar ainda a essa flor do madhavi, a quem eu chamava minha irmã, e cujas purpureas moitas brilham como uma chamma nos bosques.»

Virupa não tem a minima feição dos ascetas brahmanicos. As aguas do Douro não são as aguas do Tomosa, e Brahma, que visitava Valmiki na sua cabana de folhas, não está disposto a fazer uma longa viagem para vir ao Porto visitar o snr. Theophilo Braga.

Mas isto em nada diminúe o elevado merecimento lyrico da *Pérola de Ophir*.

Com os vastos recursos de talento e de erudição, que o snr. Theophilo Braga possúe, parece-me que escusava de desfolhar a sua corôa lyrica ás brisas de todas as poesias, e que podia dar mais unidade á sua obra. Narre-nos o passado, ficando no presente. Não queira, como Cagliostro, fazer-nos sup-

pôr que viveu todas as idades de homem, e, concentrando as suas immensas faculdades no estudo de uma epoca, legue á humanidade um monumento grandioso. Não imite lord Elgin, arrancando aqui e acolá aos monumentos gregos uma pedra, uma estatua, um columnelo. Escolha ou a antiguidade classica, ou o nosso passado nacional, essa prodigiosa mina, onde encontrará, por exemplo, os materiaes ainda desaproveitados da conquista da India, entre os quaes, com a sua erudição, e com a facilidade que tem de se impregnar na côr local, podia encontrar assumpto para um poema, que seria de certo mais apreciavel e apreciado do que a *Pérola de Ophir*; imitando, de preferencia ao lord inglez, Sétinus, o architecto grego, reuna os thesouros que espalha com tanta prodigalidade, e faça com elles um monumento harmonioso como o Parthénon d'Athenas.

III

Ha muito tempo que interrompi as minhas relações com a philosophia da historia. Não porque ella não seja muito boa senhora, e pessoa muito esclarecida; mas eu não me entendia com ella, ella não se entendia comigo, logo não nos entendiamos, e um bello dia que eu accordei de mau humor, travei-me de rasões com Herder, fiz má cara a Niebuhr, puz no meio da rua a Michelet, e declarei *urbi et orbi* que rompia as hostilidades.

O leitor ficou profundamente impressionado.

Não admira; o proprio equilibrio europeu esteve de cama alguns dias, e a França agitou-se.

Já por mais de uma vez este seu criado se tem entretido a perturbar a paz do mundo, e a agitar os thronos!

Eu cá sou assim.

Pois olhe que não foi culpa minha; tinha devorado muitas paginas de Niebuhr e de Herder, e repare que as paginas dos historiadores allemães são como os annos de campanha, contam-se dobradas.

Mas qual! um dia não me pude conter; chamei-lhe estouvada, ella chamou-me tolo; eu disse-lhe que o facho de que se servira para esclarecer os subterraneos da historia já começava a deitar fogo ao edificio; ella chamou-me caturra, e zás! Herder foi obrigado a emigrar, e a *Historia romana* de Niebuhr homisiou-se n'umas teias de aranha.

Desde então nunca mais soube o que por lá occorrera; acabava Romulo de ser demittido na historia romana, e na Grecia pronunciára a escola de Herder e de Vico uma sentença de Salomão.

O caso foi o seguinte:

Andavam ha muito tempo sete cidades gregas a requererem as honras de patria de Homero; era intrincada a demanda, os rabulas luctavam, quando appareceu a philosophia da historia.

A philosophia da historia pronunciou a sentença.

Homero nascera... em nenhuma d'ellas, e outrossim, para evitar novas reclamações de novos pretendentes, decidiu que Homero não existira, logo não

nascera, e era por conseguinte escusado fazerem requerimentos para um emprego abolido.

Foi n'esta occasião que se deu o rompimento em que acima fallei.

Dormia eu na mais santa paz, quando me veio despertar o prologo das *Tempestades Sonoras* do sr. Theophilo Braga. O que se não tinha passado durante a minha ausencia ! Eu fallei na demissão de Romulo ? Ainda venho a tempo ! Pareço um almanak de 1807, ou um artigo politico de ha dois dias !

Michelet, Lewis e Joubert fizeram á historia romana o que os pequenos fazem ás cartas de jogar dobradas ao meio e enfileiradas. Deram um sopro em Romulo, Romulo cahiu para cima de Numa Pompilio, este deu um encontrão em Tullo Hostilio, depois foram os Tarquínios, Servios Tullios, Brutos, Lucrecias, Virginios, Appios e Coriolanos, tudo foi de nariz ao chão, tudo desabou nos abysmos da lenda. Creio que nem os gansos do Capitolio se salvaram. Foi-se todo o primeiro anno de latinidade. Tito Livio passou para as classes inactivas. Eutropio está feito caserneiro !

E eu ainda no Romulo !

Onde dormiste tu, Epimenides da historia ? Em que vens tu fallar ? Onde isso já vae ! Desappareceram todos os reis ! Tinham corôas de papelão e mantos de ouropel ! Eram personagens legendarios ! Nunca existiu semelhante gente ! Foram os homens das botas da antiguidade ! Sete verbas do orçamento historico com que o Patavino nos logrou a todos ! Tarquinio, o Prisco, foi imitado do grego, Tarquinio o So-

berbo tambem ! Duas edições contrafeitas dos tyrannos hellenicos ! Os sete monarchas romanos foram importados da Grecia, pagaram direitos na alfandega d'Ostia, e estiveram depois expostos n'um bazar, para satisfazerem a curiosidade do povo, figuras de cera que embaçaram a posteridade assim como o municipal da rua Oriental do Passeio embaçou os expectadores !

A historia da vara de Tarquinio e das papoulas é uma imitação de Periando tyranno de Corinthe. Fizeram-n'a passar por original, por causa dos direitos de author. Lucrecia é um mytho.

Mau ! por causa d'este mytho levei eu meia duzia de palmatoadas ! Nem ao menos foram tres, que n'esse caso vinham a formar uma tricotomia ! Ainda era uma consolação ! Nada ! foi meia duzia ! Parece-me que a philosophia da historia podia perfeitamente ter descoberto isto ha doze annos ! Poupava-me seis palmatoadas, e um remorso ao meu professor de latim.

O caso succedeu do modo que eu vou contar, e vejam n'isto os leitores, que os grandes homens são sempre menospresados pelos seus contemporaneos.

Eu estava na aula ao pé d'um rapaz da minha idade, a quem perdi de vista, mas que deve ser rival de Gustavo Doré, se a sua habilidade no manejo do lapis foi em progressivo augmento. Enriquecia elle com illustrações uma edição de Tito Livio, que nunca esperára similhante honra. Eu animava-o com os meus applausos, e fizera-me o Leão x d'aquelle Raphael. Estavamos nós ambos embebidos em tão util diversão artistica, quando o meu professor, ven-

do-me rir, e não tendo descoberto nunca em Tito Livio tendencias muito humoristicas, quiz vêr qual era o episodio comico, que nós ambos tínhamos encontrado.

Era nem mais nem menos que o suicidio de Lucrecia!

O periodo illustrado era o seguinte:

«Cultrum, quem sub veste abditum habebat, eum in corde defigit; prolapsaque in vulnus, moribunda cecidit.»

A pintura historica não merecia as sympathias do meu professor. Tambem devo confessar que havia talvez um tal ou qual anachronismo. Brutus figurava com um capacete de guarda municipal na cabeça, Tarquinio Collatino usava um chapéu armado absurdo, e Lucrecia suicidava-se com uma navalha de marujo! Tudo isto estava apenas indicado. O que sobresaía em todos os personagens era o nariz, um verdadeiro nariz romano, que entrava pelo texto e ia procurar os pontos finaes.

Purpurearam-se as faces do meu mestre de latim, severo admirador de Tito Livio. A magestade da fundação da republica fôra profanada com garatujas. Garatujas lhe chamou elle, barbaro! E eu tambem me cheguei a convencer d'isso. Garatujas!... Eram mythos!! Agora é que se veiu a saber! O meu collega adivinhára a philosophia da historia! Um mytho não tem obrigação de parecer gente, deve ter um certo vago, o vago do subjectivo, que está fôra da objectividade, e que me rendeu meia duzia de palmatoadas!

Ah! que remorsos não deve ter á hora da morte o meu professor, quando lhe apparecerem os espectros do Brutus de capacete, e do Tarquinio de chapéu armado, e da Lucrecia de nariz comprido, e que todos lhe bradarem com voz cavernosa: «Eramos mythos, infeliz!»

Não pára n'isto a destruição. *La marée monte! La marée monte!* Lenda a historia dos decemviros! Virginia é zelotypica! Appio Claudio é... não sei o que é... é um pedaço de asno!

Nenhum d'elles existiu! E a rasão é clara! A *escriptura lapidar*, diz o snr. Theophilo Braga, *era incompativel com a rudeza dos romanos, para que elles a ensinassem a suas filhas*. Clara? parece clara ao principio. Lá pelos romanos não saberem lêr, não se segue que não ensinassem ás filhas a leitura. Veja-se as escolas de instrucção primaria em Portugal!

Submergiu-se o Coriolano. A sua historia é uma copia fiel do ostracismo atheniense.

Ora essa! Tambem a historia do snr. José Bernardo o foi! Não se recordam do notabilissimo discurso de José Estevão ácerca do *Me adsum?*

O proprio snr. José Bernardo o disse; a sua longa ausencia da camara dos deputados foi uma especie de ostracismo; logo, a existencia do snr. José Bernardo é um boato que se tem espalhado, e a que se tem dado credito porque se não sabe philosophia da historia. O snr. José Bernardo nunca existiu; o snr. José Bernardo é um mytho, um personagem legendario, uma imitação do grego, um symbolo, uma

formula abstracta e contingente, é tudo quanto quizer ser, menos um homem de carne e osso.

Se tiver tão desarrasoada pretensão, advertimol-o de que ninguém lhe dá credito, de que já passou o tempo da credulidade, e de que a philosophia da historia não permite que a parte legendaria, mythica, archetypica e symbolica da vida dos povos perturbe a seriedade do historiador severo, que se deixa guiar pelo clarão do raciocinio, e pelo fulgor de uma logica incontrastavel.

Ah! quem me dera acordar do somno da morte d'aqui a mil annos, a ver o que dizem a nosso respeito os futuros historiadores philosophos! Já viam quaes são as opiniões expendidas por Lewis na obra intitulada *An Inquiry into the credibility of early Roman History*. O que dirá um Lewis do seculo xxix, na obra que se ha de intitular *An Inquiry into the credibility of Portuguese History*. É capaz de nos accusar de termos inventado o snr. Lobo d'Avila!

Vamos a extrair alguns periodos d'esse livro, que ha de ser monumental.

«No seculo xix começa o espirito grego a colorir as lendas d'este povo. A lenda perde a nacionalidade, e não é mais do que a copia da poesia hellenica. Vamos com o senso historico determinar o character mythico d'uma das lendas mais notaveis d'esta epoca, a *lenda de Villa Real*!

«Nada destôa mais do character portuguez. Temos um povo pacato, regido pelas instituições mais constitucionaes, cujas liberrimas eleições espantam a Europa, tendo á sua testa o mais paternal dos go-

verrões; surge de repente essa historia legendaria de Villa Real, incompativel com tudo isso, e que mostra visivelmente ser a copia d'uma batalha da *Iliada*.

«O primeiro personagem mythico que nos apparece chama-se Pinto d'Araujo. É a cópia d'Homero. Apparece um cão, forçosamente o cão do cego, para completar a similhaça com o velho de Smyrna, com o mytho em que se personalisa o genio da Grecia, com o poeta privado de luz, que recebe a herança dos rapsodas. Reparemos que o mytho escocoz, Ossian, o audacioso pseudonymo de Macpherson, tambem é cego. O Achilles d'esta *Iliada* portugueza chama-se José Paulo. Notemos que o nome se deriva evidentemente de *paulada*, e vem reforçar a nossa opinião. O caso é dar o primeiro passo; nas cryptas historicas, da mesma fórma que nas lobre-gas e humidas catacumbas, custa a accender o facho da verdade, mas depois o seu immenso clarão inunda os subterraneos; e os phantasmas, os vultos indecisos, as fórmas vagas, que se accumulavam nas sombras, tomam immediatamente as devidas proporções.

«Continuemos n'esta improba investigação.

«Troya n'este caso chama-se Alijó. É ahi que se ateia a conflagração. A immensa familia de Priamo é representada pela camara municipal. É n'este ponto que principia a apparecer o protagonista d'esta epopéa, Jeronymo Barbosa, ou antes Hieronymo Barbosa. Não esqueçamos que o espirito grego não cessa de colorir as lendas nacionaes.

«N'este ponto afasta-se um pouco da epopéa gre-

ga a lenda portugueza. A *Iliada* tem por heroe Achilles; a lenda de Villa Real tem Hieronymo Barbosa, cujo vulto possui muitas feições d'Agamemnon, o rei dos reis, do mesmo modo que o vulto da epopeia portugueza é governador civil, quer dizer administrador dos administradores. Não nos resta duvida alguma. José Paulo é evidentemente Achilles; demonstra-o pelo character irritavel, e pela sua predilecção pela *mócada*! Ainda não podemos tirar a limpo a questão da vulnerabilidade do calcanhar, e a de Deidamia e Briseis. Outros investigadores o farão. N'este grande edificio da historia philosophica, feliz quem poder accrescentar um lanço de muralha, um só que seja! A nada mais aspiramos!

«Completar o edificio é trabalho de seculos, principalmente quando é construido com a consciencia, com que todos nós trabalhamos, e temos trabalhado.

«Consumimos n'estas investigações uma grande parte da nossa existencia. Alguma coisa julgamos ter conseguido.

«Resumindo as nossas idéas e estabelecendo o principio de que são tricotomos todos os factos do espirito em que se imprime a forma racional, poderemos dizer que a manifestação da poesia das suspeições politicas é a seguinte:

«A multiplicidade dos supapos, em que o espirito se occulta sob o elemento material, em que a idéa não póde subsistir fóra do punho fechado — pancadaria symbolica.

«As pauladas cadenciadas e rythmicas, robuste-

cidas pela sublimidade augural e theocratica da velha Traz-os-Montes, sendo como a dessymbolisação, a força que tende a mobilisá-la (isto é a fazer com que os opposicionistas dêem á canella) — bordoadá mythica.

«A ascensão do espirito, desprendendo-se do elemento contingente, até alcançar o poder creador da ficção logica, em que a austeridade da lingua é modificada pela necessidade de crear um novo termo — *mócada* legendar.

Ahi temos pois a *Symbolica* de Villa-Real.»



JULIO CESAR WACHADO

O século, em que vivemos, inventou o folhetim. Os admiradores do passado vêem n'isso uma prova da frivolidade d'esta geração; creio pelo contrario que não se deve vêr n'este facto senão a consequencia necessaria do derramamento da luz intellectual, e da participação de todas as classes nos prazeres delicados, que eram d'antes privilegio d'um limitado numero.

A opinião publica sobre assumptos litterarios circumscrevia-se d'antes na pequena roda dos salões aristocraticos, e dos cenaculos dos homens de letras. Abi se discutiam e apreciavam as tragedias novas, os novos livros, o merito dos actores e tudo quanto dizia respeito á vida elegante e ao movimento litte-

rario. Ahi se erigia o throno dos conversadores notaveis, que não aspiravam a outra gloria, e que tinham razão porque essa lhes bastava para os immortalisar. Chamfort e Rivarol não têm outros titulos que lhes dêem jus á reputação que ainda hoje lhes circunda o nome com esplendida aureola. Funda-se n'esse talento especial uma boa parte de fama de Voltaire, e quasi toda a fama de Piron. Depois veio a transformação dos costumes; a humanidade precipitou-se sequiosa d'esses gosos elevados, derramou-se a leitura, multiplicaram-se os theatros, desenvolveu-se o gosto, alargou-se immensamente a esphera da opinião publica. Os jornaes entenderam e entenderam bem que deviam transportar para as suas columnas os salões do seculo passado; o folhetim substituiu a conversação. Janin e Gautier succederam a Rivarol e Chamfort.

Ninguém melhor do que Julio Casar Machado comprehendeu esta indole especial do folhetim, ninguém soube melhor do que elle fazer do folhetim uma conversação escripta. Nos doirados salões da velha aristocracia seria elle o conversador, que chamaria todas as attenções, que provocaria um sorriso nos labios do homem d'estado, as gargalhadas francas dos juvenis cortezãos, a predileção das senhoras. Ninguém como elle saberia contar uma historieta, descrever uma situação comica, excitar uma doce melancholia, e apanhar com mais facilidade a feição alegre d'um caso qualquer. Seria contagiosa a sua jovialidade, sympathica a sua tristeza.

São estas mesmas qualidades que tornam tão

apreciaveis os seus folhetins, tão attrahentes os seus ligeiros contos. É essa a gloria que lhe cabe, nem elle aspira a outra. Esta geração de politicos, de negociantes, d'homens enfastiados desfranze a testa avincada pelas preoccupações prosaicas para o escutar com interesse, para se sorrir, para gastar longas horas a ouvil-o, sem reparar em tal; mas não se esquece, depois de se ter entretido bastante, de se ter rido, de se ter commovido, de encolher os hombros, e de dizer em tom magistral : «Que de frivolidades !»

Oh ! Rivarol ! Oh ! Chamfort não era isto mesmo o que diziam os marquezes, os financeiros, e os conselheiros dos parlamentos depois dos serões em que os deslumbraveis com o vosso scintillante espirito?

Os pedantes seguem-se... e assemelham-se.

Scenas da minha terra ¹

I

Preside a este artigo uma dolorosa impressão. Estando para fallar do nosso espirituoso Machado lembrei-me involuntariamente do seu antecessor no throno do folhetim, de Lopes de Mendonça, d'esse gentil espirito, outr'ora tão phantasioso, tão artistico, tão caprichoso, hoje morto, talvez para sempre, e que a loucura faz vacillar, agitando-lhe em torno as azas, d'onde sacode ora as visões dolorosas, ora os extasis sublimes, ora a profunda atonia moral.

Tinha acabado de reler algumas paginas soltas d'aquellas bonitas *Recordações d'Italia*, e parecia-me impossivel que aquelle espirito borboleta, que doidejava tão caprichosamente em torno da luz esplendida do ideal, se fosse tão cedo queimar n'essa luz, cujos reflexos doiravam constantemente os deliciosos arabescos do seu elegante estylo. Artista e poeta, as azas da sua imaginação excentrica levaram-no depressa ás phantasticas regiões, onde a loucura im-

¹ Foi este artigo a minha estreia no jornalismo. Apareceu sem assignatura na *Politica Liberal*. Quando o escrevi ainda Lopes de Mendonça vivia ou antes vegetava. Hoje acha-se realisada a propheta do primeiro paragrapho. O brilhante folhetinista morreu, sem que a sua intelligencia resurgisse para lançar á hora da morte um derradeiro clarão.

pera, e onde a exaltação do pensamento se transforma rapidamente no frenesi do desvario.

Morreu para a litteratura o espirituoso folhetinista, que possuia como ninguem o segredo da melodia na prosa, e que, com o colorido de phrase, com o arredondado do periodo, com a elegante *non-chalance* do estylo obrigava o leitor a lêr pelo menos duas vezes as suas producções, a primeira para se deleitar com aquella musica de palavras, a segunda para apreciar a idéa, que apparecia sempre poetica por entre os arrendados da phrase, como o pensamento do architecto da idade media apparecia sempre sublime por entre os magicos labores da pedra de suas mysticas cathedraes.

Desceu do throno o rei do folhetim, mas foi dignamente substituido ; é do seu successor, é de Julio Machado que me vou occupar n'este ligeiro esboço. *Le roi est mort, vive le roi !*

Não leram ainda o volume *Scenas da minha terra* que o editor Seabra publicou ? É d'este volume que eu vou tratar ; porque resume para mim o talento do auctor, e porque é ali que este póde ser avaliado em todas as feições do seu estylo ligeiro, verdadeiro estylo de folhetinista, que toca em tudo ao de leve, mas que tudo aproveita, e não deixa um ridiculo sem o epigrammatisar, nem uma idéa mimosa sem a abrilhantar.

Machado é primeiro que tudo folhetinista ! o folhetim é o seu verdadeiro campo, é a sua provincia intellectual, é á sua luz *pétillante* que a phantasia doideja livre e caprichosa, é ali que Machado desin-

volve as sympathicas qualidades da sua brilhante intelligencia. Vejam-no nas *Flores Silvestres*, verdadeira divagação humoristica d'um escriptor desprestencioso. Que delicadeza no estylo! Que ausencia de affectação! É um bom conversador, que está contando a uma roda d'amigos intimos as suas impressões d'artista e de poeta! Mas tudo tão singelo, tão elegante, tão gracioso! Lendo-se aquelle bonito folhetim (teimo em lhe dar este nome) sympathisa-se com o auctor, ri-se a gente com gosto das observações maliciosas do travesso folhetinista, e tem-se vontade de se lhe dar um cordeal abraço, e de se lhe dizer: «Isto é um excellente rapaz! *Quelle verve!*»

E este é que é o estylo do folhetim! Produzir este effeito é o que o author deve desejar! O folhetim não tem obrigação de ser uma dissertação de alta esthetica ou uma estopada sentimental, seccante como um discurso de recepção na academia franceza, e semsaborão como um romance do visconde de Arlincourt. O folhetim deve ser como a *causerie*, que Alexandre Dumas assevera que só em França existe, tocando no assumpto sem o esgotar, caprichoso, desaffectedado, singelo. Saltem os ditos d'espírito como as rolhas das garrafas de Champagne no meio d'uma conversa animada, e por entre esse tiroteio venha a apreciação fina, venha a observação humoristica, venha o scismar melancolico; mas tudo confundido e deslumbrante, esmerado no estylo, e melodioso na phrase.

As *Flores Silvestres* teem tudo isto! Estamos em fevereiro, e o auctor vem-nos contar que tem

saudades do inverno do campo ; não é em Lisboa que um poeta póde avaliar a terrível magestade da gelida estação ; no campo é o furacão que doideja no espaço, é a torrente que resalta espumante sobre as pedras da cascata, e vem depois furiosa alagar a planicie ; em Lisboa é o vento que volta os chapéus de chuva no largo da Patriarchal, e a lama do Chiado que dá lugar ás profundas reflexões democraticas do peão salpicado pelas rodas d'algum trem aristocratico ; no campo é o aldeão que conta á noite junto á lareira as suas poeticas historias, emquanto o vendaval açoita furioso os carvalhos da floresta ; em Lisboa é o burguez que vem fugindo do aguaceiro nocturno, tira as galochas de borracha e o casaco de gutta-percha, toma o seu chá e torradas, enfia o barrete de algodão, e dirige-se para o leito conjugal, jurando a si, aos seus deuses, á sua esposa, e aos lacrimosos fructos do seu amor legal não tornar á rua dos Condes, emquanto a folhinha do padre Vicente não der o tempo seguro, e emquanto a camara municipal não tomar providencias a favor das botas dos cidadãos do municipio, protegendo-as contra a injustificavel ira da companhia das aguas ; em ultima analyse Machado, attendendo a que o inverno nos campos inspira, e em Lisboa constipa unicamente, decide-se a ir a Durruivos retemperar a imaginação embotada pelo monotono aspecto da cidade em dias de chuva, esperando ao mesmo tempo trazer do campo um ramo de flores silvestres, de giestas, que teem sido até ahi as suas companheiras, as suas inspiradoras, e que a criada n'um accesso repentino de espirito

✱

de ordem, tinha deitado á rua, tentando transformar o desarranjo artistico, que reinava no quarto do folhetinista, n'um estado mais em harmonia com as idéas d'uma *bonne ménagère*.

Ahi temos pois o nosso Machado em caminho para Durruivos, e fazem facilmente idéa de que esta digressão é apenas um pretexto para as espirituosas divagações do caprichoso folhetinista. Nada escapa á sua veia maliciosa, sem que a mordacidade do epigramma impeça d'ahi a pouco as expansões d'enthusiasmo lyrico d'um coração verdadeiramente poetico. Aqui vem a descripção chistosissima d'um barbeiro d'aldeia descendente em linha recta do celebre barbeiro de Nicolau Tolentino, mais adiante a descripção d'um serão em casa d'uma notabilidade aldeã, e do desapontamento do regedor, e mais representantes da litteratura sertaneja, quando ouvem Julio Machado fallar de maneira que todos o entendem, o que torna completamente inverosimeis os elogios, que os papeis da cidade ás vezes lhe fazem.

Tudo isto é contado com despretenção, que enleva. Mas d'ahi a pouco apresenta o folhetinista em scena o padre Malhão, figura grandiosa, pintada com tal austeridade pelo gracioso escriptor, que se sente, lendo a descripção d'aquelle vulto evangelico, a impressão que se deve sentir contemplando um d'esses bellos typos do apostolado, pintados por algum dos grandes mestres da arte christã.

Parece-nos impossivel que o pincel, que ha pouco tão gracioso corria pela tela do folhetim, cedendo ás inspirações caprichosas, que illustraram na

pintura as obras de Téniers, e de Callot, possa de repente dar os toques severos do pincel de Miguel Angelo, e de Leonardo de Vinci, e pintar-nos a largos traços aquella nobre figura do padre Malhão, verdadeiro sacerdote dos primeiros tempos do christianismo, homem que reunia a uma intelligencia superior a abnegação modesta, a que não alardeia sacrificios, e que morreu n'um canto obscuro de Portugal, esquecido por uns, desconhecido a outros, e menospresado por todos, elle o poeta religioso, elle o nosso primeiro orador sagrado ! Que terra e que publico !

Além das *Flores Silvestres* ha nas *Scenas da minha terra* dois contos *Marcolina* e a *Noite do Casal*, em que se nota grande riqueza d'estylo, e, principalmente no ultimo, verdadeiros dotes de observador. A descripção da vida intima das cantoras está traçada com mão de mestre, e mostra que o folhetinista, quando quer penetrar nas regiões tão minuciosamente exploradas por Balzac, sabe ver, sabe daguerreotypar, e sabe reunir ao picante do chiste a verdade da observação.

Mas deixemos as regiões do romance de costumes (creio que assim se chama), e voltemos ao folhetim. Eu faço aqui a humilde confissão de que embirro em geral com essa escola, que por ahi se chama realista, e que tem querido daguerreotypar fielmente a sociedade com todos os seus vicios, e todos os seus ridiculos, escola maldita inaugurada por Balzac de minuciosa memoria, e em que tantos talentos se tem perdido. Eu arripio-me sempre que

abro um volume de Balzac, e começo a vêr a casa em que tem de se passar a scena do romance. Conduz-me o romancista em passo grave, faz-me subir a escada, diz-me que o corrimão tem muitas teias de aranha, leva-me á cozinha, não me poupa a descripção nem de uma cassarola, e desgraçado de mim, se encontramos no caminho a cozinheira, porque tenho de contemplar durante quatro ou cinco paginas o retrato da illustre sacerdotisa de Comus; e tudo isto tão fastiento, tão comprido, que, palavra de honra, (desculpem-me a heresia) quando chego ao quarto da cama, aproveito a idéa do auctor e... adormeço!

Pois o romance social! O romance de Eugenio Sue com estopadas philosophicas, declamadas por algum condemnado ás galés! Os Mystérios de Pariz! Aquella parte de policia em vinte volumes! Que horror! E tudo aquillo foi saboreado pela culta Europa com um appetite, que denuncia da parte do publico europeu os mais decididos instinctos antropophagos, e a mais abominanda sede de horrores!

Não, esta não é, não pode ser a verdadeira litteratura. Pois havemos de soffrer na vida real todos os desgostos mesquinhos, todas as ridiculas misérias d'este mundo sublunar, havemos de aturar uma camara de deputados, os annuncios do Vitry, as empoladas declamações dos Gracchos de todos os pateos e beccos de Lisboa, havemos de lêr os discursos liberaes do imperador Napoleão, os discursos evangelicos do papa Pio IX, os discursos moderados de Francisco II, e os protestos de desinteresse do governo inglez, e quando vamos lêr uma obra litteraria,

quando nos queremos extasiar perante um estylo esplendido, quando queremos colher emoções grandiosas, que nos reconciliem com a nossa especie, quando queremos beber a largos tragos na taça dourada do ideal, havemos de ir encontrar reproduzidas fielmente as mesmas misérias, a mesma mesquinhez, descriptas no estylo, e ás vezes na linguagem dos repugnantes personagens que figuram n'essas enfezadas producções do espirito do seculo?

Não, mil vezes não, a fonte inexgotavel do ideal é e ha de ser sempre a verdadeira Castalia da litteratura moderna; é esta crença no ideal, que dá a Octavio Feuillet o seu estylo fluente, e opulentissimo, a Méry a originalidade, que torna deliciosas todas as producções d'aquelle espirito brilhantemente paradoxal, e é, parece-me essa mesma religião, que dá aos folhetins de Machado, esse estylo tão pittoresco, e tão attractivo, que lhes tem conquistado o justo favor do publico.

É nas impressões de viagem, publicadas agora nas *Scenas da minha terra*, que isto se torna mais sensível. *Coimbra e Bussaco*, *Recordações do Porto*, e *Peniche* são tres joias de estylo, de poesia, e de chiste. É Julio Machado o *touriste* mais caprichoso, que eu conheço; qualquer coisa o enleva, qualquer coisa desperta n'elle o sentimento do bello! Aqui a imagem de santa Magdalena no Bussaco dá-lhe assumpto para um trecho admiravel, mais adiante é uma rapariga do povo na Foz, que o transporta ás regiões do idealismo, depois são as rendeiras de Peniche, que o incantam, que o commovem, e fazem

desabrochar no seu espirito as flores mimosas da poesia! Que tendencia que elle tem para poetisar a mais leve coisa, e que habilidade para interessar o leitor por tudo o que interessa a sua imaginação romanesca. É delicioso viajar assim com elle em espirito, e é sempre, sempre com prazer, que releio aquellas paginas cheias de mimo, e de incanto.

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

Dizem respeito os artigos, que se vão ler ao poeta do *Amor e Melancholia*, ao traductor de Ovidio, ao prégador da religião evangelica do ensino, do ensino amavel e carinhoso, da escola maternal, da escola *que ama e ri*, segundo a sua propria frase.

É este incontestavelmente um dos vultos mais notaveis da moderna litteratura européa. Pertence a essa pleiade de gigantes, que appareceram no principio d'este seculo, e depois dos quaes a natureza pareceu ficar fatigada do descommunal esforço, que fizera para os produzir. Castilho foi dotado d'uma imaginação ardentissima e creadora, capaz de comprehender a poesia de todas as epocas, e de todos os paizes, tão apta para colorir os quadros que os outros traçaram, como para ella mesma os phanta-

siar, conhecendo o caminho que vai do bello ao bom, do agradável ao util, imaginação vigorosa e penetrante, que semelhante a esse instrumento dos exploradores dos terrenos auríferos que vai procurar o oiro entre as areias que o cercam, sabe também encontrar por baixo dos cinzelados de máo gosto, com que o desvirtuam, o verdadeiro elemento poetico de todas as litteraturas.

O seu apurado bom gosto levou-o a ficar debruçado sobre as minas do passado classico, em quanto os outros se aventuravam á toa no paiz maravilhoso do romantismo. Nem por isso desdenhou os opulentos veios descobertos pela moderna escola, e depois de ter explorado no antigo terreno a esplendida mina das *Cartas d'Echo e Narciso*, e da *Primavera*, depois de ter mostrado as riquezas ignoradas, que ahí jaziam, e que tanto se differencavam das falsas joias com que se ufanava a arrebicada escola do seculo passado, empunhou o alaúde dos menestreis, e a sua doce voz, que conquistára os laureis d'Apollo aos seus classicos rivaes, venceu no torneio romantico os trovadores que descantavam xacaras e balladas. Depois, quando todos, enfatiados da degeneração do romantismo, começavam a escrever o epitaphio da poesia portugueza, Castilho ergueu a voz de novo, mais grave, mais sonora do que até ahí. Se d'antes enlevava, agora infundia respeito. A lyra dos amores fizera-se a lyra da civilisação. Doirára-se a philosophia com os poeticos esplendores, assumira a poesia a magestade philosophica. E sem esquecer as suas predilecções d'infancia, nem os seus amores

da juventude, Castilho deu às suas produções a doçura serena, a grave austeridade do outono da existencia. Risonha no paganismo, melancholica nos seus cantares romanticos, profunda na sua feição phylosophica, a lyra do nosso grande poeta é verdadeiramente a personalisação da poesia na sua mais elevada significação. Espelho magico em que se miram todos os esplendores, harpa eolia que geme sempre com a aragem, quer esta lhe leve o perfume das rosas d'Anacreonte, dos goivos do menestrel, ou das violetas do solitario scismador, eis o que é Antonio Feliciano de Castilho, a quem a natureza não quiz conceder um logar no amplo banquete de luz, onde se sacia a humanidade toda, para lhe dar em compensação um logar escolhido na mesa olympica, onde corre a jorros o inebriante nectar da poesia.

Arte d'amar — Camões — Fructos do methodo portuguez — A Noite do castello e os Ciumes do Bardo.

I

Todos imaginam que Ovidio, o poeta *dos frescos Pelignos*, nasceu na Italia em Sulmona; pois enganam-se! Ovidio nasceu em Paris em pleno seculo xix, e foi parar a Roma no seculo de Augusto por um d'estes disparates chronologicos, que ninguem entende.

No tempo em que Horacio e Catullo cantavam, e exaltavam a embriaguez e a impudicicia, no tempo em que o proprio Virgilio atirava com a segunda egloga á posteridade espantada, a qual, no seu respeito pelo grande epico, procura disfarçar e attenuar os impudicos desvarios do cantor de Eneas, o cysne de Sulmona affastou-se dos seus contemporaneos senão na castidade da idéa, que ainda n'isso o não illuminou o sol do ideal começando a alvorecer na Palestina, pelo menos na polidez da expressão e na graça indizível com que soube invólver n'um véo transparente sim, mas admiravelmente matisado, a nimia sensualidade dos seus amores profanos.

Foi n'este ponto que Ovidio presentiu as tendencias da escola franceza. O perfume de voluptuosidade, que os seus canticos rescendem, inebria, mas não embrutece. Se a luz casta e serena do amor

christão lhe não illumina os hymnos apaixonados, doira-os pelo menos o immenso esplendor da fórma. É o vicio elegante, perfumado, prestigioso, tentador, insinuando-se com melodias, disfarçando-se com as galas do estylo, desculpando-se com versos suavissimos, não offendendo nunca brutalmente a consciencia, e tão bom rapaz no fim de contas, tão amavel, tão seductor que até o padre Manuel Bernardes não soube resistir á tentação de citar uma vez um verso d'esse livro libertino, a que o exilado do Ponto deu o doce nome de Amores.

Ai ! padre Manuel Bernardes ! austero membro da congregação do Oratorio ! que não percebeste a garra de Satanaz, escondida debaixo do manto ovidiano ! Ai padre Manuel Bernardes ! quantos annos de purgatorio te valeu esse versinho pagão ?

Quantas vezes ao pé do sagrado breviario se aninharia espantado da visinhança o volume profano do auctor das Metamorphoses ! E ao passo que saboreavas, ó sapiente monge, o mel da pura latinidade, ias saboreando tambem — e talvez sem lhe sentires o travo, maganão — o fructo prohibido da voluptuosidade pagã.

E por fim de contas que tinha isso ! Um auctor classico ! Um metrificador d'aquelles ! Como podem encerrar maldade tão melodosos e correctos disticos ! E não será permittido a um pobre frade exercitar-se no idioma, em que escreveram tantos varões bemaventurados, lendo, sem ser por mal, as obras de um pagão !

Se esse pobre Ovidio tem peccados, são pecca-

dos veniaes ! Tambem o bispo de Hippona, com ser santo Agostinho..... fragilidades mundanas, fragilidades mundanas !

Os unicos peccados, que um frade latinista não perdôa, são os solecismos e os barbarismos !

Esses não, que são mortaes !

Quantas vezes, tambem no nosso tempo, algum romancinho francez se esconderá modestamente á sombra das *Conférences de Notre-Dame* ! George Sand é uma grande peccadora, mas escreve n'um francez tão puro, como o de Bossuet ! Sirva isto de desculpa !

Se na fórma, no modo de dizer, na graciosa maneira como envolve a idéa voluptuosa nas prégas do leve manto, cuja fimbria levanta depois com desaffectedo descuido, adivinha Ovidio a compostura um tanto hypocrita dos escriptores modernos, no fundo, no pensamento é o escriptor romano a mais elegante, porém mais completa personalisação da sua epoca devassa.

A austeridade romana, austeridade selvagem, que não se fundava nos principios religiosos e moraes, fugira espavorida diante da esplendida civilisação hellenica. Os costumes severos dos primeiros tempos de republica não tinham por base o dever, tinham por base a necessidade. A Roma dos consules fôra um acampamento, onde reinara a disciplina indispensavel a um exercito em campanha. A Roma dos imperadores era o quartel de inverno de um exercito victorioso, onde a dissolução dos costumes, e as immensas delicias da opulencia recompensavam

a soldadesca desenfreada das privações e das fadigas de uma batalha de seculos. Conquistar fôra o dogma da Roma republicana. «Gosar» era a profissão de fé da Roma imperial.

As aguias legionarias, pairando no Universo, não tratavam senão de empolgar brutalmente os povos subjugados; impunham-lhes o seu dominio, mas não lhes impunham a sua civilisação, a sua religião, e os seus principios; porque o crêdo politico e religioso de Roma não existia, ou existia tão latitudinario, que em vez dos vencedores imporem aos vencidos as suas leis, os seus costumes e os seus deuses, d'elles pelo contrario os recebiam.

Como podia por conseguinte subsistir a austeridade romana, que era não um dogma, mas uma consequencia dos seus habitos conquistadores, que devia terminar, quando começasse o repouso?

Foi o que succedeu; a Grecia conquistada vingou-se conquistando moralmente os seus vencedores; Roma recebeu dos habitantes do Peloponeso a luxuosa civilisação, e os costumes desregrados.

Foi por esse tempo que nasceu Ovidio, e bom foi que assim acontecesse; porque no tempo das guerras punicas havia de fazer triste figura o bom do poeta que dizia :

*Sempre odiei das armas o furor!
A paz só a meu gosto off'rece agrado,
No meio da alva paz nasceste, amor! ¹*

¹ Amores, traducção paraphrastica do snr. Castilho.

Até creio que, se escrevesse estes versos n'esse tempo, havia de encontrar algum Bruto (em toda a extensão da palavra), que o mandasse ao cadafalso por desmoralisar e acobardar o povo de Quirino.

Mas a natureza providente livrou-o d'esses trabalhos, fazendo-o viver no tempo em que se achavam fechadas as portas do templo de Jano.

Eu estou vendo d'aqui a cara satisfeita com que o mimoso poeta havia de passear junto das duas praças, onde se ostentava o templo do Deus porteiro com os portões bem cerrados.

E não só elle, senão também o seu amigo Horacio, que se gabava de ter deitado a fugir, largando as armas para correr mais depressa, n'uma campanha onde o acaso o mettera.

Eu, por mim, tenho graves suspeitas acerca do bom do Horacio. Póde ser que me engane; mas estou intimamente convencido que foi soldado dos *bataréus* romanos, e que teve muitas guardas de castigo por ir beber vinho de Falerno, em vez de estar de sentinella.

Ovidio não! Esse nunca militou senão debaixo das ordens de Cupido. Elle mesmo o affirma.

Preguiçoso e namorado, o poeta sulmonense havia de ir, nas horas de calma, recostar-se á sombra dos platanos do portico de Pompeu, o portico das cem columnas, recitar os seus versos á naiade da fonte, e ao tritão da cascata; acolher a musa, que invisivel volteiava em torno da estatua de Virgilio, e procurar nos passeiantes que giravam por cima dos tapetes preciosos, assumptos para esse gracioso fo-

thetim, a que elle deu o nome de *Arte de amar*.

Fulminem-me embora os raios da censura litteraria, sustento o que disse: a *Arte de amar* é um poema-folhetim.

O tratar um assumpto frivolo com modos graciosamente pedagogicos (não é frivolo amar, é frivolo ensinal-o; Ovidio bem sabia que o amor só regras procura no coração, ou no capricho sensual), o entrelaçar das observações chistosas com as expansões lyricas, as digressões anedoticas, o paradoxo engraçado e sustentado com a gravidade mais comica, a ligeireza do estylo, a habilidade das transições, tudo emfim o que dá amenidade e incanto ao genero folhetinistico, tudo se encontra n'esse bonito poema. Leiam a *Arte de amar* os admiradores de Balzac e Sthendal, leiam-n'a os entusiastas da escola humoristica, e digam-me se não acham no livro do romano as observações finas e graciosas, que tanto os enlevam nos modernos escriptores.

Oiçam:

*Não tendo para a vér entrada chan, segura,
se no avaro portão se obstina a fechadura,
trepá ao telhado esconso, abre uma fresta e salta;
escala uma janella; um meio nunca falta.
Vér que para alcançal-a esses perigos corres,
lisonjeia-a por força; é que por ella morres.
Quantas vezes Leandro o mar não passaria
menos por vivo ardor, que por mostrar que ardia.*

E a gravidade comica dos conselhos, que dá aos seus alumnos :

*Perguntas-me talvez se has de atrever-te á serva.
Questão grave, arriscada! ouve as razões, observa!
O goso umas desleixa, outras esperta; qual
te quer para a senhora; outra a não quer rival.
O evento é duvidoso. Ouvir-me emfim desejas?
voto no abster da serva, embora prompta a vejas!
Nada de aventurar por fragas e alcantis;
levais prudente guia, amantes que me ouvis.*

Ó folhetinista!

Mas nem a graça de Ovidio, o espirito, como hoje se diz, nem o esplendor da fôrma, nem a harmonia do verso disfarçam o que ha de repugnante na idéa fundamental! É a profanação do amor! É a negação do sentimento! É a parodia forçada do sublime poema, cujas estrophes haviam de estar inevitavelmente escriptas em letras de fogo no coração do poeta sulmonense.

Sem a idéa moral, sem ter sequer a inspiração delirante proveniente da febre dos sentidos, que anima as estrophes dos *Amores*, a *Arte de amar* pôde-se considerar como uma das obras mais graciosas, mas como a menos poetica de Ovidio. Só nos episodios anecdoticos ha uma certa elevação, que nos revela o cantor dos *Fastos*; mas falta-lhe em geral o sopro lyrico, que é substituido pelo dito espirituoso, pela observação picante.

É muito para um folhetinista; é pouco para um poeta.

Por isso repito: a *Arte de amar* é um poema folhetim.

Mas ah! quanto custaria ao vate, que associou á palavra «Amor» a palavra «Melancolia,» o ser ecco fiel de canticos tão profano!

Que prodigioso talento não deve ser o de Ovidio, para que o suave cantor de Julia sacrificasse á sua admiração artistica a sua consciencia de poeta!

Mas foi esplendido o sacrificio!

A traducção da *Arte de amar* pelo snr. Castilho não é só admiravel, é inacreditavel. Não se concebe que se accumulassem de proposito taes difficuldades, e que se vencessem.

Traduzir do latim, lingua admiravel pela sua concisão e riqueza, para o portuguez, não já paraphraseando, mas sim verso a verso; não em verso solto, sem constrangimento de rima, mas em verso rimado; não só em verso rimado, mas em verso alexandrino; não só em verso alexandrino, mas em parrelhas, sendo no primeiro canto alternadas rimas graves com as agudas; e isto interpretando sempre conscienciosamente o texto latino, conservando o estylo, a phrase, o modo de dizer; adornando a traducção com todas as galas da opulenta e vernacula linguagem lusitana é uma empresa impossivel de tentar. Bem sei que é impossivel. Tentou-a o snr. Castilho. Se fosse possivel não valia a pena. É absurdo imaginar que se leve a cabo essa empresa. Bem sei que é absurdo... Completou-a o snr. Castilho!

Se elle é o homem das utopias !

Ha utopistas tão teimosos que não só as devaneiam, mas que chegam a realisal-as !

É verdade que a humanidade, diga-se em honra sua, pessoa de muito bom senso como é, não faz caso d'ellas, ainda que as veja transformadas em factos reaes !

Vai andando o seu caminho, e não se importa com essas pateticas.

O snr. Castilho ha muito tempo que teima em doar á sua patria a esplendida traducção das obras completas de Ovidio. Utopia, dizem todos, e utopia por duas razões.

A primeira porque não é capaz de completar tão agigantada empresa. Está quasi completa, mas isso que importa ?

A segunda porque as letras patrias não lucram com traducções.

Pôr ao alcance de todos, remoçada, embellezada, e attrahente, essa formosa litteratura romana; mostrar-nos, ataviados com as primorosas galas da opulentissima versificação do harmonioso poeta portuguez, os poetas sublimes do antigo Lacio não será retemperar a nossa litteratura, que vai temivelmente degenerando em piegas, e operar uma util diversão no meio das rosas *fanadas*, e dos rouxinoes sédiços da moderna poesia ?

Eu assim o creio.

A *Arte de amar*, de que tratei agora e que nos veio impressa do Brazil, é acompanhada com dois volumes de notas escriptas pelo snr. José Feliciano

de Castilho, notas em que se revela a immensa erudição do seu auctor, e que são demais a mais curiosissimas para os leitores, a quem o snr. José de Castilho, deleitando-os e instruindo-os simultaneamente, revela todos os mysterios da vida romana.

Pena é que o snr. José Feliciano de Castilho, em vez de dividir por fragmentos as suas curiosissimas observações, se não resolva a compila-las em livros áparte, que seriam outras tantas joias, com que se enriqueceria a litteratura patria.

Ha mais uma coisa. Tanto na *Grinalda dos Amores*, como na *Grinalda da Arte de amar*, encontro bellissimos excerptos de traducções de outros classicos romanos; parece-me que, com pouco mais trabalho, o snr. José Feliciano de Castilho podia seguir o exemplo de seu irmão, e dar-nos as traducções completas de Marcial, de Juvenal e de Lucano, cujos fragmentos encontra o leitor dispersos e escondidos em volumes de notas.

Depois ha não sei que cheiro assustador n'este nome de notas, que faz recuar os mais intrepidos; raros investem com ellas. Os que a isso se atrevem, são recompensados do denodo e da confiança pelas bellissimas flores, que se lhes deparam no sitio onde só esperavam encontrar dormideiras. Tem o prazer da surpresa, bem sei, e o prazer da descoberta; mas tanto gosto tinham os nossos antepassados pelos descobrimentos, tão pouco o tem os seus descendentes; e quasi todos os leitores não se atrevem a voltar a primeira pagina para descobrir o que se passa na segunda.

Parece-me pois que as *Grinaldas* teriam senão a substancia, pelo menos a fórma muito mais attractiva, se o seu auctor fizesse d'ellas obras especiaes.

II

Ha um não sei quê de solemne e de augusto n'esse momento, que precede o agonisar de um povo. Chegada á beira do precipicio, a nação, que vai ser riscada da carta politica, como que se consubstancia n'um homem só, expressão sublime do genio nacional nos tempos do seu maior esplendor, que envia á posteridade o testamento da patria moribunda, ou o protesto contra os assassinos, que lhe tripudiam sobre o corpo, sulcado de largas feridas, mas não cadaver ainda. Derradeiro e esplendido fulgor de lampada prestes a extinguir-se, triste mas sonoro gemido de corda de harpa, que estala, a voz d'esse homem vibra na posteridade, e vai-se repercutindo de geração em geração, a luz do seu genio resplandece no horisonte das idades, lampadario de um tumulo gigante, facho que illumina as letras do epitaphio tremendo : «Aqui jaz uma nação!»

Quando a Grecia via surgir no horisonte Philippe de Macedonia, estrella precursora de Alexandre, d'esse astro immenso, que, deslumbrando o mundo com o fulgor da sua gloria, havia de devorar as instituições liberaes da sublime peninsula berço da civilisação européa, astro que devia absorver em si o

séreno fulgor das estrellas de Esparta, de Thebas, e de Athenas, e que, ao extinguir-se, deixaria ficar immerso nas trevas esse povo, cuja vivida nacionalidade affrontou os exercitos de Xerxes e ainda hoje espanta o mundo com os feitos gigantes das Thermopylas e de Salamina, quando a Grecia presentia, ao vêr sumirem-se no tumulto Agesilau e Epaminondas, que o papel que ella desempenhára no mundo estava quasi a concluir, que a sua missão ia terminar, apparece em Athenas um homem nutrido das sãs tradições do genio republicano do Peloponeso, eloquente como Pericles, e mais do que Pericles, respeitador da liberdade como Aristides, patriota como Epaminondas, austero como Lycurgo, sabio como Solon, homem de imaginação ardente e colorida, de palavra vehemente, de gesto impetuoso, orador, cujos discursos agitavam as multidões do Ágora, como o vendaval agita as ondas do Archipelago, homem a quem Philippe temia mais do que a um exercito, a quem Phocion respeitava, a sublime personalisação do genio politico da Grecia, Demosthenes emfim !

Mas debalde o grande orador evocava os manes dos heróes de Salamina e de Marathona, debalde recordava aos athenienses o exemplo dos seus antepassados, tão ciosos da sua liberdade, que chegavam a commetter essa injustiça sublime do ostracismo, debalde a multidão o ouvia commovida e arrebatada, a ultima pagina da vida politica da Grecia estava escripta no livro do destino, e o heróe de Quinto-Curcio sonhava já essa Odysséa gigante, que havia de

ser o epilogo da epopéa grega. A patria de Periclés estava á beira do abysmo, Demosthenes escrevia-lhe o epitaphio; as *Philippicas* eram o protesto enviado á posteridade pela nação moribunda.

Revivia n'elle por instantes o ciume de liberdade, que déra vida a essas republicasinhas de dois palmos de territorio.

Em plena embriaguez de vinho e de sangue, prostituida, dissoluta, Roma, a cidade eterna, revolve-se no leito da lascivia, com o pé de Domiciano na garganta; no horisonte do imperio começa lentamente a subir uma nuvem negra, e a Meretriz das gentes, ebria e devassa, com os olhos ainda offuscados do immenso clarão do incendio mal extincto, que a mão de Nero accendeu, não vê a tempestade que se accumula, e dança por cima do vulcão que ferve nas catacumbas, e cujos abalos fazem já oscillar o mundo do paganismo. Passando das saturnaes ao circo, Roma a voluptuosa procura fartar nas ondas de sangue christão a sede, que o phalerno espumoso já não consegue extinguir. Está a dois passos o precipicio; então surge um homem em quem revive a antiga austeridade republicana; nas horas mortas da noite, enquanto Roma se agita no seu voluptuoso estertor, a sombra de Catão vem poisar austera junto d'esse homem e dar-lhe a espada, que lhe ha de ser buril para inscrever no eterno bronze da historia a punição dos assassinos da patria, o protesto da velha cidade de Quirino contra a nefanda herdeira do seu nome, contra a prostituidora das suas tradições. E em-

quanto ao longe, muito ao longe, se ouve o confuso estridor das armas dos germanos, enquanto o estranho écco de uns hymnos suaves de uma nova religião vem expirar no ouvido do solitario pensador, de envolta com os canticos obscenos da escrava dos Cezares, elle, o descendente directo dos Scipiões e dos Gracchos, escreve o epitaphio de Roma pagã.

Como se chama esse homem?

Tacito!

Aqui na extrema do Occidente houve um povo pequeno, que praticou grandes feitos, cujo nome encheu o mundo, cujas bandeiras tremularam em todos os mares, porque tinha um grande elemento de vida — o patriotismo! Collocou-o Deus aqui, sentinella avançada da Europa, debruçado para o Oceano, a ouvir no marulhar das vagas o écco longinquo dos rugidos do Adamastor, a respirar na brisa humida dos mares os ignotos perfumes das praias americanas. Actor sublime do grande drama da historia, via d'estes bastidores de penhascos desenrolar-se o palco gigante, para onde o impellia o dedo da Providencia. Ufano de si proprio, convicto da importancia do seu papel, não consentia nem podia consentir que a Hespanha o quizesse arregimentar na lista dos seus comparsas. Apenas soou a hora marcada, apenas esse vulto sublime do infante D. Henrique se ergueu no promontorio de Sagres, ahi se arrojam os filhos d'essa nação, com enthusiasmo, com fogo, aos mares, por onde lhes compete, guardas avançadas do progresso, abrir caminho ao exercito civilizador. Desgraça sobre quem os vem per-

turbar no cumprimento d'esse dever ! e elles lá caminham, os heroicos filhos da Lusitania

*Povos e mares varrendo
Do Zaire além de Ceylão !*

É esse orgulho nacional, essa ufania que todos e cada um têm de se chamarem portuguezes, que lhes dá força, que lhes dá vida, é esse o baluarte impenetravel que rodeia este ninho das aguias dos mares, e conserva em respeito attentas e silenciosas as nações da velha Europa ! Portugal isolou-se d'ellas. Desaba uma porção do edificio da igreja, e Portugal não ouve o ruído da queda. Ergue-se Luthero, e Portugal não o conhece. Lutam Carlos v e Francisco I, e Portugal dá mais importancia ás discordias do Çamorim de Calicut, e do rei de Cochim. Nada o consegue distrair. Trabalham com affinco os seus filhos, todos por um, um por todos, ligados por esse energico laço de um ardente patriotismo.

Porém, logo que findam a sua missão, assim que despem a armadura e se recostam nos lubricos palmares do Oriente, apenas os sublimes aventureiros se transformam em negociantes, logo que o avido egoismo do mercador substitue o fervido patriotismo do guerreiro, começa o agonisar d'esse povo. É unicamente o affrouxar d'esse laço, que o conduz á morte. Alcacer-Quibir não produz a sua queda, accelera-a, proporciona o ensejo. A corôa portugueza não se perdeu nos areaes africanos, caiu florão a florão, arrancada por Antonio de Brito e Garcia Henriques,

os salteadores das Molucas, por Faria o roubador dos tumulos dos imperadores da China, e por tantos outros que fizeram execrado o nome glorioso de Portugal. Não é a derrota, por mais completa que seja, de um exercito de dez mil homens, que mata uma nação, se ella já não estiver moribunda. Os povos não morrem de ataques apopleticos. Mas o energico patriotismo de Portugal perdera todo o seu vigor, e, assim que os braços frouxos dos mercadores da India deixaram pender as espadas, que, unidas em broquel de ferro, escondiam Portugal aos olhos da Europa, a Europa vio Portugal... e riu-se!

É n'este momento, em que a nossa nacionalidade se desvigorisa, que apparece na scena da historia o seu immortal representante. É n'este momento que surge um homem, que atravessa o Oriente com as mãos limpas do oiro ensanguentado, com o espirito aventureiro dos audazes descobridores, e com a alma ardentemente patriótica dos Alvares Pereira e dos Albuquerque! Esse homem, verdadeira personalisação do genio nacional, vê o imperio portuguez oscillante na India, vê o egoismo infrene produzindo no Oriente atrocidades e villanias, no reino villanias e traições! Então busca as solidões de Macau, e vê na sua gruta apparecerem-lhe os phantasmas epicos do velho Portugal. «É tempo», dizem-lhe elles, e o poeta-soldado depõe a espada, lança mão da penna, e escreve o testamento da patria, a Biblia do patriotismo, os *Lusiadas* de Camões!

Era lenda vulgar na Escocia que todas as familias nobres tinham um genio protector, o qual, quan-

do essas familias estavam para fenecer, apparecia á noite no alto das torres dos seus castellos, agitando os braços, fazendo ondear as roupas alvejantes, e soltando lamentosos queixumes.

As nações têm tambem o seu genio, que lhes vem prognosticar a morte. Esses vultos, em que ellas se consubstanciam, Demosthenes, Tacito, Camões, apparecem na hora da agonia, e soltam o canto sublime do cysne espirante.

É empreza, que só grandes genios podem tentar, fazer apparecer estes vultos enormes na tela do poema, do romance, ou do drama, e fazel-os destacar, dando-lhes as devidas proporções, da turba de pygmeus que os rodeia. Tentou-a o senhor Castilho com o vulto do nosso epico, e foi admiravelmente feliz.

O drama *Camões* é um dos monumentos da nossa litteratura.

Não me fallem nos tões francezes, que pelo nome não percam, que se vieram apoderar d'este grande vulto da nossa historia, para fazerem d'elle um heroe de drama como outro qualquer, emprego que podia ser igualmente desempenhado por um poeta da *Phenix Renascida*.

O titulo do livro do senhor Castilho é o seguinte : *Camões, Estudo Historico-Poetico, liberrimamente fundado sobre um drama francez, etc.*

O titulo devia ser :

Camões, Estudo Historico-Poetico, em que liberrimamente se fustiga um drama francez, que veio metter o nariz nas vidas alheias, sem d'ellas saber coisa alguma.

Pois que têm elles com essa obra essencialmente portugueza? Que têm elles com este feiticeiro estylo? Que têm elles com esse maravilhoso auto, que Gil-Vicente affiança ter escripto, por uma indesculpavel vaidade? Que têm elles com esse admiravel panorama da epoca, que se vai desdobrando lentamente diante de nós, e que nos vai mostrando o espirito interesseiro substituindo em tudo o patriotismo, o filho degenerado dos rudes companheiros d'Albuquerque no effeminado Real, o homem, para quem o espirito de nacionalidade já perdeu todo o prestigio em Martim Gonçalves, os pobres populares, em quem se refugiou o amor da patria, mas que nada podem fazer, porque são, e serão por muito tempo, e estão sendo ainda os párias das nações? Que têm elles com a sublime elegia do quinto acto? Que têm elles com o grandioso vulto de Camões, com esse espectro da nacionalidade portugueza, que surge aterrador e indignado no banquete dos que a estão assassinando?

O auctor do *Camões* não quiz fazer d'elle um drama, ou antes não quiz condescender com o gosto das platéas. Preferiu traçar um quadro historico completo. Acho que fez bem. E pena é, que não haja um theatro com forças sufficientes para dar a perspectiva da scena áquelle panorama, e animar aquellas figuras, que parecem querer saltar da téla. Seria uma noite sublime essa em que assistissemos não á representação de uma peça, mas á resurreição de uma epoca.

Quando digo que não ha theatro com forças suf-

ficientes para isso, quero dizer que o nosso theatro normal não póde abstrahir do gosto publico, e, em vez de lh'o dirigir, tem de se deixar em parte dirigir por elle.

Se assim não fosse, e ainda que o *Camões* precise de grandes despezas para ser posto em scena, e não seja peça escripta expressamente para o theatro, isto é com certas condições de movimento e rapidez de dialogo, parecia-me que seria melhor que o dinheiro gasto com absurdos espectaculos, com peças escriptas expressamente para servirem de fundo ao scenario, se gastasse em pôr em scena estes quadros monumentaes das epocas da nossa historia.

III

Annos e annos esteve muda a lyra do nosso primoroso poeta Antonio Feliciano de Castilho. O cantor do *Amor e Melancolia*, não já scismador solitario, mas operario convicto de uma grande idéa, trabalhava afanoso e incansavel por construir os alicerces do edificio social, que os outros cá por cima assentavam sobre a areia, ufanos do seu engenho e da sua dedicação á causa publica.

As constituições, as leis, os decretos succediam-se uns aos outros, e baqueavam incessantemente, sem que os edificadores d'esses castellos no ar descessem a investigar, se a causa d'esse eterno terremoto não seria por ventura a ausencia completa de

base, sobre que deviam assentar os monumentos das reformas sociaes. E, se ao ouvido d'esses vaidosos estadistas chegava o echo longiquo do ruido subterraneo, produzido pelo incessante trabalhar do poeta, perguntavam uns aos outros, sorrindo-se: «O que quer este utopista? Porque não retoma elle a sua lyra, e não vai descantar frivolidades, deixando aos homens competentes o cuidado da salvação da república?»

Utopista! Utopias serão todas as suppostas reformas, todas as reorganisações sociaes, todas as constituições, todas as liberdades, todos os melhoramentos, emquanto se não realisar a utopia sublime a que o nosso grande poeta tem dedicado a sua existencia inteira, emquanto a palavra «povo» não significar mais alguma coisa do que o chavão obrigado de todos os programmas eleitoraes, emquanto não designar senão essa multidão que se agita nas praças publicas em dias de revolta,

*horda barbara, que enche as nações orgulhosas,
e n'alma pensadora infunde horror e dó;*

emquanto Lazaro se sentar esfaimado nos degrãos do esplendido palacio da civilisação, em cujas salas se realisa o banquete da intelligencia, em quanto o povo dos artigos de fundo fôr a populaça da realidade.

Desde 1789 até hoje, têm-se derramado torrentes de sangue para fazer triumphar a causa popular. Todos os pensadores, todos os philosophos,

todas as almas generosas se têm votado a essa grande obra. Sobre as ruínas da Bastilha erigiu-se um altar gigante, onde campeou esse idolo que se chama «povo.» Milhares e milhares de victimas lhe foram offerecidas em expiação. Robespierre foi o pontifice maximo, sacrificador o cutêlo estúpido da guilhotina. Rolou a seus pés a cabeça ensanguentada de Luiz XVI, e, do mesmo modo que nos sacrificios antigos era sempre immolada a mais formosa rez, trouxeram-lhe em holocausto a fronte gentil de Maria Antonieta. E os proselytos cresciam. Lauzun atirou-lhe aos pés o manto ducal, e vestiu a farda de soldado da republica, Orléans sacrificou-lhe jerarchia e familia, Lafayette trocou a esplendida farda de general realista pelas simples dragonas de commandante da guarda nacional, Mirabeau arrancou da fachada do seu palacio o seu brazão de conde para inscrever o letreiro plebeu «*Mirabeau marchand de drap.*»

Mas isto não era bastante. Era necessaria a propaganda. Os pontifices do novo deus bateram com o pé no solo da França, e viram, como que por incanto, surgir milhões de apostolos armados, que foram, soltando ao vento a bandeira tricolor, adubar com os seus cadaveres os campos de batalha da Europa, ao som do hymno guerreiro da *Marselheza*.

De então até hoje ainda se não passou um dia, em que se não inscrevesse um nome no martyrologio da religião popular. Ergueram-se em 1830 as barricadas de Paris; cahiram dizimados pelas balas dos soldados de Bugeaud os insurgentes do Cloître St. Méry; hasteou-se sobre centenas de cadaveres a

bandeira republicana de fevereiro de 1848; fulminou a artilharia de Cavaignac os revoltosos de junho; victimas novas protestaram contra o golpe de estado de 2 de dezembro; na Hungria, na Polonia, na Italia, em Portugal, e em Hespanha, ergueram-se os cadafalsos, accenderam-se os incendios, troaram os canhões, e as victimas, ao morrerem, bradaram com sublime alegria: «Viva a liberdade do povo!»

Muito bem! é nobre, é grandioso o sacrificio! santa a causa por que combatem! sublime o pendão que ergueram! Déstes ao povo a liberdade! quebrastes as algemas que o agrilhoavam! proclamastes os seus direitos menospresados! Nada vos custou para conseguirdes esse fim! Cingistes com o diadema da soberania a fronte do idolo a que vos sacrificastes! Só uma coisa vos esqueceu: foi dar-lhe vida!

O idolo estúpido e mudo não vos comprehende! Agrupaes-vos em torno do seu altar, e basta que um padre, um general, um intrigante dê um leve impulso á massa inerte e bruta para que esta vos esmague! Então, ó sublimes republicanos, Hoche e Marceau, vêde passar por cima da terra que vos cobre os ossos, os batalhões de Napoleão! Heroes de 24 de fevereiro, contemplae os sete milhões de votantes que restabelecem o imperio! Soldados de D. Pedro IV, vêde o povo, por quem combateis, enfileirar-se ao som dos gritos de «Viva a santa religião» nas hordas de D. Miguel! Inuteis sacrificios, vãs tentativas, o idolo não tem vida, o povo não tem alma, não sabe, não vê, não vos comprehende; e, para que assim não seja, para que dê fructo a arvore da li-

berdade não precisaes de a regar com o vosso sangue, precisaes unicamente de consentir que um novo e sublime Prometheu anime, com uma parcella do fogo sagrado da instrucção, o vulto inerte e immenso d'esse povo a quem chamaes soberano por zombaria de certo.

E comtudo (contradicção notavel) os que combatem heroicamente a prol da liberdade popular são os mesmos que se sorriem da utopia da instrucção espalhada universalmente. Mas se consideram isso como uma utopia, se julgam que a maioria das nações ha de ser sempre apenas um rebanho vil de párias, por quem combateis então? A quem aproveita essa igualdade de direitos que introduzistes? Por quem são eleitos os representantes, que exercem a soberania em nome da nação? São mentirosos os vossos programmas? falsa a divisa que inscrevestes no vosso estandarte? e o idolo, que erguestes sobre o altar não é mais que a vossa propria ambição mascarada com o nome pomposo de liberdade popular?

Paradoxo! Paradoxo! Paradoxo! bradaes vós, utopistas de má fé, aos que tomam a serio as vossas proclamações. Paradoxo? Que dirieis do architecto, que encolhesse os hombros sorrindo, e tratasse de louco e de importuno a quem não cessasse de lhe bradar que é necessario construir alicerces, quando se quer construir uma casa! Alicerces! que paradoxo! Pois não vê esse parvo architecto que paradoxo é uma casa que os não tenha?

Eu deixei escapar um adjectivo que me não permite estabelecer a comparação com os nossos ho-

mens de estado ! Pois é pena, porque era frisante ! «Todos os cidadãos são iguaes perante a lei», diz a Carta. Mentira ! Um ente pensador não pôde ser igual a um ente quasi privado de razão ! Mesmo perante a lei um d'esses habitantes selvagens do sertão portuguez, que brincam com a vida dos homens, que não têm idéa alguma da moral, e para quem um assassinio é uma coisa naturalissima, não pôde nunca ser igual ao homem instruido, que mata um seu semelhante, sabendo que perpetrou um crime horrendo, reprovado por todas as leis divinas e humanas.

Ahi temos o primeiro tremendo paradoxo dos homens de estado, e isto não é só entre nós, sejamos justos, isto acontece por exemplo no paiz mais civilizado da Europa : em França.

«Todos os francezes são iguaes perante a lei.» Que horrendo paradoxo ! Pois o corso, que bebeu com o leite materno o sentimento da *vendetta*, o corso a quem seu pae no leito da morte legou o *sagrado* dever de assassinar o inimigo da sua familia, e que vai, depois de ter invocado a Virgem, esconder-se por traz de uma sebe, e cumprir a sanguinaria obrigação, que lhe é imposta pela barbarie horrenda dos costumes ; o corso que, matando um homem, fica com a consciencia mais livre, e julga ter feito um acto agradavel a Deus e á sombra dos seus paes, pôde nunca ser igual, perante a lei, a Couty de la Pommerais, o medico instruido e envenenador ?

Mal irremediavel ! dizeis-me. Nunca poderemos fazer com que todos sejam igualmente instruidos.

A isto responde o nosso poeta :

*Tenha embora o saber pobres, ricos, morgados:
como a fortuna os tem; como os tem o poder.
A harmonia geral pede tons variados:
no saber soffre graos: não párias no saber.*

Aos governos cumpre abrirem de par em par as portas do templo da instrucção; aos governos cumpre obrigar todos a encherem a immensa nave. Deus fará depois transpor a teia aos seus eleitos, áquelles a quem circundou a fronte com a aureola sublime da intelligencia.

Então sim, então será verdadeira a igualdade perante a lei, quando todos comprehenderem essa lei, quando nós não ouvirmos os mais cordatos populares dizerem com toda a seriedade que é um sacrilegio serem feitas as eleições na igreja!

Tal é a importancia que dão ao acto mais solemne da vida de um povo!

Comprehendendo tudo isto, houve um homem em Portugal, que sacrificou uma grande parte da sua existencia á resolução de um grande problema: tornar agradável, accessivel a todos, commoda ao Estado a instrucção elemental.

Para resolver esse triplice problema, empregou principalmente tres meios.

Tornou risonha a escola; fez pueril o ensino; arrancou das mãos do professor a repellente ferula; fez do mestre, na sua bella phrase, o *vice-pae de todas as familias*; em vez de o apresentar carrancudo á porta, fazendo esmorecer o riso nos labios das crianças, pôl-o, á imitação de Jesus, amavel, mei-

go, e dizendo-lhes tambem : «*Sinite parvulos venire ad me.*»

É paradoxo? Porque não chamam tambem paradoxo ao christianismo?

Estava resolvida a primeira parte do problema.

Em segundo logar, estudou a indole das crianças, e espantou-se do absurdo secular, que desprezava a fecunda curiosidade infantil, e que em vez de fazer do estudo da linguagem escripta, o complemento do estudo da linguagem fallada, estudo que as crianças fazem tão naturalmente, aprendendo o immenso vocabulario de uma lingua, sem esforço, carinhosamente, graças ao terno palrar maternal, desprezava o já adquirido, e punha nas mãos das crianças uma cartilha cheia de signaes, que nada significavam, de letras mortas, de symbolos sem idéa.

Pois que! Durante seculos se tem partido, contra todas as regras da logica, contra todos os dictames da philosophia, do desconhecido para o conhecido? Fazem conhecer ás crianças com immenso trabalho as letras, depois as syllabas, para chegarem finalmente a mostrar-lhes as palavras que elles já sabem? Pois não seria mais simples fazel-as dividir as palavras em syllabas, as syllabas em letras, e mostrar-lhes depois os signaes representativos d'estas? Pois não se aproveitaria d'este modo o conhecimento, que se desperdiça, dos vocabulos da lingua, conhecimento que ellas já têm!

Pois não se lhes ensina d'esta maneira a ler, antes de pegarem n'um livro? E não é tão facil depois fazel-as reter os symbolos das idéas que já ad-

quiriram? Quando foi que o symbolo precedeu a idéa?

Paradoxo? Porque não chamam paradoxo á logica?

Estava risonho, estava facil o ensino, restava tornal-o commodo ao Estado.

Concluiu-se a resolução do problema pela simultaneidade do estudo.

Até agora uma escola não tem podido conter senão um limitadissimo numero de alumnos. Quando esse numero se torna um pouco maior, vê-se o mestre obrigado a formar decurias, a delegar a sua authoridade nos alumnos mais instruidos; e todos conhecem os innumerables inconvenientes d'este systema. Com o *Methodo portuguez* não succede o mesmo. A escola pôde ter tantos alumnos quantos caibam na sala. Todos aproveitam o ensino do mestre. Todos farão identicos progressos. Com o systema do snr. Castilho aproveita-se a exuberancia de vida nas crianças, que não consente que estejam quietas nem caladas por muito tempo. A bulha, que até ahi era reprimida a muito custo, torna-se agora um elemento de estudo. Não se contrariam, aproveitam-se as tendencias da natureza.

Paradoxo? Pôde-se chamar paradoxo a um ensino que se baseia nas tendencias naturaes da organização infantil, que auxilia a expansão da vida; em vez de forcejar brutaemente pela reprimir!

Portanto, instrucção para um grande numero de alumnos com um pequeno numero de mestres.

Pois bem! para conseguir que se adopte este

methodo, para conseguir que se dê ao povo este pão de vida tão saborosamente condimentado, tem lutado o snr. Castilho com innumeradas difficuldades. Não o têm descoroçoado nem os apodos nem os insultos, nem as zombarias, nem as accusações de importuno, que lhe têm sido dirigidas. Fundador, apostolo e martyr d'esta religião do ensino, tem convencido todos os espiritos despreoccupados, todos os homens de boa fé. Os governos, sem ousarem negar as vantagens do methodo, nem oppor-se-lhe abertamente, têm-no deixado propagar-se como tem podido, têm deixado a semente fructificar á ventura, mas, honra lhes seja, não tem sido culpa sua se a semente não cahiu toda entre espinhos, ou se a não comeram as aves... do inferno.

É pois incontestavel que o *Methodo portuguez* é altamente proficuo. Quando alguém se lembrar de o traduzir e applicar ao ensino da lingua franceza (porque este methodo em todas as linguas é util) veremos se o ministro da instrucção publica em França olha para elle com o mesmo desdem com que o têm olhado em Portugal.

Um dia chegou á faustosa côrte de D. João II um aventureiro genovez. Pobre, offerecia um mundo ao rei de Portugal. O rei de Portugal riu-se e voltou-lhe as costas. D'ahi a annos chegou a Lisboa uma noticia estranha. Tres navios hespanhoes tinham saído de um pequeno porto da Andaluzia, e voltavam, trazendo uma nova e mais esplendida corôa, a corôa de um hemispherio, a Isabel a Catholica, e Fernando de Aragão.

Era o aventureiro italiano o chefe da esquadri-
lha. O misero piloto chamava-se Christovão Co-
lombo.

D'esta vez não é um aventureiro desconhecido,
é um grande homem nosso compatriota que offerece
ao paiz um novo mundo, o mundo da instrucção.
De novo lhe voltam as costas. Tarde ou cedo, du-
rante a vida do poeta, ou depois da sua morte, al-
gum povo ha de apreciar e acceitar a offerta, offerta
que do mesmo modo que a do descobrimento da
America não interessa unicamente a uma nação, in-
teressa ao mundo inteiro. E de novo Portugal será
chamado a responder, perante o tribunal da historia,
por este segundo crime de lesa-humanidade.

IV

Todos quantos pertencemos á nova geração,
que entra agora na arena, nos lembramos de ter
escutado com enlevo, quando a phantasia nos prin-
cipiava a desabrochar, quando a suave melodia dos
versos nos aflagava o ouvido em quanto os pensa-
mentos que esses versos traduziam começavam a
encontrar vagos eccos no nosso coração, todos nos
lembramos de ter escutado, recitadas com enthu-
siasmo por nossos pais, as descripções admiraveis
da *Noite do Castello*, e as lyricas imprecações do
ciumento bardo. O nome de Castilho, e o nome de
Garrett, foram os oragos do templosinho poetico,

que erigimos, e por cujas paredes penduravamos as singelas flores do nosso alvorecer, as boninas do madrugar dos nossos affectos, as rosas ainda não desabotoadas da nossa infantil imaginação.

Devemos recordar-nos do que nossos pais então nos diziam ácerca da indole do talento de Castilho. O cantor da *Primavera*, o confidente do infeliz Narciso e da desesperada nympha, fugira dos arraiaes classicos, e, abandonando nos bosques de Menalo a harmoniosa lyra, entrára pelas pontes levadiças dos castellos feudaes, e viera despertar os eccos das gothicas salas, suspensos e enlevados em tão feiticeira voz, com os seus cantares de menestrel. Apollos deixára ficar as Musas chorosas nas faldas do Parnaso, e dignára-se ensinar magicos hymnos ás brancas fadas, sentadas á beira das fontes a deslindar com o seu pente de oiro as suas negras tranças. Fôra caso para grande alegria nas tendas dos romanticos. Todos os cantores de chácaras, todos os narradores de casos de infanções vieram á porta, desgrenhados e de barba hirsuta, receber o recém-vindo, que elles julgavam lhes seria cumplice nas suas malfetorias. Namorado da nativa e desataviada formosura da musa romantica, viera Castilho requestral-a; não lhe aprazia, porém, achar-se entre as fileiras d'esses bandidos litterarios. Queria scismar á beira dos lagos em meiga entrevista com a virgem dos alcantis, mas achava completamente desnecessario ter por companheiros esses rufiões da Calabria, arvorados em poetas, com o mesmo direito com que o berimbau se podia arvorar em instrumento musi-

co. Por isso Castilho protestava e reprotestava contra o bastão de general, que lhe queriam confiar tão desalmados milicianos. Dava ares de um d'esses homens, sinceros amadores da liberdade, que, ao verem-se perdidos no meio da chusma dos Marats e dos Fouquier-Tinville, fugiam a bom fugir das phalanges onde tremulava o pendão maculado das suas idéas, e olhavam com saudade para o campo sereno ainda que injusto, delicado apesar de absurdo, d'onde primeiro tinham saído. Esse terror revela-se nos prologos da *Noite do Castello* e dos *Ciumes do Bardo*, e foi isso o que serviu para que se repetisse, e passasse em julgado esta banalidade falsa: «Castilho é a transição entre a escola classica e a escola romantica.»

Talvez um dia mais d'espaco eu procure derrubar completamente essa injusta apreciação. Agora basta-me só dizer de relance duas palavras a esse respeito.

A escola romantica não era, como primeiro o quizeram fazer supôr uns poucos de ignorantões que julgaram sufficiente habilitação para serem poetas o não saberem latim, não era a proscripção dos grandes mestres romanos e gregos, não era a des-thronisação proclamada officialmente das risonhas ficções do paganismo, não era, finalmente, a tyrannia dos authores primitivos de balladas substituida á tyrannia dos bucolicos antigos. Era, e n'isso consiste a sua gloria, o franquear das portas doiradas do templo poetico a tudo quanto podesse ter visos suaves, risonhos, ou melancholicos, tanto nas tradições

da antiguidade como nas lendas dos poetas modernos. A revolução litteraria tinha os intuitos e commetteu os erros da revolução politica. Os homens de 89 queriam a igualdade de direitos, queriam que os nobres e os plebeus se chamassem cidadãos; os de 93 invertiam simplesmente a sociedade antiga, faziam dos dominadores os dominados, dos dominados os dominadores, e desviavam de diante dos altares da liberdade todos os homens de bom senso, de nobre espirito, e de principios rectos.

Aconteceu o mesmo na litteratura. Os fundadores da nova escola queriam unicamente limitar as invasões dos antigos, dar larga ás aspirações da musa moderna, e fazer sentar no banquete da poesia as tradições de outras idades. Continue Homero a symbolisar a primitiva Grecia, Virgilio a culta Roma; porém surja Dante, symbolisando a idade media, Shakespeare a renascença, e venham novos cantores reproduzir as novas idéas da nova sociedade. Se nos loireiraes da Grecia se entre-mostram esquivas as nymphas voluptuosas de Ovidio, se da espuma das ondas ionias surge Aphrodite, deixem tambem dos carvalhos da Gallia brotar a incantadora Velleda, deixem doidejar as willis ao clarão da lua nas florestas germanicas, e nas barbacãs dos castellos da Peninsula dedilhem as moiras incantadas o seu feiticeiro alaúde. E sobretudo conserve-se cada qual no seu logar, corresponda cada poesia á sua epoca, e não embrulhemos por tal fórma a guarda-roupa das tragedias, dos poemas, e das canções amorosas, que nos appareça OEdipo com um chapéo á Luiz XIV, que

inviemos Affonso de Albuquerque aos Campos Elysios de companhia com o pio Enéas, e que adorne-mos a filha do capitão-mór da terra com o fato de Corinna, de Cinthia, ou de Délia.

Era a esse deploravel estado de confusão que chegára a poesia do seculo XVIII; quèria ser pagã e moderna ao mesmo tempo, e por fim de contas vinha a ser... tola. Os personagens das tragedias gregas fallavam como os peralvilhos do tempo da cabelleira empoada, os Menalcas andavam pelo Ribatejo a entoar louvores ao marquez de Pombal, Venus fazia trocadilhos, que nem que fosse frequentadora do palacio Rambouillet, Cupido queria obter a primeira vagatura na academia franceza, os Satyros, os Faunos, e os proprios deuses do Olympo morriam de amores pelas engommadeiras, e pelas filhas dos merceeiros.

Foi n'este máo estado que Gessner na Allemanha, André Chénier em França, Parini na Italia, e Castilho em Portugal vieram encontrar a poesia antiga. As successivas camadas dos imitadores tinham ido mettendo a pique os grandes poetas do paganismo, e aquelle mar de semsaborias affogava de todo Homero, Virgilio, Anacreonte, Ovidio, Theocrito, que mal podiam erguer a cabeça, procurando em torno de si quem lhes valesse.

*Come sul capo al naufrago
L'onda s'avvolve e pesa,
L'onda su cui del misero
Alta pur dianzi e tesa*

Scorrea la vista a scernere
Prode remote invan !

Valeram-lhes os poetas, que citamos. Os idylls e a *Daphnis* de Gessner, os admiraveis fragmentos de Chénier, as odes de Parini, e as *Cartas d'Echo e Narciso* e a *Primavera* de Castilho inauguraram a revolução litteraria. A formosa inspiração antiga resurgiu em todo o seu esplendor, a chamada escola classica foi batida com as suas proprias armas.

Por outro lado, outros innovadores faziam apparecer nova musa no Parnaso, espantado bem que infeitiçado com a invasão. A musa christã, melancolica e suave, sentou-se fraternalmente junto da rissonha e voluptuosa deidade do paganismo. A idade média apresentou os seus fóros de nobresa poetica, e entrou com o seu cortejo de castellãs, de homens de armas, de monges, e de phantasmas nos perfumados paços, d'onde fugiram com susto os antigos cortezãos. *Fi donc !* Esta canalha junto de nós ! Era o mesmo que diziam o clero e a nobresa a respeito do terceiro estado. Da canalha politica surgiram Vergniaud, Carnot, Condorcet e quantos mais ! Da litteraria brotaram os romances de Walter Scott, os poemas de Byron, as balladas e os dramas de Hugo, a *D. Branca* de Garrett, e a *Noite do Castello* de Castilho. Vejam como são as coisas !

Depois, a turba multa dos imitadores veio tambem arrojarse sobre elles, como a do seculo passado se arrojára sobre os grandes mestres da arte antiga. Empregaram o mesmo systema. Mudaram as

settas em grelhas, e continuaram a fazer o que os classicos haviam feito. As engommadeiras deixaram de ser nymphas, e passaram a ser castellãs, os pastores transformaram-se em menestreis, os Tytiros fizeram-se cavalleiros da cruzada, e por fim de contas moiros eram todos elles, attendendo á linguagem de que se serviam.

Esta plebe revolta votou um odio profundo ao latim. . . e ao portuguez tambem. Horacio, Virgilio, Ovidio foram apupados. Os monarchas litterarios, como os cadaveres de S. Diniz, tiveram a sua exhumação insultuosa. Os profanadores julgavam que Virgilio fazia madrigaes como o abbade de Chaulieu, entendiam que Horacio era uma especie de marquez de Lafare do seu tempo, e pensavam lá de si para si que as paizagens de Theocrito se pareciam com os jardins de Trianon. Era o mesmo que o povo francez não distinguindo Henrique iv de Luiz xv. Boa gente!

Foi n'esta época que Castilho, cuja lyra tinha todas as cordas, cuja imaginação esvoaçava em todos os céos, e com todas as côres se illuminava, escreveu a *Noite do Castello*. Da mesma fórma que percebera bem a poesia do paganismo, percebeu a poesia da idade media. Tão sublime é a Borghi-Mamo na *Sapho* como no *Othello*. É este o dom dos talentos excepçionaes: impregnarem-se do esplendor de todas as inspirações, como os diamantes que qualquer luz incende em radiosos fogos. O coração verdadeiramente poetico tanto se enleva na placida belleza das noites de verão, illuminadas por um luar sereno,

como na horrida magestade d'uma noite d'invernia, em que brame a tormenta e fuzila o raio sulcando as trevas. Shakespeare escreveu o *Macbeth* e escreveu o *Romeu e Julieta*, Victor Hugo *Les Nuits de Juin* e *Oceano Nox*, Virgilio o 4.º canto da Eneida e o 6.º, Dante o episodio d'Ugolino e o de Francisca de Rimini. Porque se admiram então que Castilho escreva a *Primavera* e a *Noite do Castello*?

Transição da escola classica para a romantica ! Como ! Se elle nunca pertenceu á primeira ! Revolucionario remisso ! elle, que deu o primeiro rebate ! Não transformou a lyra em alaude ! Empunhou-os juntos, o verdadeiro alaude e a lyra verdadeira !

Nunca, em lingua portugueza, se revelou mais admiravelmente a lugubre poesia da idade media do que na *Noite do Castello*. Garrett na *D. Branca* encarára a outra feição d'essa época., a feição mais rissonha: fadas e incantamentos, amores de moiros e christãos, formosos combates á luz do dia, monges rubicundos e comicos; Castilho encarou o lado tenebroso, pavorosamente legendario, e reproduziu admiravelmente essas scenas d'apparições e terrores, de cavalleiros negros de viseira calada, de duellos nas trevas. O magico pincel, que espalhára tão profusamente o seu ridente colorido nos campos onde vagueavam Narciso e Echo, soube carregar-se de côres sombrias e pintar-nos com magestade a austera belleza d'uma estancia feudal em noite de terrores. E que vehemencia de lyrismo, que fogo na phrase e que opulencia de linguagem, que harmonia de verso!

A nossa boa falla portugueza em mãos de ne-

nhum escriptor se tem mostrado tão prodiga de tons, como nas de Castilho! Tudo pinta com ella, e tudo pinta bem, e tudo o nosso idioma nol-o representa ao vivo. E o verso solto, como perde a monotonia sem perder a sonoridade n'esse constante variar de quadros! Desde a magestosa, e verdadeiramente senhoril elegancia do principio :

*Todo por dentro e fóra illuminado
o castello feudal pernoita em festa
na margem negra do espaçoso lago.*

até ao gracioso do baile, o pavoroso dos agoiros, o melancholico da descripção do parque, onde fenece a luz e o festejo, o tremendo das imprecações... a tudo se doma a linguagem e a metrificacão, e tudo reproduz com um energia, com uma propriedade taes, que com ellas se estão saboreando os mesmos, que não percebem a alteza d'estes merecimentos.

O que me atreverei eu a dizer dos *Ciumes do Bardo*? O que poderei eu dizer d'esse admiravel poemeto eternamente juvenil, que não seja logo interrompido pelos leitores a recitarem enthusiasmos esses versos, perante os quaes desmaia a apreciação elogiosa :

*Julgam-se immunes, sós, n'este universo!
Insensatos! meus olhos os contemplam,
Os meus ouvidos por seus labios roçam,
e eu vago, inteiro, pela mente de ambos.*

Apresso-me a concluir, receiando sentir tentações de me ir por ahí fóra deliciando com tão magnifica poesia.

Concluo, e concluo com uma pergunta que nada tem com tudo quanto acabo de dizer. Qual será o motivo por que n'uma epoca, em que em toda a parte se estão fazendo edições economicas dos classicos, que são a um tempo glorias nacionaes, indispensaveis auxiliares da historia litteraria e portanto da historia do viver das gerações, de que é aquella o espelho, e mananciaes da boa e pura linguagem, que está sendo deturpada em França pelo hybrido idioma dos *vaudevilles*, em Portugal pelos gallicismos; qual será o motivo porque não possuímos um principio, um esboço d'uma edição completa e barata dos nossos classicos?

Prefiro em tudo a iniciativa particular á iniciativa do governo, em tudo e principalmente n'estas coisas; mas se aquella não basta, não será esta empresa digna do conselho d'instrucção publica pedir para ella um incentivo, uma animação?

E porque será tambem (e é este o laço que prende ao assumpto do artigo o assumpto da minha pergunta) que não só os editores se não lembram de reimprimir os velhos classicos, mas que estão levantando a um preço tal os classicos nossos contemporaneos, que esquivam forçadamente as suas obras aos estudiosos, que são habitualmente ricos de bons desejos de se instruirem mas pobres dos bens da fortuna? Porque hão de custar as segundas edições

das obras do snr. Castilho, obras que deviam andar nas mãos de todos, um preço exorbitante?

Dir-me-hão, e não os contradirei n'esse ponto, que não é officio seu zelar os interesses da litteratura, mas sim os dos seus capitaes.

Dir-lhes-hei que ou empregam máo systema para isso... ou a economia politica e o homem das botas são uma e a mesma coisa.

A ELOQUENCIA PARLAMENTAR

I

A accusação eterna, feita pelas tyrannias aos governos representativos, é a que apresenta as assembléas legislativas como synhedrios de incorrigiveis falladores, onde as roupagens e ouropeis de rhetorica não fazem senão entorpecer a acção do governo, e embaraçar a seria resolução dos problemas politicos. *Tas de bavards!* dizia Bonaparte, quando a opposição do Tribunato queria discutir e pezar maduramente as suas medidas, antes de serem executadas. *Bavards*, dizem ainda hoje os sectarios da politica imperial, quando os Thiers e os Favre se levantam nas camaras, e investigam e revelam os mysterios do orçamento e os arcanos da diplomacia. *Bavards, bavards, bavards*, eis a magica palavra, com que a dynastia napoleonica se tem erguido aos ver-

tiginosos pincaros do poder absoluto, galgando por cima das ruínas das instituições liberaes. Esta accusação, por desgraça nossa, tantas vezes fundamentada, não impõe deveres gravissimos aos oradores parlamentares ?

Assim o creio, e estou convencido que não deve ser o parlamento liça, onde em esteril torneio de palavras se floreiem lanças, salão academico onde os periodos se arredondem pomposamente; alli, onde se discutem os destinos d'uma nação, é, mais do que em qualquer outra parte, insupportavel a eloquencia palavrosa. A tribuna tem não sei que vaga semelhança com o tablado do theatro; como na scena tem o auctor de commover, de enthusiasmar, de agitar o coração dos espectadores, tem aqui tambem o orador de convencer, de persuadir, de arrastar o espirito dos ouvintes. A eloquencia no drama, e a eloquencia na tribuna tem igualmente de se assemelhar ao raio. Se além abraza, aqui illumina, se além incende o animo dos espectadores na commoção que inflamma no palco o actor, aqui tem de rasgar, com o rapido e immenso clarão que expande, as sombras que envolvem os espiritos dos ouvintes, e mostrar-lhes o verdadeiro lado da questão que se debate. Uma e outra devem ter d'estas phrases que se nos encravam na alma, não d'esta phraseologia vã e sonora que nos affaga mais ou menos agradavelmente o ouvido. Ambas tem por fim dominar, subjugar o auditorio, arrastal-o para fóra da esphera vulgar em que vive, e mostrar-lhe, n'um lampejo, ou o

horisonte tempestuoso das paixões, ou o horisonte fulgido e sereno das grandes idéas.

Em ambas o effeito produzido está na concisão energica e vehemente, em ambas os floreados, os rendilhados, as ornamentações superfluas, o espanejar luxuriante das metaphoras prolongadas, isso em fim a que se chama por ahi enigmaticamente *estyllo*, não fazem mais do que destruir a impressão sentida pelo auditorio. Pôde-se no gabinete ler com indulgencia, talvez até com agrado, essa collecção de phrases empoladas e sonoras, que formam os festões da eloquencia de certos oradores, o merecimento unico de alguns dramaturgos, mas o que é certo é que esse discurso não teve, nem pôde ter a minima influencia na discussão, o que é certo é que esse drama não arrancou, nem pôde arrancar uma unica lagrima aos espectadores !

Quer isto dizer que eu intenda que a fôrma litteraria e o colorido devam ser proscriptos da eloquencia parlamentar ? Não, mil vezes não; são inseparaveis da verdadeira eloquencia. Pois a idéa grandiosa exclue o molde grandioso, pois o fogo exclue a luz, a luz exclue a côr ? Pelo contrario são as suas consequencias necessarias. Se um grande pensamento abraza a mente do orador, a phrase illumina-se-lhe por força com o reflexo do fogo intimo, a imagem brilhante acode-lhe espontaneamente para dar mais vigor á idéa, vem quando deve vir, entra no logar que lhe cabe. Mas ai dos oradores que tomarem a palavra, com a resolução anticipada de accumularem imagens, de deslumbrarem o auditorio com

o brilho fictício das lentejoulas do estylo, ai d'aquelles para quem o assumpto é um pretexto do discurso, e não o desenvolvimento do assumpto.

Ai d'elles, e ai de nós principalmente ! Ai de nós, que vemos a discussão parar de subito para dar entrada a esse carro triumphal, que atravessa vagarosamente o debate, e onde o orador, precedido pela sua phraseologia sonora, vai, como o consul Duilio com o tocador de flauta, colher no Capitolio a corôa decretada aos seus *hors-d'œuvre* litterarios ! Ai de nós ! que assistimos de braços cruzados áquelle espediçar de tempo, e que ouvimos vagamente a voz zombeteira dos sectarios do despotismo murmurar-nos ao ouvido : *Bavards ! Bavards ! Bavards !*

II

Ha entre nós actualmente um orador juvenil, que grangeou as sympathias de todos, que a camara escuta com muito agrado, e a quem a imprensa saudada e promette o mais brilhante futuro. Esse orador é o snr. Vieira de Castro.

Quando o snr. Vieirã de Castro tomou assento na camara, tinha de lutar com impressões muito desfavoraveis existentes no espirito do publico. O sr. Vieira de Castro era apontado como chefe d'uma escola hybrida, que pedia á extravagancia inintelligivel do palavriado os meios de alcançar o successo, que a nullidade dos pensamentos lhes tornava por

outra fôrma impossivel. Esta escola, dizendo-se guarda zelosa da vernaculidade do idioma, desbancava os mais audazes innovadores com os seus phantasiosos neologismos, que bailavam nos periodos de envolta com vocabulos, já macrobios no tempo de Fernão Lopes. Era prohibido, segundo se dizia, n'essa igreja chamar as coisas pelo seu nome, e escrever um só substantivo sem o acompanhar com uma cauda de adjectivos campanudos, que deitavam muita poeira aos olhos dos leitores, como o rabicho empoadado dos nossos avós, sacudido por travesso gaiato. O evangelho d'esta igreja, a profissão de fé d'esta seita era, segundo tambem se dizia, a *Biographia de Camillo Castello Branco*, pelo snr. Vieira de Castro.

Nunca livro tão estranho vira a luz publica em Portugal. A idolatria da palavra sonora e pomposa campejava infrene n'esse volume. Revelava-se um talento, é verdade, mas um talento logo de comêço transviado, empolado, declamatorio, substituindo a energia pela brutalidade, a ironia fina pelo motejo pezado, illudindo-se em tudo com o falso brilho, tomando sempre a nuvem por Juno, a declamação pela eloquencia, os rhetoricos pelos oradores, Gongora por Shakespeare, Vacquerie por Victor Hugo. As paginas ácerca da gloria, e a abundancia de *coices*, e de *chispas de ferraduras*, ornamentos de estylo um tanto desgraciosos com que se enfeitavam algumas notas, deixaram na memoria de todos prevenções bastante desfavoraveis ao juvenil escriptor.

Tomou assento na camara, e o seu primeiro discurso pareceu desmentir a sua mal-agoirada es-

treia litteraria. Diserto e fluente, arrancara ao seu estylo as galas de máo tom, que primeiro pompeiara. O culto da palavra sentia-se ainda, via-se que o seu primeiro cuidado era florear, arredondar, lavar a phraseologia. Mas o assumpto não demandava nem arroj os oratorios, nem vigor de raciocinio, e os mais ferrênhos adversarios da sua escola, entre os quaes, inda que o mais humilde, rogo ao snr. Vieira de Castro que me queira contar, saudaram com alvoroço a promettedora estreia parlamentar do representante de Fafe.

Infelizmente a continuação não confirmou por fórma alguma as promessas da estreia.

Alcunhem-me embora de escravo insultador os thuribularios do snr. Vieira de Castro, direi francamente o que penso. O snr. Vieira de Castro não é já, digamol-o em sua honra, o infeliz auctor da *Biographia de Camillo Castello Branco*; o seu talento melhorou-se, purificou-se, e alguns dos seus discursos são incontestavelmente bellos trechos litterarios, mas confesso que por ora não encontro n'elle nem o germen sequer de um orador parlamentar.

Embora a camara saboreie e applauda, com preguiçoso diletantismo, a phraseologia sonora do snr. Vieira de Castro; o juvenil orador, depois dos seus discursos, que nada esclarecem, que a ninguem convencem, que a ninguem arrastam, que em nada influem, ha de sempre ouvir a voz da sua consciencia que lhe segredará de manso : *Bavard!*

III

Coisa notavel ! Nenhum dos grandes vultos da tribuna, cuja palavra tem dominado os parlamentos, se poderá dizer estylista, no sentido que o sr. Vieira de Castro e os seus admiradores dão a esse termo ! Os discursos d'esses grandes oradores são perfeitamente anti-academicos. As torrentes da sua eloquencia despenham-se como as aguas das cataractas, que resaltam de vez em quando em imagens admiraveis, jorros de espuma illuminados e doirados pelo sol da phantasia. Mas a imagem é inesperada como é inesperado o espumar da cachoeira, porque resultou do embate subito de duas idéas. O orador não a previu, como a torrente não prevê a fraga onde ha de rebentar. Os argumentos manam-lhe a flux dos labios, encontram no seu caminho a comparação que os robustece, e subito o orador arroja-se com um grito de entusiasmo ás regiões inacessiveis do sublime ! Não a procura, é ella que vem ao seu encontro, por isso o effeito é inesperado e immenso. Os discursos de José Estevão não tinham nunca as minimas pretensões litterarias; o seu fim não era seduzir frivolamente o ouvido, era arrastar, subjugar o espirito da camara. Quem não se lembra do discurso do *Charles et George* ? Quem não se lembra d'essa admiravel comparação dos heroes e os fraguados ?

Não se ouvia nem um murmurio na camara e nas galerias, mas como que se sentia de vez em quando um vago frémito agitar os ouvintes. No meio d'es-

se silencio palpitante, se assim podemos dizer, vibra:va aquella voz sonora e profundamente impressionavel do grande orador. Não tinha roupagens o seu discurso, não tinha flores de rhetorica, mas cada palavra imprimia-se no espirito dos ouvintes. José Estevão parecia ter n'esse momento a febre da eloquencia; subito, ao exprimir n'aquelle tom familiar, que lhe era tão habitual e n'elle tão incantador, a sua antipathia pelos heroes, como que entrevê a imagem que bastaria para o immortalisar, pára um instante, e, mudando de tom com aquella flexibilidade musical que tinha na voz, poisando erecta e altiva a formosa cabeça que radiava inspiração, dando ao gesto a nobreza magestosa, que incutia as suas palavras no animo dos ouvintes, rompe n'aquelle magnifica phrase, que principia: «As ondas tocadas pela tempestade...» Encontrou a torrente a fraga, fusilou o raio, abriu o genio as azas... Nuvens, céos, deixem passar a aguia!

Por mais meditados que fossem, os discursos de José Estevão pareciam sempre improvisos inspirados pela occasião. É esse, parece-me, um dos predicados mais necessários da eloquencia parlamentar. Para arrastar os outros é preciso que o orador se sinta tambem como que arrastado pela sua propria convicção. Se os argumentos derem mostra de que foram friamente meditados no gabinete, são tambem escutados com frieza, e o effeito falhou. Em torno da tribuna moderna ondeia ainda o sopro ardente e tumultuoso dos Rostros romanos. Não se consegue uma ovação puramente litteraria nas camaras, senão á custa do

effeito politico. Os elogios tributados ao periodo sonoro, á imagem bonita, á phrase elegante, não se traduzem n'um triumpho para as idéas advogadas pelo orador. A discussão parou a fim de escutar aquellas bonitas e inoffensivas variações, e continuou depois, sem que esses esplendores de estylo em nada influissem no debate. Será muito gracioso lançar uma chuva de flores na corrente, mas a corrente nem hesita, nem se desvia, nem pára por causa d'ellas!

Lendo os discursos dos Mirabeau, dos Foy, dos Benjamin Constant, dos José Estevão nota-se logo a ausencia completa de digressões. Todas as faculdades do orador estão concentradas no assumpto, vê-se que procura unicamente fazer com que a attenção do auditorio nem por um instante d'elle se desvie. O proprio Lamartine, de todos os grandes oradores o mais sujeito a estas tentações litterarias, na occasião em que foi verdadeiramente grande, nem um instante pensou na redundancia tão habitual no seu estylo de prosador. Em 1848 cada palavra fere o espirito do povo, as imagens podem atropellar-se, como as ondas se atropellam, mas, como as ondas tambem, batendo na rocha, cavam cada uma rugosidades mais ou menos sensiveis na face do penedo, assim cada imagem deixa ficar uma impressão mais ou menos forte no animo popular. A concisão viva, e colorida é a condição indispensavel d'esse genero de eloquencia. O discurso mais florido não acorrenta nem solta o leão do povo. N'uma phrase está ás vezes o destino do mundo. Uma phrase de Mirabeau, concisa e energica, solta os diques ás torrentes de 89: *Allez*

dire à votre maître que nous sommes ici par la volonté du peuple, et que nous n'en sortirons que par la puissance des baïonnettes. Uma phrase de Lamartine repreza as ondas irritadas do povo parisiense: «*Le drapeau rouge a fait le tour du Champ de Mars en écrasant les libertés populaires, et le drapeau tricolore a fait le tour du monde avec le nom, la gloire, et la liberté de la patrie.* Esta é a eloquencia tribunicia; não conheço outra.

O snr. Vieira de Castro pecca essencialmente por isso. Os seus discursos não são senão redundancias, perdem-n'o as suas preocupações litterarias. Criança legisladora, folga de fazer *l'école buissonnière* sempre que pôde. Esquiva-se aos assumptos por uma porta travessa, e eil-o em pleno lyrismo completamente a despropósito. Abre sempre um parenthesis na discussão. Um dia d'estes fallava ácerca da eleição de Mafra. O snr. Salgado, deputado por este circulo, commette um erro de palmatoria, e diz, sem reparar no alcance do que dizia, que um cirurgião, trabalhando a prol da eleição do seu adversario, ameaçava os seus olientes com envenenamento, se não votassem no snr. Mendes Leal. Nunca um orador se collocou em tão desastrosa posição. Um adversario habil não o deixava sair d'ella. O snr. Salgado dirigira uma accusação gravissima a um cidadão, e era caso ou para apresentar provas decisivas ou ser convicto de calumniador. A camara não é soalheiro de senhoras visinhas, onde se rasgue sem mais nem menos á face do paiz a reputação dos cidadãos. Accusações tão graves fazem-se com provas na algibei-

ra, e logo no fim da sessão o ministro deve fazer comparecer a pessoa accusada perante os tribunaes. O precedente é inadmissivel. Estava em optimo terreno o snr. Vieira de Castro.

Se o medico fez isso, disse elle, que administrador é então o administrador de Mafra, que não manda autuar um cirurgião que commette um crime d'esses? Muito bem; não saia d'esse terreno, accumule os argumentos, que tão facilmente se deparam, seja vehemente, seja energico, e o snr. Salgado arrepende-se amargamente da sua leviandade oratoria. Engano! o snr. Vieira de Castro está pensando em fazer estylo, e quando esperamos vêr desabar a torrente de argumentos fêrvidos e indignados, ouvimos... uma dissertação sobre os medicos em geral!!

IV

Uma das feições predominantes da eloquencia do snr. Vieira de Castro é a verrina; tem-lhe ella valido os seus maiores triumphos, e, animado por esse acolhimento, o snr. Vieira de Castro nas suas recriminações chega quasi ao insulto. Como sempre, a redundancia, o phraseado vem prejudical-o duplamente, em primeiro logar destruindo o effeito que produziria um discurso incisivo, em segundo logar tirando á sua oração o character indignado e vehemente, que só pôde desculpar estas objurgatorias acerbas em pleno parlamento, e dando-lhe o aspecto da ver-

rina a sangue frio, deploravel aberração da eloquencia tribunicia.

Muitas vezes José Estevão arrojava á face do seu adversario uma d'essas vehementes apostrophes, que o esmagavam com o peso da sua colera de leão. Mas n'essas occasiões a sua palavra, já de si tão incisiva, tomava, como diz Victor Hugo de Tacito, a concisão do ferro em braza. Uma palavra, uma phrase, uma imagem vehemente estampava para sempre na fronte da victima infeliz o estygma indelevel da vergonha ou do ridiculo. Não havia a intenção de divertir a camara e as galerias á custa do padecente; porque n'esse caso o ridiculo, o desaire cahiriam sobre o algoz; era a indignação que não se podia conter, e que irrompia em torrentes de eloquencia d'aquelles labios... hoje mudos e gelados.

Um dia volta o snr. José Bernardo a tomar assento na camara, depois de larga ausencia. Modestamente compara os seus desastres eleitoraes com o ostracismo bellenico, e, empoleirando-se n'um pedestal ficticio, arroja á camara estupefacta o seu vanglorioso *Me adsum*. Ergue-se José Estevão. Elle, o homem do progresso, acaba de ouvir o desafio do tyrannete de 1846; não seria elle quem deixaria no chão a luva. Levanta o *Me adsum* e explica-o; vehemente, sem ser nem por sombras insultuoso, denuncia ao paiz o conservador acanhado, que se quer pôr como dique ás torrentes das idéas liberaes. Finalmente, arrastado por aquelle deus intimo que o dominava, vai marcar-o para sempre com o sello do ridiculo. Flammeja o ferro em braza, e, com um

gesto inimitavel de intimativa e energia, José Estevão exclama :

«Elle que fez da historia, esse facho da humanidade, um brazeiro para aquecer o seu amor-proprio enregelado !»

Mais nada ! estava estampado o estygma, e o ostracismo, e o Aristides, e o *Me adsum* cahia tudo desfeito em pó nos abysmos do ridiculo.

Entra um ministerio recémnascido na camara, e o snr. Vieira de Castro encarrega-se de o ridicularisar. Era facil, porque o pobre ministerio estava predestinado a isso mesmo. Pois, se o snr. Vieira de Castro profere segundo discurso, estava o ministerio rehabilitado. Por mais de meia hora esteve o snr. Vieira de Castro toireando com as vistosas farpas do seu estylo os ministros recémchegados. Chamou á fazenda virgem timida, eunuco ao snr. Mathias de Carvalho, appellou para a virilidade do snr. Casal Ribeiro, invocou a *Maria Rita*, esteve-se desentranhando em chistes dos quaes só uma terça parte excitava a hilaridade... e não conheço posição mais desastrosa do que a de um orador que está dizendo graças sem conseguir desfranzir os labios dos ouvintes; pois o snr. Vieira de Castro colloca-se frequentemente n'essa posição !

Da lama, onde cahiu n'esse dia a eloquencia parlamentar, não é de certo o snr. Vieira de Castro quem a levanta !

V

Concluámos ! O verdadeiro talento do snr. Vieira de Castro está-se transviando, graças á nimia, e prejudicial indulgencia dos seus amigos ! Comtudo bem deve vêr até n'esses elogios a falsidade d'elles. Brada-se : «O snr. Vieira de Castro fallou admiravelmente !» «O que disse então?» pergunta-se. Não se sabe : *fez estylo*. Os seus argumentos não ficam na memoria nem dos seus amigos nem dos seus adversarios, d'aquelles para os invocarem, d'estes para os combaterem, e não admira porque os não tem ! Os seus discursos são *intermedios*, quando não são *entremezes* !

É provavel que o snr. Vieira de Castro possa vir a conquistar as palmas da eloquencia academica; na camara será muito util para responder a deputações, para fazer felicitações, para prestar homenagens aos grandes homens e outras coisas assim; para a lucta parlamentar não o fadou a Providencia. Ou abandone inteiramente as suas preocupações litterarias, ou por amor de Deus não venha queimar no meio de uma discussão interessante o esteril fogo de vistas do seu estylo.

A. GONÇALVES DIAS

I

Uma das manias do nosso seculo consiste em apegar do seu pedestal os vultos mais notaveis, em procurar acanhar-lhes as proporções, a fim de poder medir pela bitola vulgar essas estatuas gigantes, ante as quaes todos se curvam com involuntario respeito.

Os nossos contemporaneos não gostam da vaga e mysteriosa aurèola, que circumda as fronte, que se elevam acima do nivel commum. Não querem entrever apenas, lá ao longe no Capitolio inaccessivel, os vultos dos semi-deuses, cercados da luminosa nebulosidade da gloria. Não descançam enquanto não arrancam o diadema a essas fronte sublimes, não socegam enquanto as aguias não baixam o vôo, para se prestarem á trivial curiosidade das aves vulgares,

que, encerradas na gaiola da vida material, não podem seguir com a vista o vôo da rainha dos ares no espaço illimitado. Não acreditam no Deus, emquanto não presenciam a incarnação. Divinizam com a condição de se convencerem que são homens aquelles, cuja apothéose fizeram. Sois grande? Embora! mostrai-nos, primeiro que tudo, que podeis ser pequeno. Tocais com a fronte no céu? para nol-o provar curvai-a até chegar ao nível da nossa. Sois Cesar? Para nos convenceremos d'isso é preciso que nos mostreis os titulos, que podeis fazer valer para assumir a dignidade de João Fernandes.

É por isso que se procuram e lêem com avidez as biographias dos grandes homens, as memorias da sua vida intima, as revelações do seu criado de quarto. Que prazer sabermos por exemplo que Victor Hugo toma café com leite exactamente como qualquer de nós! Esta communiidade de gosto já nos aproxima um tanto mais do grande poeta! Isto basta para nos convenceremos um pouco de que somos colaboradores do proscripto d'Hauteville-House! Quando estamos saboreando uma chavena da deliciosa bebida, hesitamos em decidir, com a mão na consciencia, se estamos almoçando, se estamos escrevendo as *Orientaes*.

O poeta, o phylosopho, o historiador, o guerreiro, o romancista, o naturalista, o mathematico existem em pincaros inaccessiveis ao vulgo, em regiões defezas e mysteriosas, aonde, por mais audazes que sejam, não podem chegar nem os passos nem as vistas dos curiosos. Mas a par do poeta, do

sabio, do pensador ha o homem, o homem, que fica preso ao tremedal em quanto o grande espirito desprende as azas candidas, e se eleva aos espaços serenos da inspiração.

Aarão caminha sempre a par de Moysés. Mas, quando a voz do Senhor Deus troveja nas alturas, quando os cimos graníticos do Horeb cingem a sua corôa de relampagos, quando o chammejante tabernaculo illumina com os seus reflexos escarlates o campo israelita, então é só o austero patriarcha quem ousa galgar até á deserta planura, só elle ousa ir encontrar-se com os raios que lambem as rochas com as suas linguas de fogo, é elle só quem ousa interpôr a si e ao mundo real o véo de chamma que o esconde aos olhos do povo hebreu. Aarão, o inseparavel, fica no meio dos seus; os descendentes de Jacob prostram-se com a fronte no chão, ao ouvirem o ecco longiquo do mysterioso dialogo de Jehovah e do seu confidente, mas, familiares com o irmão do propheta, fazem chegar sem escrupulo aos seus ouvidos gritos de desobediencia, e fabricam e adoram, a seu pesar, o idolo sacrilego, o impio bezerro d'ouro.

Todo o homem de genio tem consubstanciados em si mesmo o sublime propheta, e o trivial sacerdote Moysés e Aarão, Moysés que impõe o respeito, Aarão que incita a familiaridade, Moysés que se perde aos olhos do vulgo no insondavel mysterio do deslumbrante Sinai, Aarão junto do qual a turba passa indifferente, e que nada tem que o distinga do resto das tribus, senão o ser irmão de Moysés.

É a entidade prosaica, a entidade vulgar aquella,

d'entre estas duas, que o publico deseja mais conhecer. Como que tremendo que o homem portentoso deixe de pertencer á humaridade, lança mão do laço que o retem á terra e procura convencer-se, certificando-se da sua propria semelhança com Aarão, que pôde ser igualmente semelhante a Moysés! Pequena vaidade! Ligeira velleidade d'orgulho!

Este seculo tem satisfeito prodigamente o desejo do publico.

Em poucas epocas tem havido uma tal quantidade d'apontamentos biographicos, de noticias, de memorias, etc.

Haverá poucas pessoas que tenham lido todas as obras de Balzac, mas tambem ha poucas que desconheçam as mais minuciosas particularidades do modo de viver do auctor da *Comedia humana* na sua propriedade das Jardies! Nem todos saberão ao certo sobre que assumptos escreveu Jean Jacques Rousseau, mas todos sabem a côr da casaca do phyloso-pho suiso e a fórma da sua bengala. Tem havido n'estas coisas um verdadeiro delirio de minuciosidades!

Apesar de tudo isso o artigo, que se vai lêr, acompanhou na *Revista Contemporanea* o retrato do snr. Gonçalves Dias sem levar a mais leve noticia biographica. Á beira do tumulto mal podia o poeta brasileiro dar os apontamentos necessarios. Depois do apparecimento do artigo, a morte cruel do naufrago roubou á sua patria, e á nossa litteratura esse notavel escriptor.

II

Que terra de poesia, que berço de poetas não deve ser a esplendida região de Santa Cruz ! terra onde tudo são aromas, balsamicos ou mortiferos, onde o sol abraza a tez e incendeia a imaginação, inflamma no sangue ardente paixões devoradoras e infiltra doce languidez nas veias das provocadoras creoulas, onde a poesia emfim ri no firmamento azul, chammeja nos olhos do jaguar, murmura nas ondas do Amazonas, brame na catadupa do Tejuca, e desfia o seu triplice collar de diamantes, um no firmamento em diamantes de luz que são as estrellas, outro para bordar o manto verdejante da terra com os diamantes vegetaes — as flores, e outro que vai ora esconder-se nas entranhas do solo, ora entremeiar-se com as doiradas palhetas dos areiaes.

Terra abençoada ! terra d'encantos e prodigios ! Esgote embora a cubiça dos homens os thesouros, que se escondem no teu seio, has de offerecer sempre o teu inexhaurivel thesouro de maravilhas aos olhos do poeta e do contemplador.

Decepe embora a mão ávida do commercio as tuas arvores gigantes, sempre o sopro fecundo da natureza ha de fazer surgir harpas ingentes, onde a viração desprenda hymnos melodiosos ! Esgote a cubiça as tuas aureas minas, sempre o sol ha de entornar nos palmares as torrentes d'oiro dos seus raios ! Colham á porfia as mãos do escravo nas praias dos teus rios as joias preciosas, sempre o colibri ha

de esvoaçar, alado diamante, entre a espessa ramagem das florestas! Obscureça embora o fumo dos vapores a tua limpida atmosphaera, rasguem embora as suas quilhas a campina azul dos teus golphos, e dos teus rios, sempre as ondas do Oceano hão de vir beijar-te amorosamente, e sempre do seio d'ellas ha de surgir, risonha Aphrodite, sacudindo o manto de espuma, a namorada dos viajantes, a tua donosa capital!

Oh! se Deus lançasse nas praias brasileiras, em vez de os collocar nas margens do Mediterraneo, os compatriotas d'Homero e d'Hesiodo, quanto mais graciosas não seriam ainda as suaves ficções do paganismo! Alli sim! O sol ardente dos tropicos, brincando nas aguas espumantes do Tejuca, que formosas nymphas não faria brotar de cada gota d'agua, que fecundasse doirando-a! Como as dryades se regozijariam com o asylo umbroso das florestas virgens, e que suave abrigo não encontraria a candida Diana para os seus mysteriosos amores com o formoso pastor! Que de Paphos e Cytheras não espalhou por alli a natureza com mão prodiga, para serem o esplendido templo da deusa do prazer! Que suaves colibris, que lindos beija-flores não correriam prestes a tirarem o doirado carro de Venus!

Ó Anacreonte! a tua lyra marchetada, não já de marfim mas de fulgidas gemmas, que suaves harmonias desprenderia, quando tu te recostasses á sombra do verdejante docel das bananeiras! Voluptuoso cantor, que leitos perfumados te estava preparando a risonha região, cuja existencia ignoraste! Loirei-

raes de Déllos, rosaes de Cythera, olivaes d'Athenas, que sois vós junto dos opulentos vergeis da terra americana ?

Predestinado berço da poesia ! Que de galas prodigalisadas em vão ! que de riquezas escusadas ! Que de *coquetterie* perdida !

Mas se não foi nas aguas do Amazonas que se baptizou a poesia, podia pelo menos retemperar-se n'ellas. D'alli deve surgir juvenil e mais fecunda inspiração !

Ha de succeder assim, não succedeu ainda. Por ora os poetas americanos são ainda europeus, e pedem, das plagas do novo mundo, a lyra cançada dos poetas do mundo antigo.

Os poetas brasileiros estão ainda na sua patria, como os nossos antepassados nos paizes, que descobriam e exploravam. A natureza indica mostrava-se-lhes com todos os seus encantos e terrores, e elles contemplavam-n'a atravez do prisma da sua terra natal. A pimenteira do Indostão derramava a seus pés a sua amphora de perfumes excitantes, e elles juravam que se viam no meio dos laranjaes do Riba-Tejo; a *stanopéa* fazia brotar o marfim vegetal das suas flores, e os bons dos guerreiros asseveravam que não era mais que uma açucena. As paizagens do Ganges eram miragens do Tejo, os templos subterraneos, rasgados no granito, affiguravam-se-lhes ser as mesquitas moiriscas, onde ainda recentemente elles haviam decepado a meia lua para erguerem a cruz. E assim percorriam, quer fossem chronistas quer fossem poe-

tas, Albuquerque ou Camões, assim percorriam o esplendido Oriente!

Veja-se a paisagem da ilha dos Amores nos *Lusiadas*! Para pintar aquillo não precisava o grande poeta de passar de Cacilhas.

Os escriptores brasileiros estão ainda no mesmo caso. O fogo dos tropicos não lhes incendeia os periodos, e as paizagens, que descrevem, conhecemol-as nós melhor do que elles. O corpo dos poetas americanos está na terra de Colombo, a sua alma está na Europa.

Não diremos que Gonçalves Dias está isento d'este defeito. As suas predilecções são as d'um poeta do nosso hemispherio. Mas as poesias americanas, que escreveu, revelam que, se se quizesse entregar exclusivamente áquelle genero, havia de fundar uma esplendida e original escola.

III

Gonçalves Dias foi, de todos os poetas brasileiros, aquelle cujos canticos encontraram eccos mais favoraveis no coração dos portuguezes. E com razão, porque nenhum dos poetas seus compatriotas attingiu ao mimo de fórma, que se revela em algumas das suas composições lyricas, á elevação de pensamento, que se encontra n'outras, á opulencia d'imagens que possuem quasi todas.

Gonçalves Dias teve uma honraria, que elle de-

veria prezar acima de todas quantas tenha tido; logo no principio da sua carreira litteraria, quando ainda a sua vocação se mostrava incerta e balbuciante, mereceu a Alexandre Herculano um d'esses artigos esplendidos, como elle os sabe escrever ou antes gravar em paginas de bronze archivadas respeitosa-mente pela nossa historia litteraria. Propicios fados sorriam ao juvenil poeta. Ainda não obtivera decisiva victoria, e já tinha o triumpho decretado, já a sua estatua campeava no Capitolio. Apenas soltára as pandas velas á brisa da publicidade, logo o Argos poetico subira a transformar-se no firmamento em luminosa constellação.

Era digno do triumpho o triumphador ! Mostraram-n'o as successivas victorias, que depois alcançou. Alexandre Herculano não teve que se arrepender da indulgencia, com que animára e acolhêra o poeta brasileiro. Gonçalves Dias não adormeceu á sombra dos loiros, que lhe enramavam tão precocemente a fronte. O fumo do incenso, rescendendo em thuribulo manejado por thuriferario tão prestigioso, não o embriagou enervando-o, deu-lhe brios e animo para progredir. Da ebriedade não colheu a languidez, colheu a excitação. Alexandre Herculano, nos *Primeiros cantos*, não sentira de certo tanto o poeta, como o presentira. Não o enganou o instincto poetico. Se o auctor dos *Primeiros cantos* não era ainda um escriptor de cunho, foi-o o auctor dos *Segundos cantos* e principalmente o auctor dos *Novos* e dos *Ultimos*. O progresso é sensivel. O *Canto do guerreiro* é o precursor d'*Y-Juca-Pyrama*; nas *Poesias diversas* do

primeiro volume presente-se o poeta magistral das *Sextilhas de fr. Antão*.

Gonçalves Dias tem duas feições distintas, a do poeta americano, e a do poeta europeu. A primeira adoptou-a, não porque a isso o chamassem as tendências do seu genio, mas porque estava intimamente convencido que devia tentar aquelle genero, que devia abrir o exemplo, e fundar ou procurar fundar a poesia nacional.

Essas tentativas tiveram o resultado, que se podia esperar do immenso talento de Gonçalves Dias, mas ficaram, apesar de tudo, um pouco descóradas, porque o poeta, a quem a tendencia natural da sua Musa estava constantemente chamando para outro campo, não conseguiu impregnar-se completamente nas paixões dos vultos, que punha em scena, nem resentir a influencia das paizagens da sua patria, elle que tinha os olhos constantemente fitos, atravez do Oceano, nas paizagens européas.

Nas paginas do livro de Gonçalves Dias não projecta a bananeira, agitada pela aragem, a sua sombra vacillante, e o grito de guerra dos Tamoyos não resôa estridulo e selvagem nos bellos versos das acabadissimas composições lyricas do poeta brasileiro. Gonçalves Dias pertence demasiadamente á raça dos conquistadores. Vê-se que o não compungem os infortunios das pobres tribus erradias e perseguidas na sua patria, fugindo aterradas diante dos exploradores, e caindo prostradas pelo gladio portuguez, como as arvores das suas florestas caíam decepadas pelo machado interesseiro. A singela poesia da sua

linguagem, a tristeza caracteristica d'aquellas raças não as reproduziu Gonçalves Dias como na America do Norte as reproduziu Fenimore Cooper. É porque Gonçalves Dias pinta, como o *touriste*, que, vendo um sitio pittoresco, traça á pressa o seu esboço nas paginas do album de viagem, em quanto Cooper pinta como o artista entusiasta, que se apaixona pelos seus modêlos. É porque Cooper foi em espirito para os selvagens do seu paiz, o que o seu heroe predilecto, Nathaniel Bempo, o fôra em corpo e alma. Estudou-os, amou-os, familiarisou-se com elles, apaixonou-se pelos seus habitos, pelos seus pensamentos, pela sua linguagem, partilhou as suas tristezas, soffreu com os seus infortunios, indignou-se com as suas indignações. Por isso, mesmo os que não podem avaliar por esse lado as obras de Cooper, sentem instinctivamente a profunda verdade das suas descripções, percebendo ao mesmo tempo o que ha de ideal nos typos traçados por Chateaubriand na sua *Atala* e nos seus *Natchez*.

Gonçalves Dias foi para os selvagens da America do Sul o que Chateaubriand foi para os da America do Norte. Escreveu a respeito d'elles poesias admiraveis, assim como o auctor do *Genio do Christianismo* escreveu a respeito d'estes ultimos paginas admirabilissimas da sua poetica prosa. Mas tanto um como o outro involuntariamente deram trajos europeus ás suas figuras.

É certo que os costumes, os habitos, os pensamentos dos indigenas são fielmente reproduzidos pelo poeta brasileiro, e pelo prosador francez. É certo

que se lêem com immenso deleite os periodos da *Atala* e as poesias americanas dos *Ultimos Cantos*. Mas o que lhes falta? Não sei. Perguntem-n'o á sombra de Cooper.

Procurem uma nova pythoniza d'Endor, obtenham d'ella a apparição do phantasma do auctor do *Ultimo dos mohicanos*, e perguntem depois a este o segredo da mysteriosa tinta, com que dava uma tão vigorosa accentuação á physionomia dos seus heroes.

É só isto o que falta ás poesias americanas de Gonçalves Dias para serem perfeitas.

Podemos n'este caso inverter os dois versos das *Contemplações* de Victor Hugo:

*Tout, c'est-à-dire, hélas !
Peu de chose !*

IV

O talento do auctor dos *Cantos* tem uma vaga semelhança com o talento de Gonzaga. Admittam a transmigração das almas, e convencem-se de que o espirito de Dirceu reviveu em Gonçalves Dias. Attendam, já se vê, á differença das epocas e á differença das escolas. Gonzaga romantico seria Gonçalves Dias, Gonçalves Dias classico seria Gonzaga.

Ambos os poetas possuem o mimo da fórma, a delicadeza do sentimento, o espirito phylosophico, e as tendencias para o scismar contemplativo, desfiguradas em Gonzaga pelas manias bucolicas do seu tempo e pelo deploravel systema da imitação dos gre-

gos e dos romanos. Soltem Dirceu das cadeias com que voluntariamente se prende a Anacreonte, livrem-n'o do menino Idalio, de Venus e do cortejo Olympico, deixem-n'o soltar as azas e verão se elle não escreve os *Seus olhos*, e outras composições lyricas de subido merecimento, perolas que encontramos a granel no livro de Gonçalves Dias.

Se quizermos fazer a comparação, se quizermos mostrar a vaga analogia que existe entre os dois poetas compatriotas, separados por um seculo, e por um seculo tal que bastou para rasgar entre estes dois talentos talvez irmãos um precipicio, que não abririam de certo intervallos de tempo duplos ou triplos em epocas anteriores, se quizermos indicar o ar de familia, o cunho de parentesco litterario que existe entre o poeta brasileiro do seculo xviii e o poeta brasileiro do seculo xix, é necessario que ponhâmos de parte a scintillante alfayada das duas escolas, de que os mais talentosos escriptores não podem deixar de se revestir.

Para se reconhecer a verdadeira indole dos grandes poetas é necessario ter-se a paciencia sufficiente para arrancar o oiropel, com que os desfigura sempre mais ou menos o genero mais ou menos piegas em voga no seu tempo. É raro que o publico, idolo em cujos altares os escriptores se vêem sempre obrigados a sacrificar, não exija que estes queimem nos thuribulos, d'involta com o mais puro incenso, a herba menos aromatica que é possivel encontrar-se. E é para vêr como o bom do publico se delicia com o equivoco perfume da hervasinha rasteira. E nuvens

balsamicas do incenso, que sobem ennovelando-se nos ares, passam despercebidas para o vulgo, e vão incantar os olfatos mais delicados d'um pequeno numero de apreciadores.

O oiropel, que deslumbra o vulgo, a herva, cujo aroma o inebria, foi no seculo xviii o madrigal, no seculo xix a chacara ao principio, depois a poesia para recitar ao piano. Para podermos avaliar os grandes poetas do seculo xviii temos de os descascar pacientemente de duas ou tres camadas de madrigaes, d'achrosticos, e de trocadilhos, como para avaliarmos a belleza d'uma cathedral gothica temos de esperar que o obreiro destrua as coirças de cal com que os artisticos sacerdotes do nosso tempo costumam defender das vistas dos profanos as obras primas do passado, ou como para se encontrarem os escriptos dos gregos e dos romanos tiveram os bibliophilos da renascença de fazerem desaparecer dos pergaminhos os codices monasticos, que escondiam os austeros pensamentos de Cicero ou os doces versos de Virgilio debaixo das parvas lucubrações do beaterio fradesco.

Seguindo este systema com o amante de Maria, havemos de perceber que apesar das Venus, dos templos do ciume, e das settas e aljavas de Cupido, Dirceu possuia fino sentimento, e uma vaga tendencia para a *réverie*, qualidades que encontrámos em Gonçalves Dias no grau mais elevado.

Ainda que o antigo poeta se disfarce debaixo dos trajos usados do pastor bucolico, ainda que o moderno se apresente naturalmente diante do publi-

co, é igual o affecto, que ambos consagram aos campos, é igual o vivo sentimento da natureza, é igual o doce enlevo, em que se perdem, quando a saudade lhes vem affagar com as suas negras azas a fronte pensativa. Lembram-se d'uma das lyras melancolicas da *Mariha de Dirceu*, em que o poeta não reconhece os sitios onde vagueou outr'ora feliz e descuidoso? Lembram-se d'essa obra prima de sentimento, de naturalidade que tem este estribilho, por cuja exactidão me não responsabiliso porque cito de cór :

*São estes os sitios
São estes, mas eu
O mesmo não sou,
Tu chamas Marília!
Espera que eu vou!*

Lembram-se, não é verdade? Apreciaram a suavidade, o sentimento, a graciosa gentileza d'aquella obra prima? Abram agora os *Segundos cantos* de Gonçalves Dias, vejam a linda poesia, que se intitula *Solidão*, uma pérola de lyrismo e de frescura, e digam-me se Gonzaga, vivendo no meio em que vivia o moderno cantor, não a escreveria tambem pouco mais ou menos assim.

Permittam-me que cite algumas estrophes:

*Fujámos para o deserto;
Vivámos alli sósinhos,
Sósinhos, mas descuidados,
D'estes cuidados mesquinhos;*

Tu o azul do espaço olhando

E eu só a rever-me em ti!

Quando depois nos tornarmos

À terra serena e calma,

Aqui acharei tua alma,

E tu me acharás aqui.

.....
Tu verás como a luz brinca

Nas folhas de côr sombria,

Como o sol, pintor mimoso,

Seus accidentes varia;

Como é doce o romper d'alva,

Como é fagueiro o luar!

Como alli sente-se a vida

Melhor, mais viva, mais pura,

N'aquella eterna verdura,

N'aquelle eterno gozar!

Vem comigo, oh! vem depressa,

Não se esgota a natureza;

Mas desbota-se a innocencia,

Divina e santa pureza,

Que dá vida aos objectos,

Feituras da mão de Deus!

Vem commigo, ó doce amada,

Que são estes os caminhos,

D'onde eu enxergo os anjinhos,

Que tu vês nos sonhos teus.

Como vêem, Gonçalves Dias é principalmente um poeta mimoso, de inspiração suave, e de suaves paixões; é um d'estes poetas, que, ao contemplarem o sol posto, se enlevam na doce melancolia, que espira essa hora tão saudosa, e não se prendem em phantasiar palacios incendiados, vulcões, cataractas de chammas, nas nuvens do occidente sobre as quaes lança reflexos escarlates o clarão moribundo do sol que se atufa nas aguas.

Comtudo, isso não obsta a que as suas poesias sejam sempre revestidas d'um esplendido colorido, e que as mais opulentas roupagens se despreguem e ondeiem em torno da idéa suave e mimosa. As poesias de Gonçalves Dias são como que rainhas melancolicas; arrastam sedas e oiro, veludos e brocados, mas não erguem a fronte altiva e soberana, deixam-n'a descair ao peso de languida tristeza, e o orgulho do throno não lhes encrespa os labios, onde fluctua apenas um vago e meigo sorriso.

Phylosopho e crente, ha nas poesias, a que deu o nome de hymnos, a suave uncção religiosa de Larmartine. Como o poeta francez, gosta de ir orar só-sinho ao templo, quando a nave mysteriosa recebe apenas o tímido clarão do crepusculo. Como o poeta das *Meditações*, ao debruçar-se sobre o cadaver, sente vigorarem-se-lhe as suas crenças na immortalidade, e na effusão do seu coração, solta dos labios esta magnifica estrophe :

*São da larva a borboleta,
São da rocha o diamante,*

*De um cadaver mudo e frio
Sáe uma alma radiante.*

Não posso terminar este rapido esboço critico, sem fallar n'uma optima producção de Gonçalves Dias, em que se revela exuberantemente não só o poeta, mas o erudito, em que o seu talento se não esfolha já em poesias fugitivas, mas em que prova a sua robustez d'um modo esplendido. Refiro-me ás poesias, a que elle deu o nome de *Sextilhas de fr. Antão*.

Disfarçando-se debaixo d'este pseudonymo, adoptou Gonçalves Dias a linguagem, e a pittoresca ingenuidade litteraria d'um monge poeta do seculo xvi. Depois de Castilho, no maravilhoso auto que vem no drama *Camões*, ainda ninguém foi tão feliz no ousado commettimento.

As *Sextilhas* são verdadeiramente um thesouro, um thesouro de graciosa singeleza, de fino espirito, de primorosa narração. *Mustaphá e Gulnare* principalmente é uma composição admiravel. Mostra-se alli de quão subidos quilates é o merecimento do poeta brasileiro.

Eu tinha tentações de tudo citar; não m'o permite o espaço de que disponho. Não resisto com tudo a transcrever, ao acaso, estas sextilhas do *Soláo de Gonçalo Hermigues*, em que o bom do frade falla com muita graça e ingenuidade de expressão na antiga usança dos torneios:

*A abelha construe seus favos
Em troncos alevantados;
E eis a hera graciosa
Que, em abraços apertados,
Não cinge mesquinhos juncos,
Mas carvalhos alentados.*

*Boa era a ley — mas eu creio
Que lhe descubro um senão;
Quem nos diz que o mais valente
Deva de ter mais razão,
Porque seja a sua dona
Como um vaso d'eleição ?*

*Seria coiza de vêr-se,
E coiza de mui folgar,
Vêr um dragão de mulher,
Chamada a bella sem par,
Á pura força da espada
Sem mais pôr, nem mais tirar !*

*É bella : e al não digais,
Sob pena d'um fendente,
Que vem do céu, como um raio,
Provar ao villão que mente,
Co'os dentes que tem na bocca,
Como um perro maldizente !*

Se houvesse jornaes no tempo de fr. Antão, estou que o monge era proclamado folhetinista por unanimidade de votos.

É realmente admiravel como Gonçalves Dias conseguiu impregnar-se no tom da epoca, sem por isso se tornar pesado, antes fazendo muito e muito deleitosa a leitura d'aquelles versos.

Admirando todas as producções do poeta brasileiro, estou em asseverar que as *Sextilhas de fr. Antão* são a sua obra prima.

Ahi têm, em rapido esboço, o que é e quanto vale Gonçalves Dias como poeta. Talento delicado, imaginação opulenta, erudição pouco vulgar.

O Brasil, quando proclamou a sua emancipação politica, não conseguiu proclamar ao mesmo tempo a sua emancipação litteraria. Possue grandes talentos, mas estes seguem ainda passo a passo as transformações da litteratura da antiga metropole. Os rouxinoes abundam, os colibris ainda não nasceram. Ha muitos Washington Irving, Cooper ainda nenhum.



HISTORIA DE JULIO CEZAR

POB NAPOLEÃO III

Nas magestosas salas do palacio de Versailles, ouvindo o ruido da agua, que jorrava das urnas das naiades dos jardins, contemplando em torno de si as maravilhas do pincel de Lebrun, aspirando com delicias o perfume de incenso, que essas magnificencias exhalavam, escutando o murmurio universal da lisonjaria cortezã, que lhe dizia: «És grande», Luiz xiv, o monarcha por direito divino, o neto de S. Luiz, a incarnação viva do despotismo, acceito pela rotina, queccionado pelas tradições, legalisado pela intelligencia, Luiz xiv, o symbolo perfeito da velha realeza, escrevia o panegyrico de Cesar.

Tres seculos depois, nas salas do palacio das Tulherias, Napoleão III, soberano pelo voto popular, imperante, cuja ambula de Reims é a urna do suf-

fragio universal, tira do tinteiro monarchico a penna de Luiz xiv, e escreve o panegyrico do conquistador das Gallias.

Que prestigio exerce então este grande nome sobre os despotas intelligentes, para que se julguem obrigados a curvarem o joelho perante elle, e a tomarem-n'o, para assim dizermos, como o padroeiro do despotismo, o orago do templo do poder illimitado?

É porque, se ha circumstancias em que se possa desculpar que um paiz entregue nas mãos de um só homem a soberania sem fiscalisação e sem limites, foram de certo aquellas em que a toga republicana se transformou, nos hombros de Cesar, na purpura do dictador. É porque o despotismo, deslumbrando os povos com a facil justificação da dictadura do rival de Pompeu, julga sancionar por essa fórma o principio em que se esteia o seu poder. O mesmo succederia agora com o heroe de Marengo, se as bombas de Cadoudal prestassem á sua gloria o mesmo serviço, que o punhal de Brutus prestou á fama do vencedor de Pharsalia. Para sanar os males produzidos pelas grandes convulsões sociaes, o despotismo é um energico remedio, que, tomado em pequena dóse, cura, em grande dóse, mata.

Quando Cesar appareceu, desfazia-se em pó a republica romana. Campejava descarada a corrupção; calcavam-se aos pés os direitos mais sagrados; pela venalidade do voto prostituia o povo a sua soberania, pela venalidade nas transacções com os reis prostituia o senado o seu prestigio. Seculos antes, ao sa-

hir de Roma, Cinéas levava a indelevel impressão da magestade da curia e da magnanimidade da aristocracia, e agora Jugurtha, ao voltar as costas á rainha do Tibre, julgava-a capaz de se vender a si propria em hasta publica, se achasse comprador.

As dissensões civis inundam de sangue a meza d'esta orgia; o mundo subjugado ruge surdamente, e ameaça sacudir o dominio da cidade eterna. No Oriente Mithridates, no Occidente Sertorio! E lá ao longe, no fundo das selvas septemtrionaes, vêem-se luzir vagamente as pupillas dos tigres, que se hão-de chamar, seculos depois, Attila e Alarico.

É então que surge Cesar, a um tempo estadista, orador, e guerreiro. Integro no meio da venalidade, democrata no seio d'uma oligarchia desenfreada, respeitador da ordem entre essa chusma de rufiões tumultuarios. O defensor dos direitos das provincias, o vencedor de Vercingétorix, o homem que arvora a bandeira immaculada em torno da qual se podiam reunir todos os bons cidadãos, não tinha direito a que lhe fossem confiados os destinos da república? Quem o duvida?

E comtudo é essa a base em que Napoleão III assenta, no seu prologo, a sua theoria da necessidade do despotismo, é esse o principio d'onde elle deduz que os homens superiores têm uma missão divina, que são elles que realisam em alguns annos a obra, para que aliás não bastariam muitos seculos, e que os povos não têm direito de pôr impedimentos á marcha triumphal d'estes homens, que arrasam para a felicidade as nações esmagadas pelas ro-

das do seu carro ovante, e que as atiram com os pulsos bem roxeados, com os olhos bem vendados, com as carnes bem ulceradas, para dentro dos muros do paraizo do porvir.

E os povos não têm direito de perguntar a esses homens para onde vão ! O dever do povo é derramar o seu sangue na estrada por onde o levam, deixar-se guiar cegamente, e cantar *Io triumphe!* A estrella protectora, visível só para esses reis magos, lá brilha no céu ! Ávante ! A columna de fogo, que esses Moysés conhecem, fulgura no firmamento ! Ávante !

O que ! pelos serros da Hespanha, calcando aos pés o direito das gentes, pizando todos os principios sagrados, e deixando montões de cadaveres em cada palmo de terreno ! Ávante ! O que ! retalhando, sem o minimo pretexto, o territorio de uma nação heroica, assolando as campinas portuguezas, mergulhando na desgraça completa agricultores pacificos, purpureando as aguas do Douro, do Tejo e do Mondego ! Ávante ! O que ! paralyando o commercio, roubando a todos os povos as mais inquestionaveis regalias ! Ávante ! O que ! sepultando nos gelos da Russia uma geração inteira cheia de juventude e ardor ! Ávantel Deixem passar o missionario de Deus !

Os homens superiores, diz o escriptor imperial, fazem percorrer aos povos n'alguns annos o caminho que percorreriam só em muitos seculos, se estas mãos vigorosas os não impellissem ! Orgulho insensato que a historia desmente ! Louco orgulho de quem julga ter nas mãos a vara mysteriosa, cujo ma-

gico poder solta ou contém as torrentes do espirito humano! Que podem fazer Cesar e Augusto, continuador da sua obra, senão susterem um instante nos hombros, Atlantes vigorosos, o mundo romano prestes a alluir-se? O que pôde fazer Napoleão senão restabelecer a ordem no chaos republicano, e deixar que dêem fructo em segurança as arvores do novo regimen, plantadas pela iniciativa creadora da assembléa constituinte?

«Crucificam os seus Messias,» diz o imperador fallando dos povos, que se não curvam docilmente á vontade suprema dos despotas reformadores. E n'essa simples frase lavrou a condemnação do seu proprio systema! Os Messias não se sentam no throno dos Augustos, não se rodeiam de cohortes, não põem a mordaza na boca d'aquelles, a quem desejam regenerar. Os Messias não expulsam do templo senão os vendilhões, e ouvem serenamente a controversia dos proprios phariseus. Os Messias não erguem o seu pulpito sobre cadaveres. Os Messias convencem, não obrigam. Os Messias semeiam a boa nova no espirito dos seus apostolos, e, attrahidos a pouco e pouco pela força invencivel da verdade, os povos vão-se-lhes agrupando em roda; as perseguições redobram o seu ardor, o seu sangue derramado fecunda a planta viçosa da santa doutrina, e a idéa vai-se propagando, vai conquistando adeptos, até que irrompe, alluindo os vãos altares dos idolos, abalando os thronos, soltando ao vento os lábaros sagrados. Transigem com ella os Constantinos para conservarem os solios; nada podem contra ella os Julianos, ainda que

se queiram impôr às nações, como os Messias do paganismo, ainda que ergam templos a Jupiter e digam: «Aqui, aqui é que está a salvação!»

«Crucificam os seus Messias!» Mentirá a historia por acaso, e serão Messias os que se inquietavam tanto com as prédicas de Jesus, os que degolavam S. João Baptista, os que prendiam os apóstolos? Napoleão III enganou-se. É natural que quizesse dizer: «Crucificam os seus Herodes.»

Pois que! as nações não poderão gosar os benefícios de um governo forte, sem abdicarem, nas mãos de quem o exerce, a sua dignidade, e os seus direitos? Será sempre remedio inevitavel para a anarchia o despotismo? Nunca se conseguirá curar um paiz de uma congestão cerebral senão cortando-lhe a cabeça? Sempre o chamado partido ordeiro, o partido dos egoistas, dos que sacrificam liberdade, direitos, e deveres, e, o que é peor ainda, o legado das gerações futuras ao medo d'esses terriveis abalos sociaes, que se chamam revoluções: sempre esse partido ha-de conseguir nomear um procurador, que se encarregue de pôr o pé no peito de um paiz, e de o reduzir d'este modo á tranquillidade? Nunca essa grande maioria terá animo sufficiente para comprimir por si só os agitadores, e ha-de sempre querer livrar-se d'esse trabalho encommendando um despota, que se encarregue de tratar d'esses negocios, mediante a modica recompensa d'um poder absoluto?

A historia não curará esse partido fatal, e não lhe mostrará os Neros e os Caligulas a receberem as

heranças dos Cesares, as desgraças de 1814 e 1815 succedendo á idade d'ouro de 1802? Aos usufructuarios da liberdade não será defezo aliena-a?

Não vêem esses regalos, que saboreiam voluptuosamente as doçuras da prospera indolencia, que estão gosando actualmente os fructos das arvores plantadas por essa esplendida geração de 1830? Não lhes ensinaram já os quinze annos da Restauração que o espirito dos povos é uma planta que necessita de ar, e dos raios beneficos do sol da liberdade, e que se atrophia nas estufas do despotismo? Quando se sumiu nas ondas do Oceano o astro esplendido do primeiro imperio, que legado de luz deixou á França e á humanidade? Que conquista preciosa se inscreveu no livro d'ouro dos annaes do progresso; em que contribuíram esses ajudantes de campo para outra gloria, que não fosse a gloria das armas?

Quando desabou o colosso, o anjo da humanidade, que parára um instante, com o rosto inundado de lagrimas, a contemplar esse esplendido obstaculo, despregou as azas candidas, e rasgou de novo as regiões do espaço.

Não sentem agora tambem esse affrouxar da vida, esse desmaiar do espirito, que se traduz pelas pulsações da litteratura? Onde estão os successores dos Hugos e dos Lamartines? Aos grandes genios seguem-se os *beaux-esprits*, indicio constante de decadencia. Os poetas são os Augier, os dramaturgos os Sardou, About os romancistas. É pouco!

Triste do rei, triste do povo que abdica a soberania! Quando um paiz morre voluntariamente para

a vida politica, raras vezes resurge, sem que um grande cataclysmo o desperte d'esse somno fatal ! Apezar de toda a corrupção, de toda a decadencia, de todo o esphacelamento das instituições romanas, a republica existe, e ergue-se altiva quando um grande homem appella para as tradições e para o brio dos filhos de Romulo. Mas apenas o povo da cidade eterna se deixa inebriar pelo licor com que o despotismo o tenta e o affrouxa, volta contra si mesmo a frase fatal que proferira outr'ora. *Delenda Roma*, podemos exclamar. Cincoenta annos depois do segundo Brutus, não havia um homem na grande cidade, que recalcitrasse contra o dominio de Tiberio !

Eis a influencia *salutar* do governo, aliás tão benefico, d'Octavio !

Depois de Tiberio, Claudio, Caligula, Nero, Commodo calcam aos pés a moribunda lôba do Tibre. Os Titos, os Nervas, os Trajanos são inuteis para a regeneração da senhora do mundo. O despotismo não regenera, ainda quando tende só a fazer o bem dos povos. Póde erguer as instituições, não aviventar os espiritos. Os Pygmaliões do imperio podem cinzelar no marmore bruto, que lhes obedece, estatuas admiraveis, mas para o resto seriam vãs as suas tentativas, só a liberdade possui o fogo sagrado, que anima as Galatéas, e as faz descer do pedestal.

Não se tem sentado grandes homens no throno despotico da Russia ? Pedro I e Catharina II não foram vigorosos iniciadores, reformadores de grandes idéas ? Não tinha o primeiro energia bastante para fazer sair do nada uma esplendida cidade, como Napo-

leão m conseguiu fazer brotar da velha Paris a luxuosa capital moderna? E comtudo ouse alguém dizer que esse colosso tem dado grandes passos no caminho da verdadeira civilisação, ouse alguém dizer que a patria dos assassinos da Polonia, a terra onde os proprios servos não acceitam a liberdade, porque nem teem a consciencia de que são homens, a terra onde o knout impera, onde o funccionalismo se roja nas lamas do mais descarado peculato, ouse alguém dizer que essa terra não está atraz e muito atraz de todas as nações européas.

E comtudo porque ha-de succeder assim? Serão os russos de uma outra tempera do que os inglezes por exemplo, e os progressos que estes podem fazer não o poderão fazer aquelles? Não; é por que a influencia fatal do despotismo embrutece o espirito, atrophia a intelligencia, mata moralmente os povos.

O mais esplendido panorama de prosperidade, pintado pelo despotismo, tem sempre um negro reverso. Sabe agora o mundo illustrado de quantas lagrimas do povo, de quantas amarguras das classes pobres, de quantas miserias emfim se compunham em França os esplendores, as grandezas, as opulencias do seculo de Luiz xiv. O extenuamento da França, que no tempo da republica se desentranhava em batalhões para repellir o estrangeiro que pisava o solo sagrado da patria, e que em 1814 cruzou os braços e esperou a decisão da lucta, estendendo até em parte as mãos aos cossacos brutaes que a calcavam aos pés, revelou claramente qual fôra o preço

doloroso porque se haviam comprado Austerlitz e Wagram. Apesar da habilidade financeira de Fould, saberemos dentro em pouco por quanto pagam os povos francezes o throno americano de Maximiliano d'Austria.

Sim; os despotas teem de Deus uma grande missão, a missão que incumbiu a Attila. O despotismo é o castigo inevitavel que recebem os povos, que abusam da liberdade, ou que a não sabem aproveitar. O estabelecimento do imperio na Roma antiga foi a justa punição dos desvarios das ultimas eras da republica. Na sala da sanguinolenta orgia, onde tripudiavam os Balthazares de 93, podiam-se vêr lampejar as letras de fogo, que annunciavam a subida ao throno de Napoleão. O segundo imperio era inevitavel, logo que nas ruas de Paris começou a rugir a inqualificavel, a absurda, a disparatada revolução de 1848. Se ao menos os povos aproveitassem estas lições, se os agitadores ambiciosos ou insensatos encontrassem na porção illustrada de um paiz a resistencia, que poria um freio aos tumultos, e tornaria impossiveis estas perniciosas reacções !...

Pois esta ultima lição foi severa ! Uma minoria impaciente, saindo do caminho da legalidade, e querendo tambem que em dezoito annos se realisasse um progresso, que leva seculos a cumprir, deu origem ás maiores desgraças ! Possuidora da liberdade, revoluciona-se para a obter ! Senhora da urna, ergue a bandeira para a conquistar ! Exige uma reforma eleitoral, que dê ás massas desillustradas o direito de governarem ! Essa reforma, que devia vir a pou-

co e pouco, e á medida que as luzes se fossem deramando, quer obtel-a n'um impeto ! Obteve-a, glorie-se d'isso ! *Hosanna* ! Está a França livre ! Corroêmos de loiros o nosso filho querido, o suffragio universal!... E o suffragio universal escarra-lhes na cara a proclamação do imperio !

Foi bem feito ! Utopistas de boa ou de má fé ahi tendes a vossa obra ! Como o urso da fabula de Lafontaine, para matardes uma mosca, que importunava a França, dêstes-lhe com um tijolo na cabeça ! Santa gente !

E que mosca era essa ? A vaidade, a eterna vaidade do povo francez, o desejo de uma gloria vã, a ufanía de poder *commetter* na Europa quantas injustiças lhe aprouver, o desejo de ter, em vez de uma politica moderada, uma politica dominadora ! o anhelos de transformar o simples bombardeamento de S. João d'Ulloa na expedição gloriosa do marechal Forey ! Ahi tendes a mosca que importunava a França, ahi tendes o motivo da impopularidade do governo de Luiz Philippe.

Que importa que a França, guiada por esse governo esclarecido, desenvolva tranquillamente a sua industria, a sua agricultura, o seu commercio ? Que importa que lhe faça dar esses passos rapidos no caminho do progresso, de que o actual governo se apropria como beneficio de inventario ? Que importa que a exposição de Paris de 1855 revele ao mundo a prosperidade, cujos elementos foram fundados pelo regimen liberal ? Que importa que Luiz Philippe, modêlo do pai de familias, se veja rodeado de filhos

intelligentes, e magnanimos, penhores da futura liberdade? Que importa que a conquista de Alger sirva para formar esse exercito, que Napoleão tambem ha de aproveitar para as maravilhas da Criméa e da Italia? Que importa que a marinha se desenvolva debaixo dos auspicios do esclarecidissimo principe de Joinville? Que importa que a França, pelo desenvolvimento livre e sem restricções da litteratura e da sciencia, conquiste no mundo a soberania dos espiritos, soberania, que ainda não perdeu, apesar da esterilidade actual? Que importa que todos os grandes melhoramentos fossem então comprehendidos, e que sempre se tenha de fallar n'essa epoca, quando se escrever a historia do progresso moderno? Que importa tudo isso? Um côro do cortezãos ha de applaudir, d'aqui a pouco as palavras do prologo da «*Historia de Julio Cezar*»: «O governo despotico dos grandes homens faz com que os povos percorram em alguns annos o caminho de seculos.»

Ah! quantos males não produzem a pusillanimidade do partido ordeiro, e a pernicioso agitação de certos utopistas!

É grande, parece-nos, o merecimento litterario da *Historia de Julio Cezar*. O estylo forte, conciso, e lucido sem ser esplendido, lembra os grandes môdelos romanos. Narração clara, e ampla. Talvez o espirito investigador, e um tanto sceptico da moderna escola historica, ache que Napoleão III acceita com demasiada condescendencia os factos narrados pelos historiadores antigos. Effectivamente a *Vida de Julio Cezar* parece ser uma optima narração historica, não

um estudo historico; é verdade que, terminando o primeiro volume na partida de Julio Cezar para as Gallias, ainda não entrou verdadeiramente no seu assumpto, e está ainda, para assim dizermos, no vestibulo da vida politica do seu heróe. A maior parte do volume é consagrada a um esboço rapido da historia romana antes da apparição do célebre dictador.

Esse esboço, é, como dissemos, uma optima narração, e, como tal, o seu principal merito consiste na lucidissima exposição dos factos. O capitulo, que descreve a bacia do Mediterraneo, no tempo em que principiou a primeira guerra punica, revela uma grande habilidade em gravar no espirito dos leitores a noção do que lhes expõe. Erudição ha immensa, effectivamente, e parece que ao imperador não é estranha cousa alguma do que se tem escripto ácerca da antiguidade desde Festus e Strabão, até Mommsen e Duruy. Novidade nas apreciações não a ha, senão no que diz respeito a Cezar.

Ahi o panegyrico toma as proporções de um sermão em louvor de qualquer bemaventurado da cõrte celestial. O herege do Suetonio é tão fustigado, como o foi o *Progreso* de Lyão. Se Suetonio vivesse no nosso tempo, aconselhava-lhe caridosamente que fosse para Guernesey. Cezar tem a immaculada pureza de vistas de um Messias. Se instarem muito com o imperador, proclama-o Filho de Deus. Cezar não tinha nada de ambicioso, era o bem publico e só o bem publico quem o inspirava. Se, quando o dictador foi assassinado, Marco Antonio tivesse conhecimento d'esta obra, em vez de se cançar a improvisar um dis-

curso sobre o cadaver de Cezar, lia um capitulo d'ella.

Cezar era o representante puro da democracia, e foi a democracia quem com elle subiu ao poder. É isso incontestavel, e todos os Cezares têm affagado a multidão para subirem ao throno, como os cavalleiros affagam os corceis antes de montarem em cima d'elles.

Cezar não se queria fazer eleger rei, e, diz o imperador com certa ingenuidade, para que o havia de querer? não era elle maior do que todos os reis? É essa uma grande verdade; tambem o general Bonaparte, o salvador da França, o heroe das Pyramides, o domador da anarchia, era bem maior do que todos os reis, e comtudo não pôde resistir á tentação da corôa, ás seducções do solio, e o grande general transformou-se no despotico imperador.

Tambem o presidente da republica, Luiz Napoleão, podia ser maior do que todos os reis, se....

Estes grandes homens realmente não são comprehendidos pelo mundo! Ha gente tão insensata que os accusa de ambiciosos, que se lembra de dizer que Cesar aspirava ao fim, a que attingiram os Augustos, e os Napoleões! Loucos!

Felizmente, creio que será infructifera a empresa de Napoleão III em proclamar os grandes homens superiores ás fraquezas da humanidade! Creio que o prologo da *Historia de Julio Cezar* não consolidará o seu poder! Como obra litteraria ha de ser bem acolhida pelo mundo pepsador; mas não creio que consiga fins politicos, se é que os tem. Os argumentos do despotismo são os batalhões, a sua razão de

ser a pusillanimidade das maiorias ! Os grandes povos são sempre maiores do que os grandes homens ! Roma é maior do que Cezar, a França é maior do que Napoleão ! Contra essa utopia da missão divina ha de se revoltar sempre o sentimento indelevel da dignidade humana.

WILLIAM SHAKESPEARE

POR VICTOR HUGO

Entre os grandes vultos, que se agrupam, illuminados pelo esplendor da gloria, no immenso pantheon do seculo xix, ha um cuja estatura gigante amesquinha, e faz parecer vulgares todos os outros.

N'um dia de inspiração o cinzel do estatuario divino desentranhou esse colosso de genio do marmore da humanidade, e, depois de ter lançado ao mundo esse prodigio, bradou ao esplendido sol da poesia : «A ti, que até agora illuminaste com cada um dos teus raios a fronte de cada poeta, dou-te um Memnon gigante. Inflamma-o com toda a tua luz, inunda-o com o teu immenso fulgor, e faz vibrar harmoniosamente a maravilhosa estatua.»

E o colosso desprende a sua voz potente ! E a humanidade, enxame irrequieto e zumbidor de abe-

lhas prosaicas que volteiam não n'um jardim, mas n'uma horta, parou para escutar os canticos grandiosos. A voz do ideal, da aguia sublime pairando sempre no céu azul, escolhendo para ninho os alcantis inacessiveis, fez-se ouvir nos subterraneos do positivo. As multidões encheram o deserto, onde a voz do propheta clamava. Sancho Pança escutou, meditativo, as utopias do portentoso D. Quichote. A prosa formou alas para vér passar a poesia. Quem era esse principe de contos de fadas, a quem o genio emprestára a magica varinha, com a qual conseguira desviar as rudes silvas dos interesses materiaes, que rodeiam o mysterioso santuario onde dormem um somno eterno os nobres, os generosos instinctos da humanidade? Como se chamava aquelle que possuia o ineffavel condão de os despertar do vergonhoso lethargo, em que jaziam? Era o auctor do *Ultimo dia de um condemnado*, era o auctor dos *Miseraveis*, era Victor Hugo.

Poeta pela imaginação, poeta pelo coração, poeta pelo pensamento, Victor Hugo escreveu as *Orientaes* aos vinte e cinco annos, as *Folhas do Outono* aos vinte e nove, a *Lenda dos seculos* aos cincoenta e sete, os *Miseraveis* aos sessenta. Como todos os genios colossaes, que se elevam tanto acima do vulgo da humanidade, quanto as grandes montanhas se elevam acima da immensa planicie, o genio de Victor Hugo tem uma physionomia multipla, que não se estudaria completamente, se a considerassemos, obedecendo á vã mania das classificações, apenas por uma das suas faces. Em todos os grandes talentos ha o

quid divinum, mas ha tambem o *quid humanum*. Junto dos rochedos magestosos do Himalaya a florinha humilde entrega a ridente corolla aos beijos de fogo do sol oriental. Deus consente que os seus eleitos unam aos austeros deveres da missao, que lhes confiou, os imprescriptiveis direitos da nossa fragil natureza. O divino Jesus era Deus na cruz do Golgotha, era homem junto do sepulchro de Lazaro.

Em vão pretendem os classificadores litterarios dar a Lamartine o condão exclusivo de nos commover, a Victor Hugo o condão exclusivo de nos deslumbrar. Não associem esses dois nomes. Lamartine é um grande talento; mas Victor Hugo é um genio. O acaso da existencia, isolando o auctor de *Notre-Dame* do resto da Europa, deu-lhe o lugar que lhe competia. Entre Victor Hugo e a phalange dos brilhantes escriptores do nosso seculo, ha o Oceano! o Oceano do ideal, o Oceano do sublime. Tu, Lamartine, és um mimoso poeta, és um esplendido prosador, um orador eloquente; tu, George Sand, manejas admiravelmente a linguagem franceza; tu, Feuille, és o mais delicado e o mais suave dos romancistas; tu, Balzac, és um perfeito photographo; tu, Musset, és um espirito adoravel; tu, Dumas, és um prodigioso narrador, mas eu chamo-me Victor Hugo; *j'ai nom lion!*

De todas as faculdades do homem é a imaginação a que primeiro desperta, e a que subordina a si todas as outras. Antes que nos deslumbre a idéa, deslumbra-nos a forma. Incanta-nos o colorido, antes de nos incantar a imagem. Aquelles, a quem Deus.

concede uma palheta esplendida, enlevam-se primeiro em mostrar todos os recursos, que ella lhe proporciona, antes de se servirem d'elles para attingirem a um fim mais elevado. A penna, que havia de escrever o *Fr. Luiz de Sousa*, e a *D. Branca*, estreitou-se com o *Retrato de Venus*; a que havia de escrever o drama *Camões*, e as poesias do *Outono*, o genio que havia de descobrir a pedra phylosophal da civilisação do futuro experimentou as suas forças nas *Cartas de Echo e Narciso*; aquelle que havia de lançar ao mundo absorto a *Lenda dos Seculos* e os *Miseraveis*, incantou-o antes d'isso com as mimosas estrophes das *Orientaes*.

A imaginação de Victor Hugo, borboleta que se havia de transformar em aguia por uma metempsychose sublime, foi attrahida pela risonha luz da poesia do Oriente. Que de mimosas flores n'esses jardins inexplorados! Que de estrellas n'esses céos desconhecidos! A nuvem de fogo, que abrasára Sodoma e Gomorrha, illuminava ainda com os seus reflexos escarlates o solo sagrado da Palestina, e tingia com uma reverberação esplendidamente medonha a superficie immovel do Mar-morto. O sol de Salamina despontava de novo no firmamento azul da Grecia para contemplar Navarino. Byron succedia a Tyrtéu, Botzaris a Leonidas, Missolonghi ás Thermopylas! O serralho com os seus mysterios debruçava-se sobre o Bosphoro, e as brancas velas dos cahiques sulcavam brandamente as aguas ainda inquietas pela quéda do sacco tenebroso onde um vulto humano se agitava! Nas planicies da Andaluzia ouvia-se ainda o

ultimo ecco das serenatas, e os fios de agua, deslizando nos tanques marmoreos dos jardins da Alhambra, fallavam, no seu canto suavemente monotono, dos esplendores da côrte arabe! Onde podia encontrar mais amplos thesouros a opulenta imaginação do grande poeta francez?

A tentação era irresistivel. A Musa sacudiu a candida tunica, e deixou cahir do regaço essa chuva de perolas da deliciosa collecção das *Orientaes*. Abriu-se o viveiro, e os passarinhos de azas matissadas sahiram em bando a voitar tão graciosamente, a gorgear tão suavemente, que era um incanto vê-los, que era um enlevo escutal-os. Todos poderiam julgar que Victor Hugo era um esplendido cultor da fórma, o Benvenuto Cellini do verso, e que n'isso se resumia o seu talento. Bastava aquelle volume para que se lhe concedesse o diploma de mimoso poeta.

Engano. Victor Hugo não tinha feito mais do que rasgar uma pagina do livro do seu genio, e soltal-a ao vento da publicidade. A imaginação tinha desprendido os seus trinados, o coração ia fazer ouvir os seus melodiosos suspiros.

Depois das *Orientaes* vieram as *Folhas do Outono*, os *Raios e Sombras*, as *Vozes interiores*, os *Cantos do Crepusculo*. Revelava-se o poeta de sentimento, o poeta pensador deixava-se presentir.

As suaves commoções da vida de familia, a poesia do lar, os incantos da prece, a melancholia das ruinas, as doces tristezas da saudade, os enlevos do scismar ninguem os comprehende melhor do que Vi-

ctor Hugo, e ninguém melhor do que elle nol-os sabe fazer sentir. Corre tormentosa a noite? Assovia lugubrememente a rajada de vento nas arvores da floresta, e geme tristemente nas velhas arcarias da igreja arruinada? Ouve-se ao longe a voz do Oceano, a bramir furioso, e a protestar com as vagas encapelladas contra a tyrannia da procella? Sulca o relampago as nuvens, e o trovão ribomba magestoso na atmosphaera nocturna? Victor Hugo, encostando na mão a fronte luminosa, pensa nos pobres naufragos, que se estão a essas horas debatendo com as ondas implacaveis, e, em quanto os que o rodeiam conversam em voz baixa para não perturbarem os pensamentos do poeta, elle solta essa plangente elegia, que se denomina *Oceano nox*, tão repassada de sentimento, tão singularmente suave, tão deliciosamente dilacerante! E se vós, leitores, ao lerdes essa poesia, não reclinais tambem a fronte pensativa, não sentis as lagrimas deslisarem-se lentamente pelas faces, é porque não tendes coração, é porque não tendes alma, é porque sois feitos apenas de barro vil, ou por que sois vereadores da camara municipal!

As creanças, essas loiras creaturinhas, em cujos olhos azues ri o céu, em cujas bocas vermelhas ri a innocencia, os anjos da guarda da familia, inspiram frequentemente os versos de Victor Hugo. Aquelle Oceano de poesia compraz-se em embalar suavemente essas florinhas apenas desabrochadas! Conhecem a *Prière pour tous*? Oh! se a conhecem digam-me se não é uma verdadeira zombaria collocar o nome de Lamartine a par do nome de Victor Hugo!

Mas o talento do grande poeta francez ainda se não resumia n'isso. O opulento vesificador das *Orientaes*, o delicioso poeta das *Folhas d'Outono* era tambem um grande pensador. A *Lenda dos seculos* veio demonstral-o. Os *Miseraveis*, que o mundo inteiro leu estupefacto, completâram a demonstração.

Agora Victor Hugo, trabalhador infatigavel, lançou ao mundo um novo livro. Esse livro intitula-se *William Shakespeare!*

O titulo deslumbra. O genio commentando o genio! Victor Hugo, debruçando-se sobre o abysmo do passado, bradando a Shakespeare: «Surge!» e dizendo-lhe: «Irmão!» Prometheu levantando o Etna dos seculos, e resuscitando Encélado! Hernani introduzindo Othello! O poeta dos *Burgraves* fazendo reverdecer os loiros do auctor de *Ricardo III*! Era para excitar a curiosidade.

Se o titulo deslumbra, o livro ainda deslumbra mais! É o poema da arte, é a historia das manifestações do genio da humanidade! A aguia de Guernesey prende o leitor nas garras, e, arrastando-o fascinado, enthusiasmado pelos espaços onde reina, faz-o contemplar successivamente essas montanhas gigantes, que se chamam Homero, Job, Isaias, Ezechiél, Lucrecio, Juvenal, Tacito, S. João Evangelista, S. Paulo, Dante, Rabelais, Cervantes, Shakespeare. Essa procissão de genios, a que outro genio dá vida, passa por diante dos olhos deslumbrados do leitor! É um espectaculo maravilhoso!

Este livro não se póde evidentemente classificar entre os livros da critica! É o poema do genio! É

a Iliada do ideal! Todos os vultos, que alli apparecem, têm uma estatura sobrehumana, têm as proporções formidaveis dos heroes de Homero! O que é o cantor d'Achilles? É o enorme poeta creança! É o passaro cantor da aurora colossal da humanidade. É o sol gigante, em torno do qual giram esses planetas, que se chamam Virgilio, Lucano, Tasso, Ariosto, Milton, Camões, Klopstock, Voltaire.

E Job? É o sacerdote do soffrimento, o fundador do drama, e do drama, d'onde são uma util lição. *Do esterquilinio de Job, transfigurado*, diz Victor Hugo, *brotará o Calvario de Jesus*.

E Eschylo? É o homem, em quem o mysterio antigo se incarnou, é um propheta pagão. As suas tragedias constituem como que uma Biblia grega.

Isaias? Isaias é o raio permanente, que fulmina os vicios da humanidade, é o propheta da desgraça, que amaldiçoa a civilisação, de que voluntariamente se exila, é, diz ainda Victor Hugo, *uma especie de boca do deserto fallando ás multidões, e reclamando em nome dos ventos, das urzes e dos areaes, o lugar onde campeiam as cidades*.

Ezechiel? É o genio da caverna. É o feroz bemfeitor da humanidade. Abdica elle mesmo a sua existencia de homem para se transformar em symbolo. Repugna, e pela repugnancia instrue. E' um Job voluntario, que em si personalisa a miseria e a abjecção do mundo, para que todos possam contemplar n'aquelle espelho vivo a sua imagem immunda.

E Lucrecio? Lucrecio é a natureza, é aquelle Satyro disforme que apparece na *Lenda dos seculos*

de Victor Hugo, cujo canto sublime faz emmudecer de assombro os deuses aristocraticos de Olympto.

Juvenal e Tacito ? São os dois instrumentos terríveis, que castigam a sanguinaria devassidão do imperio. Juvenal é o latego, Tacito é o ferro em braza.

S. João Evangelista ? *É o sublime em pleno desvario ! A sua poesia tem um profundo sorriso de demencia. A reverberação de Jehovah enche o olhar d'este homem.*

E Dante ? Vejâmos ainda os inexgotaveis recursos da prodigiosa imaginação de Victor Hugo. *Dante construiu no seu espirito um abysmo. Fez a epopea dos espectros. Esvazia a terra, e no terrivel orificio, que se abre, introduz Satanaz. Depois impelle-a para o céo, fazendo-a atravessar o purgatorio. Onde tudo acaba, Dante começa. Dante está além do homem.*

Rabelais ? *É a mascara formidavel da comedia antiga, destacando-se do proscenio grego, de bronze feita carne, d'ahi por diante semblante humano e vivo, que se conserva enorme, e que vem zombar de nós, entre nós e connosco.*

E finalmente Shakespeare, o que é ? *Quasi que se podia responder — É a terra. Lucrecio, é a esphera. Shakespeare, é o globo.*

Ahi têm as tintas ardentissimas, que Victor Hugo emprega constantemente na composição do seu quadro. Ahi têm o processo agigantado, por meio do qual elle faz reviver todos os grandes vultos da humanidade.

Este homem é um verdadeiro abysmo. Quando

nos debruçamos sobre elle, sentimos uma vertigem. Quando se acaba de lêr um livro como *William Shakespeare*, volta-se com uma ampla colheita de perolas; mas volta-se também com a pallidez no rosto, com o terror no olhar. É porque o genio, quando assume aquellas proporções, assusta.

O novo livro de Victor Hugo tem a belleza, que elle assevera ser a mais invejavel para uma obra litteraria. *C'est beau d'être attaquable*, diz-elle. Com effeito a critica dos que fazem chicana de tudo encontra alli com que se fartar.

Ha um certo numero de defeitos que são peculiares do genio. Um crítico francez chamou apopletico ao estylo de Victor Hugo.

Admitto a palavra; mas, concedam-me também que é a exuberancia da vida, que produz as apoplexias. Não morre d'essa doença quem quer, e os que fingem tê-la vêm a morrer, mas é de ridiculo. As manchas do sol são exclusivas do astro luminoso, e só os Achilles possuem o privilegio de serem vulneraveis no calcanhar. E estejam os criticos certos, de que, se estão sempre a encontrar-lhe esse ponto fraco, é porque andam de rastos, em quanto elle ergue acima da sua cohorte lilliputiana a sua cabeça de gigante.

Ha comtudo uma certa escola, principalmente entre nós, que em tendo uma coisa que se assemelhe com os defeitos de Victor Hugo, imagina que possui também o seu genio. Esta escola é a dos escriptores, que escrevem n'um estylo que se não percebe e que se não percebe felizmente para elles, por

que se assim não fosse, havia de se perceber muita tolice. Elles não sabem que as imagens nimiamente apocalipticas do vidente de Guernesey occultam sempre um sentido profundo, em quanto as suas, para fallarmos a verdade, não occultam coisa alguma! O calcanhar d'estes Achilles de parodia é um calcanhar gigante, abrange o corpo todo. Entram intrepidamente na arena, sem se lembrarem que a Thetis do genio nunca os mergulhou na lagôa Estygia da sublimidade.

O livro, que se intitula *William Shakespeare*, repetimol-o, não pôde nunca ser classificado entre os livros de critica. É demasadamente exclusivo para isso. O critico precisa primeiro que tudo de não ter uma individualidade tão vigorosa como a de Victor Hugo, porque, se a tem, acontece-lhe o que succedeu ao grande poeta francez, considera a arte debaixo de um ponto de vista especial, em vez de mudar os pontos de vista, á medida que as perspectivas se deslocam.

William Shakespeare é a torre de Babel, immensa, para cuja construcção todos os poetas desmesurados trouxeram uma obra prima, e que tem por fim a conquista do magestoso firmamento do ideal! É a floresta gigante, onde se agitam todas as arvores vigorosas do espirito humano, onde vagueiam os rugidores leões do genio! É, para nos servirmos de uma expressão favorita de Victor Hugo, a collecção *des génies fauves*.

Os poetas meigos, mimosos, humanos emfim, não encontram logar n'aquella galeria. Victor Hugo

evoca os semi-deuses, não evoca os anjos! Á sua voz Homero e Eschylo, sahem da noite dos tempos, pavorosos e sublimes; mas Anacreonte, o velho cantor de Téos não surge, com grande espanto seu, da loisa tumular. O cantor das alegrias humanas não encontrou favor diante d'esse homem, que parece estar fóra da humanidade. O poeta das *Orientaes* seria, com certeza, mais indulgente.

Os vultos sombrios de Isaías, Job, e Ezechiel vem collocar-se a par dos poetas gregos. Os relampagos biblicos cruzam-se com os relampagos hellenicos; mas o auctor do *Cantico dos canticos* adormecido nos braços das formosas judias á sombra das palmeiras da Palestina, não é perturbado no seu somno. Que diria d'isto o cantor de *Sara la baigneuse*?

Na grande pleiade romana, Lucrecio, Juvenal, Tacito são os escolhidos, e onde fica o doce Virgilio? És severo de mais, antigo cantor das *Folhas de Outono*!

Debalde Petrarcha solta ás brisas italianas as suas meigas canções, debalde Tasso, nas doces praias de Sorrento, parece cantar ainda, com o suave acompanhamento das ondas azues do Mediterraneo, as harmoniosas estrophes da *Jerusalem Libertada*, debalde Ariosto narra, com um sorriso malicioso, as aventuras da bella Angelica, e do feroz Agramanto, o chefe de escola é inflexivel, e de todos esses colossos, que jazem no tumulto das idades, só o sombrio vulto de Dante se ergueu, e se illuminou com um reflexo da auréola de Victor Hugo.

Já vêem pois que se engana completamente

quem julgar encontrar um livro de critica n'esse admiravel volume. Encontra melhor do que isso. Encontra um soberbo poema. Quem se atreve a accusar Victor Hugo de não poder acanhar a sua elevada estatura de poeta? Os gigantes, como elle, não podem deixar de rasgar nos assumptos, que atravessam, as portas immensas da epopéa !

VIDA DE JESUS

POB BENEFITO BENAS

O padre José Agostinho de Macedo era, como sabem, o homem mais erudito e o poeta mais sem sabor, o satyrico mais virulento e o chocarreiro mais engraçado, o frade mais libertino e o prégador mais notavel do tempo em que viveu.

Um dia acabára elle de pronunciar no pulpito um dos eloquentes sermões, que chamavam Lisboa inteira, e depois de ter compungido o auditorio e de lhe ter inspirado os mais suaves sentimentos de caridade e os mais austeros pensamentos de penitencia, voltava para a sacristia, meditando talvez alguma passagem villã do seu poema dos *Burros*, quando lhe sahiu ao encontro um lapuz, seu parente, um saloio, que se o não fossè devia sel-o, o qual, abraçando-se ao prégador com as demonstrações do mais fervente enthusiasmo, bradou :

— Ah ! padre José Agostinho, isto é que foi sermão ! Gostei de véras de o ouvir prégar ! Vocemecê é a honra da familia.

O padre deixou-se abraçar com toda a condescendencia, respondendo apenas com a mais imperturbavel placidez :

— Sim, sim e vossê que o entende !

Se nos fosse dado espreitar através das paredes do gabinete de Ernesto Renan, quando elle, a sós com a sua consciencia, pensar no incrível enthusiasmo, que o seu livro tem inspirado a todos os publicos da Europa, deviamos talvez ouvil-o murmurar, sorrindo e encolhendo os hombros :

— Sim ! sim ! e vossês que o entendem !

Com effeito, o homem, que ousou tocar na arca santa das nossas tradições religiosas; o homem, que depois de devolvidos dezanove seculos, apagou o facho da fé, e penetrou com essa lanterna de luz morticia, que se chama razão, lanterna, que uma armadura de ferro preserva cuidadosamente do vento do enthusiasmo, nas trevas historicas; o homem que, n'esse labyrintho do passado, desprezando o fio habitual que tem servido de guia á humanidade, intenta dirigir-se por outra maneira, não póde destruir com o simples argumento «É sobrenatural, logo é falso» o que immensas gerações têm acolhido e acreditado. Onde estariamos nós ainda, se a sciencia seguisse este systema, e repellisse os phenomenos, que as suas antigas theorias mesquinhas não explicassem, para o dominio do sobrenatural, e portanto do absurdo, em vez de pensar n'elles, de alargar o am-

bito das theorias, para que estas possam contêr todas as maravilhas, que a mão do Omnipotente espalhou com profusão no universo.

A sciencia, só depois de maduro exame, repelle para a lista das credences populares os factos mesmos, que, á primeira vista, parecem axiomaticamente absurdos.

Na ordem moral acontece o mesmo. O sorriso de escarneo não fica bem nos labios do historiador austero, que, debruçado sobre a cisterna tenebrosa, onde se esconde a verdade, tenta conscienciosamente fazel-a sahir das aguas revoltas das crenças, das tradições, das lendas dos séculos, por cima das quaes ella sobrenada.

Renan não podia nêem devia fazer o contrario. Não o fez com effeito, digamol-o em sua honra. Estudou, e estudou muito, e o livro, que deu a lume, é o resultado consciencioso das suas indagações historicas. Mas será essa a verdade? Não se enganaria o escriptor? A luz, com que se allumiou, seria sufficiente para dissipar as trevas? Os lividos clarões da fogueira, para onde arremessou os livros santos, poderão competir com o magestoso sol, que despon-tou no Golgotha, e que projecta, atravez dos tempos, o seu immenso e benefico esplendor sobre as sociedades actuaes?

Quem ousa dizel-o? Quem ousa decidil-o? Como trocou tão depressa a Europa as suas tradições pelas asserções de um só homem? Deixou de ser o papa infallivel, para vir Renan substituil-o? O vigario de Christo abdicou, para que subisse ao poder o escri-

ptor francez ? Tem trabalhado este seculo por destruir a interpretação falsa, com que a igreja, transviada do seu verdadeiro caminho, tem desfigurado a missão de Jesus, para que se erga um frio sceptico a fazer uma outra interpretação talvez ainda mais falsa, e com certeza infinitamente mais prejudicial ? Ernesto Renan veio occupar o lugar de quinto evangelista, e surgiu a final, depois de mil e oitocentos e sessenta e quatro annos o verdadeiro e unico confidente do Filho de Deus ? A *Vida de Jesus* terá agora, perante a humanidade, as honras de Novissimo Testamento, cujas palavras devem ser acolhidas com a mesma fê, que outr'ora se depositára no livro dos quatro evangelhos ?

Com effeito, assim o parece ! Ou o Espirito Santo se deu ao trabalho de viajar pela Europa, descendo em linguas de fogo sobre a fronte dos leitores do livro da moda, ou as abelhas de Platão lhes vieram zumbir aos ouvidos, iniciando-os instantaneamente nos vastos conhecimentos necessarios para pesar e avaliar a veracidade das doutrinas de Renan, ou então o entusiasmo europeu parece-se com o entusiasmo do parente de José Agostinho, a não ser que tenha por motivo o que Victor Hugo (a quem ninguém de certo taxará de beato) exprimiu n'estes quatro versos :

Ainsi repousser Rome et rejeter Sion,

litre et conclure tout par la négation,

Comme c'est plus aisé, c'est ce que font les hommes.

Le peu que nous croyons tient au peu que nous sommes

Ainda se o livro de Renan ficasse irrefutado no campo dos raciocinios e no campo dos documentos ! Mas não ! o padre Passaglia (outro que não é beato) oppõe investigação a investigação, texto a texto ! Os entusiastas de Renan é provavel que entendam perfeitamente a discussão, e que percebam o hebraico com uma facilidade, que os torne perfeitamente aptos para comprehenderem os raciocinios dos dois argumentadores ! A mim não me acontece tal !

Os textos hebraicos, e a incarnação de Jesus, entram para mim igualmente na classe dos mysterios, e, como isto por fim de contas é questão de fê, prefiro a que me foi transmitida por meu pai, a que me consola nas amarguras da vida, a que illumina vagamente a noite dos tumulos com a risonha auro-ra d'um mundo do porvir !

Porque, não nos deixemos illudir pelas palavras do prologo de Renan, este livro não presta serviço á religião, destroe-a. Negado o principio da divindade de Jesus, provado o charlatanismo sublime de um homem de genio, a religião, que elle fundou, passa immediatamente a ser um systema phylosophico, discutivel como todos os outros, de certeza duvidosa, e sujeito ás modificações da razão humana.

O edificio, em que as gerações se abrigaram durante seculos, edificio inundado pela immensa luz da revelação, desmoronou-se e a humanidade perdida de novo no deserto da duvida, tem de se abrigar, no seu caminhar desesperado e attonito, debaixo da tenda da phylosophia, tenda oscillante e agitada constantemente pelos vendavaes encontrados dos racioci-

nios, e dos sophismas. A certeza fugiu! O anjo do christianismo velou com as azas brancas o rosto celestial, e deixou a humanidade entregue a si propria! Jesus, simples homem de genio, pôde ser refutado pelo primeiro tolo que d'isso se lembrar! E quem sabe qual terá razão? *Quem sabe?* phrase terrivel, suspensa, como a espada de Damocles, sobre a cabeça do pensador. *Quem sabe?* verme, que mancha com a baba nojosa a flor de todos os affectos, e de todas as virtudes! *Quem sabe?* plano inclinado por onde se despenham umas atraz das outras todas as crenças consoladoras, vivificantes e necessarias á constituição social. *Quem sabe?* estrada tenebrosa, que conduz directamente da phrase de Renan: «*Jesus és apenas um homem*» á phrase de Brutus: «*Virtude és apenas um nome.*» *Quem sabe?* Podem-se applicar a esta phrase os versos de Victor Hugo. Esta phrase é realmente:

notre incurable plaie
Notre nuage noir, qu'aucun vent ne balaie.

Mas para essa chaga havia o balsamo suave do christianismo, para essa nuvem havia a brisa salutar, que soprava das odoríferas terras da Galiléa; porém veio um homem, que derramou no chão a amphora que continha o balsamo, veio um homem que á fresca aragem, que dissipa as nuvens, oppoz o ardente vendaval que as accumula, e, quando esse homem appareceu, o mundo inteiro curvou-se e disse «Hosanna Renan! Maldição a Deus nas alturas, e guerra aos homens sobre a terra.»

Não, não é possível que este homem passe no seu carro de triumphador, esmagando desapiadadamente tudo quanto havia de nobre e de santo no coração da humanidade ! Não é possível que este homem ponha a tunica do charlatão nos hombros de Jesus, fustigue com o irrisorio sceptro de prestidigitador a face divina do Christo e lhe chame ainda por escarneo *o mais grandioso entre os filhos dos homens*, como os soldados das cohortes romanas lhe chamavam *Rex Judæorum* ! Não é possível que se erga em pleno seculo xix um novo calvario para o Redemptor, e que depois de mil e oitocentos annos succeda á bofetada pharisaica, o desmentido phylosophico, bofetada ainda mais cruel ! Não é possível que se faça tudo isso, sem que nós, dilacerados igualmente por essa impia flagellação, nos levantemos a perguntar, ao menos com dôr, quaes os motivos, que justificam a nova accusação.

Vejâmos o que descobriu Renan, que prove que Jesus era simplesmente um homem ? A vida de Jesus tem forçosamente duas feições distinctas, a feição divina e a feição humana. Não sei se Renan desejava encontrar no recenseamento romano um attestado authentico, em que Jesus viesse mencionado como filho de Deus e de Maria ! A incarnação do espirito de Deus não é facto, que se investigue com os recursos habituaes da historia, auxiliada com esclarecimentos medicos. Como homem estava Jesus sujeito a todos os phenomenos materiaes da humanidade; a questão unica é saber, se o espirito que o

animava era effectivamente o espirito d'um Deus, ou o espirito d'um homem.

É n'este ponto que se assusta o leitor do livro de Renan. O erudito escriptor descobriria alguns factos ignorados da vida de Jesus, que provem que elle estava sujeito a todas as fraquezas, a todos os erros da humanidade, fraquezas e erros a que se não eximem os genios mais elevados? Não! O vulto do fundador da nossa religião, tal como Renan o desenhou, é um vulto que paira sobranceiro a todas as miserias humanas, e de cuja candida tunica nem a fimbria roça pelo tremedal, onde todos nos agitamos! Reformador immaculado, nunca a mais leve sombra de ambição annuvia aquella fronte limpida, cercada pela esplendida auréola da Divindade! Perseguido, condemnado, nunca tem um pensamento de vingança, um vislumbre de odio contra os seus assassinos! Intelligencia incrivelmente superior, funda a religião universal vivendo no seio de um povo, que sempre se conservou isolado do resto do mundo; proclama o ideal, quando a materia reina desenfreada, e, em vez de resumir em si as idéas da sua epoca, como tem acontecido a todos os reformadores notaveis, proclama uma doutrina contraria a tudo quanto constitue o especulo das idéas da geração a que pertence! Ignorando completamente a politica, como Renan o affirma, funda um codigo immortal que satisfaz ás necessidades das civilisações mais adiantadas! Todas as grandes descobertas, todas as grandes idéas são susceptiveis de aperfeiçoamento; só a doutrina de Jesus ainda ninguem conseguiu aperfeiçoal-a, e quem

tem ousado tocar-lhe tem-n'a pelo contrario deturpado. O progresso tem modificado todas as outras religiões, tem-n'as feito desaparecer, tende constantemente a lançar os seus sectarios na religião de Christo, e a esta nem a transformam nem a destroem; as aspirações mais audazes do mais avançado progressista limitam-se a fazel-a voltar á sua pureza primitiva. Edificio tão solido é para mãos de homens construil-o ?

Que homem é este, que se eleva tanto acima da humanidade ?

Que homem é este, cujo vulto está sobranceiro a todos, isolado no Pantheon dos genios ? Na dynastia mysteriosa dos grandes homens, Cesar succede a Alexandre, Napoleão a Cesar, a Archimedes Galileu, a Galileu Newton, Isaias a Homero, Shakespeare a Isaias, Victor Hugo a Shakespeare, Confucio a Moysés, e Moysés a Solon; quem succedeu a Jesus ?

Que homem é este que nunca se prende nos laços terrenos ? Que charlatão é este que morre tão serenamente para não destruir o seu embuste ? Obrigado Renan ! Em troca do mysterio de um Deus feito homem dêste-nos o mysterio de um homem incomprehensivel, de um homem sobre-humano !

E que grandioso cantor não se depararia á epopéa da Redempção em Ernesto Renan, se o enthusiasmo, o candido enthusiasmo, animasse os magnificos periodos do livro francez ! Tirem d'este livro a negação da divindade de Jesus, e nunca os extasis dos beatos, as vigalias asceticas dos monges mais ta-

lentosos produziram um livro mais digno do sublime Crucificado!

Mas realmente a mania de acanhar as proporções de Christo, leva o genio de Renan a aberrações extraordinarias! Na questão dos milagres não se limita, como um sceptico vulgar, a negal-os. Explica-os. Os milagres de Jesus, para o escriptor francez, são simples curas. A meiguice das suas palavras restabelecia os doentes!

Nos milagres de Jesus, ou se crê, ou se não crê. Não ha discussão possivel. Se existiram realmente, não se explicam por meios naturaes. A doçura das palavras pôde socegar um doido, mas por mais suavemente que Jesus homem pronunciassê as palavras: *Tolle grabatum tuum, et ambula* (se eu fosse enthuasiasta de Renan, dizia-as em hebraico) é pouco provavel que o paralytico pegasse na cama e se fosse embora. A *doçuropathia* não é applicavel n'este caso.

A existencia dos milagres de Jesus é uma questão grave para se discutir, pondo de parte a fé! É incontestavel que Deus não altera o immenso milagre da natureza por contradicções indignas da Omnipotencia, mas é incontestavel tambem que um cataclysmo social, como foi o produzido pela Redempção, poderia ser acompanhado de perturbações na ordem natural. Deus apagou, por assim dizer, a ordem de idéas do mundo antigo para a substituir completamente por outra mais perfeita. O mundo pagão desmoronou-se, e sobre as suas ruinas começou a levantar-se novo edificio. Nem os alicerces antigos se aproveitaram, e até uma nova raça de homens, a ra-

ça germanica inculta e selvagem desceu das florestas do Norte, marmore virgem, d'onde os discipulos do sublime architecto desentranharam o novo templo.

Foi na ordem moral este cataclysmo, o que o diluvio foi na ordem physica. Tambem a creação primitiva, julgada imperfeita, foi arrasada completamente para que a risonha natureza, que havia de succeder á monstruosa producção do primitivo genesis, surgisse do seio das ondas, como a Venus pagã.

Em cataclysmos d'estes póde-se admittir, parece-me, o que seria, em qualquer outra occasião, um insulto á divindade.

Emfim, em todo o caso, isto é pura e simplesmente uma questão de fé.

O que é incontestavel, é que o livro de Renan está admiravelmente escripto; mas que não merece o enthusiasmo que tem produzido, e que não produziria de certo, se a curia de Roma não teimasse em lhe dar popularidade, fulminando-o com os raios da censura apostolica.

Não admira que a fé fuja do rebanho, quando fugiu do pastor, quando o vigario de Christo suppõe que a intolerancia é arma com que se defende a religião do tolerantissimo Jesus, quando os sacerdotes do Crucificado seguem o exemplo dos phariseus de Caiphás, quando a religião dos apostolos se defende como se defendia o paganismo, quando a excomunhão pontificia succede ás feras de Diocleciano.

Desenganem-se; a religião deve ser coherente, os discipulos da victima da religião official não podem fazer o mesmo que faziam os algozes de Jesus.

A religião, que se fundou convencendo os seus inimigos, deve sustentar-se igualmente. Os martyres christãos, derramando o seu sangue em defeza da liberdade da consciencia, estão protestando contra aquelles, que se dizem seus continuadores, e que opprimem a consciencia dos outros. Áquelles, que se servem da censura como argumento, falta a fé na verdade da sua causa. Tanto cré Renan na divindade de Jesus, como quem a defende por estes meios. O livro de Renan refuta-se, não se condemna.

Demais, sabem perfeitamente que o martyrio, seja qual fôr a sua fôrma, é um meio seguro para divinisar o martyr. Hypathia, a formosa adversaria do christianismo, passaria talvez despercebida, se S. Cyrillo se não lembrasse de a mandar apedrejar. Eu não sei se S. Cyrillo foi martyr; se o não foi, nunca os romanos perpetraram maior injustiça.

Não desejo a Renan maior castigo do que a propagação das suas doutrinas. Consiga apagar a luz do immenso pharol da humanidade, derrube o edificio, sem conseguir levantar outro monumento que o substitua; e então a humanidade sem lei moral, perdida nas trevas, preza d'um torpe materialismo, bradará, segundo a energica expressão de Reboul, o poeta de Nimes:

Le siècle soit maudit ! Le Christ était un Dieu.

HISTORIA DA FUNDAÇÃO DO IMPERIO BRAZILEIRO

POR J. M. PEREIRA DA SILVA

Rara ou nenhuma nação européa comprehendeu a missão dos povos colonisadores. Mães desnaturadas dos filhos, que iam em longes terras, em praias deshabitadas, plantar a bandeira da metropole, e ensinar aos eccos do novo mundo as linguagens da velha Europa, entendiam que as riquezas do solo, fertilizado pelos suores dos exilados e dos seus descendentes, eram propriedade exclusiva dos que ficavam, de braços cruzados, no terreno privilegiado da mãe patria. Erro inaudito, crime nefando, que, entorpecendo a prosperidade e o desenvolvimento da colonia, nem por isso augmentava o bem-estar e as verdadeiras riquezas dos que, n'um mal entendido egoismo, pretendiam locupletar-se á custa do improbo trabalho d'aquelles, que, sendo seus filhos, passavam a ser, mal atravessavam o oceano, seus enteados.

A economia politica tem mostrado claramente que os systemas governativos, fundados na injustiça, encontram n'essa mesma injustiça o seu castigo. O grande principio da harmonia dos interesses, proclamado em periodos admiraveis por Frederico Bastiat, derruba, com o sopro da sua logica incontrastavel, os castellos de cartas, formados por quem julga basear a prosperidade d'uns nas ruinas da prosperidade dos outros. Apesar da luz completamente nova, com que a economia politica tem illuminado no presente seculo as mais graves questões financeiras, ainda em toda a Europa se julga que a fazenda publica será prejudicada, se não prejudicar o commercio com os estorvos aduaneiros. Tambem ha de chegar a sua hora a esse ultimo preconceito, e no dia, em que fôr proclamada a ampla liberdade commercial, terá dado o mundo um grande passo no caminho do progresso. O systema, seguido por Inglaterra, Hespanha e Portugal no regimen das suas colonias americanas, violava todos os preceitos de moral, e contradizia todas as theorias da economia politica. Estas decrepitas arvores europêas, que bracejavam vergon-teas novas para o opulento continente do Novo Mundo, queriam não só aspirar, e fazer refluir aos seus velhos troncos, a seiva, os succos nutritivos bebidos n'esse abençoado solo pelos juvenis arbustos; mas queriam tambem privar-os de ar e de luz, para que as tenras plantas não medrassem e viçassem a ponto que, transformando-se em arvores robustas, desajassem vida nova, e partissem os laços que as ligavam a quem lhes havia dado a existencia. Calculo

•

errado, além de calculo iniquo ! Quando a taça das injustiças se encheu a trasbordar, ferveu a indignação comprimida por seculos, e as algemas, com que as colonias estavam acorrentadas ás metropoles, partiram-se violentamente, ao passo que, se não se tivesse procedido d'esse modo, só lenta e pesarosamente se emancipariam os paizes americanos do suave e paterno jugo das nações da Europa, e apenas quando os inconvenientes da união dos dois paizes de necessidades diversas bradassem tão alto, que fizessem calar a voz da gratidão e o affecto inspirado pela communitade das tradições.

Ainda, ao chegar esse momento, uma alliança benefica, e inspirada naturalmente pelos habitos de secular fraternidade, succederia á ligação passada. Os Estados-Unidos não seriam sempre adversos á Inglaterra, a America hespanhola não consagraria, como ainda hoje consagra, uma implacavel aversão ao nome da metropole, e o Brazil teria estreitado muito mais os laços, que ainda assim (sirva-nos isso de gloria !) o ligam a Portugal. Não o quiz a absurda politica do absolutismo; expiemos portanto nós os erros dos nossos antepassados.

Se esse systema só prejudicasse o futuro, podia, não desculpar-se, mas comprehender-se o egoismo dos colonisadores. Mas qual ! Eram elles mesmos prejudicados ! Admiravel systema empregado por um pai, que quer que o trabalho de seu filho o sustente, e que lhe extenúa as forças, que lhe mata a robustez, que lhe impede o desenvolvimento, sem pensar que d'essa fórma envenena as fontes do seu pro-

prio lucro! E tudo isso por que? Porque teme, que, ao vêr-se vigoroso e forte, se queira emancipar, e trabalhar para si proprio!

Em vão tentam os governos oppôr-se á realisação das leis fataes do progresso! O carro ovante da civilisação esmaga-os, se tentam fazer-lhe parar a rapida carreira; cobre-os de gloria, se, comprehendendo a sua missão, dirigirem elles mesmos a sua marcha, velarem por que se lhe não travem as rodas, e evitarem que saia da boa e verdadeira estrada! É tamanha essa gloria, que redime bastantes faltas e escurece bastantes maculas!

O homem perspicaz, que reflectisse no futuro das colonias americanas, bem podia vêr que era impossivel completamente, que ellas se conservassem por muito tempo unidas ás metropoles! Por maior cuidado que tomassem em as ter n'uma dependencia forçada, em as esconder debaixo das azas maternas, havia de chegar um instante em que avaliassem a sua força, e sentissem que não podiam ser governadas por quem não conhecia nem podia conhecer as suas necessidades, nem acceitar uma legislação que, por melhor vontade que tivesse, não podia occorrer a todos os casos, providenciar a tudo. Como havia de ser? Dar-lhes uma legislação propria, um governo proprio, que tivesse amplos poderes para satisfazer immediatamente as exigencias da opinião, sem ser necessario esperar pelas decisões do reino? O que era isso senão a independencia? E comtudo só esse procedimento era justo! Os inconvenientes da união sentiu-os Portugal durante os doze annos,

em que a metropole se estabeleceu no Rio de Janeiro. A indignação do reino justificou perfeitamente a independencia do Brasil. Pois, se a união fosse possível, se dois paizes separados pela natureza podessem estar unidos sob o mesmo governo, que desvantagem podia resultar para Portugal do monarcha residir nas terras americanas? Que importava que a côrte fosse Lisboa ou fosse Rio de Janeiro? Que motivo plausivel podia ter essa indignação, que fervia em todo o reino?

Qual devia, pois, ser o systema das metropoles, em presença d'essa fatal necessidade? Não podia ser outro senão levar a cabo a educação d'esses paizes, educação que a Providencia lhes confiára; tratal-os com carinho maternal, e dar-lhes a liberdade quando o exigisse imperiosamente a virilidade das colonias! Aproveitar-se-hia assim muito mais do que se aproveitou; em quanto se possuisse um paiz rico e florescente, e conquistar-se-ia no futuro uma alliança solida e productiva. Os lucros que Luiz XIV devaneou no célebre pacto de familia, e que não obteve porque não pensou que as ligações de duas familias não são bastantes, embora sejam monarchicas, para terem por consequencias as ligações de dois povos; as vantagens que Napoleão, levado pela mesma falsa idéa, quiz conquistar, distribuindo pelos thronos da Europa os seus parentes e apaniguados, tel-os-ia conseguido realmente o povo, cujos governantes tivessem esta generosa idéa. Nenhum a teve.

Portugal, o paiz mais aventureiro do continente europeu, cuja bandeira tremulou em todos os climas,

podia já hoje rever-se em innumeradas nações prosperas e gratas, ligadas com elle pelos laços da linguagem e dos costumes, que multiplicariam no mundo a familia portugueza. Mãi respeitada e querida pelos filhos, que lhe sairiam com saudades do regaço, poderia conquistar gloria mais brilhante e mais duradoura do que essa que conquistou. Passámos na historia com o esplendor de um cometa, podiamos irradiar luz serena e fulgida de sol vivificante, que ainda hoje nos cingiria com immaculada auréola. Devastámos o mundo, podiamos ter espalhado pelos continentes immensos que atravessámos a semente da prosperidade. Não o quizeram os nossos maiores, expiemos com o vilipendio actual os crimes d'outr'ora. Mas quem ousa atirar-nos a primeira pedra?

De todas as nossas colonias, aquella que sempre nos infundiu mais sustos, foi o Brasil. Por mais que procurassemos refreal-a, borbulhava a vida n'esse territorio bemdito por Deus. E comtudo bem tentavamos comprimir-lhe a respiração, escondel-o a todas as vistas, impedir todos os raios de luz de filtrarem na masmorra em que o tinhamos encerrado.

Portugal, Dom Bartholo d'aquella Rosina, empregava todos os meios para que o progresso — o conde Almagro — não lhe fosse descantar por baixo da varanda alguma tentadora serenata! Vãos esforços! Era tão formosa a pupilla, tão rica de seiva e de graças, tão opulenta de incantos, que não podia por muito tempo conservar-se afastada das festas da civilisação! Um dia o pobre tutor levou-lhe elle proprio o Figaro que a havia de ajudar a libertar-se.

D. João vi, transportou-se para lá com a sua côrte, e não teve remedio senão abrir as janellas. Entrou o ar, a luz, o sol radiante das ideas. O Brasil ficou um momento deslumbrado por esse immenso fulgor. Eram tão espessas as trevas em que permanecera ! Prestou o ouvido, e escutou o cantico da nova geração, e da nova era, que resoava na Europa. Escutou e ouviu :

*Ecco ridente in cielo
Già spunta la bella aurora
E tu non sorgi ancora
E puoi dormir così ?*

O somno fôra de seculos : o Brasil despertou e baldeou para o meio da rua os carcereiros. Aqui para nós, foi bem feito.

Os governantes, cuja impericia, para desgraça nossa, presidiu aos destinos de Portugal, desde Afonso vi até D. José i, não contentes de assassinar a patria, praticaram, com os seus ineptos decretos e regulamentos, taes vexações no Brazil, que o espirito, mais parcial contra as colonias, não pôde deixar de lamentar o egoismo brutal e inhabil, de que deram prova os legisladores do seculo passado. A Inglaterra tambem era egoista, tambem opprimia a America do Norte com um jugo insupportavel ; mas sabia fazel-a prosperar, embora quizesse colher todo o fructo d'essa prosperidade. Portugal, não ! O constante receio de robustecer o Brasil revertia em prejuizo seu ! Impedia-lhe o commercio directo com as

*

nações estrangeiras; mas, como servia de intermediario, vendia á Europa mais caros os productos coloniaes.

Se a Hespanha não praticasse os mesmos absurdos que nós praticámos, e abrisse os portos das suas possessões ao estrangeiro, não poderíamos deixar de desaparecer do mercado! Prohibia o estabelecimento de fabricas, para não prejudicar as do reino! Impedia a exploração das salinas, pelo mesmo motivo! Tudo regulamentava, a tudo punha estorvos, determinava quaes haviam de ser os generos de cultura, impedia a apparição de typographias, lançava contribuições extraordinarias, tão enormes, que o proprio conselho ultramarino protestou em Lisboa contra uma d'ellas! A estas vexações do governo, accresciam as exorbitancias dos vice-reis e dos capitães generaes, que não iam lá senão para enriquecer, e que levavam ao excesso o jugo de ferro que pesava sobre esse malfadado paiz.

Só um homem notavel, o marquez de Pombal, cujo nome é sempre forçoso evocar quando se falla n'alguma tentativa para a regeneração da nossa patria, só esse lançou as bases da refórma do systema absurdo que empobrecia a colonia, sem enriquecer a metropole. Infelizmente, o marquez de Pombal desapareceu, mais cedo do que devia desaparecer, da scena da historia. As vinganças particulares (embora justas) prevaleceram ao bem do paiz, e o Brasil, terra juvenil em cujo seio reservia a vida, continuou a estar acorrentado com prisões de ferro a este cadaver, que, um instante galvanizado, recaira

no primitivo torpor. O supplicio nefando não podia durar muito tempo, e não durou !

O Brasil conquistou a sua independencia, e n'estes quarenta annos de liberdade tem procurado e tem conseguido sanar os males profundos, que lhe occasionara o nosso regimen despotico.

E o que nos resta a nós d'essas riquezas, cujo usufructo exclusivo conquistámos á custa de tantas iniquidades ? Uma nodoa eterna nas paginas da nossa historia, o convento de Mafra, e a capella de S. João Baptista !

Dois monumentos religiosos, em cujas bentas pedras goteja ainda o suor e o sangue dos desgraçados, que exploravam as minas do Brasil para verem a corôa, como o leão da fabula, levar-lhes o melhor da colheita.

É a historia da fundação do imperio brasileiro o assumpto da obra publicada ultimamente pelo snr. Pereira da Silva, um dos vultos mais eminentes na politica e nas letras, que a nossa antiga colonia possui. O primeiro volume, resume, n'um admiravel quadro, a existencia politica de Portugal, e do Brasil no seculo passado. Aponta os vicios da sua administração interna, sem azedume, sem parcialidade, e desenrola o tenebroso sudario das nossas misérias, cuja verdade tristemente reconhecemos. Comprehendendo perfeitamente a missão do historiador, o snr. Pereira da Silva, antes de narrar os factos, estuda as causas, e estuda-as com mestria. Não dá um passo sem se basear n'um documento, e, mais alto do que elle, fallam os alvarás, as cartas regias, os

decretos, que extracta ou transcreve na sua integra.

Os outros cinco volumes, que tem saído successivamente até hoje dão-nos direito de considerarmos estas obras como um dos trabalhos historicos mais importantes do presente seculo. A lucta da independencia portugueza, as negociações, a que deu logar a occupação de Montevideo, as intrigas do Paço, a agitação das idéas, os grandes debates parlamentares de 1820 tudo está descripto admiravel e conscienciosamente pelo sr. Pereira da Silva.

O seu estylo claro e nervoso, sabe, quando é necessario, tomar o tom dramatico, e mostrar-nos, em quadro perfeitamente traçado, as scenas que narra. É n'este ponto modelo a descripção da partida de D. João vi para o Brasil. Nada mais animado, mais pittoresco ! Vemos a scena de embarque, como se o pincel de Sequeira nol-a conservasse n'algum quadro tão cheio de vida, como a justamente celebre tela da *distribuição da sopa economica*.

Não julgue o leitor que, pelo facto de ser o author brasileiro, sejam por isso mais severas as suas apreciações. Não ! Vê-se que o snr. Pereira da Silva poz de parte todo o sentimento de nacionalidade, e que só procurou reproduzir fielmente o character da época. Conseguiu esse fim, que é o ideal a que aspiram os historiadores modernos, mas a que nem todos attingem, ainda que sejam de provado talento. É esse tambem o grande merito d'estes volumes.

A POESIA ITALIANA

MASZONI - GARRONE - LEOPARDO

A poesia é o anjo da guarda das nações. É ella quem leva, no regaço da candida tunica, ao seio do Omnipotente, os gemidos, as preces, ou os hymnos de louvor dos povos. Consola-os nas suas tribulações, traduz em linguagem divina a vaga aspiração para o infinito, os frementes anhelos do coração da humanidade; da sua fulgida corôa, onde se entrelaçam os diamantes do bom e do bello, irradia luz serena, que é para as gerações a columna de fogo, que as guia á terra promettida do futuro. Suave archanjo que, descido do céu, sente comtudo as dores e as paixões que pungem os habitantes da terra. Creatura de ideal essencia, presta a sua doce voz ás tristezas da vil realidade, como a frecha aguda do cypreste que, ondeando desafogada e altiva no oceano do espaço, ge-

me comtudo tristemente ao escutar as queixas, que leva dos sepulchros a fria aragem do cemiterio.

O invisivel seraphim, que Deus collocou, como terno guardador, ao lado de cada um de nós, se nos vê dominados de todo pelas más paixões, se vê que cerrámos o ouvido á voz do céu que nos recorda a missão que temos de cumprir na terra, banha de lagrimas o rosto angelical, e, batendo as azas immaculadas, vôa para a celeste patria. Assim os povos, que adormecem, descuidosos da sua dignidade, nos grilhões enfeitados de flores, com que os prende o despotismo, vêem affastar-se do seu gremio o archanjo, cuja doce voz os infeitiçava e animava.

Os povos escravos não têm poesia.

Quando a humanidade, quebrando os grilhões do feudalismo, e acreditando cegamente na alliança dos reis e dos povos, julgava que se cumpriria o tacito pacto que os monarchas tinham feito com os ser-vos para anniquilarem o inimigo common, a hydra, cujas mil cabeças silvavam em todos os alcantis onde poisavam as torres ameiadas dos castellos roqueiros, e respirava a plenos pulmões a livre brisa da Renas-cença, perfumada com as rejuvenescidas flores da antiga Grecia e Roma, um côro encantador de poe-tas rompeu em suaves canticos de todos os pontos da Europa. Tasso, Ariosto, Ronsard, Du Bellay, Garcilasso de la Vega, Shakespeare, Bernardim Ribeiro, Camões, soltaram ao vento as estrophes, que lhes eram dictadas ou pelo amor da patria, ou pelos do-ces affectos do coração, ou pelos esplendores do im-menso panorama da natureza. Foi a poesia n'esse

tempo a interprete verdadeira do aspirar de todos e de cada um para a fonte sublime do ideal. N'esse magico espelho vio o povo as suas crenças, o homem os seus affectos, a patria as suas glórias. Os poetas, debruçados sobre a humanidade, ou escutando attentamente na voz do seu coração a voz do coração de seus irmãos, encerravam, na urna d'ouro da sua phantasia, as flores risonhas ou tristes que por essa fórma ceifavam, as quaes vaporavam, depois de mysteriosa elaboração, o perfume de versos deliciosos, que iam enlevar os que sentiam vagamente que esse aroma, que os inebriava, se exhalava tambem em silencio das flores da sua propria alma. ⁽¹⁾

Mas o sol da liberdade, que raiára por instantes no horisonte, sumiu-se de novo nas trevas ainda mais carregadas do despotismo. Calou-se assustada a turba dos poetas. Assim, n'um dia bonito d'inverno, os passarinhos, sacudindo as azitas molhadas pela chuva, e enxugando-as ao sol que elles julgam já ser o sol de maio, rompem em canticos festivos para saudarem a primavera, a sua boa amiga. Mas, logo depois, as nuvens se agglomeram, desabam de novo

¹ Pelo que fica dito no texto não se supponha que attribue ás tendencias classicas da Renascença um valor differente do que tiveram na realidade. Bem sei que foi a imitação da antiguidade a característica principal d'esse grande movimento. Mas ao lado d'esse classicismo triumphante houve um esforço visivel para se conciliar a poesia original e verdadeiramente inspirada com o esplendor da fórma, que iam beber nas grandes fontes da inspiração antiga. Esse esforço, logo suffocado pelos Malherbes e seus consocios, foi o que o nosso seculo teve a honra de continuar.

as torrentes de chuva, e os passaros gentis, reconhecendo o engano, emmudecem medrosos, e fogem enregelados para os asylos que escolheram.

Por um instincto natural, o despotismo tentou prostituir a poesia e impedir assim os povos de ouvirem o ecco sublime dos seus proprios sentimentos, e das suas proprias aspirações. Conseguiu-o. A poesia deixou de ser a interprete da sua epoca, o pulso da humanidade; fez-se imitadora e cortezã. Luiz xiv, despota habil, protegia Boileau, incitava Racine, mas esquivava-se a Corneille, e fulminava o *Telema-co* de Fénelon. É porque o primeiro sangrava a poesia, e fazia-a engulir beberagens que a extenuavam, o segundo obrigava-a a servir copos d'agua com asucar e flôr de laranja aos reis e aos cortezãos, em quanto que Corneille lhe fazia circular nas veias o fogo do enthusiasmo, e Fénelon a ensinava de novo a dar com a sua doce voz conselhos uteis á humanidade.

Reconhecendo a existencia de grandes talentos poeticos no seculo xvii e no seculo xviii, não podemos tambem deixar de affirmar que a poesia não habitou n'esse tempo entre os homens. Não lhe podendo ouvir os meigos cantares, aquelles, que se sentiam chamados ás confidencias do anjo, limitavam-se a ser eccos da musa antiga, vestindo os espectros de Grecia e de Roma com os fatos dos cortezãos de Versailles. Resultava d'ahi uma poesia hybrida, sem nome, que não fallava ao coração do povo, que nenhuma influencia exercia, tal como o despotismo a desejava, tal como convinha ás nações, que não ou-

savam erguer a cerviz curvada ao duro jugo dos tyrannos.

Assim que resoou o primeiro grito de liberdade, apenas os povos surgiram do lethargo, a poesia appareceu de novo, e o movimento litterario, despresando quasi completamente os dois seculos de inacção do espirito poetico, ligou-se instinctivamente com o movimento litterario da Renascença.

A Europa fitou então os olhos na França, onde tremulavam os pendões da revolução na politica e nas letras; do mesmo modo que a Carta de Luiz XVIII servia de modelo ás constituições dos outros Estados, assim os livros de Lamartine, de Chateaubriand, e d'Hugo passaram a ser os breviarios do gosto para os poetas e escriptores de todos os paizes. Em Portugal principalmente a admiração degenerou em copia; estudou-se exclusivamente a litteratura franceza, despresaram-se os excellentes exemplos dos chefes da nossa regeneração litteraria, e a França, que não podéra, pelas armas, triumphar da nossa nacionalidade, estabeleceu ovante a sua bandeira nas letras, e na linguagem.

Consolemo-nos comtudo, vendo que foi quasi endemica essa molestia. Poucas nações se livraram do contagio.

Ha comtudo um paiz, cuja litteratura, menos conhecida entre nós do que o devia ser, conservou o cunho nacional na revolução que apprehendeu, como todas as outras, contra as decrepitas e enfezadas fórmulas da poesia do seculo passado. Este paiz foi a Italia.

Ahi o grande brado de liberdade, se despertou os povos, não pôde contudo fazer cahir as muralhas da Jerichó do despotismo. Acordou a nação do lethargo, mas acordou para sentir no peito o joelho dos tyrannos, a comprimir-lhe e abafar-lhe a respiração. Bastou isso para que a poesia, o anjo consolador, viesse debruçar-se sobre essa formosa captiva e prestar-lhe a sua voz para traduzir os seus queixumes e os seus gritos de desespero. A poesia foge dos povos, que acceitam submissos a gargalheira humilhante da escravidão, mas procura e affaga os que lhe mostram os pulsos roxeados pelas algemas, pedindo liberdade. Nas margens dos rios de Babilonia solta Jeremias os seus hymnos de tristeza, nas praias da bella Italia erguem-se Manzoni, Leopardi, Silvio Pellico, Ugo Foscolo, Pindemonte, Monti, Rossetti, Giacometti a protestarem com a sua voz nobre e activa contra os impios decretos da sorte.

Entre um povo d'opprimidos, a poesia não tem voz senão para cantar as suas tristezas, para conservar, como a vestal antiga, acceso e puro o fogo do patriotismo, para evocar as grandes recordações nacionaes, e não pôde consentir aos seus sacerdotes que vão queimar incenso nos altares de estranha musa. Por isso na moderna poesia italiana se respiram ares tão differentes dos da poesia franceza, por isso se sente no theatro de Manzoni e de Silvio Pellico uma inflexão viril, que desdiz tanto do systema theatral das outras nações.

António de Serpa, no bem elaborado epilogo do seu volume de poesias, chamou a attenção do pu-

blico para essa poesia italiana, tão pouco conhecida entre nós. Hoje que novos laços nos ligam a esse paiz, que já conseguiu na maxima parte recuperar os seus fóros de nação livre, e realizar as aspirações que tão energicamente revelou ao mundo nos cantos dos seus modernos poetas, bom será que percorrámos as formosas paginas dos annaes litterarios da nova Italia, e que vejâmos n'ellas como se pôde seguir o movimento do seu seculo, sem imitar servilmente o paiz, que soltou o primeiro brado de liberdade.

Tres escriptores, emquanto a mim, resumem nos seus versos as feições da poesia italiana. São esses tres poetas Manzoni, Leopardi, e Carrer. Manzoni, austero e solemne como um propheta, vai procurar no passado as causas da escravidão da Italia, estygmatisa com um ferro em braza aquelles, que, pelas suas dissensões civis, assassinaram a patria e a entregaram inerte ao estrangeiro, e no admiravel côro do *Carmagnola*, e no não menos admiravel côro do *Adelchi* fulmina o anathema sobre os que dilaceram o seio de sua mãe, e sobre os conquistadores que passavam, ao galope dos seus cavallos, n'essa formosa terra, esmagando ora uns ora outros; esse povo infeliz, que, d'antes dominador de todos os povos, teve o destino de sêr, por uma atroz expiação, tambem de todos os povos escravo.

Manzoni não era, como adiante veremos que o era Leopardi, o Tyrteu das phalanges patrioticas, o que fazia tremular o pendão da antiga independencia, e que animava com os seus hymnos de enthu-

siasmo o povo da gentil península a reconquistar a sua autonomia e a sua tão appetecida unidade. O recolhimento, a austera meditação constituem a índole do seu genio um tanto sacerdotal. Gosta de se sentar nas ruínas da Italia e soltar, como Ezechiel, o tremendo anathema sobre os que renegaram do seu Deus, ou da patria, que fazem um só na frase entusiastica do fêrvido Giacometti:

*Dio e patria son uno, son tutto
Per noi*

Em quanto os outros não desfitam os olhos do oriente, esperando vêr surgir no horisonte o astro radiante por que tanto anhelam, Manzoni volta pelo contrario as suas vistas para o occaso, e saúda com tristeza o formoso sol da Italia, que vê ao longe atufar-se no Oceano dos tempos. A sua musa costumou-se a ser a cantora dos crepúsculos, e o auctor de *Carmagnola* só ergue a voz para saudar n'um cantico sublime a estrella de Napoleão, quando a vê sumir-se tambem no pélago do infortunio.

*Lui sfolgorante in soglio
Vide il mio genio e tacque,
Quando, con vece assidua,
Cadde, risorge e giacque,
Di mille voce al sonito
Mista la sua non ha.*

*Vergin di servo encomio,
E di codardo oltraggio
Sorge or commossa al subito
Sparir di tanto raggio,
E scioglie all'urna un cantico
Che forse non morrá! ¹*

Poeta lyrico de inexcédível vigor, correcção, e sentimento, Manzoni consagrou quasi completamente as suas faculdades poeticas aos hymnos sacros, em que é insigne, e ás patrioticas tragedias, em que o amor pouco ou nada tem que vér. O amor da patria foi para Manzoni a arca santa de que se fez voluntariamente levita. A corda dos doces affectos não existe na sua lyra, ou raras vezes é vibrada.

Como os prophetas israelitas do exilio, Manzoni

¹ A fidelissima traducção do snr. Ramos Coelho, publicada no *Archivo Pittoresco* reproduzio da seguinte maneira estas duas estrophes:

*Brilhante o vio no solio
O genio meu; caído
Depois; depois no imperio,
Depois em fim vencido;
E do universo ao frémilo
Sua voz unir não fez.*

*Virgem de servo encomio
E de covarde insulto,
Acorda ao sol esplendido
Tão de repente occullo,
E solta á morte um cantico.
Que é do porvir talvez.*

pranteia a perdida Sião, fulmina os crimes que motivaram a perda, e entõa os louveres do Omnipotente.

Do mesmo modo que Monti, Silvio Pellico, Nicolini, Giacometti, conservou no seu theatro a forma e as tradições da antiga tragedia, fazendo-a sair formosa e altiva dos ouropeis em que a tinham envolvido os poetas francezes do seculo xviii, e das roupagens graciosas mas femininas com que o abba de Metastasio lhe desfigurára a belleza severa. Nas duas tragedias, que d'elle conheço, *Carmagnola* e *Adelchi* ressumbra um vigor lyrico em nada inferior ao dos dramas de Victor Hugo, unido a uma certa sobriedade austera que falta ao genio monstruoso e delirante do auctor do *Hernani*. Vê-se que essas peças foram escriptas não para saciar a curiosidade, e agitar as paixões dos espectadores, mas para excitar e vigorisar a alma d'um povo.

Como se receiasse que não fosse bastante, para impressionar o patriotismo italiano, a ligeira ficção bordada pelo poeta com o matiz da historia, Manzoni introduzio n'essas tragedias o côro, em que o seu admiravel genio desprende as azas, e vôa a uma altura tal, que nenhum poeta conseguiu ainda acompanhá-lo na grandiosa ascensão. O côro do *Carmagnola*, em que se fulmina a guerra civil, ficou modelo inimitavel entre os grandes trechos lyricos d'este seculo. O côro descreve em sublimes versos a batalha entre os Milanezes e os Venezianos, depois a derrota dos primeiros, depois a partida dos que vão noticiar, á rainha do Adriático, a victoria alcançada sobre os

seus irmãos, filhos da mesma Italia, bafejados pela mesma brisa, acarinhados pelo mesmo sol, possuidores das mesmas tradições. Tudo se alegra na passagem dos correios, e o poeta rompe n'esta admiravel apostrophe:

*Perchè tutti sul pesto cammino
Dalle case e dai campi acorrete?
Ognun chiede con ansia al vicino
Che gioconda novella recò?
Donde ei venga, infelici, il sapete,
E sperate che gioja favelli?
I fratelli han ucciso i fratelli,
Questa orrenda novella vi dò.*

Onde se encontra, nas outras litteraturas, um trecho que se equipare a este admiravel côro? É inexcédível este grito de desespero que o poeta não pôde já conter, vendo a impia loucura dos seus compatriotas! «Alegrais-vos? Folgais com a victoria? Regozijais-vos com o triumpho? Quereis saber se vos trago uma noticia conforme com os vossos desejos? Pois bem! Ahi a tendes.»

*I fratelli han ucciso i fratelli;
Questa orrenda novella vi dò!*

No *Adelchi* pinta Manzoni a derrota dos Lombardos pelos Francos, commandados por Carlos Magno. Já a Italia é escrava, escrava dos vencidos colhe só da sua perda ser escrava dos vencedores. O côro

do final do terceiro acto exprime d'um modo sublime esta idéa.

As novas da fuga dos Lombardos erguem os servos a cabeça, julgando chegada a hora da liberdade. «Loucos, diz-lhes o poeta, julgais que o estrangeiro possa jámais libertar-vos? Julgais que esses guerreiros que deixam a sua patria, os seus castellos, as doçuras do lar, as commodidades da paz, as esposas e os filhos, venham, em premio de tudo isto, restituir-vos a independencia? Não, voltai pobres escravos, para as vossas choupanas, para os vossos trabalhos vis! Sois uma porção da terra conquistada, sois servos da gleba, sois o que foram para os vossos antepassados os Iberos, os Gaulezes, os Numidas, os Parthos, os Persas, e os Gregos.»

*Il forte si mesce col vinto nemico,
Col novo signore rimane l'antico;
L'un popolo e l'altro sul collo vi sta!
Dividono i servi, dividon gli armenti;
Si posano insieme su i campi cruenti
D'un volgo disperso che nome non ha.*

Leopardi, menos austero do que Manzoni, permite á sua musa fazer-se algumas vezes borboleta, e esvoaçar pelos differentes vergeis da poesia. Contudo os seus canticos patrioticos são o seu verdadeiro titulo de gloria. Os versos *All' Italia* são a mais brilhante manifestação do seu enthusiastico talento.

Leopardi não procura, como Manzoni, no passado as causas da degeneração da Italia. O seu genio,

mais impaciente, limita-se a comparar a grandeza d'outr'ora com a decadencia da actualidade, e a indignar-se em presença da submissão, com que elle entendia que os seus compatriotas acceitavam os decretos do destino. Como o corcel guerreiro, que ouve ao longe os ruidos da batalha, e que se vê constrangido a permanecer em ocio vil; rincha, es-carva o chão impaciente, mastiga espumante o freio, e não póde conter o insoffrido ardor, assim Leopardi presta o ouvido á historia, escuta o estridor das armas, os canticos bellicos dos seus antepassados, ouve o seu nome glorioso repetido com terror pelos eccos de todo o mundo conhecido, e voltando depois a attenção para o presente, vê a Italia vilipendiada, ouve os cantos d'alegria dos estrangeiros, vê, por entre as grandiosas ruinas dos monumentos da anti-guidade, perpassar tristemente um povo d'escravos; a indignação e a dôr irrompem então em fervidos borbotões da sua alma de poeta, e esse admiravel cantico *All'Italia* faz correr um frêmito de sym-pa-thia e de enthusiasmo pelas veias dos seus desani-mados concidadãos.

O patria mia, vedo le mure e gli archi,

E le colonne e i simulacri e l'erme

Torri degli avi nostri;

Ma la gloria non vedo,

Non vedo il lauro e il ferro, ond'eran carchi

I nostri padri antichi.....

.....

.....

*Come cadesti ò quando
Di tanta altezza in cost basso loco?
Nessun pugna per te? non ti defende
Nessun de' tuoi? L'armi, quà l'armi, io solo
Combatterò, procomberò sol io!
Dammi, o ciel, che sia foco
Agl'italici petti il sangue mio.*

Mas o que ! Na formosa Italia só se ouvirão gritos de guerra, imprecações, e brados de vingança ? A patria do Dante não é tambem a patria de Petrarca ? O despotismo pôde tornar menos azul o seu firmamento, menos suaves as suas noites, menos languidas as suas ondas, menos perfumados os seus laranjaes, menos harmoniosas as suas brisas ? E não haverá um poeta que se inspire com essas harmonias, com esses perfumes, com esses canticos dos mares, com esse fulgor dos céos ? Oh ! se ha, ha um principalmente a quem a doce musa italiana acalentou com o seu mais terno bafo, e esse poeta é Carrer !

Ha flores, ha fructos, ha poetas que por si mesmos denunciam o paiz que lhes deu origem. Quem ha, que, ao respirar o inebriante perfume da flôr da lorangeira, não sinta logo que tão doce e voluptuoso aroma só podia rescender em thuribulo doirado por todo o immenso esplendor do sol meridional ? Quem, ao vêr os vermelhos bagos da romã, a vivacidade d'aquelle escarlate, não adivinha que tão esplendido colorido só podia ser dado pelos pinceis de fogo de Apollo, que a imaginação grega phantasiou em terra estremecida por elle ? Quem ha que, lendo as poe-

sias de Carrer, não veja logo que tão opulenta e mimosa imaginação só podia desabrochar na formosa península, beijada pelos labios azues das ondas do mar Tyrrenio, recostada n'um leito de perfumes sob o docel de luz do firmamento, em que as fadas da noite bordam um maravilhoso poema com o seu matiz d'estrellas?

Ó noites suaves de Italia, não é verdade que impregnastes o meigo poeta em toda a vossa mysteriosa inspiração? Argentea lua, que fazes sair das trévas a tua enamorada Veneza, com as brancas fachadas dos seus palacios, com as suas formosas gondolas, cysnes do Adriatico, não prestaste o mais languido dos teus raios ao mimoso colorido dos versos do auctor d'*Il Moro*? Languida brisa de Baía, não lhe ensinaste a mais amorosa das tuas melodias? Eccos de Parthenope, não lhe confiastes os segredos do doce Virgilio? Rosaes de Poestum não lhe perfumastes a imaginação com os vossos mais inebriantes aromas? Formosa sombra de Laura, não poisaste junto d'elle á noite a repetir-lhe as ternas canções que te dedicou Petrarcha? Não collaborastes todos vós, eccos das serenatas d'outr'ora, vagos murmurios das noites do estio, intraduziveis canticos das ondas, para formardes esse vosso harmonioso interprete?

Carrer soube conservar-se italiano, tratando o estafadissimo genero de balladas, que os trovadores de todos os paizes vasavam nos moldes que importavam de França. E são as balladas as suas mais primorosas poesias. Fez Orientaes sem copiar Victor Hugo, e no *Sultão*, talvez o seu melhor poemeto,

soube dar a esse genero um mimo, um perfume meridional, que nos enlevam e nos encantam.

Todas as suas balladas, *La Vendetta*, *La Sposa del Adriatico*, *Il Moro*, *Stradella* são admiraveis. Esta ultima sobretudo é inexcedivel.

Stradella foi um célebre cantor de igreja, por quem se apaixonou uma mulher, tanto que abandonou casa, parentes, tudo para o seguir. Foi na pista d'elles o pai da fugitiva, escaparam-se-lhe por varias vezes, mas a final caíram-lhe nas mãos. Não quiz elle consentir, apesar do que se passára, no casamento; levou comsigo a filha, que enlouqueceu, e Stradella foi assassinado por homens assalariados.

É este o assumpto historico da ballada. A amante do cantor está na casa paterna, louca, recapitulando a sua tragica aventura. A segunda parte em que descreve o encontro do pai n'uma igreja é admiravel não só pelo tom legendario, mas pelo mimo, pela suavidade, e pela inexcedivel melodia e incanto do estribilho. Escutem duas estrophes, e, ainda que não entendam o italiano, digam-me se lhes não soam aos ouvidos como deliciosa musica.

Suppõe a louca fallar com o amante, que lhe pergunta quem era esse velho que a aterrara.

*Caro, non chiedermi
Chi il veglio sia;
Ha un nome cognito
All'alma mia;
Ma per esprimerlo
Non ho vigor.*

*Fuggiamo, involati,
Mio dolce amor.*

*Fuggiam dov'offrono
Secura vita
Tra i verdi margini
Baia romita,
E l'ampia Napoli
Col suo romor.
Fuggiamo, involati,
Mio dolce amor !*

Passaremos em claro os nomes de Felice Romani, suave auctor da *Norma*, de Grossi o interessante narrador, de Vittorelli cujas anacreonticas são cheias de mimo, de Berchet auctor de deliciosas *romanzas*, de Rigaldi o famoso improvisador, que enthusiasinou Lamartine, e de quantos mais ! Feliz se estas pobres linhas despertarem a attenção d'alguns dos nossos poetas, e fizerem com que, imitando o exemplo do sr. Ramos Coelho, esmerado traductor do Tasso, vertam na nossa linguagem, irmã pela origem, d'esse formoso idioma, muitas das obras primas que enriquecem a litteratura italiana.

A. P. LOPES DE MENDONÇA ¹

I

Os grandes da intelligencia são tambem muitas vezes os grandes do infortunio. Quem diz realza diz martyrio, quem diz diadema subentende espinhos. Que distancia vai da purpura ao sudario, de Genezareth ao Golgotha, de Austerlitz a Santa Helena? O raio salteia as eminencias, e abrasa os cedros gigantes. A onda espadana furiosa nos alterosos rochedos. A pythonisa feroz, de pé no tripode sagrado, pedia só victimas illustres. Na immensidade dos ma-

¹ Vai este artigo tal qual foi publicado na *Revista Contemporanea*. Hoje o infortunio, a que no texto se allude, teve termo a final. Condoeu-se Deus d'este grande vulto, e chamou-o á bemaventurança; arrancou-lhe da frente a corda d'espinhos, e por cada espinho deu-lhe um florão do diadema de luz. Lopes de Mendonça já não existe.

res é que é medonha a procella, na solenne vastidão do deserto é que o vendaval assusta. Todas as superioridades se expiam, e os abutres da desgraça estão promptos sempre a cravarem as garras nos membros palpitantes de todos os Prometheus.

Terrível dom o do genio, funesto fulgor o da intelligencia ! O manto esplendido, que deslumbra as multidões, é para esses semi-deuses a tunica de Nesso ! Felizes ao menos, se, como o Alcides da mythologia, podessem subir á pyra fatal, furtando-se ás dôres da terra, e despregando o vôo para as serenas regiões da eternidade ! Não podem, e passam pelo mundo, tremendos exemplos da omnipotencia de Deus, que, no cerebro humano, lampada vulgar, accendendo a seu bel-prazer a chamma fulgida do genio, e a apaga depois com um sopro, deixando reinar as trevas onde esplendia a luz, transfigurando no estygma do idiotismo a auréola da intelligencia, que circumdava as fronteas sublimes dos grandes homens.

A justiça divina, nos seus insondaveis mysterios, dá muitas vezes ao mundo estas grandes lições, para que os favores, que lhe concede a sua mão liberal, não encham a humanidade de um temerario orgulho.

Ergue do nada Bonaparte, eleva-o ao fastigio da grandeza, curva a seus pés a Europa, acorrenta a victoria ás azas das suas aguias triumphantes, resguarda-o nos pantanos d'Arcola da chuva de metralha que podia rasgar as paginas ainda brancas, onde tinha de se inscrever a gloriosa epopéa do primeiro imperio, manda aos seus anjos que purifiquem em

torno d'elle o ambiente pestifero de Jaffa, esconde em mysteriosa nuvem a fragata que o leva á Europa, e que atravessa incolume a frota ingleza que inunda o Mediterraneo, guia-o por sua mão entre as neves do S. Bernardo; no broquel invisivel, com que o antepara, estalam inoffensivas as bombas de Cadoudal, resvala o punhal do estudante austriaco, tudo lhe concede com mão prodiga, realisa-lhe os mais audazes devaneios, satisfaz-lhe os caprichos mais loucos, depois desvia d'elle a vista, e o edificio colossal da sua prosperidade desaba com tremendo fragor, rola-lhe por terra desfeito o diadema imperial, desmorona-se o throno do novo Carlos Magno, e os solios, que viviam á sua sombra, desconjuntam-se tambem, como as heras baqueiam quando o raio fulmina o roble.

A aguia, que avassallára o mundo, tem por unico e derradeiro refugio o ninho de fragas de Santa Helena!

A este, o quasi omnipotente, fere-o Deus no seu immenso poderio. Lança-lhe aos hombros todos os arminhos, cinge-lhe a fronte com todos os diademas, junca-lhe a estrada com todos os laureis, abre-lhe de par em par as portas de todos os capitolios, e abraça depois com o fogo da sua colera esta nova Babel de prosperidades, que ia já quasi a topetar com os céos, e pérolas de diademas, grinaldas de victoria, arcos de triumphos, tudo se desfaz em fumo, symbolo tremendo do nada das humanas glorias!

Será mais feliz a opulencia, e, se as summidades do poder chamam a procella, ficarão sempre de

pé os montes d'ouro, onde campeiam, invejados por todos, os ricos dos bens do mundo? A mão, que abençoá as colheitas de Job, também lhe mostra quanto é impotente a humanidade, quando o Senhor Deus deixa de velar por ella. Se o poderoso baqueia do solio no exilio, o opulento pôde n'um instante descer das salas faustosas do seu palacio oriental ao immundo esterquilinio, onde se revolve o leproso. O poder e a riqueza, da mesma fórma que a vida, são bens que os céos nos emprestam, para fazermos d'elles um uso bom, e que nos pedem de novo quando resolvem dar ao mundo o exemplo atterrador da sua omnipotencia. Attentai bem em Santa Helena, poderosos que vos deixais desvairar pela vertigem das alturas, lêde o poema de Job, opulentos que vos enlevais na insensata contemplação das vossas riquezas!

O talento, o dom mais sublime que Deus concede aos homens, raio de luz que o Omnipotente desprende da sua corôa para illuminar com elle a frente dos seus eleitos, alavanca d'Archimedes com que se agita o mundo, varinha de condão que doma os corações, que faz brotar lagrimas, entusiasmo das almas sobre que actúa, não está por isso ao abrigo da colera divina. A mão que parte os sceptros, que dissipa as riquezas, pôde tocar também n'essas fronte sublimes, e deixar o vacuo no sitio, onde se atropellava um mundo de idéas grandiosas.

Quem não se lembra, entre nós, do homem cuja delicada intelligencia, cuja fina critica sabia discriminar tão bem o oiro bom das minas litterarias que revolvía, cujo gracioso espirito pairava com tão bran-

cas azas nas regiões serenas do ideal, cuja penna era habil cinzel que lavrava e torneava as frases, que desbastava o marmore compacto da prosa, e o fazia desentranhar-se em prodigiosos rendilhados, que pareciam ser até ahi o privilegio exclusivo da poesia?

Quem se não lembra do mimoso folhetinista, que transformava os periodos em estrophes harmoniosas, que lhes dava os encantos da musica, que os animava com o sopro da melodia?

E onde está hoje o predilecto dos leitores, o Benvenuto Cellini da palavra, o artista do folhetim, o idolo das salas, o fundador entre nós da litteratura ligeira? Onde se encontra esse vulto sympathico? Caminhou de triumpho em triumpho, e descança agora á sombra dos loiros conquistados? Guia com os seus conselhos, pelos caminhos, que trilhou primeiro, os que lhe seguiram os passos? Escuta com justificado orgulho o preludio dos elogios da posteridade?

Contempla serenamente no horisonte o tumulo, que se lhe illumina com os resplendores da gloria? Enleva-se ainda com os encantos das melodias, adora o bello, o ideal, investiga com a luz do seu talento as trevas da historia, desenha algum vulto na tela do romance e prepara-se a adornal-o com o colorido magico da sua palheta?

Batei á porta do ergastulo da loucura, e alli vereis, apagada a luz da intelligencia, extinto de todo esse delicado talento, cadaver que o sol da vida ainda aquece, alma que jaz em trevas, o gracioso folhetinista, o escriptor elegante, Lopes de Mendonça emfim !

II

Quando os pendões da nova litteratura se despregaram em Portugal, sustidos pelas mãos vigorosas de Castilho, Herculano, e Garrett, todos os talentos correram pressurosos a alistar-se nas fileiras romanticas, e tomaram o posto para onde os impellia a sua vocação. A poesia, o drama, o romance contaram os seus campeões, em maior ou menor numero, mais ou menos habéis, mais ou menos denodados, só o folhetim, genero de litteratura completamente novo, parecia não dever enraizar-se em Portugal. Lopes de Mendoça, luctando então com os infortunios que lhe escureceram a manhã da vida, e que como que lhe presagiaram os horrores do anoitecer, não revelára o seu talento, fadado expressamente para colher viçosos louros n'este campo ainda virgem. Não tardou elle a mostrar-se, e a fazer presentir nos seus ensaios balbuciantes a encantadora magia de estylo, que havia de dar tanta gloria ao mimoso auctor das *Recordações d'Italia*.

Qual era a indole do folhetim, d'esse genero essencialmente francez, que toda a Europa devia depois adoptar com enthusiasmo? Era a indole da borboleta. É velha, mas sempre boa esta comparação. O folhetim devia esvoaçar por todos os assumptos, devia ter as azas matisadas, devia poisar em todas as flores, deter-se algumas vezes em suave contemplação, seguir as leis do seu capricho, divagar por todos os meandros que se lhe offerecessem, comtan-

to que não saísse do jardim delicado e aprasivel onde lhe cumpria espanejar-se.

Se combatesse, não devia servir-se do ferrão da abelha, mas sim do bater d'aza da mariposa, que derruba o insecto que a importuna. As senhoras deviam ser os seus Mecenass, as salas o seu Capitolio. Que talento, mais do que o de Lopes de Mendonça, podia comprehender este genero, e conquistar n'elle uma indisputavel superioridade?

Outr'ora quando era limitadissimo o numero dos que se deliciavam com os prazeres do espirito, reuniam-se os poetas, os escriptores, os cortezaes nos salões das mulheres illustres, e alli, em torno do fogão ou em torno da meza, começavam essas interminaveis *causeries* scintillantes de chiste, de mimo, de finura, que tanto contribuíram para dar uma gloria incantadora a um seculo, fecundo aliás em tantas scenas repugnantes, como foi o seculo passado. Foi alli, n'essa doce e perfumada atmospherá, á luz esplendida dos lustres e ao fulgor ainda mais vivificante e radiante dos lindos olhos das marquezas, que nasceu essa entidade graciosa que actualmte se chama folhetim.

Transportemo-nos em imaginação a uma d'essas salas aristocraticas, assistámos a uma d'essas reuniões familiares. Recostam-se languidamente nos mactos sophás M.^{mes} de Grammont, de Choiseul, de Ranlé, d'Amblimont. As ondas de luz, que fluctuam no salão, dão um realce incantador ás suas mimosas physionomias. Ao agitarem levemente a cabeça, expandem em torno de si uma nuvem de póss odoríferos, que perfuma o ambiente. Adivinha-se o pésinho.

delicioso por baixo das sedas roçagantes. Os jovens cortezãos, imprevidentes do futuro, encostam-se graciosamente ao espaldar das cadeiras, e deixam-se deslumbrar pelos raios que emanam das aveludadas pupillas das senhoras. Acabou talvez de sair Bernardim de Saint-Pierre, depois de ter lido alguns capitulos do seu *Paulo e Virginia*, ou foi talvez Marмонтel quem declamou a assucarada prosa dos seus *Incas*. Chamfort, o elegante Chamfort, o gentil e espi-rituoso auctor do *Marchand de Smyrne* prende as atenções de todos. A sua palavra fluente, viva, animadâ, colorida insinua-se agradavelmente no ouvido das senhoras, que o escutam enlevadas, entretem os homens que o ouvem sorrindo-se, que o acham frivolo talvez; mas que se temem da sua veia sarcástica. E Chamfort entretanto narra elegantemente uma anedocta da cõrte, flagella com um dito de bom gosto os periodos do auctor do *Belisario*, ou exprime com animação as impressões, que produziu sobre elle o commovente drama dos dois ingenuos namorados da ilha de França.

É possivel tambem, porque a veia de Chamfort é irmã da de Beaumarchais, e o *Marchand de Smyrne* é da familia do *Mariage de Figaro*; é possivel que o elegante conversador, a quem a moda tudo permite, aventure alguma observação chistosa, que faça vacillar e tremer nas suas bases o edificio do antigo regimen com applauso (ó cegueira!) dos seus habitantes. O rei da conversação tudo pôde, o colorido pittoresco da sua palavra é-lhe sempre egide para tudo. E, no vivo movimento da conversação, poisa

em todos os assumptos, agrada, incanta, extasia. Sabe ser frivolo na apparencia, profundo na essencia, difficuldade, que não percebem os que são verdadeiramente superficiaes, os que tudo avaliam pelas formas exteriores.

Pois ahi tendes o folhetim, o folhetim oral perfeitamente definido, tal como deve ser para que se lhe conceda um lugar de honra entre os differentes generos de litteratura.

Depois, no seculo actual, a illustração invadiu todas as classes, e todos quizeram saborear estas apreciações rapidas, este tiroteio ligeiro, mas que nem por isso deixa de acertar no alvo. O folhetim substituiu a conversação, não deixando por isso de exigir todas as qualidades necessarias outr'ora, quando tinha ouvintes em vez de leitores.

Lopes de Mendonça, cuja excessiva timidez o tornaria completamente improprio para os triumphos de sala, achou-se á vontade logo que pôde, no seu tranquillo gabinete, conversar por intermedio da imprensa, com a multidão dos seus entusiastas. Adquiriu rapidamente a aura, que lhe competia, e o seu nome teve a popularidade, que ainda conserva, apesar do seu desapparecimento da scena da sua gloria, e da proverbial ingratição do publico.

III

Haverá escriptores de linguagem mais correcta do que a de Lopes de Mendonça, poucos haverá que tenham mais correcção de estylo. Estas duas palavras *linguagem* e *estylo* andam ahi por tal fórma baralhadas, que o periodo antecedente necessita de uma explicação. Consiste a correcção da linguagem na vernaculidade irreprehensivel, na puresa de locução, na proscricção cuidadosa de termos estrangeirados, na escrupulosa obediencia ás regras da grammatica. A correcção do estylo consiste na nobreza da phrase, na formação elegante do periodo, no cuidadoso desbastar de repetições, de batologias, e de outros defeitos que ferem desagradavelmente o ouvido. Neste ponto são modelos os folhetins e os livros de Lopes de Mendonça.

Ninguem melhor do que elle sabia conservar a fluencia e nitidez da phrase no meio do luxuriante desabrochar das flores da sua imaginação. O colorido não prejudicava a firmeza do traço, as tentações da phantasia não lhe faziam perder nunca a serena lucidez dos periodos. As imagens e as ideas jorram-lhe em tropel da mente, mas ordenavam-se e tomavam o seu logar de maneira que formassem um conjuncto harmonioso.

Nas *Recordações da Italia*, que são, em quanto a mim, a sua obra prima, pôde-se avaliar bem esta qualidade característica do seu talento. Entrega-se alli a todos os caprichos da sua veia folhetinistica,

deixa ir a penna aonde a chama o seu espirito entusiasta, mas conserva n'este apparente desleixo a immaculada pureza do estylo, a luminosa transparencia da phrase. Aquelle livro é, como um d'esses formosos jardins italianos, que desenrolam as suas magnificencias ao limpido fulgor do sol meridional. Delicia-se a vista com a variada perspectiva; as marmoreas escadarias ostentam os primores d'arte das estatuas que as adornam; além os cysnes cruzam, em alvejante flotilha, as aguas tranquilladas dos lagos; n'esse crystallino espelho miram-se, entre encantadas e esquivas, as nymphas que fez brotar o voluptuoso cinzel dos esculptores; mais adiante estende-se um taboleiro de aveludada relva; uma alameda frondosa offerece aos amores o seu mysterioso asylo; ri um fauno coroadado de hera no verde recanto em que se esconde, mas sobre tudo isto resplende a luz do sol, desenrola-se o docel azul do firmamento, tudo se doira com o mesmo fulgor, e o passeiante, ao percorrer esses jardins encantados, sente a doce impressão, que produz sempre a formosura esplendida, mas harmonica.

Não se imagine porisso que as *Recordações da Italia* pertencem a essa classe de livros fastidiosos, cheios de empolada correccção, que faziam as delicias dos leitores do seculo passado. Entre a impertigada pompa dos periodos academicos e a elegante opulencia da prosa de Lopes de Mendonça ha um mundo. A pautada symetria dos jardins de Versailles, que se salva apenas pela magnitude e magnificencia, mas que, reproduzindo-se muitas vezes, causa por

força tédio, nada tem de commum com a graciosa harmonia das *villas* italianas, onde a vista se não cança de contemplar as maravilhas a cada passo renascentes. Que tem que vêr o prosaico alinhamento das nossas cidades modernas com o elegante e harmonioso capricho das ruas d'Athenas, ou do Forum romano? E comtudo a desordem repugnaria ao delicado gosto da antiguidade, ainda mesmo que essa desordem fosse o delirio do genio.

O seculo actual, que em questões d'arte não tem gosto proprio, extasia-se igualmente perante os correctos prodigios do Parthénon, e perante o louco espanejar de maravilhas, que fórma a indole principal da architectura da idade média: Sétinus e Affonso Domingues têm direito igual á nossa admiração. As brancas estatuas, que o cinzel de Phidias fez brotar do marmore pentelico, as flores, os anjos, os demonios que a imaginação ascetica de algum monge esculptor bordou em mil rendilhados e lavores na tela sombria das igrejas gothicas, as columnas corinthias com o gracioso acantho, os columnellos arabes com os seus frizos e laçarias produzem sobre nós igual impressão extatica. A poesia contemporanea, como a hera das ruinas, enlaça-se igualmente nos porticos derrocados de Roma, e na quebrada ogiva das abbasdias allemãs. A critica enthusiastica da actualidade procura, como a scismadora luz do astro das noites, dar igual realce ás columnas troncadas de Palmyra, e ás vetustas muralhas do castello feudal. Mas felizmente tem o bom gosto de se não extasiar nem perante a bruta fachada do convento de Mafra, nem pe-

*

rante o disciplinado alinhamento dos *boulevards* novos de Pariz.

O talento de Lopes de Mendonça não se deixava tentar pelas seducções do estylo gothico (permitta-se-nos o termo) de que a inexaurivel imaginação de Victor Hugo se tem servido para nos doar monumentos, d'onde saímos pallidos e extenuados, como se tivéssemos contemplado minuciosamente as maravilhosas naves de Colonia, ou de Strasburgo. Este genero de estylo, que, applicado ao folhetim, fez a gloria de Theophílo Gautier, não era o que quadra-va á indole intellectual do folhetinista da *Revolução de Setembro*. Se teimarmos (empresa sempre ardua, para não dizermos impossivel) em o comparar com algum dos notaveis escriptores francezes, que devem á primazia n'este genero a sua reputação, assemelhal-o-hiamos antes a Paulo de St. Victor, pela fluencia da linguagem, pelas *franches allures* do estylo. Mas, repito, são sempre fúteis estas comparações, e Lopes de Mendonça tem o seu character, a sua physionomia particular. Para fazermos comprehender bem o estylo do auctor das *Recordações d'Italia*, comparemos o nosso viajante com o *touriste* francez, Theophilo Gautier. Ponhámol-os bem frente a frente, porque são realmente os representantes de duas escolas oppostas, aqui o delirio, além a serenidade, aqui o fogo, além a luz. Gautier viaja, como viaja a caprichosa torrente, fazendo uma infinidade de meandros, não se contentando em espelhar o rochedo, mas envolvendo-o n'um manto de espuma, não reflectindo apenas o sol, mas quebrando-lhe os raios em mil par-

ticulas doiradas, arrastando-as no seu curso vertiginoso, scintillante, namorando o arvoredo, mas roubando-lhe um tronco, despenhando-se em cascata, bracejando ramos d'agua para todos os lados, investigando o mais pequeno intersticio, mas não parando no doido turbilhão. Lopes de Mendonça, pelo contrario, é o placido rio dos valles, corre veloz mas tranquillo, reflecte as arvores, o céu, os castellos que encontra na margem, presta o seu crystallino espelho ás graciosas physionomias que n'elle se miram sorrindo-se, não se vai perder nas gargantas, onde lhe falte a luz do céu, mas caminha sempre luminoso, sereno, transparente.

Leiam qualquer dos livros de viagem do folhetinista francez, percorram as mimosas paginas das *Recordações d'Italia* do nosso compatriota, e digam depois se me enganei ou não.

IV

Lopes de Mendonça procurou por mais de uma vez sair do campo dos seus triumphos, e aventurar-se nas regiões do romance e do drama. Não creio que fosse feliz n'essas excursões. A indole especial do seu talento recusava-se a dispôr os personagens, a escolher o assumpto, a tratá-lo systematicamente. São admiraveis os rapidos quadros romanticos, que se encontram nas *Recordações d'Italia*, porque são apenas ligeirissimos esboços, em que basta a delica-

desa do traço, a elegancia dos contornos, e o mimoso colorido dos horisontes para enlevar os leitores. Mas as mesmas qualidades, que tornavam Lopes de Mendonça inimitavel como folhetinista, deviam prejudical-o quando quizesse escrever obras de maior folego. Aquella natureza movel e impressionavel, aquella alma crystallina que reflectia todos os esplendores, mas que de nenhum se impregnava, como o vidro polido dos espelhos, aquella imaginação que se incendiava com todos os fogos, porém que os não tinha em si mesma, mina de polvora mas não volcão, podiam fazer maravilhas, quando a minima scintella as inflammasse, não irrompiam em labaredas, originadas pelo fogo intimo.

Nunca viram, ao pôr do sol, essas nuvensinhas brancas, que fluctuam no azul dos céos? Enleva-se n'ellas a vista, admirando-lhes a immaculada candidez, mas nem suspeita os prodigios que podem d'ali brotar. De repente o astro moribundo desprende da sua corôa de fogo um raio que vai incendiar a timida nuvem, que se baloiçava pensativa nas azas da aragem, como pomba longe do ninho. Purpureia-a o subito clarão, tinge-a de reflexos rosados, orna-a de franjas de oiro, e nós estupefactos vêmol-a transformar-se ora em palacio oriental cravejado de rubins e topasios, ora em mansão de fadas illuminada de roseos fulgores, depois em monte de fragas inundado por ondas de sangue, logo em corcel envolto em rico manto de purpura, e todas as maravilhas dos sonhos, todos os prodigios das *Mil e Uma*

Noites, tudo a nuvem nos realisa, com tudo nos encanta.

Era assim a phantasia de Lopes de Mendonça. Que um raio do sol a illuminasse, que a fada da melodia lhe tocasse com a varinha branca, e eil-a a desentranhar-se em veios inexauriveis de opulentas imagens, embellezadas por feiticeiro colorido.

Ninguém, como elle, soube adornar os estudos criticos com tantos recamos e labores, labores e recamos que não prejudicavam a verdade e a firmeza da observação. O bom gosto é uma qualidade inseparavel de talentos d'esta indole. E gosto fino e delicado possuia-o, como poucos, Lopes de Mendonça.

Percorram as *Memorias de Litteratura Contemporanea*, e ali poderão analysar a feição critica do talento do infeliz escriptor. Encontram uma série de apreciações notaveis pelo estylo elegante, em que estão escriptas, pela delicadeza, e pelo bom gosto que revelam. Não encontram de certo uma obra em que estejam estudadas as tendencias da nossa litteratura, uma historia das lettras modernas em Portugal. As *Memorias* são uma collecção de impressões, escriptas logo que foram sentidas, reunidas depois em gracioso panorama. Não são, nem o poderiam ser, uma obra como a exige o espirito moderno da critica, espirito observador e creador a um tempo, que analysa as impressões que sente, e que adivinha as tendencias dos escriptores, tendencias que elles proprios seguem sem muitas vezes as perceberem.

O encantador espirito de Lopes de Mendonça não era feito para estas investigações, que requerem

uma tensão fortissima das faculdades da alma. Era critico como Sainte-Beuve, não como Taine, critico delicado, de um gosto apuradissimo, mas que não podia supportar a fadiga de tirar a consequencia das suas proprias impressões, de as entender, de as compendiar. O seu livro é uma collecção magnifica de apontamentos que hão de guiar o espirito laborioso, paciente e severo, que alguma vez appareça com nodo sufficiente para tomar a seus hombros a ardua tarefa de escrever a historia critica da nossa litteratura.

Não sei se é defeito isto que aponto. Parece-me que não. Quem tem o talento de discriminar o bom do máo, o trigo do joio, o oiro das fezes, de exprimir com enthusiasmo as impressões que lhe produz o bello, de apontar sem azedume e com delicadeza os defeitos que se lhe deparam, tem já um formoso papel na litteratura da sua nação.

Affronta por affronta, drama, e *Memorias de um doido*, romance, são duas obras, em que o estylo não desmerece da pompa elegante, que lhe é habitual, mas que nos não auctorisam a apresentar aos leitores Lopes de Mendonça debaixo d'um aspecto, que não seja o de mimoso folhetinista, e delicado critico. *Damião de Goes*, e o *Duque de Palmella* são estudos historicos, a que as qualidades de estylo, e justeza de observação dão certo relevo, mas que fatigavam um pouco o espirito ligeiro de Lopes de Mendonça. O lapis do desenhador historico só a custo se demorava em profundar os factos, e preferia cor-

rer ao dé leve pela tela, deixando á posteridade graciosos esboços.

V

Eil-o, imperfeitamente desenhado, esse nobre vulto, para quem já começou a posteridade, sem que elle franqueasse os humbraes da sepultura. Cadaver sem tumulo, temol-o ainda entre nós, quando o seu espirito já poisa aos pés do Omnipotente. Harpa éolia emmudecida, sem que se lhe partissem as cordas, adejam-lhe em torno os ineffaveis murmurios da criação, esvoaçam as brizas, bafeja-a o sopro das melodias, roçam por ella as azas invisiveis dos sylphos, que pairam entre céu e terra por noites estrelladas, poisam-lhe ao de leve em cima as rolas das tristezas, desafiam-n'a da ramaria os rouxinoes das florestas, e rouxinoes, rolas, sylphos, virações, murmurios tudo parece dizer-lhe : «Porque deixaste de gemer, ó harpa solitaria?»

No sanctuario profanado, onde entrou ebria soldadesca infrene, ficam de pé os muros, intacto o edificio, erectos os altares, mas desaparecem os vasos sagrados, baqueiam derrubadas no pó as imagens santas, apagam-se as lampadas do tabernaculo, e com a luz extincta, com o perfume esvaído das flores, que jazem murchas no chão, foge tambem esse augusto mysterio que se respirava no ambiente do templo, e que nos fazia dobrar o joelho com devoção e respeito. A impressão, que se sente, é mil vezes mais

amarga do que a que produz sobre nós a vista de uma igreja em ruínas. Os muros esboroados de uma cathedral, de uma abbadia, de um mosteiro, se o tempo os marcou com o seu venerando sello, se o musgo os enlaça piedosamente, e junta aos capiteis das columnas os seus verdes ornatos, exhalam um perfume de doce tristeza, de suave melancolia, que enleva o pensador, que os vai contemplar á hora em que o sol poente os doira com os seus poeticos reflexos. Mas o espectaculo da igreja profanada opprime-nos o peito, compunge-nos o coração.

Assim no cerebro de Lopes de Mendonça a mão brutal da loucura despedaçou o mundo de 'poesia que n'elle se abrigava. A atonia moral profanou o sanctuario e deixou-o ficar erguido, cheio de vida, sem luz que o illuminasse, sem flores que o perfumassem. Pobre templo abandonado, quem não sente uma dôr profunda ao vêr-te assim ermo, sombrio, e silencioso, a ti que outr'ora te povoavas de tantas graciosas imagens, que diffundias tão sereno fulgor, que te desentranhavas em tão melodiosas vozes?

Ha pouco tempo que fui visitar no Porto o tumulto de Soares de Passos. Foi á hora do crepusculo, á hora das tristezas. Senti-me lá tão bem, experimentei um goso tão suave, respirei tão doces effluvios de poesia, a alma librou-se-me em tão ligeiras azas, e pairou n'uma tão pura atmospheria !

Mas que impressão tão amarga que sentimos ao aproximarmo-nos de Lopes de Mendonça, que dôr tão profunda nos salteia, quando debalde tentamos acordar as fibras geladas d'essa alma, reaccender

n'esses olhos sem luz a chamma da intelligencia !

Acatemol-o mais do que a qualquer outro ! É duplamente sagrada essa fronte, depois que a comprimiu a mão de ferro da desgraça ! É mais esplendida essa gloria, hoje que fulgura nas trevas do infortunio ! Preito e veneração a esse monarcha do talento, que junta ao prestigio do solio, onde campeou, a do exilio para essas regiões sombrias, onde a loucura sacode os seus horridos guizos ! Curvemo-nos respeitosos perante o resplendor, que emana d'esse duplo diadema de louros e de espinhos !

Março de 1865.

TRES POETAS



Seria uma historia triste de escrever a de todos os poetas, que no caminho da gloria encontraram o infortunio, a de todas as aguias que, ao desprenderem o vôo no espaço immenso, baquearam com as azas decepadas pelo gladio da morte prematura, ou roídas pouco a pouco pelo dente frigido da miseria! Seria uma grinalda triste de vêr, a de todas essas flores mortas em botão, mortas sem terem desvelado as galas da sua corolla, deixando entrever, para maior tristeza, o quanto ellas seriam esplendidas! Mas qual seria o romeiro que teria o valor de percorrer as cryptas do passado, procurando só as loisas que abrigam a desgraça, e deixando de parte aquellas, que desceram lentamente para occultar, na hora propria, os corpos dos que foram felizes na terra, dos que obtiveram todos os sorrisos da ventura,

todos os loiros dos triumphos, todos os diademas da ambição !

É mais agradável, de certo, parar diante d'esses tumulos, que a veneração da posteridade quasi converteu em altares, em cujos degraus poisa o anjo da gloria a illuminar as loisas com o seu fulgido nimbo, do que ir procurar a campa solitaria, perdida n'um canto da alameda funebre, cujo caminho é de poucos conhecido, e onde se encontra apenas o pallido archanjo do infortunio, envolvendo ainda nos escuros véos o cadaver do seu filho predilecto.

E comtudo, quem assim fizesse, quem evocasse piedoso as sombras tristes d'esses martyres da poesia, havia de formar de certo uma *sympathica phalange*, uma legião sublime, nos peitos de cujos legionarios veria fulgurar a chamma sagrada, a columna de fogo intimo, que áquelles que illumina guia á conquista d'essa risonha e prestigiosa Chanaan, que se chama gloria ! Ler-lhes-hia na fronte a segura promessa de que, se a má fortuna os não prostrasse nos primeiros combates, obteriam prompta e justificadamente o bastão de marechal, que a sorte caprichosa depõe muitas vezes antes na mão dos mais felizes que dos mais talentosos.

Seria comtudo necessario ter cautela na evocação, para não confundir os verdadeiros com os falsos martyres. Tambem ha oiropel no infortunio ! Tambem alguns, cegamente impellidos por uma supposta vocação, revestiram a tunica do martyrio, e cabiram victimas; mas d'uma religião, em que eram completamente profanos. Lastimemos esses ainda

mais do que os outros; porque a hora da justiça sôa tarde ou cedo, e a posteridade não lhes concede a verde palma que sanctifica o soffrimento. Tiveram o martyrio sem ter a recompensa.

Mas, ainda mesmo estremando escrupulosamente os genios, não seria limitada a lista dos robustos gladiadores que baquearam na arena, quando iam fazer brotar os applausos da multidão, e que assim só obtiveram a indiferença do publico, prompto sempre a formar o cortejo do triumphador, e a vêr passar friamente o funeral dos bravos que conquistaram a morte, momentos antes de conquistarem a victoria.

Ninguém se tem abalançado a essa empresa, e, se os varões illustres tiveram o seu Plutarcho, os que o mereciam ser não o tiveram. Falta lamentavel, e comtudo tão propria da natureza humana! Quando a arvore consegue resistir aos tufões, vem revesti-la a primeira camada de cortiça, e depois todos os annos em torno d'esse nucleo uma nova camada se agrupa, até que a arvore revestida de multiple armadura zombe durante seculos do vendaval; mas se o arbusto humilde se curva e cede ao furacão, fica prostrado por terra, e os annos passam sobre elle, sem que o pobre arbusto desenraizado ache um cortix compassivo, que o venha revestir e abrigar!

Assim o poeta, que resiste aos tufões da indiferença, é logo preservado do esquecimento por uma armadura de gloria, cada geração que passa fortifica essa armadura, e consolida a reputação; mas o pobre que baqueou na lucta, raras vezes encontra no futuro mão amiga que o levante e o salve.

Às vezes um poeta ergue a voz, dá vida nos seus quadros a essas figuras perdidas na sombra da historia, e cinge-lhes a fronte com um reflexo da sua propria aureola; mas o historiador, mas o biographo, mas o crítico severo não se dá ao trabalho de avaliar essas tentativas infructuosas, esse primeiro bater de azas da aguia morta ao sahir do ninho, embora n'elle se denunciasse o vigor de 'quem, continuando a carreira, penetraria do primeiro vôo nas espheras do sublime.

No admiravel livro de Alfredo de Vigny, a que elle deu o titulo de *Stello*, apparecem as figuras de tres poetas, todos tres infelizes, todos tres possuindo mais ou menos a chamma do genio, e todos tres prostrados pela morte, antes de terem podido revelar ao mundo todo o alcance do seu talento.

Esses tres poetas são Chatterton, Gilbert, e André Chénier.

Quem conhecia Chatterton antes de Vigny fallar n'esse escriptor imberbe? Ninguem. O poeta cahira obscuramente n'um canto da Inglaterra, e, como de costume, a critica não se tinha dignado tratar d'elle, e estudar aquella poderosa individualidade, que não tinha chegado a revelar-se completamente, e que apenas balbuciára as primeiras notas dos seus cantos.

É verdade que o seu balbuciar fôra sublime.

Mas a critica não pôde attender a essas minuciosidades.

Felizmente o tumulto ignorado de Chatterton atrahiu a attenção d'um grande escriptor. Este debruçou-se-lhe sobre a loisa, tomou nos braços o cada-

ver, deu-lhe vida com o fogo do seu genio, e mostrou ao mundo espantado aquella graciosa figura de um sublime adolescente.

Gilbert não era desconhecido como Chatterton. Comtudo aquelle typo original, que em pleno seculo xviii soltára um grito, que partíra do coração, no meio dos madrigaes, das allegorias, das tragedias friamente vaçadas nos moldes gregos e romanos, em fim, de todos esses arrebiques absurdos que adornavam a litteratura d'então, não tinha ainda um quadro digno d'elle. Deu-lh'o Alfredo de Vigny.

André Chénier, talento vigorosissimo, cujo completo desenvolvimento a morte veio interromper, arvore decepada em flor na sua primavera, cujos ramos o estio avergaria de admiraveis fructos, já antes do auctor de *Eloa* o fazer figurar no seu livro, tinha um grandissimo renome; porém as suas poesias quasi todas incompletas, os seus quadros admiraveis sim, mas que não eram senão esbocetos, tinham provocado um certo desdem da critica. Havia quem lhe preferisse seu irmão ! talento sem audacia, que nunca ousára sahir do trilho vulgar, poeta official, que obtivera da Convenção o logar de Tyrteo da republica, com ordenado fixo, e com obrigação de apresentar um hymno em cada festividade nacional !

Alfredo de Vigny collocou os dois irmãos, cada um no seu logar, e poz no primeiro plano, e sobre um grandioso pedestal, a radiante figura do guilhotinado de thermidor.

Estas injustiças não devem continuar por mais tempo. A critica deve poupar á poesia o trabalho de

procurar os seus martyres nas catacumbas da historia, e deve afagar com a mesma luz as fronte cingidas dos loiros do Capitolio, e as fronte dignas de o serem, mas que a fatalidade fez cahir descoroadas no leito sepulchral.

O estudo que os leitores vão percorrer é apenas um estímulo para que pennas mais habeis se encarreguem da tarefa, que é, reconhecemol-o, superior ás nossas forças. Tem por fim fazer a apreciação de tres poetas, dois dos quaes foram arrebatados por uma prematura morte ás caricias da gloria, e o outro, sequestrado do mundo no principio da sua carreira, morreu tambem para as letras, e, ai ! parece que sem esperança de resurreição.

Esses tres poetas são Luiz Corrêa Caldeira, Soares de Passos, e Lobato Pires.

Corrêa Caldeira apenas chegou a balbuciar a linguagem sublime que, estamos bem certos, elle fallaria depois com immensa superioridade. Comtudo emmudecêra já, antes da morte o arrebatár. Porque? porque os poetas são como os rouxinoes, que não cessam, só quando morrem, os seus hymnos namorados, mas que, presos nas gaiolas, emmudecem tambem. Ai ! as tribulações da vida real são gaiolas inflexiveis ! e, quando o poeta se vê n'ellas encerrado, debalde tenta levantar a voz. Só a recupera quando lhe restituem o ar e a liberdade.

Corrêa Caldeira morreu antes que lh'a restituíssem. As poucas poesias, que elle deixou, ou talvez as poucas que eu conheço d'elle, dão-nos o direito de pensar que, se tivesse vida, e pudesse desprender

livremente o seu genio, havia de occupar um dos mais elevados logares na litteratura contemporanea, como tentaremos mostrar ao leitor nas paginas que se seguem.

Soares de Passos fez mais do que balbuciar, fez mais do que deixar presentir o seu genio, revelou-o claramente no livro que d'elle nos resta. Comtudo, que vastos horisontes não descobriria, se a morte lhe não viesse suspender o vôo ! Mas o pequeno volume das suas poesias é já documento sufficiente para que, na funebre lista dos grandes poetas, cujos nomes já pertencem á historia, colloquemos o nome do escriptor portuense logo abaixo do de Garrett. E podemos asseverar que de certo hobrearia com elle, se a morte lhe não viesse gelar a inspiração.

É grande incontestavelmente o renome de Soares de Passos, mas não é tão grande como o seu merito reclama. Com a sombra do eminente escriptor tem a critica portugueza uma divida em aberto.

Lobato Pires, o ultimo dos *tres poetas*, caminhava com passo firme na estrada da gloria. Cada nova poesia revelava um progresso e um progresso grande. Dos primeiros versos que elle publicára na *Revista Popular* á canção que vem no *Amor de poeta*, ha uma distancia tal, que só o genio a poderia vencer ! De repente um obstaculo imprevisto fê-lo cahir á beira do caminho. Surgirá outra vez, ficará de todo prostrado ? O futuro o decidirá.

E, pedindo desculpa aos leitores da extensão d'este prologo, cabeça enorme para um corpo pequenissimo, entro em materia.

LUIZ CORRÊA CALDEIRA

I

Houve em Portugal uma epocha em que todos foram poetas. Essa geração, que hoje combate na politica militante, ou que se entrega aos graves cuidados da administração e da jurisprudencia, foi a geração mais versejadora que tem vindo a Portugal. Não admira. Todos os que a compõem eram moços então, e a musa da moderna eschola era tambem nova entre nós. O que haviam de elles fazer, sentindo em si a mocidade e o talento, senão cortejar a juvenil deidade? O que podia ella fazer, senão pagar com um sorriso cada um dos galanteios!

Assim aconteceu. Depois, quando passou o tempo das loucuras, o poeta cedeu o logar ao politico, ao jurista, ou ao administrador. Estabeleceram-se, e acabaram com os namoricos. Deixaram os galanteios de sala, e começaram um namoro serio, e para *bons fins*, com a pasta de ministro. Elles tinham o talento, não a inspiração, a inspiração fogosa que faz os grandes poetas, e as vidas curtas. Seduziam a musa com os encantos do seu espirito, não lhe inspiravam a

paixão devoradora que não consente rivaes. Tinham visto na poesia uma das manifestações da arte, e não se tinham ligado a ella com o amor insensato, que não trepida diante dos sacrificios, e que acceita o martyrio com enthusiasmo. Faziam-lhe a corte, como se faz a corte a uma belleza da moda, mas não se apoderavam d'ella com sofreguidão, não a arrastavam comsigo para as solidões,

Comme un amant jaloux de sa chaste beauté.

É essa falta de verdadeiro enthusiasmo que faz com que poesias, aliás muito notaveis, d'essa epocha, não produzam em nós impressão alguma, apesar das muitas bellezas que n'ellas encontraremos, se as analysarmos.

Publicavam-se então periodicos litterarios, cada um dos quaes tinha a sua pleiade de poetas. Eram esses jornaes os campos de torneio, onde campeões, incontestavelmente denodados e robustos, provavam forças no genero de poesia, que estava mais em voga. Publicavam-se em França as *Orientaes* de Hugo? Achava-se em Portugal gracioso aquelle genero? Logo os justadores litterarios pintavam no escudo a divisa do poeta francez, e vinham mostrar na liça a sua habilidade em manejar as armas temperadas nas aguas do Bosphoro, ou nos rios da Palestina. Agradava uma certa e determinada metrificacão? Logo, e como se fosse a um signal dado, appareciam centenaes de poesias metrificadas á moda. Os leitores, que assistiam com enthusiasmo a essa lucta, eleva-

vam aos ceos o poeta que elles julgavam ter sido o vencedor, e faziam reputações enormes, que hoje nos espantam, a nós que as avaliámos friamente, e completamente alheios ás calorosas paixões d'aquella epocha.

No meio de todos esses poetas, rodeados das ovações mais enthusiaslicas, permittam-me que procure um, que passou quasi despercebido, mimoso lyrio, prostrado tão cedo pelo tufão da desventura, que não podia, de certo, competir então em galas com as flores esplendidas d'esses jardins litterarios (excluindo, apresso-me em dizel-o, as do jornal conhecido por esse titulo), mas que tinha, muito mais do que ellas, o viço espontaneo, e o singelo aroma que delicia e que faz scismar meigamente aquelles que o respiram.

Fallo em Luiz Corrêa Caldeira.

Não se revelou completamente o poeta; só tres ou quatro poesias formam o seu verdadeiro peculio litterario; mas que imaginação, que ardor, que verdadeiro enthusiasmo transluzem, bastantes vezes incorrectamente, n'esse pequeno legado que deixou á posteridade! Como n'elle se sentê, não o litterato que adoptou a especialidade da poesia, mas o poeta, o verdadeiro poeta, que chora, que geme, que delira, e que lança ao publico essas paginas soltas, em que se revela o desalinho da inspiração, a que a lima não succedeu; porque parecia que o poeta presentia o seu prematuro emmudecer, e tinha pressa de aproveitar todas as caricias da musa, e de sorver

até á ultima gota, no calix doirado da poesia, esse licor inebriante dos sublimes delirios.

Leiam alguns dos fragmentos das *Flores da Biblia*, livro que, julgo, nunca se chegou a publicar, e em que Luiz Corrêa Caldeira tencionava reunir poesias de assumptos biblicos. As *Melodias hebreas* de Byron mostram quanto era esplendida essa idéa, e que diamantes se encontram nas areias sagradas da Palestina. As poesias publicadas por Corrêa Caldeira mostram que este não estava abaixo do assumpto, e que podia fazer das *Flores da Biblia* um livro monumental.

d/ Vejam o *Mar Morto*. Como o poeta se possuia bem da grandeza biblica do quadro, e como encontrou na sua palheta não só as côres mais esplendidas, mas tambem as mais proprias para o pintar. A voz do poeta abafa-se n'um religioso terror; as paisagens, não as descreve só, mostra-as taes quaes ellas devem ser. Vejam a descripção do principio:

*Na terra gretada e nua
Pesa um ceo abrazador;
Aridos montes d'areia
Tisnados pelo calor:
Tudo immovel, mudo, absorto,
Tudo fulminado e morto
Nesse valle de terror:
O mesmo vento se cala:
Só o silencio aqui falla
Das vinganças do Senhor!*

*Ao longe, o sulco azulado
Do poetico Jordão,
Que vem trazer ao Mar Morto
As lagrimas de Sião:
E sobre os ceos, que scintillam,
Da Arabia as serras desfilam,
Até que perder-se vão
C'os pardos morros d'areia
Das montanhas da Judéa,
Vigias da solidão !*

Este quadro é perfeito. A descripção como que nos opprime. Involuntariamente procurámos respirar, como se realmente nos rodeasse a atmosphera abafadiça das plagas do lago Asphaltite.

Continuemos a analyse.

Leiam esta descripção de uma tempestade no *Mar Morto* :

*Mas quando a voz da tormenta
Começa ao longe a bramir,
E um denso manto sombrio
Vem de lucto o ceo vestir ;
Quando a louca tempestade,
Nos echos da soledade,
Vem desgrenhada rugir ;
E que as rajadas do vento,
Chorando no firmamento,
A terra vem sacudir ;*

*Então o valle desperta
Do seu somno secular ;
Do lago os fundos abyssmos
Se rasgam de par em par ;
Densos turbilhões d'areia,
Que a luz do raio incendeia,
Giram rapidos no ar,
E correm sobre o deserto,
Entre o funebre concerto
Dos furacões e do mar.*

*Vagas turvas, espumantes,
Fervendo em alvo cachão,
Fogem batidas dos ventos,
E, de baldão em baldão,
Vão rebentar furiosas
Nas praias betuminosas
Do lago da maldição,
Cuspindo nas penedias
As espumas alvadias,
Rasgadas pelo tufão.*

*No poente, cór de sangue,
Bruxuleia o temporal,
Aonde as azas de fogo
Sacode o genio do mal !
Ronca o trovão nas montanhas ;
E, das tremulas entranhas
Do mar, do seio do val,
Illusão, delirio ou sonho,
Sae, como um grito medonho,
Um gemido sepulchral.*

*Como que as torpes cidades,
Que as vagas em si contém,
Estremecem nos abysmos,
E se lamentam além;
Essas irmãs deshonestas,
Que adormeceram nas festas
Aos pés de Jerusalem;
E um anjo, c'o' a ponta d'aza,
Foi despertal-as em braza
N'um ceo em braza tambem.*

Ha um verdadeiro delirio n'esta descripção; o genio do poeta corre desgrenhado com o genio da tempestade, e o espirito do leitor, arrastado na carreira vertiginosa, quasi que sente dentro de si o temporal medonho, e pára, a final, pavido e extatico, a contemplar o quadro sublime, que doideja furioso diante de si. A inspiração apoderou-se do poeta, arrancou-o do mundo prosaico, e transportou-o ás espheras da sublimidade, como o carro de fogo transportou outr'ora o propheta do lodo da terra aos ambitos do empyreo. Vê-se que, ainda que quizesse, não podia parar; e a final, desprendendo-se das garras d'esse demonio íntimo, não ousou tocar outra vez no que tinha escripto. Por isso n'estas admiraveis decimas ha por aqui por acolá algumas incorrecções, filhas do mesmo arrojo. Aquelles versos

*Sae, como um grito medonho,
Um gemido sepulchral,*

encerram uma comparação falsa e impropria. Falsa, porque não se podem comparar duas coisas que se não assimilham; e essa voz que sae do lago é uma das duas: ou *grito medonho*, ou *gemido sepulchral*. Se é grito medonho, é forte e pavoroso. Se é gemido sepulchral, é sumido e lugubre. Impropria também, porque os dois termos de comparação são, para assim dizer, da mesma escala, quer dizer, admittindo que não era falsa, um dos termos daria o outro, com uma simples mudança de palavras. Fazendo-a verdadeira, ficaria assim: *Sae, como um grito medonho, um brado pavoroso*; ou *Sae, como uma queixa lugubre, um gemido sepulchral*. Percebe-se facilmente a impropriedade d'estas comparações. Deixam de o ser, para serem pleonasmos.

Devemos dizer que, onde o genio de Luiz Corrêa Caldeira se sente mais á vontade, é n'estas poesias tempestuosas, cheias de fogo, onde seja necessario largar o vôo á musa, e entregal-a nas azas do férvido bulcão. Até quando scisma, quando falla de amores, após o meigo preludiar, vem logo o delirio impetuoso. Na poesia a *Minha sina*, que foi publicada na *Revista Popular*, acontece o que acabo de dizer. Começa tristemente, e sente-se nos versos uma vaga e deliciosa melancholia enamorada.

*Vi-a a primeira vez sentada e triste
Na capella sombria!*

Depois a pouco e pouco o delirio apodera-se d'elle. Ainda nos descreve docemente e com uma in-

definida tristeza a mulher que o inspirou, vagueando na alameda solitaria, em quanto o vento do outono arroja a seus pés as folhas sêccas das arvores; mas o demonio da inspiração não exige só esse vago *pungir d'acerbo espinho*, não se satisfaz em quanto o grito de dor não sae dos labios do poeta, e em quanto o soffrimento lhe não lacera fibra a fibra o coração. Então a pouco e pouco os versos, atropelando-se convulsamente, denunciam o principio da lucta, e a poesia geme, soluça, pranteia, até que a lyra estale n'um grito de desesperado agonisar.

Vejámos a obra prima do seu talento, a poesia em verso solto intitulada a *Voz do Oceano*, em que se encontram quadros que Garrett intercalaria com orgulho no principio do quinto canto do *Camões*. Não achem ousada a comparação, leiam, e julguem.

Oiçam o principio, e admirem a gradação lenta e artistica, que prepara tão bem o effeito dos dois ultimos versos.

*Vento das noites, que a meus pés revolves
As folhas amarellas do arvoredor;
Lugubres sons da livida floresta;
Aguas do rio, que fugis lá abaixo,
Beijando as margens tristes já sem flores,
E reflectindo um céu em que não brilha
Uma estrellinha só; vozes sem nome,
Que murmuraes nas regiões do espaço;
Deixae que o grito immenso do Oceano
No silencio geral se escute apenas.*

Que descripções que se seguem a este bonito exordio! Como o poeta soube escutar as vozes dos mares, e como soube traduzir as impressões que ellas despertaram no seu peito! Corrêa Caldeira sente com um fogo indizível, e o quadro, que pinta na imaginação, reproduz-o na tela do poemeto com uma verdade, e com um vigor admiráveis! Vêde o mar em noite de bonança,

*Vêde-o beijar as rochas carcomidas
Por essas praias, que o luar inunda;
Como uma virgem, trémula de pejo,
E que o amor, mau grado seu, arrasta,
A vaga no areal passa gemendo;
A fraga cinge em fugitivo abraço,
E foge vagarosa, desparzindo
Argenteo pranto sobre os limos verdes.*

O pensador succede ao contemplador. O poeta, debruçando-se sobre o abysmo do Oceano, pergunta a si mesmo que mysterios se esconderão sob aquellas aguas. Lá no fundo tenebroso, nas insondaveis entranhas d'esse leão espumante, esconde-se um mundo horrido!

*Alli chimeras mil passam medonhas!
Fabulosos jardins alli florecem
Sobre um solo de pérolas e conchas;
Alli, das maravilhas, escondidas
Aos olhos dos mortaes, são testemunhas
Entes sem nome, que talvez olharam*

*Da criação as obras primitivas,
E que se arrastam no despojo immenso
D'esquecidas nações, de mortos seculos.
Alli ainda os continentes jazem
D'um mundo que ha de vir; alli se encerram
Povos e gerações talvez inteiras !
E nos segredos da grandeza eterna
Suas ondas o mar rola bramindo !*

Vejámos ainda a descripção que se segue, e lastimemos mais uma vez a sorte fatal que prostrou um genio que se poderia elevar a tamanha altura.

O mar, ha pouco tranquillo e bonançoso, desperta finalmente á voz da tempestade. O genio da procella corre desgrenhado por sobre as ondas, e esses liquidos corceis, de cripas espumosas, empinam-se furiosos ao sentirem o látego da tormenta ! A descripção do poeta é inexcédível. Ha um trecho de prosa com que o podemos comparar. É verdade que esse trecho é a obra prima de um dos primeiros prosadores francezes. É a descripção que se lê no *Capitaine Paul* de Alexandre Dumas.

Se não me tivesse já alongado tanto em citações, transcreveria essa admiravel pagina de versos. Não resisto, comtudo á tentação de citar o final do quadro.

*Pela extensão das praias se levantam,
Em pé nos mares, as immoveis penhas.
A luz fugaz do scintillante raio
Suas fronte rugosas relampejam ;
A tormenta sacode em torno d'ellas*

*Alvo sudario d'humidos vapores;
E, ao vê-las assim, quédas, tranquillas,
Na confusão da natureza inteira,
Quem poderá afirmar que não festejam,
Mudos espectros, sob um véo d'espuma,
Da morte os anjos, que passando bradam,
Suas azas de fogo sacudindo
Nas solidões do furibundo Oceano!*

Creia o leitor, que o poeta que escreveu versos como estes, é quasi desconhecido na sua patria! e que, para se poderem ler os seus escriptos, é preciso folhear intrepidamente os periodicos litterarios da epoca em que viveu.

Portugal é tão abundante em poetas d'esta força, que um de menos, segundo parece, não faz falta na immensa lista!

Para sermos justos, comtudo, devemos accrescentar que Luiz Corrêa Caldeira era um pouco desigual, e que, escrevendo poesias como a *Voz do Oceano*, escrevia outras, como a poesia á memoria de Garrett, que está realmente abaixo do seu talento.

Quem ousa atirar-lhe a primeira pedra?

Luiz Corrêa Caldeira era tambem um primoroso traductor. Mais largamente fallariamos d'essa manifestação do seu talento, se podessemos affirmar com certeza que é sua a traducção de um romance em verso e em cartas, publicado na *Revista Estrangeira*, com o titulo: *Uma paixão*. Não está assignada, mas o estylo denuncia o auctor frequentemente. Phrases suas favoritas, que apparecem bastantes ve-

zes, e o arrojo do verso bastariam para nos convencer de que esse romance foi traduzido por elle, ainda que essas considerações não fossem corroboradas pelo facto de ser a traducção publicada n'um jornal de que elle era o principal redactor. Comtudo, como não possuímos a certeza material do que aventuramos, limitar-nos-hemos a analysar a traducção da poesia *Oceano nox* de Victor Hugo.

Ninguém ignora as difficuldades de traduzir as obras d'este poeta enorme. Estão sempre tanto acima do vulgar, que é quasi uma profanação a tentativa. Essas difficuldades não diremos que Corrêa Caldeira as vencesse, mas luctou com ellas valorosamente, e conseguiu dar-nos um bello reflexo do immenso esplendor do original.

Oceano nox é uma das poesias mais sentidas de Victor Hugo, do poeta que sabe, mais do que nenhum outro, despertar as lágrimas, digam o que disserem os frios arrumadores dos grandes vultos, que os encerram em differentes generos, como as aves em differentes gaiolas. Nada é comparavel á vaga melancolia que nos inspiram as sentidas estrophes d'aquelle curto poema. Vê-se o grupo aldeão, sentado nas ancoras, a conversar tristemente nos que partiram para não mais voltarem. Como que se sente ao longe a voz do Oceano, rugindo á noite, quando o firmamento desdobra o véo funereo, que as estrellas nem ousam recamar.

Corrêa Caldeira, apesar de ficar a uma immensa distancia do poeta francez, comprehendeu perfeitamente a idéa da poesia, e conservou-lhe o tom de

indefinida tristeza. Lendo o original, e lendo a tradução, parece-nos que escutámos um canto delicioso e plangente, e que ouvimos depois o echo longinquo que lhe repete as notas, enfraquecidas sim, mas igualmente sentidas, igualmente melancolicas. Senão, comparem :

*On demande: «Où sont-ils? sont-ils rois dans quelque île?
Nous ont-ils délaissés pour un bord plus fertile?»
Puis votre souvenir même est enseveli!
Le corps se perd dans l'eau, le nom dans la mémoire,
Le temps, qui sur toute ombre en verse une plus noire,
Sur le sombre Océan jette le sombre oubli.*

Vejamos a tradução :

*Quanta vez se pergunta: «Onde estão elles?
Serão acaso reis d'ignotas ilhas,
Ou deixaram-nos sós porque buscavam
Mais ricas terras, mais formosas plagas?»
Depois a vossa imagem se esvaece,
Perde-se o corpo na extensão das aguas,
Perde-se o nome na memoria fraca,
E o tempo, que ennegrece as proprias sombras,
Sobre o negro Oceano desenrola
Um manto ainda mais negro... o esquecimento.*

Esta versão tem o defeito que é inseparavel de todas as traducções de Victor Hugo. A nervosa concisão do poeta francez ninguem é capaz de a reproduzir. Luiz Corrêa Caldeira diluiu a idéa do original

em versos incontestavelmente bellos ; mas o defeito subsistiu. O que se não perdeu foi o tom melancolico.

Mais abaixo o defeito é mais grave. Deparou-se ao traductor uma difficuldade, e, em vez de procurar pelo menos torneal-a, fez peor — fugiu-lhe ! Em combates d'estes a retirada não deshonra ; mas devemos confessar que, se não fossem os bellissimos versos da restante traducção, esta fuga seria imperdoavel.

Victor Hugo, mostrando a desventura dos que morrem sobre as aguas do mar, exprimiu n'uma estrophe o triste pensamento de que esses pobres não deixam nada na terra, que os possa recordar aos que lhes sobrevivem, nem uma pedra funeraria no cemiterio da aldeia, nem um salgueiro que debruce a copa verdejante sobre os sete palmos de terra, que abrigam um cadaver:

*Pas même la chanson naïve et monotone,
Que chante un mendiant à l'angle d'un vieux pont!*

Luiz Corrêa Caldeira creio que não percebeu bem a idéa do poeta, que era aliás simples, porque só queria mostrar que essa morte obscura nem ao menos se conserva nas tradições da aldeia, cujos chronistas são os cantores de estrada. Por conseguinte, fugiu da traducção, e substituiu os dois versos do original por estes dois versos frouxissimos :

*Nada tendes, ó nautas, nada tendes,
Que possa recordar-vos cá na terra!*

Como a culpa é grave, apressemo-nos em apresentar como circumstancia attenuante a traducção, realmente notavel, do final da poesia.

Diz o poeta francez:

*Ó flots! que vous savez de lugubres histoires!
Flots profonds redoutés des mères à genoux!
Vous vous les racontez en montant les marées,
Et c'est ce qui vous fait ces voix désespérées
Que vous avez le soir quand vous venez vers nous!*

Eis a versão :

*Leves ondas do mar — ondas temidas
Da terna mãe que espera por seu filho —
Que infinitas, que lugubres historias
Não sabeis vós, ó caprichosas vagas!
São ellas que vos dão esses accentos
De agonia, de dór, de desespero,
Que tendes quando á noite sobre as rochas
Vindes uivando espadanar com furia!*

Se comparassemos, verso a verso, a traducção com o original, haviamos de encontrar innumeros defeitos. Desviemos, portanto, os olhos do esplendido sol que nos deslumbraria, e attendámos ao reflexo.

Devemos concordar que este trecho é verdadeiramente bello.

Ahi tem os leitores traçada em rapido esboço a physionomia litteraria d'esse vulto, que seria tão notavel se não encontrasse, no caminho da gloria, primeiro o infortunio, e depois a morte. N'estas paginas não tentei senão chamar a attenção para esta figura, a fim de ver se pennas mais authorisadas do que a minha se encarregam de a fazer sair do esquecimento, e de rasgar os véos da indifferença que até a sua curta vida lhe enluctaram !

N'este esboceto tratei apenas do poeta ; no homem, como vêem, não fallei senão de relance. Não possuo, nem procuro possuir apontamentos biographicos da sua vida. Assim, Corrêa Caldeira é simplesmente para mim uma estrella fulgurante, que brilhou momentos, e rapidamente se apagou. Para que hei de eu conhecer os mesquinhos obstaculos que provavelmente entorpeceram a sua carreira n'este mundo? Considero a sua existencia só pelo lado luminoso, e nem quero ver as sombras que a ennoitaram. Basta que lastime unicamente a curta duração do seu brilho.

Conta Lamartine, no seu *Curso de litteratura*, que os habitantes de Samos accusavam Homero de obstruir as ruas cantando canções ás portas das casas. Existem ainda, e espalhados por toda a parte, os descendentes dos accusadores de Homero. Foi prolifica essa raça ! Hoje, quando elles caminham graves para irem conquistar uma fita, uma pasta, um titulo — brincos ridiculos tão ambicionados pelos homens

serios — se encontram um poeta que solta ao vento os seus hymnos, perguntam: «Por que obstrue a praça publica este inutil scismador?» E repellem-n'o, e lançam-n'o para cima, ou da enxerga de Gilbert, ou do cadafalso de Chénier.

Quando principiei o estudo, que apresento aos leitores, tive intenção de narrar a vida dos martyres da poesia. Confesso que me desfalleceram agora as forças, pensando que tenho de descer dos ceos radiantes, onde pairava o poeta, ao inferno da vida, onde soffria o homem.

Tentem outros essa tarefa. Não-me sinto com animo para ella. Chamei, como já disse, a attenção para esse vulto elevado, e que, apesar d'isso, passou no mundo quasi despercebido. Agora, se algum dos reis da critica tiver curiosidade de percorrer os versos de Luiz Corrêa Caldeira, e se os achar então dignos de serio exame, resgate, inda que tardiamente, a injustiça de que a imprensa portugueza é culpada para com o auctor da *Voz do Oceano*, e colloque-o no lugar que lhe compete entre os notaveis talentos poeticos da nossa terra.

II

Não é já de uma vocação esperançosissima cortada em flor que temos de tratar no seguinte estudo; é de um talento decepado, quando nos dava, nos primeiros e optimos fructos, a certeza de que, se não viessem os subitos e inesperados gelos da morte cair em pleno estio do poeta, havia de occupar um dos primeiros logares no amplissimo vergel da litteratura portugueza.

No livro que nos resta de Soares de Passos já se não sente o balbuciar da infancia poetica; nos seus versos não precisa a critica de presentir a futura elevação; não necessita de adivinhar o genio; tem apenas (permittam-me que me sirva d'esta locução franceza) de o *constater*. Collocando-nos no ponto da estrada da vida, em que cessou o peregrinar do escriptor, e em que elle, largando a pouco e pouco o bordão de romeiro, se deixou lentamente escorregar para a sepultura, não entrevemos ao longe, perdido nas sombras do futuro, o vulto ainda indistincto do capitolio... não... vêmol-o a dois passos, com as por-

tas já entreabertas, e divisamos o anjo da gloria prompto a cingir com os loiros de Petrarca o viajante cançado, pobre poeta que transformava os espinhos da vida, que lhe laceravam os pés, em rosas de poesia, que iam encantar o publico indifferente.

E bem verdade é! Poetas, como Soares de Passos, não desferem sons harmoniosos na lyra doirada mas desprendem-n'os fazendo vibrar dolorosamente as fibras da lyra do coração. Podêmos applicar ás suas poesias estes dois versos de Musset :

*Les plus désespérés sont les chants les plus beaux,
Et j'en sais d'immortels qui sont de purs sanglots.*

O publico admira as perolas do livro de Soares de Passos, sem se importar que o poeta as fosse procurar, mergulhador sombrio, ao fundo de um oceano de desespero. A bella comparação de Alfredo de Musset é tão pungente quanto verdadeira. O pelicano sae do ninho e vôa a buscar alimento com que sustente a prole; volta sem trazer no bico a provisão desejada; então, triste mas resolute, abre o seio, e deixa que os filhos, famintos e indifferentes, se fartem com o seu proprio coração; assim os grandes poetas saciam de commoções o publico, mas

*Les festins humains qu'ils servent à leurs fêtes
Ressemblent la plupart à ceux des pélicans.*

Em todos os versos de Soares de Passos se sente uma profunda tristeza. A vida nunca teve para

elle risonhos horisontes, e esse espirito celeste vagueava no mundo, aspirando continuamente para a eternidade. Não procurem nos seus versos os gritos do enthusiasmo, excepto quando elle se esquece do mundo social, e contempla embevecido os esplendores do universo. Então sim ! Quando sobe aos pin-caros da contemplação, e embebe os olhos nas maravilhas que a mão do Omnipotente espalhou no espaço, o fogo do enthusiasmo abraza-o, brota do seu peito o hymno da admiração, rasga com mão trémula os véos que escondem os mysterios da natureza, ar-roja-se com um grito sublime a esse abysmo de fulgores, e as estrephes magestosas do *Firmamento* desenrolam-se ante os olhos deslumbrados do leitor, esplendidas na idéa, esplendidas na fôrma, hom-breando na pureza da inspiração com as mais acaba-das *Meditações* de Lamartine, vencendo-as no vigor do pensamento,

Desde o primeiro verso até ao ultimo d'esta admiravel poesia não afrouxa um só momento a ins-piração; não se encontra uma só phrase que destoe da continua elevação d'este verdadeiro hymno enthu-siastico; lendo este trecho, o critico deixa de o ser, para se transformar em simples admirador. Aquella leitura eleva a alma. Pensamento, linguagem, metri-ficação, tem um vigor inexcedivel. Paginas assim es-crevem-se uma vez. Vejam :

*Estrellas, que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos destinos ?*

*Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
Dos seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faíscas do seu carro ardente
Ao rolar através da immensidade!*

O defeito habitual de todos os poetas, que tratam estes assumptos elevados, é o procurarem comparações grandiosas, que são, a maior parte das vezes, falsas, absurdas e affectadas. Notem que não succede isso com Soares de Passos. Ha espontaneidade, ha verdade, ha sublimidade n'esta comparação tão bella e tão natural. Os pastores chaldeus, quando fitavam na immensidade estrellada os olhos deslumbrados, deviam encontrar esse esplendido pensamento na sua opulenta imaginação oriental.

Continuemos. Vejam como o poeta, perdendo-se ao longe no espaço em que não penetra a vista humana, exprime admiravelmente o extasi, que n'elle desperta a contemplação imaginaria d'esses fulgidos abysmos:

*Mas vós perto brilhaes, no fundo accesas,
Do throno soberano:
Quem vos ha de seguir nas profundezas
D'esse infinito oceano?
E quem ha de contar-vos n'essas plagas,
Que os céos ostentam de brilhante alvura,
Lá onde sua mão sostem as vagas
Dos soes que um dia romperão na altura?*

Como n'esta poesia Soares de Passos sabe admiravelmente fechar as estrophes! Como elle sabe ligar perfeitamente a magestade do verso com a magestade da idéa! Que propriedade de expressão!

O ultimo verso sae com uma vehemencia verdadeiramente inspirada. Que vigor que lhe dá este verbo *romperão*, que nos faz sentir, para assim dizer, a instantaneidade do movimento que se ha de operar á voz do Omnipotente! Substituam este verbo por outro qualquer que exprima a mesma idéa, *nasceração* ou *brotarão*, e vejam se a estrophe se fecha com a mesma valentia.

Estas *nuances* tão artisticas não são, coisa notavel! fructo dos ensinos da arte, são o privilegio do genio.

Leiam a seguinte estrophe, onde se nota a mesma belleza no modo como termina.

E tudo outr'ora na mudez jazia,

Nos véos do frio nada:

Reinava a noite escura; a luz do dia

Era em Deus concentrada.

Elle fallou! e as sombras n'um momento

Se dissiparam na amplidão distante!

Elle fallou! e o vasto firmamento

Seu véo de mundos desfraldou ovante!

Voltando a vista para a terra, a qual só lhe parece, da altura a que o poeta se eleva, um atomo perdido no espaço immenso, Soares de Passos falla d'ella como quem tem ainda os olhos deslumbrados

pelo vertiginoso clarão d'esses mundos defesos á mesquinha humanidade. E o homem, ente fragil, particula tenuissima de um grão de areia, invisível infusório perdido n'uma gota de agua, como poderá occupar o pensamento de quem está sondando os mysterios da eternal grandeza? N'este sitio revela-se, mais do que em qualquer outro, o talento de gradações que Soares de Passos possue, o talento do claro-escuro. Como fatigado de tão portentosa viagem, Soares de Passos parece afrouxar nas oitavas em que falla da terra e do homem. Prostrada pela rapidez frenetica com que percorreu o turbilhão dos orbes, a imaginação retoma o folego, e parece baixar o vôo. O pensamento sempre elevado não tem, comtudo, o arrojado das primeiras estrophes; o leitor, arrebatado na atmosphaera de enthusiasmo que circunda o poeta, sente afrouxar o movimento, e vai julgar talvez que está proximo a parar. O que é a terra? Um grão de areia que vòu no turbilhão universal. O que é o homem? Um atomo subtil que dura instantes, e de cujos ossos

Só restam cinzas que sacode o vento.

Os versos continuam fluentes, as imagens sustentam-se correctas e elevadas, mas sem terem a sublimidade original das que o poeta costuma empregar n'esta poesia. Mas n'isto, em que o vulgo julgaria vêr fraqueza da inspiração, revela-se, pelo contrario, o grande talento. Este afrouxar, perdoem-me a trivialidade da comparação, é como o impulso fra-

co que se dá ao baloiço para preparar o movimento que o ha de levar a uma immensa altura. A musa do poeta embala-se lentamente n'aquellas duas estrophes de transição, abre a pouco e pouco as azas que tinha fechado de cançasso, e depois, subito, desprende o vôo, e perde-se de novo nas esferas do sublime.

Ouviram já as *Vesperas Sicilianas* de Verdi? Lembram-se do côro final do terceiro acto, quando o braço de Henrique desvia o punhal, que vibrava sobre o peito de Montfort a mão irritada de Helena? Lembram-se como esse côro começa lento, magestoso, como que suspenso de espanto, de raiva, de medo e de despeito? E a final, depois de dois ou de tres compassos, lembram-se como desperta na orchestra e nas vozes uma torrente de melodia energica, delirante, sublime, como as ondas que se elevam a pouco e pouco, até se despenharem umas sobre as outras, e correrem bramidoras a despedaçarem-se nos rochedos da praia?

Pois assim, n'essa estrophe de Soares de Passos, o enthusiasmo se vai formando a pouco e pouco, até soltar o grito sublime com que termina.

Mas ah! tu pensas, e o girar dos orbes

À razão encadeias;

Tu pensas, e inspirado em Deus te absorbes

Na chamma das idéas:

Alegra-te immortal, que esse alto lume

Não morre em trevas d'um jazigo escasso!

Gloria a Deus, que n'um atomo resume

O pensamento que transcende o espaço!

Isto é admiravel. Apenas quem fôr excessivamente rigoroso lhe póde notar o ter transigido com a rima, escrevendo *absorbes* em vez de *absorves*. Entendo que o poeta teve razão em não se prender com essa insignificancia, que talvez lhe transtornaria a idéa, se elle quizesse procurar outra fôrma de a exprimir. Cito comtudo esta pequena coisa, porque são rarissimas as incorrecções metricas nas poesias de Soares de Passos.

D'aqui por diante precisaria de transcrever toda a poesia, verso a verso, se quizesse fazer sentir aos leitores cada uma das innumerables bellezas que n'ella se contém. Comtudo, não posso resistir á tentação de citar ainda estas duas bellissimas estrophes, em que ha a notar duas notaveis comparações.

Pensando nos mysterios, que o véo do futuro ainda esconde, o poeta exclama dirigindo-se ao globo terrestre :

*Um dia, quem o sabe? um dia ao peso
Dos annos e ruínas,
Tu cairás n'esse vulcão acceso
Que teu sol denomina ;
E teus irmãos tambem, esses planetas,
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos, em fim, quaes borboletas,
Cairão como tu na mesma chamma.*

E mais adiante, seismando no universo do porvir, que já se revolve talvez na mente insondavel de Jehovah, em quanto os soes do universo actual vão,

um a um, desaparecendo da immensidade, o poeta desprende dos labios esta magnifica estrophe :

Gloria a seu nome ! um dia meditando

Outro ceo mais perfeito,

O ceo d'agora a seu altivo mando

Talvez cáia desfeito.

Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,

Qual bando d'aguas na amplidão disperso,

Chocando-se em destroços fumegantes,

Desabarão no fundo do universo.

Esta concisa descripção d'esse pavoroso cataclysmo é de uma belleza pasmosa. Tem uma grande magestade esse quadro atterrador. E aquella comparação com o *bando d'aguas* tem a qualidade que já notámos, na comparação das estrellas com as faiscas do carro do Omnipotente, isto é, o ser naturalissima, sentir-se que não foi procurada com affinco, mas que occorreu espontaneamente á imaginação do poeta.

Quando se acaba de ler uma poesia como esta fica-se prostrado; o espirito fatiga-se da continua tensão em que o poeta o obrigou a estar.

O *Firmamento*, com effeito, é o maior titulo de gloria de Soares de Passos ; bastava que elle escrevesse apenas essa poesia, para que o seu nome ficasse inscripto em letras de oiro nos annaes da nossa moderna litteratura.

Continuemos a considerar o poeta debaixo d'este aspecto philosophico, quando elle, solto da terra, se

enleva na contemplação religiosa; citaremos ainda outras duas poesias, ambas muito notaveis. A primeira é o *Anjo da Humanidade*, a segunda a *Visão do Resgate*.

Soares de Passos, n'estas duas poesias, sae do trilho vulgar. A inspiração religiosa não abala as suas crenças no progresso; fortifica-as. Soares de Passos não se inscreveu na lista dos poetas que, seguindo as pisadas de Lamartine, se debruçam sobre as ruínas dos mosteiros a chorar o passado, e a lastimar que o sopro do progresso derrubasse a estatua da fé que brilhava na fachada d'esse caduco edificio das velhas instituições; nem se inscreveu tambem na lista dos sectarios de Musset, d'esse *filho do seculo*, como elle se intitulava, que entendia que a nova geração não podia conservar o crucifixo a par do caminho de ferro, a crença no christianismo a par da crença no progresso.

Pobres defensores das doutrinas de Jesus, aquelles que suppõem que a fé só se póde basear na ignorancia, e que a humanidade não póde dar um passo sem offender a Deus! Pobres defensores das doutrinas de Jesus, aquelles que, illudidos pela poesia que tem em si todas as ruínas, suppõem que o mosteiro da idade média, acabado de construir, e povoado de frades devassos e ignorantes, seria tão poetico como o convento arruinado e solitario, em cujas arcadas ogivaes, cobertas de hera, perpassa e geme a viração da noite; aquelles que vêem uma epocha através do prisma da distancia, e que nos querem fazer acreditar que a idade média era a epocha das

crenças vivas e puras, quando a historia nos mostra que era essa a epocha, em que a religião do bom Jesus estava completamente desfigurada pelas interpretações supersticiosas e sanguinarias dos que accendiam as fogueiras, onde ardiam albigenses e feiti-ceiros !

E dizem-nos esses poetas *christãos*: «O fumo do caminho de ferro obscureceu a pura atmosphera onde volteava a musa. Foi-se a poesia do mosteiro, a poesia da fé, a poesia do christianismo. O progresso matou-a de envolta com a religião».

Pobres loucos, que não vêem que foi exactamente na epocha dos caminhos de ferro e dos tele-graphos electricos que se comprehendeu pela primeira vez essa poesia do mosteiro, essa poesia das crenças populares, essa poesia do mysticismo. A poesia caminha com o espirito humano, e, á medida que se abrem para este mais vastos horisontes, tambem aquella se desenvolve e accrescenta. Se Lamartine e Chateaubriand evocassem os monges, resuscitassem a sociedade da idade média, e lhes dissessem : «A poesia existia nos vossos mosteiros, nos vossos torneios, nas vossas superstições; nós estamos actualmente n'uma epocha de prosa», elles de certo olhariam espantados para Chateaubriand e Lamartine, tão injustos para consigo mesmos e para com o seu seculo.

Ha pouco tempo teve o mundo o espectaculo de uma lucha lastimavel, e que mais o seria se d'ella não saísse esse livro admiravel de Eugenio Pelletan, que se chama *Le monde marche*. Lamartine, o poeta

das *Meditações*, combatia o progresso e os seus defensores em nome da religião e da poesia. Pelletan respondia-lhe admiravelmente, citando-o a elle mesmo e á pleiade de poetas que se lhe seguiram, como prova do progresso na poesia e na moral religiosa.

Se Pelletan conhecesse o *Anjo da humanidade* e a *Visão do Resgate*, estou certo que se reconciliava para sempre com a poesia metrificada, de que elle, o grande poeta da prosa, é tão caloroso adversario.

O *Anjo da humanidade* é uma poesia magistral, quer a encaremos pelo lado poetico, quer pelo lado philosophico. As oitavas camonianas, de uma correcção pouco vulgar, são das melhores que conheço em portuguez. O estylo sempre elevado e magestoso ! O pensamento sublime ! A metrifcação harmoniosissima !

A poesia abre-se com a descripção do Empyreo. Essa descripção é admiravel, e mais admiravel seria se o poeta não tivesse empregado na construcção da morada do Omnipotente os materiaes terrestres, de que todos os poetas se tem servido, se não tivesse ornado a Jerusalem celeste com columnas de diamante, com pedrarias e harpas de oiro. Bem sei que uma descripção em que não se empregasse este systema, seria ou difficilima ou incomprehensivel. Mas isso não me impede de considerar como a parte melhor da descripção a que se resume na seguinte estrophe :

*Na parte mais recondita e profunda
A Essencia divinal seu throno encerra,*

*D'onde a fonte d'amor brota fecunda,
Os orbes animando, o céu e a terra;
Um mar de luz séus penetraes circunda,
Que o proprio archanjo deslumbraado aterra,
Luz que em triangulo ardente se condensa
Quando o Eterno os oraculos dispensa.*

O anjo, a quem Deus confiou os destinos da humanidade, apparece subitamente na divina estancia. Vem narrar ao Omnipotente o modo como tem cumprido os seus mandados, e perguntar-lhe para onde ha de guiar os passos dos humanos, em quem os continuos males que os cercam, as trevas que os rodeiam, inspiram o mais profundo desalento. Conta os estadios immensos já percorridos no caminho do progresso, em versos dignos do assumpto:

*« Quantos velhos sophismas desterrados!
Quantos idolos falsos em ruinas!
Quantos sabios triumphos alcançados!
Quantas conquistas, immortaes, divinas!
Calcando o pó dos seculos passados,
O homem corre ao fim que lhe destinás;
Mas ah! Senhor, no meio da tormenta,
Seu valor esmorece e desalenta.*

*« Seu valor esmorece! tantas lidas,
Tanto lutar continuo das idades,
Tanto sangue e martyrios, tantas vidas,
Tantas ruinas d'imperios e cidades:
E o homem soffre, e as gerações perdidas*

*Se revolvem n'um mar de tempestades,
Sem vêr luzir esse fanal jucundo
Que por teu Filho promettaste ao mundo.»*

Aqui ha uma verdadeira elevação philosophica, elevação perfeitamente coroada pelas duas oitavas finais :

*Disse, e um gemido d'afflicção pungente
Semilhante a dulcissima harmonia,
Soltou do peito, reclinando a frente
Com meiga e celestial melancolia;
Assim pendendo ao longe, no occidente.
Se reclina saudoso o astro do dia;
Assim reclina a pallida açucena,
No collo, a fronte candida e serena.*

*Depois continuando: «Ó Deus, quem ha de
Sondar mysterios que teu seio esconde?
Tuas leis divinaes, tua vontade
Cumprirei sobre a terra. Eia responde:
Os passos da mesquinha humanidade
Aonde os levarei, Senhor, aonde?»
Uma voz retumbou no céu radiante,
Que ao anjo respondeu, dizendo:—ÁVANTE!*

Ó poetas, vós em cujo seio reside a divina inspiração, vós que formaes em todas as nações a phalange escolhida dos cultores do bom, do bello e do grandioso, por que não haveis de seguir o exemplo de Soares de Passos, e de animar com os vossos can-

ticos a marcha da humanidade, em vez de a desalentar com as vossas elegias de saudades? Por que haveis de procurar só no passado a musa das ruínas, e não haveis de saudar também a musa radiante do futuro? Não sabeis o mal que produzem no animo das turbas essas constantes apotheoses de tudo o que passou. Ha incontestavelmente uma grande poesia nas ruínas das cathedraes góthicas e no mundo da idade média, visto através dos seculos; mas ficai certos também que o silvo da locomotiva não abafa a voz da musa, e que o desenvolvimento do espirito humano não prejudica em nada o desenvolvimento do sentimento do bello, sentimento que é a cadeia que vos põe em communicação, ó poetas, com o espirito das multidões.

Passaremos mais ligeiramente pela *Visão do resgate*, não porque essa poesia não tenha também um grande merito, mas porque, sendo muito extensa, não permite que se faça d'ella uma analyse circunstanciada n'um estudo rapido, como este é.

Comtudo não podemos deixar de advertir que esta poesia (a qual, digamol-o entre parenthesis, é dedicada a um grande poeta, digno da dedicatória, o sr. Alexandre Braga), é talvez, é de certo aquella em que se revela mais distinctamente essa feição característica das poesias philosophicas de Soares de Passos, isto é, a apotheose do progresso.

A *Visão do resgate* é bastante extensa, e com tudo o poeta soube conservar, e sempre admiravelmente, o estylo apocalyptico em que a escreveu. A idéa d'esse poema, em que se nota uma extremada

correcção na parte metrica, e em que Soares de Passos provou forças, com exito feliz, em differentes generos de metrificacção, é uma idéa muito notavel.

Arrastado pelo espirito prophetico, o poeta achou-se junto de um grande mar sombrio, de cujas ondas revoltas sahiam gemidos sepulchraes. Esse mar era um mar de nações que se agitavam na miseria, no desalento, na impiedade, subjugados pelo anjo da tyrannia, fatal emissario do anjo maldito, a cujas plantas elle ia levar, como tributo, a urna *das lagrimas crueis que o mundo chora*.

E, diz o poeta,

*E eu cedi ao vaivem de minhas magoas,
Como ao sópro do vento a fragil hera,
Té que uma voz, como a das grandes agoas,
De minhas penas adoçando as frágoas,
Me bradou aos ouvidos : — crê e espera !*

*E subito uma aurora,
Serena, refulgente,
Das trevas do oriente
Desfez os negros véos;
Lavrou, como um incendio,
Nas sombras horrorosas,
E alfim cobriu de rosas
A cupula dos céos.*

*E um astro despontando
Na franja do horisonte,*

*Alçou a meiga fronte
Coberta d'aurea luz;
Sobre elle campeando,
Cercada d'alta gloria,
Promessa da victoria,
Brilhava a eterna cruz.*



Nas azas da aragem passou o espirito de Deus; tremou o throno do mau anjo, e as ondas das nações ergueram-se attrahidas pelo astro sublime, como se erguem as ondas dos mares, attrahidas pela argentea lua. E dois archanjos luminosos desceram armados de espadas chammejantes, e appellidaram ao combate as multidões alvoroçadas. Quem eram esses dois archanjos que vinham destruir o reinado de Satanaz? Eram — idéa sublime e benefica do poeta — o archanjo do christianismo e o archanjo da liberdade.

Abençoado espirito que assim rasgaste naturalmente, e em versos admiraveis, essa monstruosa alliança da religião com a tyrannia, alliança horrida e nefanda, que se realisou em pleno seculo XIX com o titulo de ultramontanismo, d'essa vibora que dardejia a lingua bipartida contra todas as aspirações nobres, e generosas da humanidade!

Demoremo-nos ainda com a feição contemplativa do poeta, antes de o estudarmos pelo lado do sentimento.

Vejámos o *Bussaco*, pequena poesia, em que temos a notar a propriedade da metrificacão escolhida, e o enthusiasmo que se respira em cada verso. Escuso de fazer sentir aos leitores a qualidade que

tanto distingue. Soares de Passos, isto é, a correcção das estrophes, e o cuidado em não soltar as poesias ao vento da publicidade senão depois de estarem completamente acabadas. O quanto o poeta sentiu bem a immensa poesia do Bussaco, póde o leitor avaliar pelas seguintes oitavas, em que elle, depois de ter admirado a montanha, illuminada pelos raios do sol nascente, suppõe a magestosa belleza que teria quando pairassem sobre ella as azas de fogo do genio da tempestade.

*Mas quanto mais esplendida
Serás, quando a tormenta
Sublime, rugidora,
Em teu regaço cae!
Quando de mil relampagos
Teu cume se apresenta
C'roado, como outr'ora
O fulgido Sinai!*

*Quando os tufões indomitos,
Rugindo nas escarpas,
Se abraçam ás torrentes
Com horrido fragor!
Depois em negro vortice,
Desferem nas mil harpas
De teus cedros ingentes
Um cantico ao Senhor!*

Que magestade, n'esta descripção! Sente-se aqui o pulso vigoroso do cantor do *Firmamento*.

Soares de Passos não se deixa enlevar unicamente pelas bellezas da paizagem. Admira a magestade do Bussaco, sente-a como poeta, e descreve-a como artista; mas o meditador não perde os seus direitos, e a reflexão philosophica não é prejudicada. Perante o aspecto sublime e immortal das obras de Deus, Soares de Passos scisma nas vaidades dos homens, e no seu character essencialmente transitorio. Alli, n'essa mesma serra, cuja face rugosa affronta impavida os tempos, travou-se uma das luctas homericas do principio d'este seculo. E diz Soares de Passos :

*Tudo passou : sumiram-se
Vencidos, vencedores;
Té mesmo do gigante
Soou a hora fatal:
Só tu, sorrindo impávido
Ao tempo e seus furores,
Inda ergues arrogante
Teu vulto colossal.*

Foi facil este estudo; foi agradavel para quem o escrevia, em quanto teve que analysar simplesmente o poeta, abstrahindo do homem, em quanto seguiu o cantor do *Firmamento* e do *Bussaco* ás esphearas da contemplação; mas agora que temos de seguir o homem pela estrada espinhosa da vida, agora que, ao estudar cada estrophe, havemos de sentir estalar uma fibra do coração do poeta, agora a nossa tarefa torna-se mais difficil; é mais doloroso o pe-

regrinar por este jardim, cujas flores são todas regadas com lagrimas, cujas rosas tem as pétalas nacaradas, porque as tingiu o sangue das feridas do coração; jardim tão viçoso, porque cada flor d'alma, que o tufão das desillusões crestava, fazia brotar n'esses canteiros, que nos enamoram os olhos, uma flor deliciosa de poesia.

Soares de Passos não podia viver muito tempo. Organisações, como a sua, não resistem ao embate do mundo. As suas poesias são, para assim dizer, os marcos milliaris que ia plantando no caminho da sepultura. Quando entrou na vida, viu, como todos os poetas de coração, uma encantadora miragem, que o enlevou e o attrahiu. Correu para ella. Como o não faria, se elle divisava palacios magicos povoados de illusões, jardins encantados onde chilreavam mil sonhos amorosos! Mas, ao dar o primeiro passo, desfez-se o engano, e o cantor resvalou no precipicio, no fundo do qual se abria a sepultura. Foi lento o seu cahir, lento e angustioso! Os palacios que entrevia, todos resplendentes de oiro e azul, transformavam-se em rochedos asperos e nús, cujas pontas lhe rasgavam o coração. E os gritos de dor, que soltava, transformavam-se n'esses canticos que todos admiram, sublime legado de um martyr á posteridade.

Não ha que analysar n'essas poesias, nem é possível fazel-o. As lagrimas embargariam a voz, tanta é a inimitavel simplicidade d'esses hymnos plangentes que fallam ao coração, porque do coração partiram. Esse segredo de enternecer, que Soares de Passos possue, não o dá a arte, nem a arte o póde

analysar. Sente-se a admiração, e não se exprime, porque não ha maior elogio do que o pranto que vem molhar involuntariamente as palpebras. Em todas ellas se respira um vago presentimento da morte proxima, um desalento resignado, porque o animo do homem é sustentado pela esperança do christão. A morte não tem para elle nada de aterrador, porque o tumulto é a porta do jardim de eternas delicias, onde ha de encontrar a realisação de todos os seus sonhos, realisação que debalde procurou na terra. Não teme a hora do passamento, e, se lhe perguntarem por que encara tão resignadamente, quasi alegremente, a approximação d'essa hora tão temida pelo vulgo, responderá de certo, citando, com voz triste e serena, estes bellos versos de Victor Hugo :

*C'est que la mort n'est pas ce que la foule en pense,
C'est l'instant où notre âme obtient sa récompense,
Où le fils exilé rentre au sein paternel.
Quand nous penchons près d'elle une oreille inquiète
La voix du trépassé, que nous croyons muette,
A commencé l'hymne éternel.*

Sente-se em todas as poesias de Soares de Passos essa vaga e suave tristeza que tem a sua origem não no desespero, mas na melancolia. A dor do poeta não corre desgrehada e envolta em lucto; mas composta, serena e envolta na candida tunica, empunha a lyra christã, e, desferindo os seus canticos, deixa correr doces lagrimas, suavizadas por um sorriso. É a tristeza do crepusculo. E a vida de Soa-

res de Passos não foi senão um longo crepusculo. O sol da sua mocidade, apenas rompeu, foi logo declinar para o occidente, e alli se conservou alguns annos, illuminando a alma do poeta com a sua tibia e melancolica luz.

Nas poesias amorosas não se sente o ardor febril dos sentidos, respira-se esse idealismo de Lamartine, mais verdadeiramente triste talvez, porque é mais singelo. Leiam o *Amor e Eternidade*. Passeiando com a donzella, que estremece, no cemiterio, o poeta quasi que inveja a sorte dos dois amantes que jazem reunidos sob o mesmo cypreste nas duas campas visinhas. É essa a idéa de Lamartine, quando, descrevendo no *Raphael* o passeio sobre o lago, deseja que as ondas o traguem n'aquelle instante de suprema ventura. Mas alli o pensamento é expresso em phrases tão adocicadas, é tão diluido em lagrimas, que (perdõem-me esta blasphemia os admiradores do grande poeta francez) o leitor, admirando as grandes qualidades do estilista, não cae no extase melancolico que lhe inspiram os seguintes e magnificos versos de Soares de Passos:

Vês estas sepulturas?

Aqui cinzas escuras,

Sem vida, sem vigor, jazem agora;

Mas esse ardor, que as animou outr'ora,

Voou, nas azas d'immortal aurora,

A regiões mais puras.

Não ! a chamma, que o peito ao peito envia,

Não morre extincta no funereo gelo,

*O coração é immenso : a tumba fria
É pequena de mais para contê-lo.
Nada receies pois; a campa encerra
Um breve espaço e uma breve idade;
E o amor tem por patria o céu e a terra,
Por vida a eternidade.*

Sempre, sempre o presentimento fatal ! N'aquelles hymnos suavissimos sentimos, para assim dizer, o ruido dos passos do anjo da morte, cada vez mais proximos, cada vez mais distinctos. Desde o *Outono* até á *Partida* vae-se cada vez cerrando mais o lugubre véo que lhe havia de ennoitecer a existencia. Na primeira d'essas poesias ainda tem uma esperanza, ainda suppõe que a vida se pôde transformar para elle em jardim florido. Nos troncos despojados pelo outono não faz brotar a primavera novas galas ?

*Animo pois ! e se acaso
Nosso destino inclemente,
Em vez de jardim florente,
Nos aponta o mausoléo;
Se a primavera do mundo
Já morreu, já não se alcança,
Tenhamos inda esperanza
Na primavera do céu !*

No *Desengano* já não luz esse raio de sol ; o poeta infeliz já crê na fatalidade, e relanceando os olhos para o seu passado medonho, percebe que o futuro não ha de ser mais esplendido.

*Pobre seio que ardente pulsaste,
Embalado por falsas venturas;
O fanal que na terra procuras,
Sobre a terra jámais acharás :
Não ha seio que entenda no mundo
Esse ardor de teus vagos anhelos;
Não ha luz, que em seus raios mais bellos
Não te esconda uma sombra fallaz.*

Desesperando da vida terrena, o poeta volta os olhos para a vida celestial; mas um resto da amargura, que lhe inspirou a contemplação das tristezas da existencia, acompanha-o ainda na contemplação da eternidade. O christão duvida por instantes, e a sua fé, tão calorosa, é resfriada um pouco pelos gélos, não do scepticismo, porém de uma hesitação pungente. É o que faz que elle exclame :

*Mas quem sabe da morte? o ouvido attento
No silencio das campas nada escuta;
E Socrates não diz, se um novo alento
Achou bebendo a gélida cicuta.*

Na poesia *Tristeza* já se não sente nem a vaga esperança do *Outono*, nem essa especie de revolta contra o inexoravel decreto da Providencia que lhe apaga a chamma da vida, quando apenas lhe tinha brotado no seio, e que, até' durante os poucos momentos que brilhou, a teve sempre vacillante soltando contra ella todos os vendavaes da adversidade. Na poesia que mencionei, o poeta não tem já um

presentimento, tem a certeza da sua morte proxima; resigna-se, e alegra-se, agora que a sua fé está completamente robustecida, de que chegasse o momento de despedaçar o involucro terreno. Vendo o inverno sacudir sobre a natureza o seu manto de tristezas, o poeta brada :

*Té mesmo em meu peito vacilla agitada
A chamma da vida, perdendo o calor :
Meus dias declinam, qual luz desmaiada
Que doira as montanhas com tibio fulgor.*

E mais adiante :

*Temendo os rigores do outono visinho,
As aves adejam buscando outros céos :
Tu és, ó minha alma, qual ave sem ninho,
Procura outros climas, rasgando os teus véos !*

Esta quadra, que fecha a poesia, é de uma simplicidade tocante. Que suave e deliciosa melancolia! Podem-se applicar a Soares de Passos as sentidas palavras de D. Pedro v: *Era um coração para a terra, e um espirito para o céu.*

A *Partida* é o ultimo suspiro do poeta, é o adeus á vida, em que a esperança não apparece já, senão como consolação mentirosa para a pessoa de quem se despedia.

*Mas se as flores do campo voltarem,
Sem que eu volte co'as flores da vida,*

*Chora aquelle que em tumba esquecida:
Dorme ao longe o seu longo dormir.*

E não voltou com effeito. Veiu de novo a primavera com o seu regaço de flores e de verduras, mas não voltou a primavera da vida do poeta. Os gélos do inverno crestaram a flor já pendida para o tumulto, e, quando voltou o sopro vivificador, encontrou-lhe as pétalas dispersas pela aragem da morte. No dia 8 de fevereiro de 1860, se a memoria me não falha, o pobre poeta expirou nos braços da sua familia. A chamma da existencia não se lhe apagou de repente, extinguiu-se como a da lampada a quem falta o oleo que a alimenta. A nau, combatida da tempestade, entrára a final no porto da sepultura. Só alli encontrou bonança.

Aqui tem os leitores o esboço d'esse grande vulto da litteratura portugueza. São poucas as poesias que nos legou, mas valem mais do que a immensa bagagem de outros, que não serve senão para os afundar mais depressa no oceano do esquecimento.

As suas qualidades mais notaveis são a singeleza na linguagem casando-se com uma notavel elevação no estylo, a sensibilidade desaffectedada, e a correcção metrica. As suas imagens, como já fiz notar, são grandiosas, mas tão espontaneas, que se sente que essas, e só essas, lhe poderiam occorrer no ardor da inspiração. Não armava ao effeito, procurando, como infelizmente estão fazendo actualmente escriptores de grande merito, imagens de espanto, que saem sempre falsas e gongoricas. Tambem não

podemos deixar de apontar como modelo aos escriptores d'essa escola, a simplicidade desaffectedada mas nobre das locuções de Soares de Passos. Este notabilissimo escriptor tinha, além dos seus grandes dotes poeticos, um gosto apuradissimo e muito cultivado.

Soares de Passos, como poeta, era só um pouco infeliz quando tratava estes assumptos de convenção que quasi todos os poetas tentam. O seu genio levava-o sempre para fóra dos trilhos vulgares. Quando o escriptor portuense o queria forçar a entrar n'elles, entrava, mas constrangido. Como prova d'esta verdade leiam *O Escravo*, *O Canto do livre*, *Catão*, *Ultimos momentos de Albuquerque*, *Ao Porto*, *A um theatro academico*. Soares de Passos não se enthusiasmava com as glorias terrenas; se elle preferia vêr o reverso da medalha, o nada das vaidades ! Por isso, nas poesias que citei, sente-se o talento, mas não se sente a inspiração. É notavel o haver uma fórmula metrica para onde Soares de Passos atirava de preferencia as suas composições secundarias. É a das oitavas em versos de sete syllabas, rimando o primeiro com o terceiro, o segundo com o quarto e com o oitavo, o quinto, o sexto e o setimo entre si. É a metrificação do *Escravo*, do *Canto do livre*, dos *Ultimos momentos de Albuquerque*, e da *Poesia ao Porto*. Esta ultima foi tirada pelo talentoso poeta da segunda edição das suas obras.

Escreveriamos ainda outro tanto se quizessemos citar as bellissimas poesias, que ainda nos restavam a analysar. Não o faremos; apontaremos simples-

mente ao leitor, como admiravel de elevação, a poesia *A Camões*, onde se lê esta sublime estrophe :

*Oh ! quem me déra d'esse leito á beira
Sondar teu grande espirito n'essa hora,
Por saber, quando a mágoa nos devora,
Que dór póde conter um peito humano;
Palpar teu seio, e n'esse curto espaço
Sentir a immensidade do tormento,
Combatendo-te n'alma, como o vento
Nas ondas do Oceano !*

E a poesia *Infancia e Morte*, de uma sensibilidade tão singela e tocante ! Que ingenuidade tão sentida nas queixas da pobre innocente, julgando que póde despertar a mãe do somno da morte, e fazel-a erguer do leito sepulchral.

*A nossa janella não mais foi aberta,
O fogo apagou-se na cinza do lar,
As pombas são tristes, a casa deserta,
E as flores da virgem se vão a murchar.*

E mais adiante, lembrando-se das historias que sua mãe lhe contava :

*A d'hontem foi triste, pois triste fallavas
De vida e de morte, d'um mundo melhor;
E o rosto cobrias, e muda choravas,
Lançando teus braços de mim ao redor.*

Quando o poeta attinge esta simplicidade, tocou as raias do sublime, aonde nunca chegam aquelles que fazem immensos esforços para o conseguir.

E o *Noivado do sepulchro!* e a *Rosa branca!* e os *Anhelos!* *Agar!* *A ti!* Tudo isto são perolas mimosissimas, tudo flores eternas da corôa immarcescível do poeta.

Termino este rapido estudo, invocando ainda os reis da critica, para que colloquem Soares de Passos no logar que lhe pertence.



J. G. LORATO PIRES

III

É doloroso vêr desaparecerem do mundo, levados pelo turbilhão da morte, homens a quem a gloria acenava de longe, risonha, tentadora, com o regaço cheio de loiros, com o sorriso cheio de promessas, com o olhar cheio de triumphos, ou d'aquelles a quem já tinha aberto os braços, em cuja frente já tinha poisado o primeiro osculo, osculo de Judas, como são todos os da gloria, porque, se ao delirio, que elles causam nos que se julgam tão felizes em os receber, não succede o despenharem-se immediatamente no sorvedoiro do tumulto, succede pelo menos o afflictivo pungir da corôa de espinhos, em que logo se transforma a grinalda de rosas, que de longe lhes sorria como encantada miragem, para conquistarem a qual nem repararam nas agruras do caminho, nas asperezas da estrada, e que se mudou, mal a poisaram na frente, no pungente diadema, cujos florões são as invejas, as malquerenças, os odios mesquinhos, as calumnias, que não descansam em quanto não rasgam bem essas frentes que commet-

teram o insupportavel crime de se elevarem acima do vulgo, e de resplandecerem com a luz immorre-doirá do talento.

É talvez mais feliz a sorte d'aquelles que nós julgamos desgraçados! Talvez seja de invejar o destino dos que tocaram apenas com os labios na taça doirada da gloria, e que, se não saborearam amplamente as delicias d'esse inebriante licor, tambem não chegaram a sentir o travo com que o mundo imparcial costuma compensar as doçuras. Nós os egoistas, nós os que contemplamos de longe a orbita luminosa d'esses astros litterarios, pranteamos o seu desaparecer subito, no momento em que esperavamos que elles nos deslumbrassem com o seu immenso fulgor. Chamamos ao anjo da morte o anjo despi-doso, quando elle é, talvez, o anjo mais compassivo de todos os que formam as phalanges seraphicas do empyreo! Pensamos que os seus braços se erguem pavorosos, armados com o gladio terrivel, para decepar as vidas que nos são mais caras, quando elles se abrem talvez, pelo contrario, affectuosos como os de mãe extremosa que chama o filho querido para lhe dar no seio um abrigo contra as tempestades do mundo. O poeta assimilha-se a um homem que caminha no deserto com a fronte cercada de uma esplendida auréola. Nós vemos caminhar na pura atmosphaera aquella tranquilla e serena luz, mas não sabemos quanto soffre o pobre viajante, haste, açoi-tada pelo vento, da fulgida flor, cujo brilho nos encanta. Não sabemos os tormentos que soffre para conservar sempre firme e erecta a fronte resplande-

*

cente. Não sabemos que cada passo é um martyrio, e que o risonho panorama dos applausos, com que nós julgamos alliviar o soffrimento d'aquelle caminhar incessante, transforma-se em miragem illusoria, deslumbrante oásis que elle vê de longe, e que a inveja tem o cuidado de fazer desaparecer sob montes de areia, quando elle se aproxima e julga descançar a final. E não será, por conseguinte, uma verdadeira felicidade encontrar um oásis menos tentador de certo, pavoroso até, mas que sorri, como um Eden de delicias, ao viajante fatigado e desgostoso? E sabeis como se chama esse oásis? Chama-se sepulchro.

E nós, que nos penalizamos por vêr parar essa luz caminhante, e poisar nos ramos do cypreste funerario, não podemos comprehender a alegria do pobre romeiro, que se delicia por vêr terminada a sua peregrinação!

Oh! mas se, apesar d'esse pensamento, nos não podemos consolar com a prematura desapareição d'esses genios que nos encantavam; se não nos podemos afazer á idéa de nunca mais ouvirmos esses hymnos inspirados, embora o soffrimento os arrancasse do seio do poeta; se sentimos um immenso pesar ao vêr apagar-se a auréola com o apagar da vida... que será quando a luz se extingue sem se extinguir o martyrio, redobrando-se, pelo contrario, accrescentando-se com todos os requintes da loucura?

To die, to sleep! Morrer, dormir! E quem sabe se esse dormir tem sonhos? Quem sabe se o corpo que descança sob a loisa do sepulchro não es-

tremece de jubilo ao escutar o concerto de louvores, que sussurra o cyprestal, sem que se lhe misturem já as notas agudas do silvar d'essa serpente que se chama a inveja ! Mas morrer e ficar desperto ! Deixar cair o facho luminoso das mãos desalentadas, e continuar a horrorosa peregrinação ! Descer das eminencias do genio aos subterraneos da loucura ! Não deixar escorregar das mãos a taça do mel e do fel, para ir baquear, sorrindo, no sepulchro; tê-la sempre junta aos labios, percebendo que se dissipa a doçura e se conserva o amargor ! Desfolharem-se as rosas da grinalda, e ficarem só os espinhos ! peor ainda, por cada pétala que se desprende, brotar um espinho novo ! Ha morte peor do que essa ? Ha espectáculo mais pungente ?

Foi facil a nossa tarefa, em quanto tratámos de dois poetas para quem já começou a posteridade, em quanto podêmos fallar em voz alta, sem receio de acordarmos, no peito enregelado d'aquelles cujo panegyrico faziamos, alguma fibra dolorosa. Não commettiamos profanação alguma, indo erguer a campa que abrigava os dois finados, para poisarmos timidamente, nas suas fronte de espectros, a humilde grinalda que lhes teceramos. Mas agora !...

É triste approximarmo-nos cautelosos d'um vulto cheio de vida, para lhe cingirmos a fronte com esta corôa de loiros cujo peso não sente ! É triste inscrever este epitaphio litterario n'um tumulo vasio, e fazer as exequias do poeta antes de fazer as do homem ! E não seria horroroso, se ainda existisse uma fibra sensivel no meio das fibras despedaçadas d'a-

quella alma, fazer-lhe ouvir o seu proprio *Requiem*, e fazel-o escutar o seu elogio funebre?

Infelizmente não temos que receiar. Lobato Pires sobrevive a si mesmo! Apagou-se a luz d'aquella intelligencia tão viva! Apagou-a o vento da loucura, e não o vendaval da morte; não o temporal que despedaça a lampada e apaga, com um sopro, a chamma que dentro d'ella se abriga, mas a tenue brisa, que se infiltra subtilmente, que a faz vacillar, ondular, lançar clarões mais vivos, até a extinguir finalmente, conservando intacto o involucro material!

Se ainda, o que nós desejámos ardentemente, tornar a brilhar a luz extincta, se Lobato Pires renascer, cremos que não será tida como profanação a sincera homenagem que rendemos ao seu immenso talento! Nunca é cedo de mais para se pagar ao genio o tributo devido. Não esperemos que morra de todo a esperanza de o vêrmos de novo entre nós, para mostrarmos as razões que tem a nossa litteratura de deplorar a sua perda, ou de se regozijar com a sua resurreição.

Entremos no assumpto.

Permitta-nos o leitor que lhe façamos sentir a differença notavel que existe entre os modos como se manifestaram os talentos dos tres poetas, de que nos occupamos n'este estudo, poetas que estão ligados entre si pela dupla cadeia do infortunio e do genio, mas que differem immensamente pelas tendencias do seu espirito, e pelo logar que o publico lhes concedeu na escala das suas admirações. Com effeito, Luiz Corrêa Caldeira passou como um meteoro, des-

luminando os poucos que poderam contemplal-o durante os curtos momentos da sua curtíssima apparição, mas não deixando o minimo rasto no espirito do publico, que nem tempo teve para o conhecer, e para o apreciar, e que, sendo tão preguiçoso em dar fôros de celebridade aos talentos incontestaveis, que vem por si mesmos apresentar-se-lhe, muito menos teria paciencia para andar a esmerilhar, na volumosa collecção dos periodicos litterarios do tempo da epidemia periodiqueiro-versejadora, os documentos do genio balbuciante, ainda que esplendido, do auctor da *Voz do Oceano*. Soares de Passos brilhou durante muito tempo, astro de provincia, n'uma limitada roda, e a sua fama não transpoz as fronteiras da sua terra natal em quanto a morte não veio consagrar, com a lugubre grinalda, a fronte que o genio cingira com o seu diadema esplendido. A apothéose começou, como de costume, no dia em que findára a existencia do homem. Todos lastimaram a perda d'aquella robusta intelligencia, em que nunca tinham reparado, e, antes de inscrever o seu nome no rol dos grandes homens, tiveram todo o cuidado de verificar se estava devêras riscado do rol dos vivos. Depois, passado esse momento de enthusiasmo, voltou a indifferença, e hoje poucos são os que se lembram ainda d'esse grande talento. O immenso esplendor d'aquelle nome durou instantes, e depois sumiu-se de novo nas trevas do olvido. Com Lobato Pires deu-se um facto completamente differente. Nem teve a existencia litteraria obscura. (em relação ao seu merito) de Corrêa Caldeira, nem teve em torno

do seu nome o fervor do enthusiasmo passageiro, que rodeiou o vulto de Soares de Passos. A reputação de Lobato Pires fez-se a pouco e pouco. O publico foi seguindo com um certo interesse as transformações e o progresso do seu talento. Depois, e quando este começava a dar fructos opimos, veio prostral-o o tufão da desventura. A porta entre-aberta do templo da gloria cerrou-se de novo com fragor, e os que se apromptavam a lançar mão dos thuribulos para incensar o novo idolo litterario, deixaram-os cair com indifferença, e nem mais se lembraram dos titulos que o auctor da *Humanidade* tinha á admiração do publico, nem do grande talento que o poeta revelára, nem da victoria indubitavel que alcançaria, se uma circumstancia fatal não viesse interromper a lucta que empreendêra para alcançar um logar de honra no Pantheon dos poetas portuguezes. *Vae victis*, n'este caso, é a divisa do publico. Conquistaria de certo, mas não conquistou. Esqueça-se pois, e nem mesmo merece a pena fazer-lhe as honras que se devem, no dizer de Napoleão, *au courage malheureux*.

E comtudo havia a certeza de que Lobato Pires não pararia na eminencia, já bastante elevada, a que tinha chegado, e que continuaria a subir, a subir infatigavelmente, porque estava em todo o viço da imaginação (e que opulenta imaginação que elle possuia!), e porque uma das mais notaveis qualidades do seu talento era o aperfeiçoamento continuo, incessante e rapido, atterradoramente rapido.

Como elle entrou muito cedo na carreira jorna-

listica, como elle viveu no tempo em que a febre da publicidade se tinha apoderado de todas as organizações mais ou menos poeticas, pôde o publico segui-lo nas differentes peripecias da sua vida litteraria. O publico assistiu á elaboração d'aquelle talento. Seguiu passo a passo a transformação da chrysalida na borboleta. Pôde sorrir-se lendo as primeiras composições de Lobato Pires, e presentindo uma vocação embaraçada, ainda, nas faixas da infancia poetica. Viu a lucta do talento asphyxiado pela atmosphera da pieguice, em que se deliciavam aquelles a quem o abbade d'Almoster daria, de certo, licença para chafurdarem junto do Parnaso, no

..... turvo lago
*Aonde em rãs existem transformados
Os trovistas de cascos esquentados,
Cerebro frouxo, e de miolo vago.*

Depois viu-o a pouco e pouco quebrar as peias que o prendiam, ensaiar as azas n'um vôo ainda incerto, abalançar-se a mais, erguer vôo mais alto, e, a final, fitar o sol com ousadia, e remontar-se com as aguias, suas irmãs, ás espheras da sublime inspiração, que lhe dictou os carmes arrojados do *Universo* e da *Humanidade*!

Foi então que o fogo da loucura lhe crestou as azas, fazendo-o baquear n'esse pelago tenebroso, onde se sumiu tambem o gracioso espirito de Lopes de Mendonça.

Não devemos considerar como prova de falta de

consciência a publicação das tentativas informes que precedem sempre as obras primas dos grandes talentos. Se lermos com atenção essas insignificancias, que tem um logar obrigado no principio da carreira de um escriptor, havemos de encontrar n'ellas, mais ou menos occulta, a marca do genio. Não julguem que um grande poeta nasça com o gosto formado, e que, depois de ter escripto uma d'essas tentativas, que nos fazem sorrir, conheça o pouco valor da sua obra, e a rasgue para começar outra mais perfeita, e assim successivamente, até chegar a produzir uma que realise o ideal que tem no espirito. Não: os grandes poetas são, n'este ponto, como os simples mortaes. Estão intimamente convencidos que fizeram uma obra prima, e só quando traçam outra composição mais acabada, reconhecem o pouco merito da antecedente. Não se imagina quanto mudam os pontos de vista na vida de um escriptor. É uma transformação insensivel, mas incessante. Sorri-se o poeta, ao acabar de escrever uns versos, da satisfação intima, do orgulho que sentiu quando fez outra composição immensamente inferior, o que o não impede de sentir de novo o mesmo orgulho, que d'ahi a tempos novamente o fará sorrir. E assim vai succedendo até que terminem as hesitações, os *tâtonnements* do principiante, e que o talento do escriptor se manifeste a final desassombradamente.

Diz Balzac que o homem de letras precisa forçosamente de varrer da cabeça um montão de tolices, antes de principiar a escrever coisas com geito. Segundo a opinião do escriptor francez, o talento lit-

terario é um movel de polimento coberto de lixo, que se deve sacudir bem, para que appareça em todo o seu esplendor. Tem o publico, por conseguinte, de acceitar a missão preliminar de carroça municipal, onde o escriptor vase os resultados do espanejar do cerebro, se quizer admirar finalmente as producções de um talento notavel. Balzac, só á sua parte, impingiu ao publico quarenta volumes de lixo, antes que lhe dêsse a *Comedia humana*, onde se revela o genio, que, seja qual fôr a antipathia que eu lhe consagre, não posso deixar de reconhecer e admirar. Esses quarenta volumes são aquelles a que elle deu o titulo de *Œuvres de jeunesse*, e que tinham sido publicados com os pseudonymes de Horacio de Saint-Aubin, de lord Rhôme, do conde de Villerglé, etc.

O *Han d'Islandia* é o lixo de Victor Hugo; a *Merope*, o de Garrett; a *Precaução*, o de Fennimore Cooper; e quanto lixo não despejaria Walter Scott no seu quintal, para ter o gosto de mimosear logo da primeira vez o publico com essa obra prima que se chama *Waverley*. Lamartine tem a franqueza de confessar que queimou o seu, que assim mesmo daria uma boa carrada, porque constava de tres volumes de poesias classicas, e de umas poucas de tragedias.

Já vêem por conseguinte que, depois de vultos tão auctorisados, não era muito que Lobato Pires se dêsse tambem ao prazer de contribuir com o seu barril para encher as carroças que o publico supportou muito tempo, disfarçadas com o nome de semanarios litterarios. Collegas tinha elle cuja vocação

principal era e devia ser sempre a do lixo, e que, por mais que espanjem a cabeça, não foram ainda capazes de tirar de lá outra coisa.

Comtudo, como já disse, o talento revelava-se, e o publico applaudia. Se muitas composições d'esse tempo fariam hoje sorrir o seu auctor (se nos seus labios podesse voltear outro sorriso que não fosse o descorado sorriso da loucura) a *Judith* e as *Taboas da lei*, por exemplo, haviam de o encher ainda de um justo orgulho.

Se Lobato Pires não mostrasse nas suas poesias capitaes (que são a meu vêr: *Á borda do Oceano*, *O Universo*, e a *Humanidade*) que o seu talento era para mais elevadas empresas, poderíamos cital-o como um poeta distincto nos estafados generos da oriental, da poesia mystica, e n'esse genero a que Garrett não achou outro nome que dar senão o de genero *piégas*, e que um dos nossos melhores espiritos, e um dos nossos melhores conversadores, Thomaz de Carvalho, classificou concisamente chamando-lhe *funebre cantochão de miserias individuaes*. As poesias de Lobato Pires, publicadas em grande parte no *Archivo Universal*, são uma gota de agua do *mare magnum* de versos d'esse genero que inundaram e inundam as paginas da imprensa periodica, e que fizeram ranger os prelos, tanto a miudo, que estes mesmos já devem saber de cór e salteadas as imagens, as descripções, e as apostrophes invariaveis d'essas cartas de namoro, enviadas pelos Petrarcas de casaca ás Lauras desvanecidas com a homenagem que o publico, inoffensivo confidente, se via

obrigado a aturar, sem ter a minima culpa das crueldades da adorada, e dos desesperos do adorador.

Não se imagine, comtudo, que nós, imitando o digno M. Marbre que figura na *Lucy Hardinge*, queirâmos generalisar o que dissemos. N'esse mar de semsaboria havia pérolas, e podemos contar no numero d'ellas as composições de Lobato Pires, onde se nota um certo esmero de fórma, e um estylo imaginoso.

Comtudo não podemos deixar de considerar essas poesias como os preludios indecisos do genio de Lobato Pires, que se revelou em composições mais sérias, que são a sua verdadeira, bem que incompleta, corôa de gloria.

Quando o *maestro* se senta ao piano para procurar o segredo das melodias que hão de fascinar o mundo, os seus dedos divagam no teclado, despertando um murmurio incerto, confuso, ainda que harmonioso. Essa musica vaga, que fez brotar distrahi-damente, é um pretexto para poder escutar á vontade o canto intimo que se está formando lentamente na sua imaginação. É, como dizem os francezes, para *se mettre en train*.

As poesias que Lobato Pires deu á estampa no *Archivo Universal* são os preludios suaves, mas tenues, da inspiração que o devia bafejar depois.

Cabe-nos aqui dizer alguma coisa ácerca da indole do talento de Lobato Pires.

Luiz Corrêa Caldeira era, se assim nos podemos exprimir, poeta de occasião. Quando um sentimento qualquer lhe transbordava do peito, melan-

oholia, prazer, dôr, ou enthusiasmo, o deus intimo despertava n'elle, e traduzia, em torrentes de lyris-mo, o mundo de idéas que se atropellava então na mente do poeta, e para quem a prosa era n'esse caso gaiola muito estreita. Os seus pensamentos, borboletas gentis com as azas iriadas pelo sol da inspiração, precisavam de se espanejar em liberdade no amplo jardim da poesia. Soares de Passos era poeta por organização; não podia ser outra coisa. Não vivia no mundo, e quando os soffrimentos d'este valle de lagrimas o punham, desabafava soltando gemidos sublimes, canticos repassados d'uma ineffavel tristeza. Lobato Pires era um poeta secularizado. Vivía no mundo, sentia os gozos, os pezares, as ambições da vida social; mas, dotado d'uma imaginação opulentissima, poetisava essas alegrias, esses desalentos, essas aspirações. A sua imaginação era a pedra philosophal que transmutava em oiro os mais vis metaes. Inquieto, febril, apaixonado, parecia que a sua vida se accrescentára em intensidade com o que tinha de perder em extensão. Respirava a plenos pulmões este ar da existencia, bebia até á ultima gota a taça do prazer, esgotava com a mesma impetuosidade o calice da amargura. Gozava delirantemente, soffria pungentissimamente. Não encarava coisa alguma d'este mundo a olho nú; a sua imaginação tinha sempre um prisma prompto a interpôr-se ao seu olhar, e ao objecto que contemplava. No quadro mais vulgar espalhava thesoiros de colorido. Tudo levava ao excesso; o amor n'elle chamava-se paixão; a admiração enthusiasmo. Verdadeira borboleta de

assumptos, em todos tocava, e, por mais prosaicos que fossem, illuminava-os sempre com um reflexo d'esse foco ardentissimo que elle tinha na phantasia, e que não era só foco de luz, mas de chammas, e de chammas que tinham de o devorar. Para elle não havia rochedos aridos; possuia a vara de Moyses, a cujo toque omnipotente brotava um Niagara de imagens esplendidas, expressas n'um estylo deslumbrante. A imaginação era tudo em Lobato Pires.

No *Amor de poeta*, peça franceza frouxissima que elle imitou, e que é, pelo lado da fôrma, uma das mais perfeitas producções do seu talento, divertiu-se em bordar, no *canevas* chôcho que lhe dava o original, os mais deslumbrantes matizes de estylo. A peça é em verso alexandrino, e devemos dizer de passagem que, n'esta metrificação, fôra Lobato Pires um dos mais felizes imitadores do sr. Castilho.

Admiremos, antes de analysarmos detidamente as ultimas composições de Lobato Pires, o esplendor do estylo, o ardor da phantasia do poeta no improbo trabalho de vestir, com as mais luxuosas galas da sua imaginação, um esqueleto nú e desairoso.

Vejámos o principio do drama, em que, a par da valentia dos alexandrinos, se admira uma graciosissima canção, cheia de mimo e de frescura na fôrma.

SCENA I

Luiz, lendo

*No chaos se abysmava a natureza immensa !
Os seculos, sem conto, aguardavam o instante*

*Em que o Eterno, soltando a perennal sentença,
Disseste á terra: marcha! e ao tempo: ávante, ávante!
Eis que o Senhor entre-abre a palpebra sublime,
E a luz do seu olhar se infiltra na materia,
Que inspirada no amor, que o Omnipotente exprime,
De mundos e de soes inunda a sombra etherea.*

Uma voz cantando

*Como o céu o mar é limpido!
Brinca o vento nos rosaes!
Vem dormir, amante lubrico,
N'este leito de cristaes.
Sob o remo a vaga inflamma-se,
Perde a estrella d'alva a luz,
Deixemos vogar a gondola,
Que a Providencia a conduz!*

Luiz, com enthusiasmo

*Producto d'um momento... immortal maravilha!
Anjos do céu cantae, que ovante o sol já brilha!
Ó milagre da força e da fecundidade!
O solitario Deus em si mesmo é trindade!
Ella ama!!! no seu seio a existencia palpita!
Eterno é seu amor; sua graça infinita!*

A voz, ao longe

*D'estas praias afastemo-nos,
Para depressa voltar;*

*Ai, nem sempre um céu diaphano
Promette bonança ao mar.
Nasce o sol, e o sino acorda-nos
Dentro d'alma a oração :
S. Marcos e a Mãe Santíssima
Nos dêem feliz monção.*

Aqui não ha senão fôrma, fôrma unicamente ! Roupagens só; mas roupagens admiraveis ! Era preciso disfarçar a nullidade do fundo. Pois disfarçou.

Note-se principalmente n'este drama (quem tem, como é facil de imaginar, trechos mais felizes uns do que os outros) uma fluencia de verso, um desprendimento apparente dos laços da traducção, que não deixam nunca perceber ao leitor que está lendo, não um original, mas uma obra estrangeira transportada para o nosso idioma. Vejam esta quadra.

*Pela noite orvalhada, a rosa purpurina
Em seu calix deliba o clarão matinal;
E, accesa de pudor, namorando a campina,
Evapora no espaço o aroma virginal.*

Resolveu-se o problema, cuja solução é tão anxiosamente e inutilmente procurada pelos utopistas da sciencia; a cristallisação do carbone, d'onde surge o diamante. Esta quadra existia, de certo, em germen, no original francez, como no carbone existe em germen o diamante; a questão era substituir o esplendor da pedra preciosa á negrura do pobre mineral. Conseguiu-o Lobato Pires.

Ahi vai outro trecho, com que dou por terminada a analyse do *Amor do poeta*, e que transcrevo para provar o que affirmei, dizendo que o leitor, vendo a naturalidade da phrase, a ausencia absoluta de constrangimento, nem suspeita a existencia dos laços com que o traductor se atou muito de proposito, para ter o prazer de caminhar preso de pés e mãos, pela obrigação que impoz a si proprio de traduzir os alexandrinos francezes na mesma metrificacão, tão naturalmente como se estivesse livre.

*É bello em novos céos sorver novas aragens,
Errar sobre o Oceano através das voragens;
Sem nos inquietar o que o futuro tece,
Esquecer o que foi, sorrir ao que apparece;
Um dia achar abrigo entre um povo innocente,
Ou fender os crystaes d'um lago transparente;
Outro dia encontrar convulsiva cidade,
A erguer altiva a fronte ao sol da liberdade;
Ou antes, quando o raio illumina a tormenta,
Medir a longa espalda á vaga turbulenta,
E sem norte, e sem leme, e sem vela, e sem mastros,
Ver os seios do abysmo, e remontar aos astros;
Sem temor, sem desgosto, apagar a existencia.
Eis como penso, irmão; se acaso isto é demencia
Não n'ó sei, penso assim.*

Apressemos-nos em analysar as tres composições de Lobato Pires, por causa das quaes eu entendo principalmente que o seu vulto indeciso deve com-

tudo ser tomado em consideração por todos os que se occuparem da nossa litteratura.

A litteratura em geral, e a poesia em particular, passam entre nós por ser o refugio d'aquelles a quem a sciencia repelle. Passa em julgado que a celebridade acolhe de braços abertos todo aquelle que, possuindo uma imaginação um tanto exaltada, um talento facil, e alguma dóse de sentimento, exprimir em versos mais ou menos harmoniosos meia duzia de idéas, que lhe borbulham no cerebro. Diz-se e repete-se que a inspiração é uma amante ciosa, que não admite rivalidades, e que quem nascer poeta deve lançar-se nos seus braços, e escrever o que a musa lhe dictar, sem precisar de adquirir conhecimentos, que não fazem mais do que profanar a candidez immaculada da tunica da divindade. Uma das primeiras condições para ser poeta é ser ignorante. Condição mais tentadora não a ha de certo; e apresenta-se por conseguinte um tão grande numero de concurrentes habilitados, que a musa não tem senão *l'embarras du choix*. É isso que faz com que os poetas em Portugal abundem mais do que os cogumelos.

A instrucção é um vento abrazador que desbota as viçosas côres da rosa da poesia. Os poetas são plantas campestres que nascem sem cultura, e que, transportadas para um jardim, perdem logo a sua graça e gentileza. Tudo isso será verdade; mas se os lyrios silvestres nascem espontaneamente sem que mão de jardineiro os cuide, acontece o mesmo ás ortigas. De sorte que fica a gente sem saber se os poetas saem lyrios ou ortigas. Saem uma e outra

coisa; mas é certo que em Portugal abundam por tal fôrma as ortigas, que afogam com a sua multidão os poucos lyrios que desabroçam.

Mas o que é verdade é que não ha nada mais commodo, do que ser a gente uma flor que delicia a todos os que se aproximem de nós, sem ter tido que aturar regas, podas e cannaçados. Encostar-se a gente ao vallado da ignorancia, e desatar-se em lyrio sem mais nem menos, e perfumar a mão feminina que se abaixa para nos colher! É facil, commodo e agradável. Por isso meio Portugal se vai deitar ao pé do tal vallado, esperando tranquillamente que se opere a suspirada metamorphose, e para apressar a a sua chegada começa bradando: «Sou lyrio, sou lyrio, sou lyrio.» Alguns respondem-lhe: «É tolo, é tolo, é tolo» mas outros aproximam-se incautos, e quando vão a colher a flor mimosa, ferem a mão na ortiga que a substituiu.

Enganam-se com effeito os que pensam assim. Se ha talentos privilegiados, a quem Deus parece que ensinou a cantar como aos passarinhos, a maior parte dos poetas precisam de cultivar o seu espirito, e cultivar o gosto para que não saiam informes os productos da sua imaginação. E mesmo os outros, os que brotaram espontaneamente, aquelles que adivinham, que tem o instincto do bom gosto, não sei o que perderiam com a cultura. Suppõem que o estudo das sciencias naturaes esterilisa a imaginação? Oh! quanto se enganam! Fertilisa-a, pelo contrario, abre-lhe campos mais vastos, alarga-lhe os horisontes. Pensam que a poesia perde por não saber só ler por

alto o poema da criação, mas saber soletral-o pagina a pagina, verso a verso, letra a letra? Deus é um grande poeta, e todos lucram em ler minuciosamente as suas obras.

Que thesouros de poesia não estão ainda escondidos nos cofres mysteriosos da sciencia! Todas as risonhas invenções do paganismo grego desmaiam perante as sublimidades descobertas por ella! Deus é mais poeta do que os homens; convençam-se d'isso. Vale mais traduzir a epopéa do universo do que fazer variações sobre esse thema. A musica dos grandes maestros é sempre mais sublime interpretada conscienciosamente, do que estragada com as *floriture* dos cantores. Não profaneis a obra de Deus, vós poetas, que sois de Deus os filhos dilectos; estudae a sua obra e reproduzi-a, não a desfigureis.

Que ha de comparavel entre a poesia ficticia da gota de leite de Juno, que, alastrando-se no céu, formou a via lactea, com a poesia verdadeira d'esse archipelago de mundos luminosos, desabrochando á voz de Deus no Oceano do espaço? É mais poetica a triplice Hécate, do que a lua, a meiga companheira da terra, a namorada dos mares, cuja invencivel attracção faz erguer as ondas em transportes de um louco amor?

Oh! poetas, como a sciencia póde enriquecer o thesouro da vossa phantasia! Absortos na contemplação do firmamento estrellado, e querendo exprimir as vossas sensações, depois de terdes fallado no docel azul cravejado de estrellas, no manto da noite semeado de lagrimas de prata, no jardim ethereo povoado de flores de luz, ficou esgotado o thesouro das vossas

imagens! Vêde que campo magnifico vos abre a sciencia! Que paginas sublimes, para quem as sabe ler, não são as do esplendido livro dos céos!

E a botanica! Dizem alguns poetas que a botanica rouba á flor, analysando-a, todos os seus encantos, e que não é possivel achar poesia no jasmim, na rosa, quando nos vem dizer o seu nome scientifico, em latim embrulhado. Enganam-se! Tomam a nuvem por Juno! Tomam a classificação pela sciencia! O corpo pela alma! Tambem n'esse caso a poesia não tem poesia, porque um pedante de rhetorica me vem dizer, quando estou admirando um bello verso, que esse verso tem o accento em tal, tal e tal syllaba, ou quando estou admirando uma bella imagem, me diz o nome arrevezado que ella tem na Arte poetica! Esta objecção feita á botanica não é, não pôde ser séria. A botanica não nos disseca a flor, para analysar friamente o cadaver da formosa dos jardins! Abre, aos nossos olhos maravilhados, esse admiravel poema, fechado a sete chaves para os profanos, e faz-nos ler cada uma das suas sublimes estrophes. Revela-nos os mysteriosos amores que se occultam na perfumada alcova nupcial da corolla, faz-nos ver tão claramente na pobre florinha do campo, como nos systemas planetarios do espaço, a minuciosa perfeição das obras de Deus.

Foi o grande merito de Lobato Pires ter comprehendido a ligação intima que pôde e deve haver entre a sciencia e a poesia, e os thesouros que a inspiração podia encontrar n'essas minas inexploradas.

A primeira poesia em que encontrámos essa ten-

dencia, é a que se intitula *A borda do Oceano*, e que é dedicada ao snr. Castilho.

A poesia é em alexandrinos, como a traducção do *Amor de poeta*, alexandrinos magnificos, alexandrinos, muitos dos quaes o grande engenho a quem são dirigidos não desdenharia assignar.

O poeta, debruçado á beira do Oceano, contempla a face immensa das aguas, face monótona e mysteriosa, que parece, com a sua monotonia, propor um enigma constante á humanidade absorta.

Na magnifica poesia de Luiz Corrêa Caldeira, a *Voz do Oceano*, lembram-se que o poeta, absorvido tambem por essa contemplação, perguntava a si mesmo que mysterios se esconderiam sob aquellas ondas turbulentas! Mas a imaginação, passarinho amedrontado, temia arriscar-se no insondavel pêgo, e pairando na superficie, olhava curiosa para o crystal das aguas, sem se atrever a transpol-o. A imaginação de Lobato Pires pede auxilio á aguia da sciencia, á aguia ousada, aventureira e exploradora, que não teme fitar o sol para lhe perguntar atrevidamente qual é o segredo das suas manchas, nem penetrar no abysmo das vagas, para roubar não perolas vulgares, mas perolas que ella possa engastar no esplendido diadema dos conhecimentos humanos. Auxiliada pela sciencia, a imaginação não teme aventurar-se, e, quando volta á superficie, conta, como o mergulhador de Schiller, os segredos terriveis que surpreendeu. Ó Oceano, brada o poeta,

Que mysterios a sciencia em teu seio não vê!

*Quem ao vêl-os, Senhor, do teu poder descrevê?!
Montanhas de pasmar, rivaes das do Himalaya,
Cujá faldá, talvez, venha ainda a ser praia;
Cujó cimo, que rasga a onda em turbilhão,
É garganta voraz de incognito vulcão;
Valles, como não ha do Libano entre as rampas,
Estreitos para berço, estreitos para campas
Da baleia gigante! encantados jardins,
Onde reluz a cór dos topazios, rubins,
Onde a alga purpurea o lindo ramo inclina,
Onde rebenta a flor da bella coralina,
Onde a floridia sólta á onda do Equador
A nómada semente em que vae nova flor,
Onde o sargaçó cresce a demandar os ares,
Bordando ilhas gentis sobre a tela dos mares,
Que servem de repouso á gaivota que vae
Entregar vivo fructo ás caricias do pae;
Todo este mundo immenso, estranho, ignoto, mudo,
Se contempla em teu seio! Oceano, eu te saúdo!
Tu recebes do rio os tributos feudaes,
Particulas subteis de preciosos metaes,
Que, mais tarde, o porvir colherá nas argilas
Para o regio esplendor dos Neros e dos Syllas
De outra Roma, outro pó, que ha erguer-se talvez!
Acaso este calcareo, este marne, este grés,
Que foram fundo já de mares hoje extinctos,
Templos hoje não são, palacios labyrinthos?,
Oh! Que enigma não é o eterno renascer!
Vida teve este pó, e inda vida hade ter!*

Os versos são dignos do assumpto, exceptuando

um ou outro mais frouxo, ou em que o termo scientifico apparece demasiadamente crú para a poesia. Mas em geral a inspiração não afrouxa o vôo, e acompanha a sciencia sem desmaiar no arrojo. Estava aberto o caminho, e isso era o principal. *Á borda do Oceano* e o *Universo*, que se lhe seguiu logo depois, foram as duas primeiras tentativas. D'ellas á *Humanidade*, que é incontestavelmente a poesia mais perfeita, mais acabada, de Lobato Pires, vae uma distancia immensa.

É bello tambem o trecho em que o poeta, depois de ter comprehendido a immensa poesia que se occulta nas ondas, e que só a sciencia revela, lança um olhar desdenhoso ás ficções da mythologia, e mostra como ellas se amesquinham perante as mil vezes mais esplendidas maravilhas da realidade.

Oiçamol-o.

*Oceano! a antiga musa em teu seio fecundo
Entornou de ficções um phantastico mundo.
Poz a cortar-te o dorso o escamoso Tritão,
Limos na fronte alvar; torto busio na mão;
Deu a Neptuno, ao rei, com que as ondas irrite,
Um tridente de ferro e os zelos de Amphitrite;
A Éolo o reino deu sobre o vento fallaz,
Que é zephиро ou tufão, segundo a Éolo apraz;
De nereidas gentis, de nymphas e sereias,
Povoou-te, Oceano, as grutas, as areias,
A recondita lapa, a ilha d'agua á flor,
Os bosques e jardins onde habita o açor.
Vaidade, orgulho vão! Em ti mesmo és poesia:
Em nada és devedor á vã mythologia.*

A segunda composição, de que tenho que me occupar, intitula-se *Universo*. Apesar de ser muito notavel, parece-me, comtudo, de todas a inferior. O assumpto era para fazer desmaiar os animos mais arrojados, as inspirações mais vigorosas. O poeta desfalleceu perante a grandeza da epopéa que tinha deprehender. Soares de Passos, de mais a mais, tinha já percorrido o mesmo estadio, e, ainda que tivesse encarado a questão antes pelo lado philosophico do que pelo lado astronomico, comtudo, tinha-a tratado n'uma tal altura, que era difficil seguir-lhe as pisadas, ou chegar ao mesmo ponto, caminhando de outra maneira. Lobato Pires resumiu muito a poesia; é a mais pequena das tres. Desdenhou, por conseguinte, o effeito novo que podia encontrar na contemplação scientifica do firmamento. Fez um esboço onde devia fazer um quadrol Extasiou-se mais perante as descobertas do homem, do que perante os prodigios do Omnipotente. Com effeito, as duas estrophes melhores da poesia são aquellas em que elle pinta os arrojos dos grandes pensadores. Eil-as :

*Platão paira entre os orbes das idéas,
De que é sol a verdade,
E quebra assim materiaes cadeias
Que atam á terra a humana liberdade.
Galileo e Copernico devassam
Os profundos arcanos do infinito;
Soltam, de espanto, harmonioso grito
Os seculos que passam.*

.....
.....
*E tu Herschell, que vés o firmamento,
Qual Colombo do espaço!
Teu intrepido e altivo pensamento
Não se dobrou ao peso do canção?
Como Icaro vaidoso não caiste,
Da humanidade envolto no sudario?
No mar dos céos, ó nauta temerario,
Responde-nos: que viste?*

Cheguemos, finalmente, à *Humanidade*.

Esta poesia foi de certo inspirada pela leitura da *Profissão de fé do século XIX*. O plano d'este livro monumental, resumido, apertado nos limites de um poemeto, é o plano da *Humanidade*. O poeta não estragou a idéa do grande prosador.

Esta poesia só por si bastava para justificar os maiores elogios que se podessem fazer a Lobato Pires.

O Genesis pela sciencia, sem ser uma impiedade, é um manancial de poesia inexgotavel para quem a souber aproveitar. A progressão seguida no Genesis do ente inorganico para o organizado, e d'este para o que vive, e do que vive para o que pensa; a terra, emanando do sol, e girando cantante no espaço; em fim, a interpretação larga, racional, e scientifica da Biblia, é mil vezes mais poetica do que a interpretação grosseira do vulgo, que reduz a obra agigantada de Deus ás vulgares proporções d'um trabalho puramente humano.

O segundo capitulo de Eugenio Pelletan, poe-

ma admiravel, um dos mais brilhantes trechos de prosa que se encontram na lingua franceza, revelou-nos os thesouros que existiam nas paginas da Biblia, que esse mineiro infatigavel, que se chama a sciencia, desentranhou e veio expor á luz do dia.

Lobato Pires entendeu, e entendeu bem, que a poesia metrificada tambem podia lucrar, se encarasse a questão por esse lado, e que a descripção do Genesis scientifico, ajuntando ao esplendor da phrase a harmonia dos sons, podia formar uma bella pagina poetica. Empreheendeu elle mesmo a obra, e nunca a inspiração lhe veio tão facil, nunca as palavras energicas, deslumbrantes acudiram tão doces a moldar-se a idéas tão elevadas! Nunca em fim elle encontrou um tom tão magestoso como no exordio d'essa bella poesia a *Humanidade*, a qual, apressemo-nos a dizel-o, é digna do exordio.

*Echoava inda nos céos o verbo ardente,
Que os soes illuminára;
Arquejando, o universo escandecente
Sorria á estranha aurora em que acordára.
Quando do igneo vapor, que o sol vomita,
A terra se formou no espaço ovante,
E, grata á criação, de amor radiante,
Sobre o ser, que a gerou, treme e gravita.*

*Metamorphose immensa! O que era fumo
D'esses volcões solares
Vêste rotundo aspecto, e cede ao rumo
Que a força traça nos ethéreos mares.*

*No horoscopo grandioso dos planetas,
Nesse hymeneu das fórmas e das côres,
A Deus o espaço e o tempo erguem louvores,
Vendo-se feitos eternaes athletas.*

*Confundidos n'um globo os elementos,
Aguardavam o instante
Em que os espaços, de fulgor sedentos,
Esfriassem a terra caminhante.
Chega o momento, e a chimica em seu throno,
Vishnú da criação, empunha o sceptro;
Surge a electricidade, ingente espectro,
E os elementos acordou do somno.*

*Eis-que do gaz vital o braço ethéreo
O hydrogeneo cinge;
Rompem mares, palpita o fluido aéreo;
O sol campeia como no ermo a esphinge.
Eis que o igneo leão, rugindo em breve,
Sobre as aguas espuma lava ardente,
No mineral nascido o Omnipotente
Do extincto chaos o epitaphio escreve !*

Que magestade ! Que elevação de pensamentos !
Que abundancia de imagens ! E que opulenta phan-
tasia possuia quem traçava estrophes como as que
apresentei aos olhos do leitor.

Depois do mineral, o ser inorganico, brota o
vegetal, depois do vegetal o animal. O mundo re-
cemnascido, vive, palpita, anima-se, e do perfume
das flores, do cantico das aves, do rugido das feras,

se fórma o primeiro hymno de gratidão, que da terra se eleva ao seio do Omnipotente. Mas falta uma voz no concerto universal. A criação, esphinge pavorosa, propõe o immenso problema, sem ter quem procure resolvê-lo. A creatura é a emanação, e não o reflexo do Creador. Surgiu o homem, e a criação completou-se.

Vejam, resumida n'uma estrophe só, esta bella descripção do paraíso.

Da laranjeira em flor a fresca sombra

Debruça-se no lago;

Orla as montanhas perfumada alfombra,

Loureja a vide em seu nascente bago;

A abelha, no adejar louco, indeciso,

Guarda o mel nas selvaticas redomas;

Entre os fulgores, musicas e aromas,

Adão louva o Senhor no paraíso.

O Omnipotente sentira-se isolado no meio da Creação. Não havia um ente que pudesse comprehendê-lo, e comprehender a sua obra. Creou o homem, a quem deu um raio da sua omnipotencia. Pela sua vez este se sente tambem isolado. Não tem elle tambem um ente que o comprehenda, e a quem possa confiar a admiração que lhe trasborda do peito. Foi então que surgiu a mulher. Ao homem dera Deus um raio da sua omnipotencia, á mulher deu um raio da sua bondade. É á mulher que o poeta dirige esta magnifica apostrophe, cheia de mimo e de entusiasmo :

Tu foste, ó Eva, a encarnação sublime

Do aroma e da harmonia;

Em harmonias teu amor se exprime,

Aromas teu sorriso nos envia;

Da terrena e celeste formosura

Tu foste a apothéose mysteriosa;

Tens na face o pudor da fresca rosa,

Tens n'alma o fogo da eternal ventura.

Extincto nas trevas da desobediencia esse brilhante sonho do paraíso terreal, começa a verdadeira vida da humanidade. O poeta faz-nos seguir rapidamente as suas differentes phases, caracterizando cada uma d'ellas com uma concisão e com um vigor notaveis, envolvendo sempre a apreciação philosophica no deslumbrante manto da sua phantasia.

A humanidade, dispersa em tribus peregrinas, nómada por necessidade, é obrigada tambem a concentrar a sua attenção na existencia material. Entre o rude caçador e o animal feroz, que prostra para saciar o seu appetite, não existe grande differença. O raio divino da intelligencia, abafado pelas preocupações materiaes, projecta apenas uma tenue luz nas trevas do primeiro cyclo da humanidade; mas transforme-se a tribu nómada na tribu pastoril, vele o caçador, transformado em guerreiro pela segurança do grupo social que se abriga debaixo do docel fluctuante da tenda, e logo a intelligencia brilha de novo, afastando as trevas que a envolviam, e o pastor chaldeo, nas solidões da Asia, procura soletrar as letras de oiro d'esse poema cujas estrophes se succedem

sem interrupção, e onde a mão de Deus parece não ter jámais escripto a palavra «fim». A tribu reune-se com a tribu e forma a cidade. Á gigante e rude civilisação indica succede a grandiosa civilisação do Egypto.

Tyro, a soberba Tyro, se levanta.

A nautica sibylla

Contempla os mares, cuja voz espanta,

Sobre seu throno mádido de argila.

Converte-se em cidades a cabana;

Abre o compasso o mysterioso Egypto,

Legando-nos, em moles de granilo,

O symbolo, a raiz da sciencia humana!

Vacillante a humanidade, saída apenas da infancia, procura um ente superior á sua fraca natureza, onde possa encontrar abrigo quando perseguida, consolação quando afflicta. Os seus olhos, costumados ás trevas, não podem fitar-se no sol da eterna verdade; é na sua esphera que elles procuram quem possam promover ao encargo de divindade. Cultos, cada qual mais monstruoso, se succedem e atropellam. Só dois povos aspiram para o progresso: um pelo caminho do bom, outro pelo caminho do bello. O povo hebreu adora o Deus unico e justo, o espirito, em fim; prepara a civilisação moral. A Grecia adora uma multidão de deuses, risonhos, condescendentes, a materia divinizada; prepara a civilisação material. Conserva-se a Palestina austera e isolada. A Grecia espalha pelo orbe conhecido os missionarios da sua civilisação. Surge Roma, a conquistadora, e absor-

ve o mundo. E o mundo, êbrio de delicias materiaes, pressente vagamente que na sua requintada civilisação falta um elemento, sem o qual não tem solidez esse edificio. Surge o christianismo. Oiçamos o poeta.

*Mas que tragedia horrivel se prepara
Na ingrata Palestina?*

*Que cruz é essa que o judeu alçára?
Que voz é essa que a piedade ensina?
Harpa terrena, os cantos emmudece!
Cobre a face, pranteia, ó caridade!
Maldita sejas, lugubre cidade!
Que soltas a irrisão em vez da prece!*

*Treme Jerusalem das prophecias!
O psalmo de esperança,
Que entoaram David e Jeremias,
N'este momento a realidade alcança.
A fé, pura Vestal, inflamma a crença,
A sociedade os elos harmonisa,
Já o homem no homem um irmão divisa,
A mulher ama, goza, reina e pensa.*

*Este fiat escutà o mundo absorto,
O mundo das idéas;
Vendo uma cruz a campeiar n'um horto,
A crença quebra idólatras cadeias;
O mundo novo exulta fulgurante,
E o mundo antigo, Laocoonte ingente,
Ha de sentir a boreal serpente
Enrolar-se-lhe ao corpo agonisante.*

A agonia da Roma imperial prolonga-se na devassidão ! o estertor disfarça-se com os gritos da orgia, da orgia pavorosa dos Sardanapalos e dos Nerros, da orgia de vinho e de sangue ! Mas a hora soára : era preciso, ó Roma, que curvasses o joelho ás hostes selvagens do Norte, para que, como diz o poeta,

*A marcha do progresso altivo
Não encontrasse teus soberbos muros.*

A semente do christianismo, lançada no espirito dos barbaros do Norte, ha de levar tempo a germinar. É rude a terra e inculta ! A luz do Golgotha fulgura isolada no meio das trevas dos conhecimentos humanos, e apesar da sua efficacia, durante muito tempo ha de lutar para conseguir a victoria. A seita sensual e guerreira de Mahomet vem a ponto de salvar a arca da sciencia, e de a conservar nas suas mãos profanas até que as cruzadas involuntariamente lh'a arrebataam. Começa então esse cyclo glorioso, que se chama a Renascença. São admiraveis as duas estrophes, com que Lobato Pires descreve o preludiar d'essa magnifica symphonia litteraria do seculo XVI.

*Já da Germania a musa merencoria
O Niebelungen canta;
Como um vale tremendo á fnda historia
Do barbaro que ainda a vista espanta,
Do meio dia a inspiração gigante,
Sábia e guerreira, ascetica e soturna,*

*Enche em nova Castalia nova urna,
E a séde mata ao vingativo Dante.*

*Baixa a cerviz Bysancio ao jugo fero
Do turco audacioso;*

*E os penates de Apelles e de Homero
Recebe a Italia no seu lar grandioso.
Murmura o Mincio a recordar Virgilio,
Brinca nas auras de Petrarca a trova,
Succede á Italia antiga a Italia nova,
Como á ode guerreira ameno idyllio.*

Á invenção da imprensa, *Daguerre centimano*, succede a descoberta da America ! Á descoberta do novo mundo a descoberta de milhares de mundos escondidos no espaço, que tanto vale e ha de valer a descoberta do telescopio ! A Colombo succede Galileo ! Depois vem Lutherô semear a discórdia no gremio christão, rasgar a purpura pontifical, e fazer oscillar o throno dos papas !

*Silencio ! não se acorde o esquecimento
Acordando os phantasmas da vingança.
Olhae ! no espaço a humanidade avança,
As trevas entoando audaz memento.*

Chega o seculo xviii. O grito da liberdade corre de um a outro hemispherio. Washington, a um aceno, transforma um povo de cultivadores n'um povo de soldados ! a revolução franceza, volcão cujas torrentes de lava arrasam as terras sobre que se ar-

*

rojam, mas que as fertilisam, rebenta sobre as ruínas da Bastilha, e, fazendo ondear o pendão tricolor, lança aos quatro ventos cardeaes a palavra ardente de Mirabeau.

*É livre o homem, livre o pensamento,
A Biblia do progresso o mundo escuta;
A velha monarchia aneia e muta,
Pomo corrupto que desfaz o vento.*

Dois passos mais, e estamos no seculo actual. Então o poeta pára, e, contemplando a luz do presente, saúda com um grito de enthusiasmo o progresso fecundo, o Nestor da humanidade.

Nós paremos tambem. Chegámos ao fim da nossa tarefa. Chegámos ao peristyle de um edificio que devia ser magnifico, e temos que estacar a vêr o seu desabamento !

Como vêem, a *Humanidade* é uma poesia muito e muito notavel. A reputação de um poeta faz-se com ella. A inspiração não afrouxa nunca, e conserva-se, desde o principio até ao fim, nobre, grandiosa e elevada.

Cerremos aqui este estudo sobre Lobato Pires, o ultimo dos tres poetas cuja apreciação tentámos. Possam estas poucas linhas attrahir a attenção de outro mais competente do que eu, que se lembre, para os desaffrontar, de lhes erigir um monumento digno d'elles.

NOTA

Está concluido o volume dos *Ensaioes criticos*. Relanceando os olhos para essas paginas soltas, escriptas expressamente para satisfazerem a febril curiosidade dos leitores do jornalismo, destinadas a terem uma existencia ephemera, e colleccionadas agora em volume para serem lidas com o socego d'espirito, que os rapidos instantes, consagrados pelo publico aos periodicos, excluem forçosamente, devo confessar que as não deixo sair, sem um certo estremecimento, do tranquillo porto do olvido aonde já tinham arribado, depois de breve navegação. Já correram perto de dois annos depois que foram escriptos uma grande parte d'esses artigos, e dois annos dos que originam mais modificações no modo de pensar dos escriptores. Tinha então pouco mais de vinte e um, tenho agora pouco mais de vinte e tres. Que novos horisontes se nos não entre-abrem a cada passo n'este periodo, em que ainda se está operando a nossa gestação intellectual !

Não se deduza d'isto que digo que renego as idéas principaes aventadas n'este livro, deduza-se apenas que algumas estão de certa fórma modificadas. Bastantes vezes tambem me deixei arrastar pelo ardor d'um enthusiasmo juvenil para além do ponto que devia ser limite dos principios que estabele-

cia. Não é esta comtudo a occasião propria para rectificar os erros que reconheço; ainda não sabi da arena, e se o publico me continuar a dispensar a mesma benevolencia que até aqui me tem dispensado, poderá observar nas minhas obras ultteriores as modificações do meu pensamento.

Esta nota vem pois unicamente para explicar algumas idéas, que, não podendo ser desenvolvidas debaixo de todas as suas faces em artigos dictados frequentemente pela impressão do momento, actualiaram, d'um modo diverso do que eu desejaria no espirito do publico. Tal é, por exemplo, o artigo que diz respeito ao snr. Vieira de Castro. Enganar-se-hia singularmente o leitor, se visse n'esse artigo um completo estudo critico sobre a physionomia oratoria do talentoso deputado. Não; é apenas a censura, talvez acerba mas sincera, do defeito, que a meu vêr empana o brilho da sua indisputavel eloquencia, é o brado erguido por mim contra a direcção, erronea segundo entendo, que o orador seguia nas discussões parlamentares. O fim a que eu aspirava era a apontar a ferida. Cauterisei-a portanto, não esquecendo comtudo de prestar homenagem á parte sã d'essa eloquencia, defeituosa n'um ponto, o da polemica. Não desejo que os leitores do livro supponham, como suppozeram erradamente os leitores do artigo, que eu menosprezo o notabilissimo talento do snr. Vieira de Castro. Aprecio-o, e admiro-o pelo contrario mais e melhor do que os seus proprios admiradores, porque lhe indico o ponto vulneravel. Confirmo portanto o que disse no artigo, mas advertindo que, se o

snr. Vieira de Castro não possui a eloquencia impetuosa que arrasta e decide, tem a eloquencia florida que enleva e encanta.

Não é essa comtudo a mais apropriada ás luctas parlamentares.

Outra advertencia. Depois de se ter começado a imprimir este livro, travou-se no nosso microcosmo litterario uma questão renhida, provocada em parte pelos juizos desfavoraveis que eu exprimi pela imprensa ácerca das producções litterarias do snr. Theophilo Braga. Não se imagine comtudo que desminto os elogios que fiz n'este livro ao distincto poeta. Á parte a exaggeração enthusistica natural a quem saúda o brilhante despontar d'um astro litterario, que fecha os olhos para não ver as maculas e indica principalmente as bellezas, ainda hoje estou convencido que o snr. Theophilo Braga tem uma brillantissima imaginação, e uma certa erudição... mal digerida. Perdeu-o principalmente o orgulho. Foi esse peccado tambem o que poz fóra do paraizo o nosso antecessor Adão. O snr. Theophilo Braga chegou-se á arvore da sciencia da Allemanha, colheu e comeu o pomo que lhe ficou atravessado na garganta. Julgou isso sufficiente para desprezar estes pobres ignorantes, que, no seu entender, nem sequer sabiam que havia na Allemanha, na França, e na Inglaterra uma eschola chamada eschola historica, uma sciencia chamada philologia, outra chamada sciencia do direito etc. e que existiam uns homens chamados Otfried Müller, irmãos Grimm, Édelestand Duméril, Grote, Max Müller, mineiros infatigaveis d'essas mi-

nas esplendidas, que o seculo xix teve a honra de explorar. Vendo-se em terra de cegos com as condições exigidas pelo proverbio, começou ora a plagiar sem criterio, ora a inventar absurdos incríveis. Aca-riciámos-lhe o orgulho dizendo-o inintelligivel. O pobre Icaro desprende o vôo e quiz approximar-se do sol. A queda foi tanto mais desastrosa, quanto o voador infeliz nem teve a honra de *dar nome aos mares*.

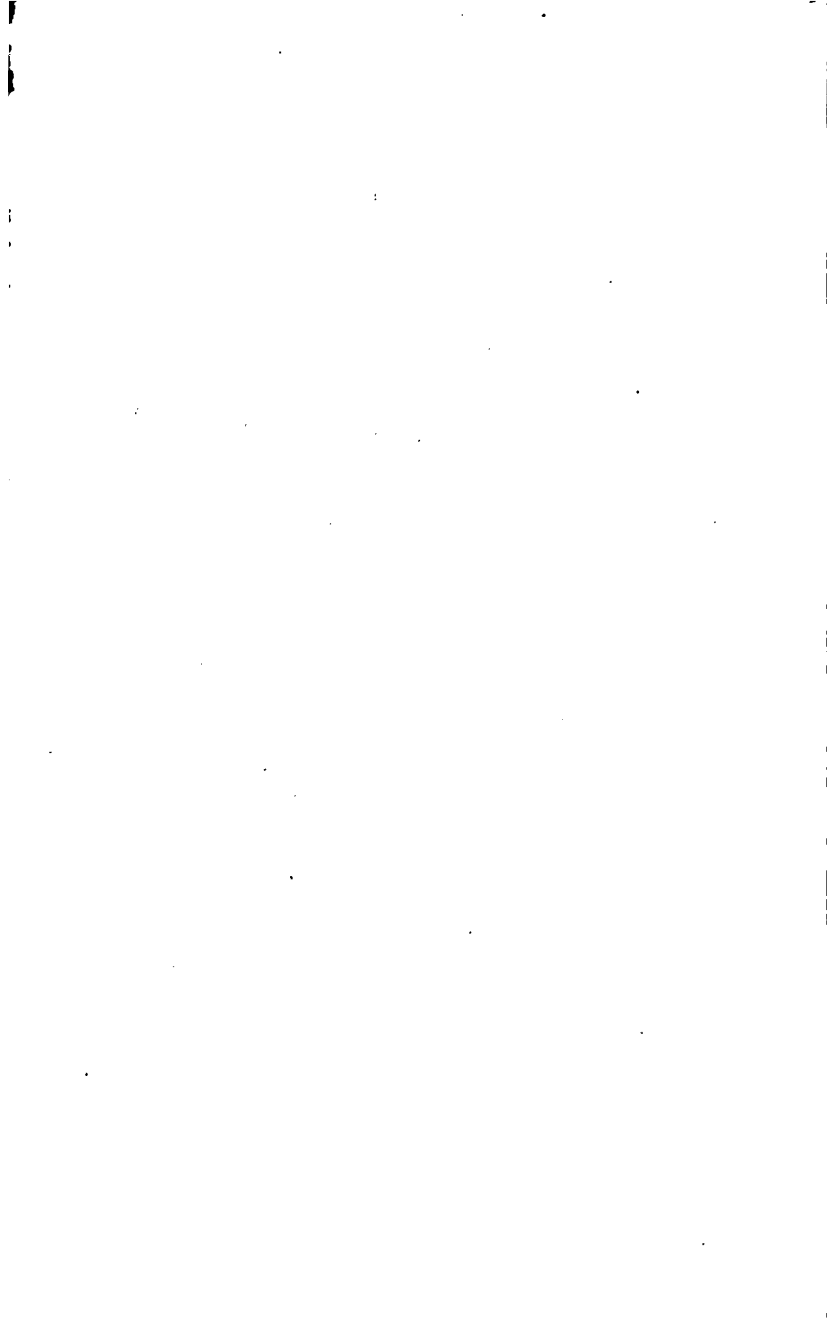
Eis o que me fez erguer a voz contra o poeta secularisado; não se deduza d'ahi, repito, que não considere ainda hoje a *Visão dos Tempos*, e as *Tempestades sonoras* como dois livros que honram a nossa litteratura contemporanea.

Terminarei pedindo aos leitores que não se espantem, vendo excluidas dos *Ensaíos criticos* muitas das nossas illustrações. Este livro é simplesmente uma collecção dos artigos, que me pareceram menos incapazes de serem reproduzidos. Presidio portanto, em grande parte, o acaso a essa coordenação. Umas vezes, durante o periodo em que esses artigos foram escriptos, não viram a luz publica novas produções dos nossos escriptores eminentes, outras vezes os artigos que lhes consagrei me pareceram menos dignos de entrar n'este volume, que nem sequer aspira a ser um esboço de Memorias da nossa litteratura, porque, segundo viram, muitos dos seus capitulos são consagrados a obras estrangeiras.

Eis o que eu tinha a dizer antes de cerrar este volume, e de o arrojear aos mares procellosos da publicidade.

INDEX

	<i>Pag.</i>
Duas palavras d'introducção.	5
CAMILLO CASTELLO BRANCO :	
A Filha do doutor negro — Amor de Salva- ção — No Bom Jesus do Monte — Vinte an- nos de liteira — Agulha em palheiro . . .	7
ARNALDO GAMA :	
O segredo do Abbade — A ultima Dona de S. Nicolau	49
THEOPHILO BRAGA :	
Visão dos Tempos — Tempestades sonoras	66
JULIO CESAR MACHADO :	
Scenas da minha terra	93
ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO :	
Arte d'amar — Camões — Fructos do me- thodo portuguez — A Noite do castello e os Ciumes do Bardo	105
A eloquencia parlamentar	147
A. Gonçalves Dias.	161
Historia de Julio Cesar, por Napoleão III. . .	181
William Shakespeare, por Victor Hugo . . .	196
Vida de Jesus, por Ernesto Renan	209
Historia da fundação do Imperio Brasileiro, por J. M. Pereira da Silva	212
A Poesia italiana, Manzoni — Carrer — Leopardi	231
A. P. Lopes de Mendonça	248
TRES POETAS: (Introducção)	268
Luiz Corrêa Caldeira	275
A. Soares de Passos.	291
J. G. Lobato Pires	322
NOTA.	357



ERRATAS

Σ.

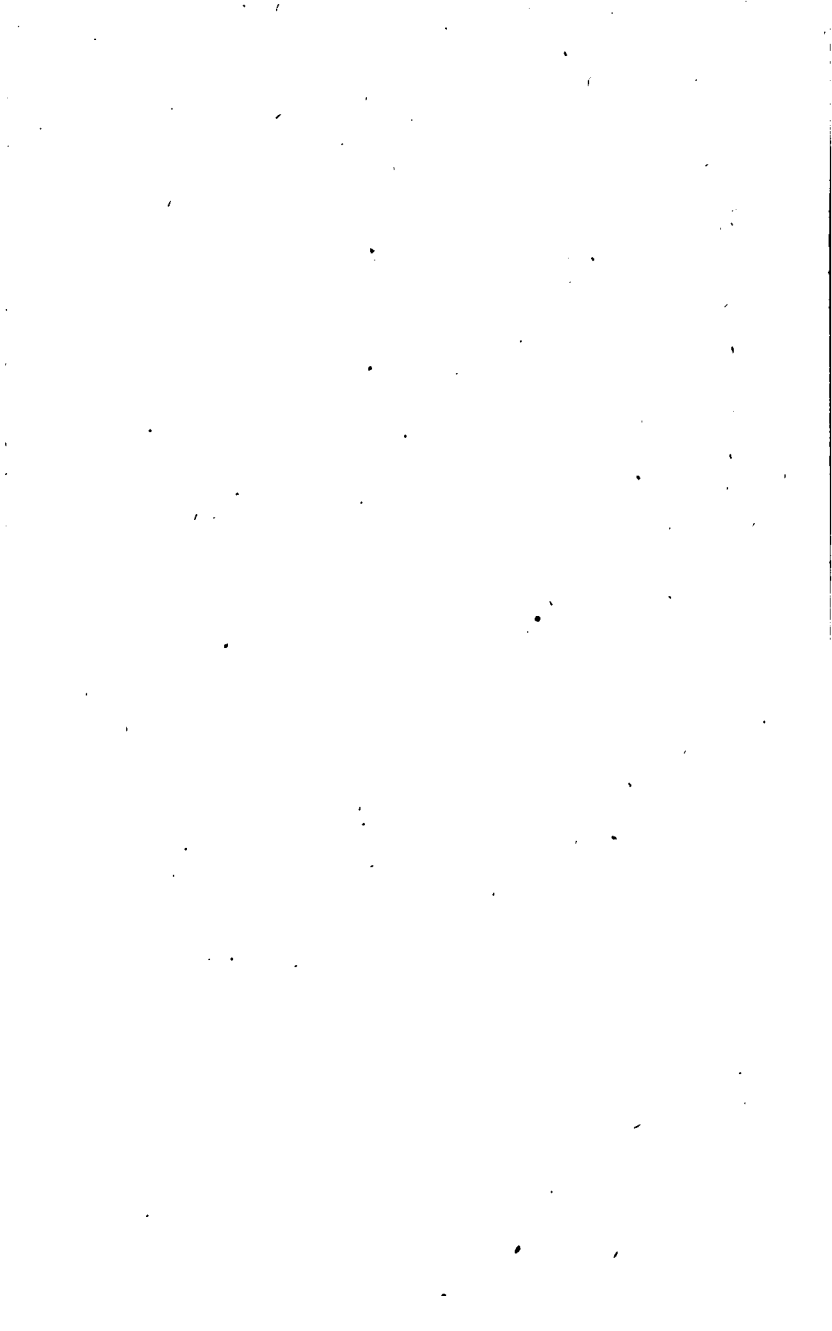
<i>Pag.</i>	<i>Lin.</i>	<i>Onde se lê</i>	<i>Leia-se</i>
27	24	<i>de</i>	<i>da</i>
36	13	<i>condemnado</i>	<i>condemnado</i>
254	27	<i>Rannés</i>	<i>Rancé</i>
278	14	<i>no</i>	<i>do</i>

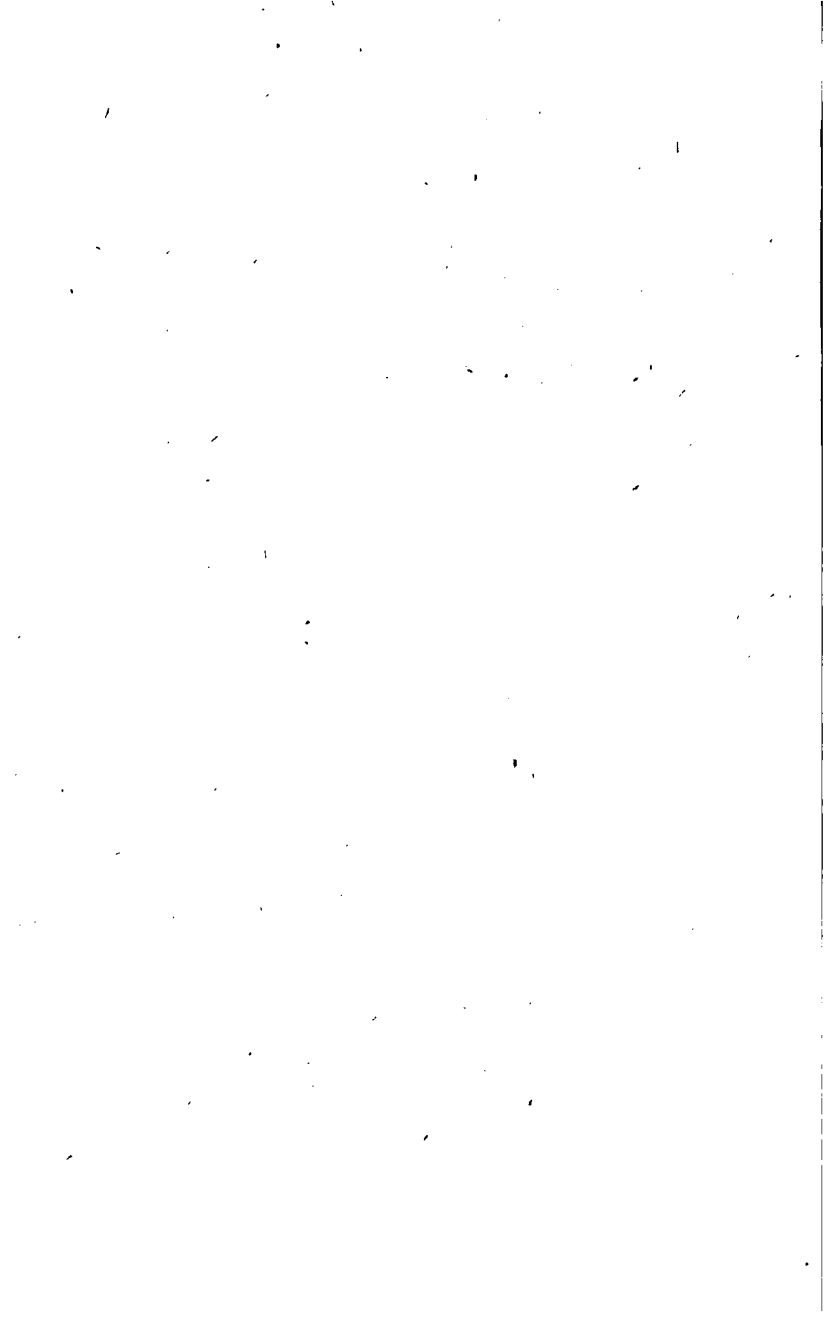
Guedes da Silva .

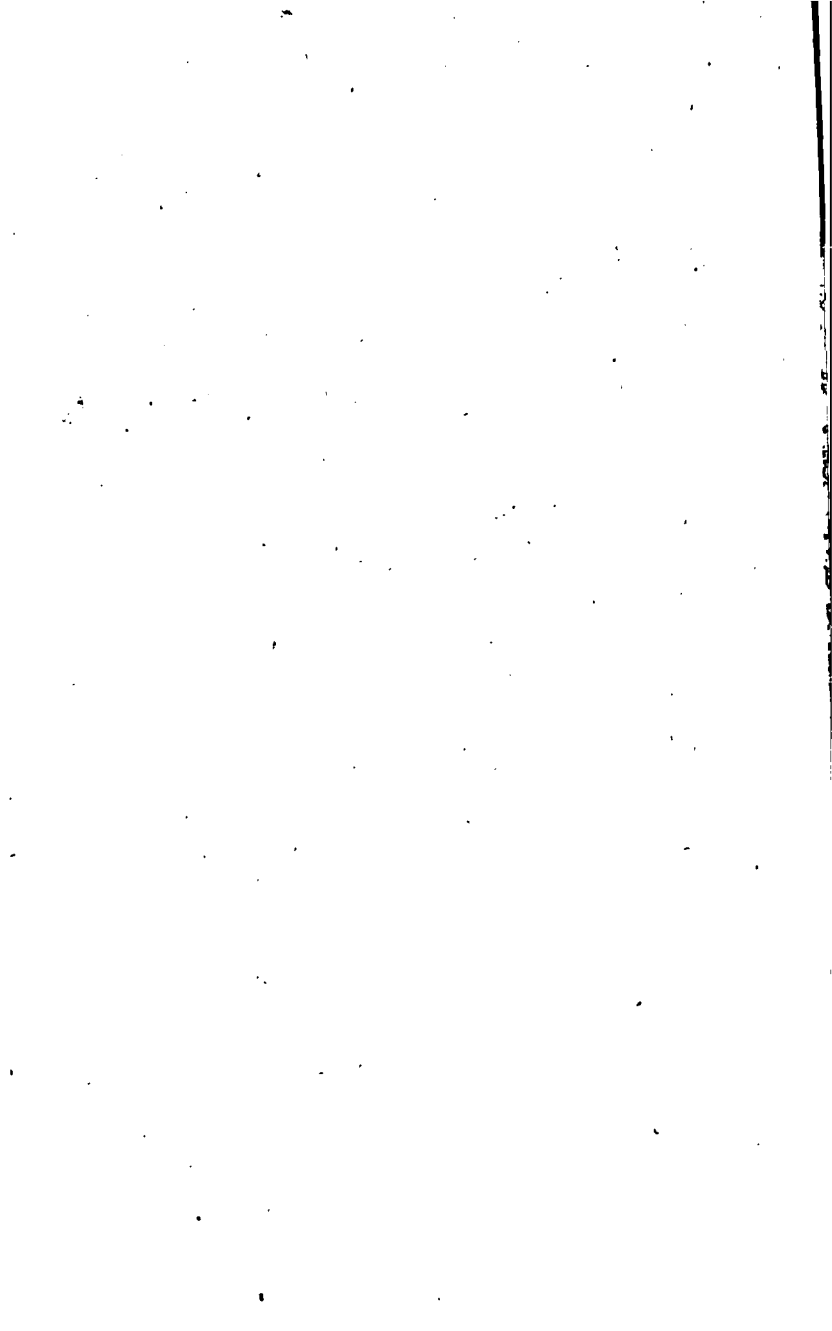
2. 8. 88

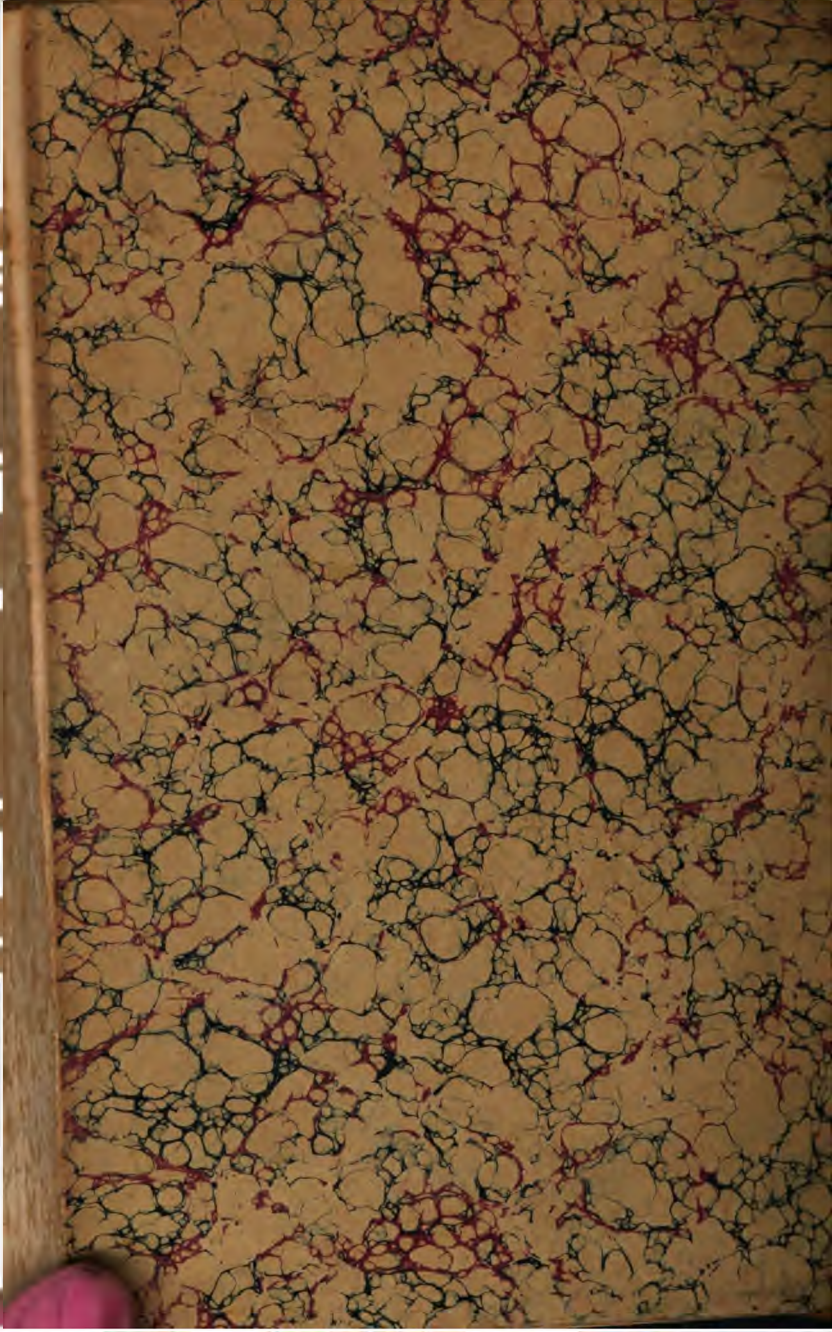
2.000 esc.

880951









TAYLOR
INSTITUTION
LIBRARY



ST. GILES · OXFORD
Vet. Port. III B. 85

